

SABEDORIA DO EVANGELHO



7º Volume

CARLOS TORRES PASTORINO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

CARLOS TORRES PASTORINO

Diplomado em Filosofia e Teologia pelo Colégio Internacional S. A. M. Zacarias, em Roma – Professor
Catedrático no Colégio Militar do Rio de Janeiro e Docente no Colégio Pedro II do R. de Janeiro

SABEDORIA DO EVANGELHO

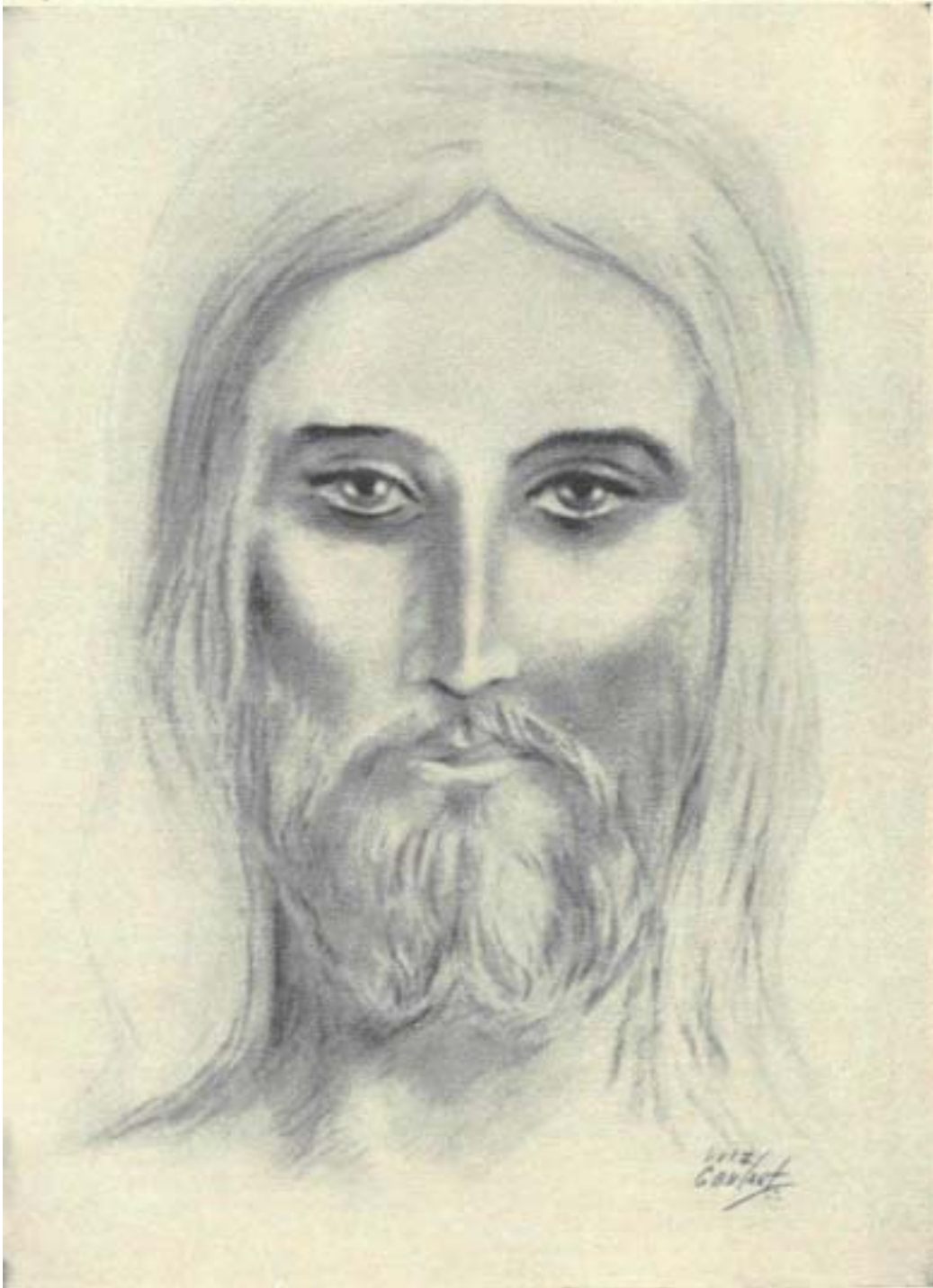


7.º Volume

Publicação da revista mensal

SABEDORIA

RIO DE JANEIRO, 1970



A CAMINHO DE JERUSALÉM

Mat. 21:1-9

1. E quando se aproximavam de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras, então Jesus enviou dois discípulos,
2. dizendo-lhes: "Ide à aldeia que está diante de vós, e logo achareis uma jumenta presa e o jumentinho com ela; soltando(-os) trazei(-os) a mim.
3. E se alguém vos disser alguma coisa, dizei-lhe que o Senhor tem necessidade deles; mas os devolverá logo".
4. Isso aconteceu para que se cumprisse o dito por meio do profeta, que disse:
5. "Dizei à filha de Sião, eis que vem a ti teu rei manso e montado num jumento, num jumentinho, filho de jumenta".
6. Indo, pois, os discípulos e fazendo como lhes ordenara Jesus,
7. trouxeram a jumenta e o jumentinho e colocaram sobre eles as mantos e fizeram(-no) sentar sobre eles (sobre os mantos).
8. A grande multidão estendeu seus mantos na estrada, outros arrancavam ramos das árvores e os espalharam no caminho.
9. As turbas que o precediam e as que o seguiam gritavam, dizendo: "Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor, hosana nas alturas"!

Luc. 19:29-40

29. E aconteceu, como se aproximasse de Betfagé e de Betânia, perto do monte chamado Olival, enviou dois de seus discípulos,
30. dizendo: "Ide à aldeia em frente, entrando na qual achareis um jumentinho amarrado, sobre o qual nunca nenhum homem montou e soltando-o, trazei(-o).
31. E se alguém vos perguntar: "Por que o soltais"? Assim respondereis, que
32. "O Senhor tem necessidade dele". Partindo os enviados, acharam como lhes dissera.

Marc. 11:1-10

1. E quando se aproximavam de Jerusalém, de Betfagé e de Betânia, perto do monte das Oliveiras, envia dois de seus discípulos
2. e diz-lhes: "Ide à aldeia que está diante de vós, e logo que entrardes nela achareis um jumentinho preso, sobre o qual nenhum homem jamais montou; soltai-o e trazei(-o).
3. E se alguém vos disser: "Por que fazeis isso"? Dizei: "O Senhor tem necessidade dele, e logo o devolve de novo para cá".
4. E foram e acharam o jumentinho preso à porta, do lado de fora, na rua, e o soltaram.
5. E alguns que lá estavam disseram-lhes: "que fazeis, soltando o jumentinho"?
6. Eles falaram como lhes disse Jesus, e os deixaram.
7. E trazem o jumentinho a Jesus e colocam sobre ele seus mantos e o fizeram montar.
8. E muitos estenderam na estrada seus mantos, e outros, ramagens colhidas nos campos.
9. E os que precediam e os que seguiam gritavam: "Hosana!, Bendito o que vem em nome do Senhor!"
10. Bendito o reino que vem de nosso pai Davi! Hosana nas alturas máximas"!

João 12:12-19

12. No dia seguinte, a grande multidão vinda para a festa, ouvindo que Jesus vem a Jerusalém,
13. apanhou ramos de palmeira e saiu a seu encontro e gritava: "Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor e o rei de Israel"!.
14. Tendo Jesus achado um jumentinho, montou nele como está escrito:
15. "Não temas, filha de Sião, eis que vem teu rei montado num filho de jumenta".
16. Isso não entenderam a princípio seus discí-

33. Soltando eles o jumentinho, disseram-lhe seus donos: "Por que soltais o jumentinho"?
34. Responderam que "O Senhor tem necessidade dele".
35. E trouxeram-no a Jesus e colocando sobre ele seus mantos, fizeram Jesus montar sobre o jumentinho.
36. Caminhando ele, estendiam seus mantos na estrada.
37. Aproximando-se ele já da descida do monte das Oliveiras, começou toda a multidão dos discípulos a louvar jubilosa a Deus em alta voz, a respeito de toda a força que viram,
38. dizendo: "Bendito o rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória nas alturas máximas"!
39. E alguns dos fariseus dentre a turba disseram-lhe: "Mestre, modera teus discípulos".
40. E respondendo, falou: "Digo-vos que, se estes silenciarem, as pedras gritarão".
17. Então a multidão que estava com ele, quando chamara Lázaro do túmulo e o despertara dos mortos, testemunhava.
18. Por isso também saiu-lhe ao encontro a multidão, porque soubera ter ele feito o sinal.
19. Os fariseus, então, disseram entre si: "Vede, não conseguis nada! Eis todo o mundo foi atrás dele"!

Quando Jesus e Seus discípulos se aproximavam de Jerusalém, após a longa viagem em que atravessaram a Galiléia, a Peréia, passando por Jericó, subindo o maciço da Judéia, atingindo Betânia, Betfagé e o Monte das Oliveiras, dá-se a cena que acabamos de ler.

Interessante notar que a palavra Betfagé significa "casa dos figos verdes"; é derivada de *Beith pa'gê* (por *Beith Pa'gin*, já que *paggâh*, *paggim* quer dizer "figo não-maduro"). A cidade de Betfagé é unanimemente identificada hoje com a aldeia de *et-Tour*.

Jesus envia dois de Seus discípulos, sem especificar quais, sabendo por antecedência o que encontrarão e o que lhes será objetado.

Mateus anota que a cena é a realização da profecia que ele cita. A primeira frase: "Dizei à filha de Sião" é de Isaías (62:11), que João transforma em "Não temas, filha de Sião", traído pela memória, mas repetindo uma fórmula muito encontrada no Antigo Testamento. O resto é tirado de Zacarias (9:9) que escreveu: "eis que teu rei vem a ti; ele é justo e vitorioso, humilde e montado num jumento, num jumentinho filho de jumentas" (*al hamôr we al'air bén'athonôth*). Mateus não se expressou bem em grego, não reproduzindo corretamente o paralelismo poético do hebraico, e dá a impressão de que Jesus montou na jumenta, da qual os outros dois sinópticos nada falam.

A anotação de Marcos e Lucas de que no jumento ninguém havia montado, era para significar que esse animal estava apto a participar de uma cerimônia religiosa iniciática. Essa crença de que o animal, para ser utilizado, não devia ter sido ainda subjugado, era comum aos hebreus (1) e aos romanos (2).

(1) "Fala aos filhos de Israel que te tragam uma novilha vermelha, perfeita, em que não haja defeito e que ainda não tenha levado jugo" (Núm, 19:2); "Os anciãos tomarão da manada uma novilha que ainda não tenha trabalhado nem tenha puxado com o jugo" (Deut. 21:3); "Tomai duas vacas paridas sobre as quais não tenha sido posto o jugo" (1.º Sam. 6:7).

(2) *délige et intactas tótidem cervice juvencas*, "escolhe também outras tantas novilhas intactos de jugo" (Verg. Georg. 4, 540); *Io, triumphe! tu moraris aureos / currus et intactas boves*, "o, triunfo! farás esperar os carros de ouro e, as novilhas virgens de jugo"? (Hor. Epod. 9,22); *Bos tibi*,

Phoebus ait, solis occurret in arvis / nullum passa jugum curvique immunis aratri, "uma novilha, diz Febo, se te apresentará nos campos solitários, que não sofreu nenhum jugo e imune do curvo arada" (Ovid., Met. 3,10).

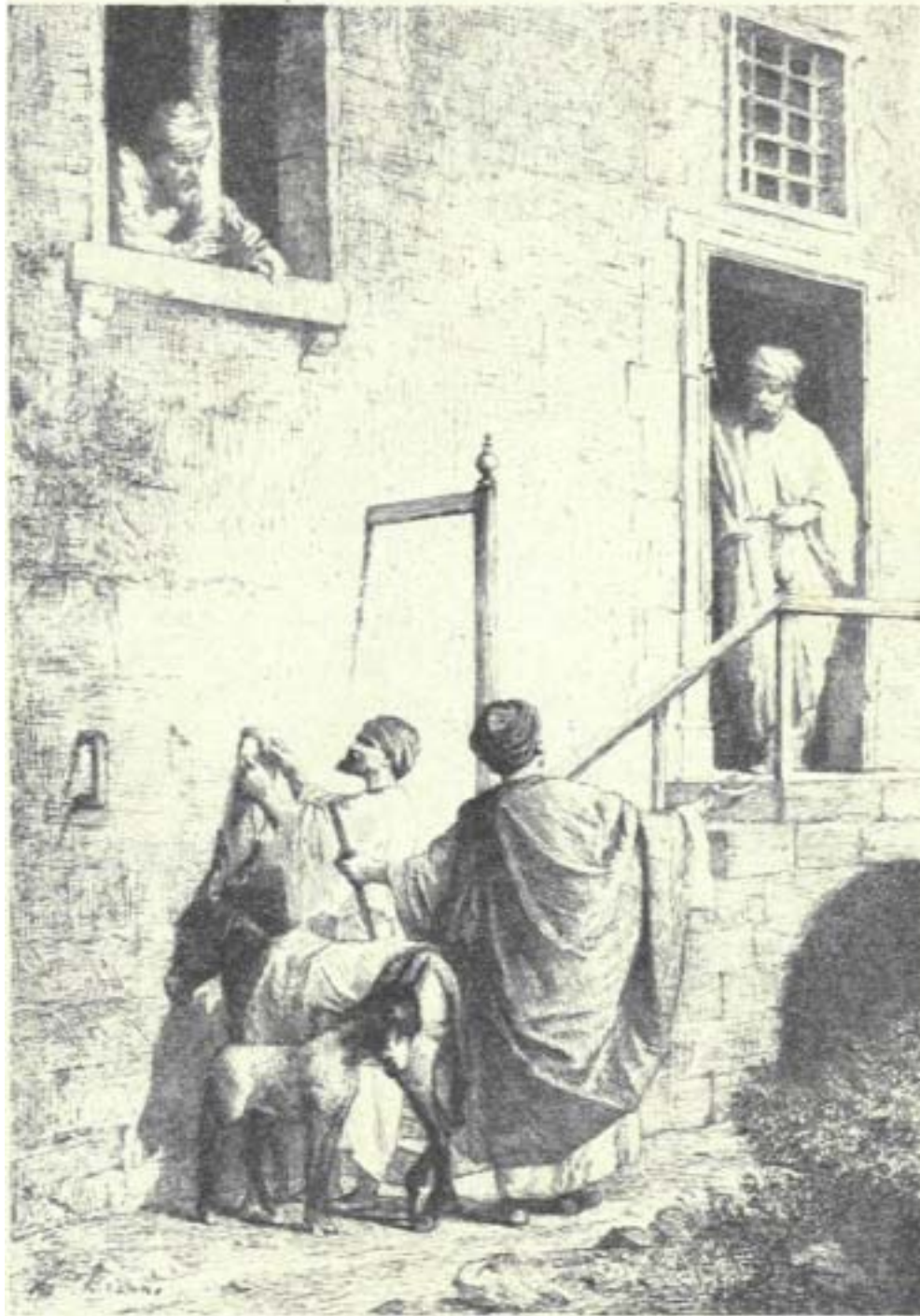


Figura “O JUMENTINHO” – Desenho de Bida, gravura de Henrietta Browne

Realmente acharam o jumentinho logo à entrada da aldeia (Betfagé) amarrado do lado de fora da porta, na rua e, sem mais aquela, começaram a soltá-lo. Protestos erguem-se, naturalmente, da parte dos donos. Mas a frase típica: "O Mestre tem necessidade deles e logo os restituirá", tranquiliza-os. A cena supõe conhecimento do Mestre por parte dos donos do jumento, coisa viável em lugar pequeno; não há necessidade de recorrer-se a "milagre".

A frase "os discípulos colocaram seus mantos sobre eles" exprime que realmente isso pode ter sido feito, cobrindo-se os dois animais; mas o resto: "e fizeram Jesus montar sobre eles", não se refere aos dois animais, mas aos mantos colocados sobre o jumentinho.

Esse fato descreve hábito comum no oriente, quando o animal não está selado: o manto amaciava a dureza da espinha do animal. Também o fato de estender pelo chão da estrada os mantos já é citado em 2.º Reis (9:12-13), após a unção de Jeú como rei.

Os discípulos não entenderam bem o que se passava. Só mais tarde ligaram os fatos à cena a que assistiam, di-lo João.

Mas não deixaram de entusiasmar-se e dar "vivas", juntamente com a pequena multidão que se formou. *Hosana* é uma exclamação de alegria, correspondendo exatamente ao nosso "viva"! Já aparece no Salmo 119:25, recitado por ocasião da festa da páscoa e em toda a oitava da festa dos Tabernáculos. O sétimo dia dessa festa era dito "dia dos hosanas" (*hosanna rabba*).

A frase "Bendito o que vem em nome do Senhor é do Salmo 118:26, que faz parte do *hallel* (salmos recitados durante a páscoa).

Assim discípulos e peregrinos constituíam pequeno coro jubiloso, ladeando Jesus, que seguia montado no jumentinho.

Começa a grande jornada, descrita com pormenores, da iniciação a que Se submeteu Jesus.

João, com sua agudeza crítica, começa a levantar o véu de tudo o que se vai passar, com aquela frase simples, mas profundamente reveladora: "a princípio Seus discípulos não entenderam isso; mas quando Jesus se transubstanciou (doxázâ, vol. 4), então se lembraram de que isso estava escrito sobre ele e do que havia sido feito". Ora, o evangelista não diz "nesse momento eles não entenderam", mas sim "a princípio", o que denota que só bastante tempo depois, e "quando Jesus se transubstanciou" é que conseguiram compreender. As traduções correntes trazem: "quando foi glorificado". Mas quando é que Jesus foi glorificado na Terra? A transubstanciação, sim, houve, após a ressurreição e a chamada "ascensão", que estudaremos a seu tempo. Mas fixemos que só então os discípulos compreenderam o sentido dessa entrada em Jerusalém montado num jumentinho que jamais recebera jugo.

Hoje, após a transubstanciação, é fácil deduzir as razões do fato.

O Espírito (Jesus, a Individualidade) vai submeter-se à iniciação maior na cidade-santa. O Sacerdote-Vítima caminha para o altar do holocausto, onde será imolado qual "cordeiro pascal", sem mancha, sem defeito. Mas só a parte animal de seu ser poderá submeter-se ao sacrifício. Preciso é, pois, que haja um símbolo, demonstrando que essa parte animal (Seus veículos físicos, que sofrerão o holocausto), estava intata, imune do jugo de qualquer imperfeição. O símbolo foi o jumentinho, sobre que nenhum ser humano tivera domínio.

Além disso releva notar o simbolismo esotérico do ato em si. Tinha que ficar patenteado por um ato externo, que a criatura só pode pretender submeter-se às provas do quinto grau iniciático, quando tiver dominado TOTAL-mente a personalidade animal. E o símbolo escolhido é perfeito: Jesus monta sobre o jumento, dominando-o e subjugando-o totalmente, e recebendo por isso a consagração e as "palmas" da vitória.

Esta é a única vez que lemos ter Jesus montado num animal: no momento supremo em que Se dirigia ao Santuário para imolar-Se, conquistando o grau de "Sumo Sacerdote segundo a Ordem de Melquisedec", conforme lemos: "Ele, nos dias de sua carne (durante Sua vida física) tendo oferecido preces e súplicas com forte clamor e lágrimas ao Que podia libertá-lo da morte, e tendo sido ouvido por Sua reverência, aprendeu, embora fosse Filho, a obediência, por meio das coisas que sofreu (martírios e crucificação) e, por se ter aperfeiçoado (recebendo o grau da iniciação maior), tornou-se autor da libertação para este eon de todos os que a Ele obedecem, sendo por isso chamado por Deus SUMO SACERDOTE DA ORDEM DE MELQUISEDEC" (Hebr. 5:7-10).



Figura “ENTRADA EM JERUSALÉM” – Desenho de Gustavo Doré, gravura de ^a Demarle

Toda a alegria e festa popular não penetraram no imo do coração do Mestre, que continuava triste, chegando a chorar pelo que antevia dever suceder a Jerusalém (vê-lo-emos dentro em pouco). Sabia que todos endeusavam a personagem transitória, e que os gritos de alegria eram apenas exterioridades emotivas: aqueles mesmos gritariam, dias mais tarde, "mata-o, crucifica-o"!

Assim, qualquer criatura que tiver em torno de si multidões ululantes de alegria, endeusadores contumazes a bater palmas, feche seus olhos e mergulhe dentro de si mesma. As demonstrações de entusiasmo provocam a queda daqueles que vivem ainda voltados para fora, a procurar com os olhos a aprovação dos homens e a buscar o maior número de seguidores. Trata-se de uma das provações mais árduas e difíceis de vencer. Os elogios embriagam mais que o vinho, dão mais vertigens que as alturas e jogam no abismo mais rápido que as avalanches. E isso porque, na realidade, os elogios emotivos trazem ondas torrenciais de fluidos pesados, que derrubam no precipício da vaidade todos aqueles que os recebem com a mesma sintoma de emotividade satisfeita. Quantos vimos cair, ruindo por causa dos elogios!

Jesus, o modelo da Individualidade, já estava imune aos gritos louvaminheiros. Não obstante, não os impede, não os proíbe; não repreende a multidão, como queriam que o fizesse os fariseus: "moderados"! Não adiantaria, responde Jesus tranquilo e frio: as próprias pedras gritariam!"

Como? E por que? Hipérbole, não há dúvida, bem no estilo oriental. Todavia, o plano astral naquela região e naqueles dias devia estar vibrante de expectativa. E sendo o povo judeu, como sempre ficou demonstrado através dos séculos, altamente sensitivo, com a mediunidade à flor da pele, não há dúvida de que a manifestação dos desencarnados deve ter influído fortemente os encarnados. Para o Mestre, que percebia o plano astral e sua vibração e agitação inusitados, devia ter-se afigurado que, se os seres animados fossem impedidos de manifestar os desencarnados e elementais, os próprios seres inanimados saltariam rumorosamente de alegria.

Mas o exemplo é precioso para todos nós, sobretudo em certas fases de nossa vida, quando um grupo de criaturas, voluntariamente ou não, com consciência do que estão fazendo ou não, se reúne em redor de nós com a intenção de derrubar-nos. E para consegui-lo mais fácil e rapidamente, usa o melhor instrumento de sapa que pode existir na Terra: o elogio.

É mister compreender que a personagem transitória nada vale, porque passa apenas alguns minutos na Terra. Só o Espírito eterno é que conta. E ele não é afetado por esse gênero de encômios barulhentos: o único aplauso que aceita é o da própria consciência, segura de que está cumprindo seu dever.

DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM

Luc. 19:41-44

- 41. E como se aproximasse, vendo a cidade, chorou sobre ela,**
- 42. dizendo: "Se soubesses, neste dia, também tu os (caminhos) para a paz! Mas agora (isto) foi escondido a teus olhos.**
- 43. Pois virão dias sobre ti em que teus inimigos te cavarão fossos, te cercarão de trincheiras e te comprimirão de todos os lados,**
- 44. e derrubarão a ti e a teus filhos em ti, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não percebeste o momento de tua inspeção".**

Jesus estava ainda no monte das Oliveiras, a uma altura de 810 m do nível do Mediterrâneo, 60 m acima da esplanada do templo, podendo ver todo o movimento intenso daqueles dias festivos da páscoa. O panorama mostrava, no primeiro plano, o vale de Cedron e Getsêmani, Jerusalém com seu templo majestoso; ao sul via-se Belém, a cidade de David, sede da antiga escola de profetas: ao norte a Samaria e o monte Garizim; a leste o vale do Jordão, o mar Morto e, para além, os montes Moab e Galaad.

No monte das Oliveiras Salomão ergueu altares a Ashtoreth, Chemosh, Moloch e Milcom cfr. 1.º Reis 11:7 e 2.º Reis, 23:13). Foi, por isso, chamado monte da perdição, da corrupção ou do escândalo. No Novo Testamento foi testemunha da entrada triunfal em Jerusalém, do discurso sobre a destruição do templo e sobre o fim do ciclo, da agonia e da paixão de Jesus dos últimos ensinamentos após a ressurreição e da "ascensão".

Ao voltar-se, no jumentinho, para dirigir-se à cidade, Jesus olhou a imponência dourada do templo e sentiu sua psiquê comover-se, ao antever o que ocorreria anos mais tarde: o drama da massa de seus habitantes e das autoridades aí residentes. Anteviu o cerco que sofreria daí a quarenta anos e sua destruição total por obra de seus dominadores. E lamenta que não perceba o "momento de sua inspeção". As traduções correntes traduzem *episkopês* por "visitação". Preferimos apresentar o sentido etimológico: *epí* - "sobre"; e *skopês* - "vista", ou seja, inspeção.

Alguns racionalistas alegaram que Lucas escreveu a *posterióri*, e por isso foi preciso em certos pormenores. Mas se o tivesse feito, teria silenciado o caso mais espetacular, que foi o total incêndio do templo, com o ouro do revestimento a correr em cachoeiras?

Todos os comentadores, nestes dois milênios, salientaram, neste trecho, a VINGANÇA de Deus, que fez destruir Jerusalém porque não recebeu, não ouviu, não compreendeu, Jesus e o crucificou ... Jamais poderíamos aceitar um deus que fosse vingativo, pois refletiria uma das piores e mais baixas características dos seres involuídos. Como podem mentes espiritualmente esclarecidas admitir tais barbaridades?

Toda a angústia dos corações dirigentes dos setores humanos reside na verificação de que as criaturas não respondem ao chamado insistente para evoluir, nem mesmo nos momentos supremos em que os grandes Avatares chegam pessoalmente, para observar ("inspecionar") e estudar qual o melhor remédio para ser aplicado ao grupo. A simples presença física do Mensageiro, com Sua poderosa vibração espiritual, é suficiente para atrair e modificar os que estão à altura de perceber. Mas, como escreveu Emmanuel, "para despertar um passarinho basta um silencioso raio de sol, enquanto para acordar uma rocha torna-se necessária a dinamite".

A dor que causa ao pai ou à mãe a necessidade de realizar uma operação cirúrgica num filho querido é ainda menor que a sofrida por Jesus, quando verificou as operações cirúrgicas violentíssimas indispensáveis para curar aqueles corações empedernidos.

Feita a verificação que Lhe motiva tristeza e chega a arrancar-Lhe lágrimas, deixará que a história, em seu desenvolvimento normal, venha a agir na correção necessária. Se fora o mesquinho sentimento de vingança, por que esperar quarenta anos, quando outra geração estaria no apogeu, e não aquela que havia condenado Jesus? A ação teria que ter sido imediata, para que se visse a relação de causa a efeito. Mas os Espíritos Superiores, que nos mandam perdoar setenta vezes sete, já aprenderam essa lição, e são incapazes de vinganças rasteiras.

Se nosso filho faz uma traquinagem e cai, quebrando uma perna, providenciamos o engessamento durante os dias necessários à cura, talvez prendendo-o no leito. Chamaremos a isso vingança? Ou haverá qualquer laivo de vingança em nós? "Se nós, sendo maus, sabemos dar boas dádivas a nossos filhos, quanto mais o Pai celestial" (cfr. Luc. 11:13).

Jesus, o Médico por excelência, anteviu o remédio amargo e doloroso necessário para que aquele povo se modificasse, e compreendeu que a cura seria longa. Por isso, lamenta profundamente o que ocorrerá.

Aplicando a nós mesmos a lição, vemos que a "cidade" constituída por nossa personagem ainda rebelde, causa sofrimento ao Espírito, ao verificar ele que nosso intelecto não aceita suas inspirações evidentes, seus apelos continuados, seus "gemidos inenarráveis" (Rom. 8:26); o Espírito, (nós a individualidade) antevê as dores que advirão para a personagem nesta e em próximas vidas, repercutindo sobre si mesmo, tal como os sofrimentos da humanidade necessariamente repercutem sobre Jesus, cujo Espírito está para a humanidade terrena, assim como nosso espírito está para os órgãos e células de nosso corpo, tanto no plano astral como no físico.

NA CIDADE

NA CIDADE

Mat. 21:10-11

Marc. 21:14-11

10. E entrando ele em Jerusalém, agitou-se toda a cidade, dizendo: "quem é este"?
11. E as turbas diziam: este é o profeta Jesus, o de Nazaré da Galiléia.
12. E foi a Jerusalém, ao templo, e olhando tudo em torno, por já serem as horas avançadas, saiu para Betânia com os doze.
13. E foram a ele cegos e coxos no templo, e curou-os.
14. E vendo os principais sacerdotes e escribas as maravilhas que fez e os meninos que gritavam no templo, dizendo: Hosana ao Filho de David, indignaram-se
15. e disseram-lhe: "ouves o que estes dizem"? Jesus disse-lhes: "sim; nunca lestes que da boca dos pequeninos e bebês conseguirei louvor"?
16. E tendo-os deixado, saiu da cidade para Betânia e aí pernoitou.

Luc. 11:11

Já dentro da cidade, nota-se desusada agitação entre os peregrinos. Muitos já conheciam aquele Rabbi que jamais cursara academias mas que era sábio e falava com autoridade maior que a dos doutores, respondendo a todas as perguntas e embaraçando com suas o sacerdócio organizado, escandalizando o clero, desrespeitando os padres, afrontando as autoridades políticas dos judeus, embora nunca tivesse atacado os romanos dominadores. Muitos dos peregrinos, contudo, nada sabiam dele. Tinham vindo de longe, de outras terras, para a festa da páscoa e não estavam a par do que se passava na Palestina. Tudo era novidade ansiosamente perquirida.

Como, porém, o Rabbi da Galiléia era o assunto central de todas as conversas, tendo sua cabeça já condenada pelo Sinédrio, vinham aos poucos a saber dos fatos, geralmente ampliados como de hábito. E quando batiam os olhos naquela figura estranha, mais alta que o comum dos judeus (Jesus media 1,82 m de altura, quando a média dos judeus era entre 1,60 m e 1,70 m) perguntavam curiosos "quem era". A informação vinha *das turbas*, da massa do povo: "é o profeta Jesus, aquele célebre de Nazaré da Galiléia" de que tanto se fala.

Entrando no templo onde a afluência dos enfermos (cegos e coxos) era grande - a ocasião era propícia para esmolar, pois os peregrinos sempre gostam de "comprar" a benevolência da Divindade com dádivas a pobres - as curas multiplicavam-se. E, pior de tudo, as crianças, que tinham ouvido na véspera os gritos alegres dos discípulos e do povo, repetiam na balbúrdia própria da infância e na inspiração da inocência: "hosana! Viva o Filho de David"! E isto no templo!

Ora, o clero judeu, como todos os cleros ciosos de suas prerrogativas que julgam divinas, não se conteve ... E como temiam os protestos diretos perante os garotos, que bem podiam voltar-se contra eles em assuadas e zombarias, vão ao responsável, pedindo-lhe que ele mesmo os faça calar.

À pergunta ingênua e tola: "ouves os que eles estão dizendo"? Jesus tranquilo responde; "NAI, isto é, SIM, ouço ... E para fazer calar os sacerdotes - não as crianças - joga-lhes em cima a frase do Salmo (8:2). Nada mais tinham que fazer ali: perplexos, mordiam-se os lábios de raiva ...

E Jesus, simples e majestoso, sem apressar o passo, dá-lhes as costas e sai, juntamente com Seus discípulos, indo pernoitar em casa de Seus amigos queridos em Betânia.

Observemos que Jesus entra na cidade, dirige-se ao templo e espalha benefícios por onde passa, arrostando o perigo de alma forte. Não provoca ninguém. Mas também não abaixa a cabeça diante dos poderosos que O querem dominar. Humilde e bom diante dos pequenos, dos fracos, dos enfermos, revela-se altivo e com respostas prontas, muitas vezes mordazes e que tonteiam, quando defrontado pelos que se julgam autoridades e estão cheios de empáfia: "Deus resiste aos soberbos, mas é benevolente com os humildes" (1 Pe. 5:5 e Tiago, 4:6) e ainda: "depõe os poderosos de seu trono e exalta os humildes" (Luc. 1:52).

O exemplo tem que valer para todos os que Lhe seguem os passos. Humildade não é sinônimo de covardia. Ao contrário: é saber servir a quem merece, mas também saber "dar o troco na mesma moeda" a quem injusta e deslealmente queira prejudicar a obra. Em muitas ocasiões os primeiros cristãos demonstraram que haviam apreendido o espírito da lição e dos exemplos de Jesus e, talvez por estarem Dele mais próximos no tempo, assimilaram-Lhe melhor o ensino. Hoje é que "cristão" passou, em muitos casos, a significar covardia diante dos que "podem matar o corpo, embora não tenham poder de perder a alma" (Mat. 10:28). Então, olhamos entristecidos as acomodações que se fazem para "salvar a vida" transitória e fugitiva da matéria. Onde estariam as TESTEMUNHAS ("mártires") do Mestre, se Ele tivesse pregado hoje? Prudência, sim. Medo, não. Respeito, sim. Covardia, não. Humildade, sim. Subserviência, não.

Caminhemos altaneiros e firmes, acompanhando os passos do Mestre e se, com isso, tivermos a ventura de sofrer prisões, pancadas e morte, não tenhamos receio: o Espírito é imortal e novamente voltará à matéria, para continuar sua trajetória gloriosa, que nenhuma força e nenhum poder humano são capazes de deter, assim como todo o poderio do judaísmo e do império romano não detiveram o cristianismo.

A FIGUEIRA SEM FRUTO

Mat. 21:18-19

Marc. 11:12-14

- | | |
|--|---|
| <p>18. De manhã, voltando à cidade, teve fome.</p> <p>19. E vendo uma figueira à beira da estrada, foi a ela e não achou nela senão somente folhas e disse-lhe: "Nunca de ti nasça fruto no eon". E instantaneamente secou a figueira.</p> | <p>12. No dia seguinte, saindo eles de Betânia, teve fome.</p> <p>13. E vendo ao longe uma figueira que tinha folhas, foi (ver) se acaso achava nela (algo) e, aproximando-se dela, nada achou senão folhas, pois não era tempo de figos.</p> <p>14. E respondendo, disse-lhe: "Nunca neste eon de ti ninguém coma fruto". E ouviram(-no) seus discípulos.</p> |
|--|---|

O episódio é narrado por Mateus e Marcos que coincidem em alguns pormenores, diferindo em outros. Analisemos.

1 - Dizem ambos que, "saindo de manhã de Betânia para voltar à cidade, Jesus teve fome".

Há várias objeções muito sérias. Teria Marta, tão completa dona-de-casa que seu próprio nome tem esse significado, teria ela permitido que o Mestre saísse de sua casa onde se hospedava sem tomar o de jejum? O ar matinal provocou a fome? Mas por andar distância tão pequena, logo ao sair de Betânia, diante de Betfagé? Não convence ...

2 - Jesus viu "à beira da estrada uma figueira". Só tinha folhas. Jesus "foi ver se achava algo para comer". Mas como poderia fazê-lo, se em abril não era época de figos, como bem anota Marcos? Será que Jesus ignorava o que todos sabiam, até as crianças?

3 - Jesus afinal, decepcionado, amaldiçoa a figueira. Mateus adianta o final do episódio (que Marcos deixa em suspenso para o dia seguinte) e faz que a figueira "seque instantaneamente".

Algumas considerações.

Os figos-flor começam a aparecer, na Palestina, em fins de fevereiro, antes das folhas, mas só amadurecem em fins de junho. No entanto, na figueira selvagem ("figueira braba") apesar de brotarem normalmente as flores, elas secam e caem antes de amadurecer. Vemos, então, claramente, que não era "culpa" da figueira o fato de não ter frutos ...

Vejamos alguns comentaristas o que dizem.

João Crisóstomo (*Patrol. Graeca*, vol. 58, col. 633/4), depois de classificar a exigência de Jesus de encontrar frutos de "exigência tola", por não ser estação de figos, afirma que a maldição da figueira foi apenas para conquistar a confiança dos discípulos em Seu poder: era um símbolo de "Seu ilimitado poder vingativo" (!).

Jerônimo (*Patrol. Lat.* vol. 26, col. 153) diz que "o Senhor, que ia sofrer aos olhos de todos e carregar o escândalo de Sua cruz, precisava fortalecer o ânimo de Seus discípulos com Este sinal antecipado".



Figura “LIÇÃO DA FIGUEIRA” – Desenho de Bida, gravura de J. Veysarat

Outros dizem que não queria figos, mas dar uma lição aos discípulos. Outros que se trata de uma "parábola de ação", bastante comum entre os profetas (1).

(1) *Isaías durante três anos andou nu e descalço para profetizar o cativo assírio (Is. 23:1-6); Jeremias enterra seu cinto e o desenterra já podre (Jer. 13:1-11); ele mesmo quebra uma botija de barro (Jer. 19:1, 2, 10) e pendura brochas e canzís ao pescoço (Jer. 27:1-11); Ezequiel desenha a cidade de Jerusalém num tijolo e constrói fortificações em torno dele (Tz. 4:1-8); corta a barba e o*

cabelo e queima-os (Ez. 5:1-3); depois se muda com todos os seus móveis, para que todos vejam que vão ter que sair de casa (Ez. 12:3-7).

Quando as contradições ou os absurdos são evidentes, trata-se de símbolos e não, realmente, de fatos.

Ponderemos com lógica. Causaria boa impressão aos discípulos uma injustiça flagrante do Mestre, ao condenar, por não ter frutos, uma figueira que não podia ter frutos? A demonstração de poder não teria sido, ao mesmo tempo, um exemplo de atrabiliário despotismo, além de injusto, desequilibrado e infantil? Que lucro adviria para Jesus e para os discípulos, por meio de uma ação intempestiva e de tamanho ridículo?

Não, não é possível aceitar o fato como ocorrido. Houve, realmente, uma lição. E por que foi escolhido o símbolo da figueira sem figos, ou com figos ainda verdes, porque estavam em abril?

Observemos que, ao sair de Betânia para Jerusalém, a primeira aldeia que "tinham à frente;" era BETFAGÉ, que significa, precisamente, "CASA DOS FIGOS NÃO-MADUROS"! ...

Ora, ao sair de Betânia, a conversa do caminho girou em torno do poder daquele que mantém fidelidade absoluta e inalterável ao Pai, a Deus, ao Espírito. Daí a lição destacar a capacidade de a criatura dominar os elementos da natureza com o poder mental. E o exemplo é apresentado ao vivo: se, quiserem, poderão fazer secar até as raízes, ou fazer crescer rapidamente, uma árvore, e poderão até mesmo erradicar montanhas, como veremos pouco adiante. Se fora apenas para "demonstrar poder", seria muito mais didático e lógico que Jesus fizesse a figueira sem frutos frutificar e produzir de imediato figos maduros! ...

Há, pois, evidentemente, profunda ligação entre a figueira sem figos e o nome da aldeia de Betfagé, o que vem explicar-nos a "motivação" da aula.

* * *

Quanto ao ensinamento em si que poderemos entender dessas poucas linhas que resumem, como conclusão, uma conversa que se estendeu por dois quilômetros e meio? Trata-se, é claro, de uma conclusão, e dela teremos que partir para deduzir pelo menos os pontos essenciais da mesma.

Façamos algumas tentativas.

Quando o Espírito necessita colher experiências por meio de uma personagem que esteja sendo vivificada ou animada por ele, e essa personagem não corresponde em absoluto, não produzindo os frutos, mas apenas as folhas inúteis das aparências, o único remédio que resta ao Espírito, para que não perca seu tempo, é secar ou cortar a ligação, avisando, desde logo que, naquele eon, naquela "vida", ninguém mais aproveitará dela qualquer resultado positivo.

Cabe à personalidade aceitar os estímulos do Espírito e produzir frutos, seja ou não "época" de fazê-los. O Espírito precisa avançar, e temos por obrigação corresponder à sua expectativa, sem exigir épocas especiais. Taí como o médico deixa a refeição sobre a mesa ou sai do aconchego do leito a qualquer hora e com qualquer tempo para atender a chamados urgentes, assim o cristão tem que passar por cima de tudo; abandonando conforto, amores, amizades, comodismos, riquezas, vantagens, para obedecer incontinenti aos apelos do Espírito, que não obriga, mas convida e pede e solicita "com gemidos inenarráveis" (Rom. 8:26). Se o não fizermos, não desencarnaremos instantaneamente, mas secaremos até as raízes as ligações com a Espiritualidade Superior, que verifica não poder contar conosco nessa existência pelo menos. Mais à frente veremos uma parábola, a dos dois filhos, que vem ilustrar o que acabamos de afirmar. Comentá-la-emos a seu tempo.

Assim compreendemos algumas das expressões empregadas na conclusão da lição evangélica e que, no sentido literal, são incompreensíveis, por absurdas. Jesus "teve fome", ou seja, quando a Individualidade manifesta alguma necessidade vital; "vê uma figueira com folhas", isto é, uma personagem com possibilidades; "vai ver se encontra frutos", vai verificar se pode aproveitá-la para o serviço. Nada encontra, porque a desculpa é exatamente "não tenho tempo" ... "não é minha hora" ... "não está ainda na época - preciso gozar a mocidade, aposentar-me, esperar enviuar ... mais tarde"! ...

O que falta, em realidade, é amor e boa-vontade, porque não há "horas" para evoluir. O progresso é obrigação de todos os minutos-segundos, e não se condiciona a "estações" nem "épocas". Lógico que, diante da falta de disposição, tem que vir a condenação. Não é, propriamente, a "maldição". Trata-se do verbo kataráomai, depoente, composto de katá, "para baixo" e aráomai, "orar", já que ará é "oração". Essa condenação ou execração é introduzida pelo advérbio mêkêti, que exprime apenas "não mais". Não é, pois, uma proibição para a eternidade, mas uma verificação, tanto que o tempo empregado é o subjuntivo, e não o imperativo nem o optativo. Portanto, o Espírito diz, em outros termos: "de agora em diante, percam-se as esperanças de obter fruto de ti nesta encarnação".

A lição portanto é lógica e oportuna. Abramos os olhos enquanto é tempo!

ENSINO NO TEMPLO

Marc. 11:18-19

Luc. 19:47-48

Luc. 21:37-38

18. Os principais sacerdotes e escribas ouviram isso e procuravam um modo de matá-lo; pois o temiam, já que todo o povo se admirava de seu ensino.
19. E logo que chegou a tarde, saíram da cidade.
47. E todas os dias estava ensinando no templo. Mas os principais sacerdotes, e os escribas, e os anciãos do povo procuravam matá-lo.
48. E não achavam o meio de fazê-lo, porque o povo todo se fascinava ao ouvi-lo.
37. Estava todos dias ensinando no templo e saindo, às noites, pernoitava no monte chamada Olival.
38. E todo o povo madrugava junto dele, no templo, para ouvi-lo.

Estes três pequenos trechos dão-nos conta das atividades de Jesus durante a semana da Páscoa.

Muitos comentadores estranham o que se encontra referido nas narrativas evangélicas, como realizado nos seis dias que vão de domingo, quando entra triunfalmente em Jerusalém, até a sexta-feira, em que foi crucificado. Tantos são os episódios, os discursos, as atividades que, de fato, dificilmente poderiam caber em seis dias. Baste dizer que levaremos provavelmente dois volumes para comentá-los. No entanto, como grande parte do ensino traz em si o simbolismo, acreditamos que houve alguma razão para essa aglomeração de acontecimentos. Não apresentamos, neste local, nenhuma hipótese para decifração dessa dúvida. O que for aparecendo, iremos gradativamente comentando.

Dizem-nos, pois, os trechos que Jesus durante o dia ensinava no *Templo*, e "às noites pernoitava no monte chamado Olival", embora já tenhamos lido que, também, se dirigia a Betânia.

O Monte das Oliveiras ficava entre Jerusalém e Betânia. Mas Jesus não estava só: seguiam-No os doze e mais as mulheres, que não abandonavam a comitiva. Será que todos dormiam ao relento, quando tão perto havia um lar com acomodações para todos? Esse tipo de perguntas está fadado a ficar sem resposta.

O fato é que as "autoridades" haviam resolvido (vol. 5) matá-Lo, para que lhes não perturbasse a vida; era melhor para salvação de todos que Ele fosse riscado na face da Terra. Assim poderia permanecer o *statu quo*, sem quaisquer contratempos políticos.

Mas matá-Lo à vista de todos poderia provocar uma rebelião na massa que adorava ouvi-Lo. Buscavam, então, um modo de conseguí-lo às ocultas. E o descobrirão, como veremos, dando até a esse sacrifício o carácter de castigo a um criminoso.

O verbo "madrugava (*orthrizein*) é hápax no Novo Testamento, embora seja frequente seu emprego nos LXX. Releva salientar que alguns manuscritos (13, 69, 124, 346 e 566) colocam, após o vs. 38, o episódio da "adúltera" (João, 7:53 a 8:11), talvez influenciados pelo verbo "madrugar".

Algumas palavras, apenas, para salientar o modo de agir das criaturas no Anti-Sistema.

As autoridades - religiosas, civis ou militares que se encontram momentaneamente no ápice da vida social ou política, sempre se acreditam os donos da situação e os únicos competentes para governar, julgando os que estão abaixo como inimigos potenciais que, se subirem, ocasionarão a desgraça do país (embora só causem a deles próprios pessoalmente). Dessa forma, qualquer pessoa ou entidade

que lance idéias diferentes ou até mesmo que apenas conquiste crédito e força perante a massa popular, já de antemão está condenada como inimiga pública merecedora de ser combatida.



Figura “ORAÇÃO NO MONTE” – Desenho de Bida, gravura de L. Flameng

Foi sempre assim em todos os setores. Na antiguidade, o meio de acabar com esses líderes que, permanecendo fora do grupo governamental, subiam no conceito popular, era a morte: eliminados, cessava o perigo. Atualmente outros são os processos utilizados. Um dos mais correntes é o silêncio, pois quanto mais deles se falar, maior é a propaganda. Outro meio de largo emprego é a difamação, embora para isso se inventem calúnias.

De qualquer forma, porém, TÊM QUE SER DESTRUÍDOS, para salvar os homens que ocupam os postos chaves.

Como lição para nosso aproveitamento, temos a alternância do trabalho, durante as horas do dia, a serviço das multidões, com o período de oração contemplativa nas horas silenciosas da noite, com a elevação espiritual na paz da meditação, simbolizada pela expressão monte (elevação) das Oliveiras (da paz).

Sendo, entretanto, tão necessitada a humanidade, o serviço deve começar bem cedo (madrugada) no local de nosso trabalho, que deve constituir, qualquer que seja ele, um templo de amor e dedicação.

A FIGUEIRA SECA

Mat. 21:20-22

Marc. 11:20-24

Luc. 17:5-6

20. E vendo-o, os discípulos admiravam-se, dizendo: como secou repentinamente a figueira?
21. Respondendo, Jesus disse-lhes: "Em verdade vos digo, se tiverdes fidelidade e não hesitardes, fareis não só isto da figueira; mas se disserdes a esse monte: desarraiga-te e lança-te ao mar, far-se-á.
22. E tudo quanto, tendo fidelidade, pedirdes na oração, recebereis".
20. E passando de manhã, viram a figueira seca desde a raiz.
21. E recordando-se, Pedro disse-lhe: "Rabbi, olha a figueira que condenaste, secou!"
22. E respondendo Jesus disse-lhes: "Se tendes fidelidade a Deus,
23. em verdade vos digo, que quem quer que diga a esse monte: desarraiga-te e lança-te ao mar, e não hesitar em seu coração, mas confiar que se faz o que diz, assim será.
24. Por isso digo-vos: tudo quanto orardes e pedirdes, confiai que (já) recebestes, e ser-vos-á (feito)".
5. E os emissários disseram ao Senhor: "Aumenta nossa fidelidade"!
6. Disse então o Senhor: "Se tendes fidelidade como um grão de mostarda, diríeis a este sicômoro: desarraiga-te e planta-te no mar; e ele vos teria obedecido".

Marcos coloca a comprovação da figueira que secou nas palavras de Pedro, que o observa na manhã de terça-feira.

O fato em si, já o vimos, não importa: vale a lição, cujas conclusões foram anotadas pelos evangelistas.

A fidelidade (*pístis*) é essencial. Assim como a certeza intelectual de que o que se quer se realizará. Não pode haver hesitação nem dúvida, nem no intelecto (confiar) nem no coração (fidelidade da união com o Eu Real).

De fato *diakrithête* exprime, literalmente, "julgar dentro de si", ou seja, ficar pensando se poderá conseguir-se ou não, calculando as possibilidades e probabilidades, e agir com uma ponta de desconfiança intelectual.

Observemos, no entanto, que a prece não conhece limites: "TUDO QUANTO PEDIRDES" (*pánta ósa*). Todavia, é necessário ter uma certeza absoluta, como "se já tivéssemos recebido o que pedimos": temos que considerar o *fato consumado*; agir com a convicção plena de já ter o que queremos.

Em Lucas não se fala do episódio da figueira. Mas a resposta de Jesus por ele citada, em esclarecimento do pedido dos emissários, lembra o fato, tanto mais porque não se fala em "montanha", mas em "sicômoro" (*sykâminos*) que, como vimos, é palavra composta de figueira (*syké*). O encadeamento da

frase torna-se, até, mais lógico: falando de árvore, cabe mais o termo "desarraigá-te (*ekrizóthéte*) e planta-te no mar; e ele vos teria obedecido".

Pode parecer, em português, que haja solecismo violento no texto de Lucas. No entanto, quisemos manter os tempos do original grego, que dá a seguinte construção: "Se TENDES fidelidade (condição real: *ei échete*), DIRIEIS (condição possível no presente: *elégete án*) a este sicômoro desarraigá-te e planta no mar. e ele vos TERIA OBEDECIDO (condição possível no futuro: *hypêkousen án*).

A lição dirige-se, aos iniciados mais avançados da Assembléia do Caminho. Aos outros, tudo parecia um sonho. Eram palavras bonitas, mas esperanças vãs. Ora, quando jamais se poderia conseguir, com a mente, destacar do solo uma montanha e lançá-la ao mar? Consolo e animação para a humanidade, com uma esperança impossível ...

A humanidade acha-se ainda no ciclo da lagarta feia e pesadona, colada às folhas. Se alguém lhe disser que um dia se tornará leve e multicolorida borboleta, levantará os "ombros" e dirá em seu coração: "lérias"!

*Mas alguns daquele grupo, (e alguns de outros grupos atuais), já sabiam, por havê-lo visto, que breve seriam borboletas. E alguns já haviam sabido, através dos ensinamentos ministrados nos círculos "secrets" da Assembléia (*ekklêsía*) que a força mental segura e bem dirigida, pode obter coisas assombrosas mesmo na parte material. Talvez tivessem ouvido falar no que aconteceu com as pirâmides do Egito e do Peru, na época dos grandes Iniciados Atlantes. Sem dúvida tinham conhecimento da ação daqueles que são chamados Devas no oriente, e anjos no ocidente, quando ativos, no governo da natureza. Como fazem a acomodação dos solos, como provocam a libertação de gases incandescentes sob a forma de vulcões, como armam as tempestades para purificar a atmosfera, como conseguem afundar e reerguer continentes nos oceanos encapelados, como dominam águas, ventos e eletricidade. De certo fora-lhes explicado que tudo obedece a ordens mentais de extraordinária força, pois os próprios universos em manifestação constituem indiscutivelmente a projeção mental (o Pensamento) do ser a que vulgarmente denominamos "Deus".*

Ora, como Centelhas e partículas dessa mesma Divindade que se fragmentou em sem-número de criaturas atualmente também já pensantes e, portanto, com a mesma capacidade mental, embora finita em grau e natureza, os homens adquiriram a capacidade criadora, ainda que limitada e infinitamente menos poderosa que a plenitude (o plêrâma) divina.

*Como exemplo final do ensino dado a respeito da Força Mental, foi escolhida uma árvore inútil, pois não conseguia amadurecer os frutos (*lembrémo-nos: Betfagé!*) e esta, durante a exposição da teoria, foi sacrificada através de uma ordem, e "secou desde a raiz" (*exêramménên ek rhizôn*).*

Eis aí: é possível admitir-se que o fato realmente se deu. Mas é mister ler nas entrelinhas, para compreender o episódio. Os narradores, que não podiam estender-se sobre o ensino esotérico, tiveram que "inventar" uma história. E a história inventada acontece que não convence ao nosso intelecto perquiridor, pois repugna ao bom-senso.

Por aí verificamos que os ensinamentos grafados nos Evangelhos constituem "conclusões" de ensinamentos extensos, resumos de lições profundas, ou pequenas histórias e parábolas que tinham por mira apenas fazer recordar aos iniciados, o que eles haviam aprendido oralmente, mas devia ficar oculto.

O PODER DE JESUS

Mat. 21:23-27

Marc. 11 :27-33

Luc. 20:1-8

23. E entrando ele no templo, aproximaram-se dele, que ensinava, os principais sacerdotes e os anciãos do povo, dizendo: com que poder fazer estas coisas? e quem te deu esse poder?
24. Respondendo, Jesus disse-lhes: "Perguntar-vos-ei também eu uma palavra, que, se me responderdes, também vos responderei com que poder faço essas coisas.
25. Onde era o mergulho de João? Do céu ou dos homens"? Eles, porém, raciocinavam entre si dizendo: se dissermos "do céu", dir-nos-á: "por que não acreditastes nele"?
26. Mas se dissermos "dos homens" tememos a multidão, pois todos têm João como profeta.
27. E respondendo a Jesus, disseram: "Não sabemos"! Disse-lhes também ele: "Nem eu vos digo com que poder faço essas coisas".
27. E vieram de novo a Jerusalém. E perambulando Jesus pelo templo, vieram a eles os principais sacerdotes e escribas e os anciãos,
28. e disseram-lhe: com que poder fazes essas coisas? ou quem te deu esse poder para fazeres essas coisas?
29. Jesus porém disse-lhes: Perguntar-vos-ei uma palavra e me respondereis, e vos direi com que poder faço essas coisas:
30. o mergulho de João era do céu ou dos homens? respondei-me"!
31. E raciocinavam entre si, dizendo: se dissermos "do céu", dirá: por que não acreditastes nele?
32. Mas se dissermos "dos homens" ... temiam o povo, pois todos consideravam que João fora realmente profeta.
33. E respondendo a Jesus, disseram: não sabemos. E Jesus disse-lhes: "Nem eu vos digo com que poder faço essas coisas".
1. E aconteceu em um dos dias em que Jesus ensinava ao povo no templo e anunciava coisas alegres, chegaram os principais sacerdotes e os escribas junto com os anciãos,
2. e falaram dizendo-lhe: diz-nos com que poder fazer essas coisas, ou quem é que te deu esse poder?
3. Respondendo-lhes, disse: "Perguntar-vos-ei também eu uma palavra; respondi-me:
4. o mergulho de João era do céu ou dos homens"?
5. Consultaram-se entre si, dizendo: se dissermos "do céu" dirá: por que não acreditastes nele?
6. Mas se dissermos "dos homens", o povo todo nos apedrejará, pois está certo de João ser profeta.
7. E responderam que não sabiam donde (era).
8. Jesus disse-lhe: "Nem eu vos digo com que poder faço essas coisas".

Diariamente Jesus ensinava no templo. Numa dessas ocasiões, chegam a Ele os sacerdotes principais, ou seja, os que pertenciam ao Sinédrio, em companhia de seus colegas os anciãos do povo e os escribas, para interpelá-Lo.

Observavam aquele galileu, de condição social inferior, que jamais lhes havia seguido os cursos acadêmicos e que, não obstante, demonstrava sabedoria profunda em Suas palavras, poder mágico em Suas ações, irresistível força de liderança popular, movimentando as massas como em tempo algum haviam eles conseguido.



Figura “DONDE VEM TEU PODER ? – Desenho de Bida, gravura de Ed. Hédonen

Lembravam-se vivamente da cena de dois anos atrás, quando expulsara os comerciantes do templo; das curas instantâneas que efetuara; das respostas irretorquíveis que lhes dera, muitas vezes, obrigando-os a retirar-se cabisbaixos e silenciosos, embora remordendo-se de despeito; das peças que lhes havia pregado em várias circunstâncias, como no episódio da "adúltera"; do que ouviam contar Dele, trazido por testemunhas oculares da Galiléia; da tão falada ressurreição de Lázaro havia alguns dias apenas; e de tantas outras "façanhas" que, realmente, homens como eles, cultos e de alta categoria social e religiosa, não só não podiam realizar, como nem compreender.

Animam-se, pois, e vão perguntar-Lhe, talvez movidos por íntima sensação de estar diante de algum profeta:

- Com que poder oculto fazes todas essas coisas? Quem te deu esse poder (*exousía* é o poder baseado em *dynamis*, "força", de realizar *érgon* "trabalho ou ação").

Quiçá tinham a esperança de ser-lhes revelado o segredo espiritual, que eles, como autoridade pretendiam ter o direito de saber, e que os animasse a estudar o caso, aceitando-o, se convencidos da proveniência divina, ou rejeitando-o se não fosse provada essa origem com plena nitidez.

Haviam perguntado duas coisas e ansiosamente aguardavam a resposta. Jesus utiliza o processo rabínico, de responder com outra pergunta, mas salienta que, em vez de duas, lhes fará uma só:

- Respondei-me: o mergulho de João era do céu ou dos homens? Se mo responderdes, direi donde me vem esse poder ...

Pronto! Outra peça pregada ... Cochicham entre si e verificam que, qualquer que fosse a resposta, estavam presos pelo pé. O texto é claro e apresenta-nos a angustiada dúvida da embaixada. O melhor era

declarar a ignorância a respeito, como se lhes coubesse ignorar, a eles, a autoridade religiosa mais alta de Israel!

- Não sabemos!

O Mestre retorque-lhes altaneiro, declarando que tampouco lhes diria donde lhe vinha Seu poder. Sabe-o, mas não dirá.

Lição preciosa!

Quase todos os espiritualistas que proliferam atualmente, ou que tais se julgam, fazem questão de apresentar e apregoar títulos que receberam de homens, ou que eles mesmos inventaram. Citam Centros frequentados, Ordens, Associações e Fraternidades a que pertencem "há tantos e tantos anos"; honrarias conquistadas (às vezes compradas ...), milagres realizados, nomes "iniciáticos" precedidos de "sri" ou seguidos de "ananda" que alguém lhes deu ou que se atribuíram, e mais medalhas, e cargos do "Mestres (ou "gurus", que é mais bonito e impressiona mais ...), e fitas de "veneráveis", e "crachats" de valor internacional, etc. etc. Muitas vezes também enumeram as amizades que tem com grandes homens, os contatos com personagens importantes, como se isso valesse algo ... Não se lembram de que os motoristas, copeiros e cozinheiros dessas criaturas tem contato muito mais íntimo!

Jesus ensina-nos como devemos agir: nada temos que dizer. Mas também não há necessidade de manifestar nem de internamente envaidecer-nos pelo fato de nada dizer. SIMPLICIDADE, acima de tudo: nada vale nossa personalidade temporária, que hoje é a amanhã fenece como a erva do campo; trata-se apenas de um "veículo" que transporta nosso EU verdadeiro e que, uma vez envelhecido e imprestável, é abandonado à margem do caminho; e nosso EU verdadeiro, o Espírito, é idêntico ao de todas as demais criaturas: que razão nos sobra de envaidecer-nos?

Portanto, há uma só coisa que fazer: TRABALHAR e SERVIR.

Qual a fonte de origem de nossos atos, de nossos conhecimentos? Não interessa. O que importa é se falamos e agimos CERTO: pela árvore se conhece o fruto.

Por que inflar-nos de orgulho se, como médiuns, se manifestam por nosso intermédio nomes de seres respeitados pela humanidade? Teria direito de orgulhar-se a caneta, por ser usada por um sábio? Que faz ela mais que a caneta, que presta idêntico serviço na mão de uma criança que aprende a escrever? A função é a mesma, o resultado - escrever - o mesmo.

Certa vez, conversando com Francisco Cândido Xavier, ele citou-nos o nome de um espírito "graúdo" na Espiritualidade que estava a nosso lado. Retrucamos que não podíamos acreditar, pela nossa pequenez. Mas, talvez observando uma vibração de vaidade em nós, apesar das palavras, Chico logo advertiu:

- Não se envaideça não, porque quanto mais errada a criatura, mais necessidade tem de um ajudante forte!

E pensamos: realmente, quanto mais recalcitrante o animal, mais hábil tem que ser o peão!

A vaidade é dos piores vícios. Mas se torna muito mais grave, quando ataca os espiritualistas, sobretudo aqueles que, por circunstâncias diversas, se encontram à frente de instituições. Já vimos (vol. 6) que "é preferível o suicídio a ensinar errado". Ora, a vaidade oblitera a inspiração, porque dissintoniza e corta as intuições; e o resultado é fatal: passamos a ensinar segundo nosso ponto-de-vista, e não segundo a VERDADE. Ensinemos sempre que os ouvintes devem usar a razão para analisar nossos ensino" (leia-se por exemplo, Allan Kardec, "Livro dos Médiuns", números 261 a 267), pois ninguém na Terra possui autoridade absoluta e infalível; todos estamos estudando e aprendendo, e apenas passamos adiante aquilo que vamos conquistando com esforço, pela grande dificuldade do assunto espiritual. Portanto, não citemos "a fonte", já que não sabemos qual seja ...

OS DOIS FILHOS

Mat. 21:28-32

28. "Mas que vos parece? Um homem tinha dois filhos; chegando ao primeiro, disse: Filho, vai trabalhar hoje no vinhão.
29. Respondendo, ele disse: Não quero. Depois, porém, tendo mudado a mente, foi.
30. Foi ao outro e disse o mesmo. Respondendo, disse ele: Eu, senhor! E não foi.
31. Qual dos dois fez a vontade do pai"? Disseram: O primeiro. Disse-lhes Jesus: "Em verdade vos digo, que os cobradores de impostos e as meretrizes vos precederão no reino de Deus.
32. Porque João veio a vós no caminho da perfeição e não lhe fostes fiéis; mas os cobradores de impostos e as meretrizes lhe foram fiéis; vós, porém, vendo(o), não mudastes vossa mente depois, para lhe serdes fiéis".

Parábola privativa de Mateus, em cujo texto os manuscritos se dividem, o que provoca sérios embaraços aos exegetas. Esquematizemos, para melhor compreensão:

A - O 1.º diz: SIM - e não vai (desobedece)

O 2.º diz: NÃO - e vai (obedece)

Códices: B (Vaticano), D, **theta**, it.: a, aur, b, d, e, ff¹, ², g¹, h¹; **versões:** siríaca, copta boaírica; armênia, etiópica (mss.): **pais:** Efren, Jerônimo, Isidoro, Pseudo-Atanásio; **edições críticas:** Hort. Nestle, von Soden, Vogels, Merk, Pirot.

B - O 1.º diz: NÃO - e vai (obedece)

O 2.º diz: SIM - e não vai (desobedece)

Códices: Sinaítico (mss. original), C (idem), K, L, W, X, **delta**, **pi**, 0138, f. 1, 28, 33, 565, 892, 1009, 1010, 1071, 1079, 1195, 1216 (**hypágô**), 1230, 1241, 1242, 1253, 1341, 1546, 1646, 2148, 2174; **versões:** bizantina; it. c, f, q; vulgata (IV séc.); siríacas peschita, curetoniana, harcleense; copta saídica (mss); etiópica de Roma e Pell-Plat; **pais:** Crisóstomo, Ireneo, Orígenes, Eusébio, Hilário, Cirilo de Alexandria.

Os que preferem a primeira versão acima citada, embora apresentada em menor número de testemunhas, baseiam-se em razões diplomáticas, ou seja:

1.^a - A parábola refere-se aos *fariseus* (mais antigos, primeiros e aos *publicanos* (mais recentes, "os outros"); ora, os fariseus responderam SIM, mas ludibriaram o chamamento com sua hipocrisia, obedecendo apenas externamente; ao passo que os publicanos, chamados depois por Jesus, inicialmente não tinham atendido ao chamado mosaico da lei, mas reagiram aos apelos do Batista e de Jesus, cuja atração possuía irresistível magnetismo, no dizer de Jerônimo (*Patrol. Lat.* v. 26, col. 56): *sicut in magnete lapide haec esse vis dicitur*; portanto, o desobediente foi o primeiro, logicamente o mais velho, que sem dúvida devia ser chamado primeiro.

2.^a - Nas outras parábolas, sempre o mais velho ou os primeiros chamados são os "desobedientes" e rebeldes, e os mais moços ou segundos chamados são os melhores, como:

- a) no "Filho pródigo" (Luc. 15:12ss);
- b) no "Banquete de núpcias" (Mat. 22:1ss);
- c) nos "Trabalhadores da vinha" (Mat. 20:1ss).

3.^a - Paulo diz o mesmo, quando afirma que os judeus foram chamados primeiro, e, depois que não vieram, apesar de terem dito "sim", o chamado foi feito aos gentios.

4.^a - Já no Antigo Testamento o mais moço está acima do mais velho (cfr. "Esaú servirá a Jacó", Gên. 25:23).

5.^a - No próprio texto, Jesus diz que "os cobradores de impostos e as prostitutas entrarão primeiro que vós no reino de Deus" (vers. 31).

E concluem: a presunção é em favor da regra, e não da exceção; logo, o primeiro é que diz SIM e não vai; o segundo, mais moço, é que diz NÃO, mas vai.

Outra questão discutida é se o pai chamou os dois a um tempo, ou se só chamou o segundo depois que viu que o primeiro não foi. Ora, o chamamento é feito a todos igualmente, nas mesmas épocas e circunstâncias. Uns dizem *sim*, e não vão; outros dizem *não* e vão, ou seja, uns aderem externamente à ordem do pai, outros primeiro recusam, depois, mudando a mente (*metamelêtheís*) mergulham no reino de Deus.

A parábola realmente não diz que só foi chamado o segundo depois de o primeiro não ter ido. Ao contrário, parece que se dirigiu a um e depois, sem esperar o resultado, dirigiu-se ao outro. Pode até compreender-se melhor, seguindo a lição apresentada pelo maior número de testemunhas: uma vez que o primeiro havia dito NÃO, o pai vai ao segundo e o convoca ao trabalho na vinha. Logo, as razões diplomáticas, neste caso, deixariam de existir, cedendo lugar a razões lógicas.

Entretanto, e como à lição não importa muito a ordem dos fatores, mantivemos em nossa tradução a ordem do maior número, seguindo *Aland* (ed. 1968). O essencial é sentir a oposição entre o que diz SIM e não faz, e o que diz NÃO e faz.

Note-se que no vers. 30, as traduções correntes trazem: "irei, senhor", e nós traduzimos apenas: "Eu, senhor"! Assim está no original, quase unanimemente (1). Pode interpretar-se como omitido o verbo "irei"; o egô, entretanto, não pode ser substituído de "sim". Não poderíamos, observar, que essa resposta já significava certa má vontade, como seja: "logo eu"! Não podendo ter certeza absoluta do sentido, mantivemos a tradução literal: "Eu, senhor".

(1) *Só trazem hypágô, "vou", os códices theta (séc. IX), 700 e 1216 (séc. XI); a fam. 13 (séc. XI); o lecionário 547 (séc. XIII); e as versões copta saídica (séc. III, mas de leitura duvidosa), armênia (séc. IV-V) e geórgias 1 e 2 (séc. IX-X). Como vemos, emendas recentes ou interpretações em línguas diferentes.*

Depois de narrada a parábola, vem a pergunta sutil: "Qual dos dois fez a vontade do pai"?

Os fariseus, que tantas vezes haviam feito perguntas cuja resposta esperavam embaraçasse e prendesse Jesus em armadilha - das quais, porém, Ele sempre se saiu galhardamente - desta vez não perceberam a emboscada que lhes armara Jesus e caíram redondamente. O Rabbi Nazareno não os poupa e, aproveitando a própria resposta, volta-se contra eles, que são os que não fazem a vontade do pai, embora digam SIM com a boca, hipocritamente.

Logo a seguir, Jesus cita o que ocorreu com o Batista. Quando este chegou, aqueles que haviam dito SIM a Moisés, não atenderam à "voz que clamava no deserto"; enquanto isso, os exatores de impostos e as prostitutas que tinham dito NÃO à lei mosaica, atenderam à pregação joanina e mudaram seu comportamento. E nem sequer diante desse exemplo os fariseus abriram os olhos ... E nem souberam responder, na véspera, se o mergulho do Batista era do "céu" ou dos homens ... Jesus pode aceitar que

eles digam que "não sabem"; mas, para que não tenham desculpa de seu dolo, faz questão de dizer-lhes que, a recusa de atender a João o Batista, correspondia a uma rejeição ao chamado divino do Pai.

A lição consiste numa parábola (comparação) que apresenta um fato, e numa previsão do que sucederá em consequência no futuro.

O que ocorre é que pode a humanidade ser considerada dividida em duas facções principais: os que dizem SIM e não fazem e os que dizem NÃO e fazem.

Não importa saber se os primeiros são os fariseus e os segundos os publicanos; ou se temos oposição entre judeus e gentios: a aplicação é do todos os tempos, como já escreveu antigamente o autor (desconhecido) do Opus Imperfectum: "O sim é dito por todos os pretensos justos, e o não por todos os pecadores que, mais tarde, se convertem à senda do bem" (citado em Piro).

Esta é, com efeito, a chave para interpretar a lição, em relação às personagens terrenas. Não importa quando é feito o chamado, se antes ou depois; o essencial é que TODOS são chamados, e muitos se apressam a dizer o SIM, exteriormente, com os lábios, e a entrar para as religiões, as ordens e fraternidades, seguindo os preceitos externos com todo o rigor, executando os ritos e rituais, observando as regras e regulamentos, vestindo-se e paramentando-se impecavelmente.

Não obstante, afirma o Mestre que "pecadores e meretrizes entrarão primeiro que eles no reino de Deus".

A interpretação das igrejas ortodoxas, de que o "reino de Deus" exprime aquele "céu" em que os anjinhos ficam a tocar harpas eólicas e ao qual se vai depois da morte, faz o ensino no Cristo tornar-se absurdo. Mesmo que consideremos "conversões" ou até mudanças de mente espetaculares.

Se, todavia, entendermos seu ensino no sentido verdadeiro, a compreensão é clara; no reino de Deus entra-se por meio do mergulho interno. Ora, todos os que se julgam justos, estão fiados na personagem que cumpre os preceitos humanos externos, voltando-se para fora. Por dentro deles, existe a vaidade e o convencimento de que são bons e superiores às demais criaturas, porque eles estão no caminho certo e os outros são "errados" (Hamartolói).

Enquanto isso, os pecadores e as prostitutas encontram em seu âmagô, a humildade que reconhece suas fraquezas, suas deficiências, seus erros. Isso faz que se voltem para dentro de si mesmos, mergulhando no íntimo onde - ao ver seus desregramentos - mais humildes se tornam.

Eis que, então, têm facilitado o caminho para o reino de DEUS que está dentro deles e que só se conquista através da humildade e do amor.

O que mais tem chocado nessa frase dura mas verdadeira - e a verdade dói - é verificarmos que ela esvazia toda a prosopopéia de homens e mulheres religiosos, que colocam a "virtude" acima de tudo. Jesus agiu de modo diverso. Apesar da sagrada maternidade e da santidade reconhecida por todos em Maria de Nazaré, Sua mãe, Ele concede as primícias de Seu contato, após a ressurreição, à pecadora de Magdala. Não que não houvesse merecimento da parte de Sua mãe: mas quis ensinar-nos que o parentesco é coisa secundária na vida espiritual, mesma em se tratando de mãe (quanto mais de outros parentes e amigos!); e segundo, que as meretrizes merecem tanto quanto qualquer outro Espírito, em nada devendo ser sacrificados no processo evolutivo.

O convencionalismo tradicional que vem de épocas remotas, sobretudo do domínio masculino judaico e cristão (patriarcalismo) - em que os homens são senhores absolutos de qualquer situação, sendo-lhe tudo permitido condena ao opróbrio público as mulheres que se entregam à prostituição, a isso forçadas pelos próprios homens incontinentes e inconscientes do que fazem e inconsequentes. Nenhuma mulher se torna meretriz sem o concurso do homem que a leve a esse caminho: são eles os primeiros a pretender o uso do corpo da mulher, para após condená-la, pois não assumem a responsabilidade de lhes dar um lar.

Profundamente compassivo e percebendo a injustiça dessa condenação hipócrita (pois o homem, quando sem testemunhas, mesmo condenando-as, delas se serve com diabólico empenho e supremo

prazer), o Cristo manifesta a compreensão da realidade: trata-se de criaturas vilmente exploradas pelos que as condenam, mas tão filhas de Deus quanto qualquer santo, e dignas de toda compaixão e ajuda. E como são humildes e sempre cultivam o AMOR - embora nos degraus mais baixos, animalizados e degradados, mas amor - estão em mais próxima sintonia com a Divindade (que é AMOR), que aqueles que só pensam em guerras, em matanças, em odiar inimigos, e para isso se preparam em escolas "especializadas", aprendendo a manejar armas cada vez mais aperfeiçoadas, que matem melhor e mais gente ao mesmo tempo.

Quem cultiva o amor sintoniza com Deus que é Amor. Quem cultiva sede de domínio, de desforra ou vingança, quem alimenta orgulhos e vaidades de raça superior, e ódios de vizinhos, sintoniza com o Adversário (satanás) e se dirige ao pólo oposto de Deus: encaminha-se em sentido contrário, erra "contra o Espírito-Santo".

Por isso as prostitutas e os pecadores, os "errados perante o mundo", entrarão no reino de Deus antes dos grandes do mundo, cheios de empáfia e maldade, julgando-se justos, virtuosos e bons, mas caminhando para o pólo negativo.

Lição dura de ouvir, porque todos nós nos acreditamos escolhidos e evoluídos! Sejam humildes: somos piores que pecadores e prostitutas, pois a vaidade nossa nos afasta do pólo positivo, e a humildade real deles, os aproxima de Deus e com Ele sintoniza. Não são nossas palavras que definem nossa sintonização: é o sentimento íntimo de cada um que faz afinar ou desafinar com a tônica do amor.

* * *

Quanto à individualidade, somos levados a meditar que não são as exterioridades da personagem que valem, mas exatamente a sintonia interna. Não é o que uma pessoa faz, nem o que diz, mas o que É intimamente. Por fora, pode tratar-se de uma prostituta, mas a vibração interna ser mais elevada que a da que apresenta comportamento socialmente irrepreensível, embora em seu íntimo cultive ódios e ressentimentos. Por que o mundo acha natural e nada diz, quando uma criatura fala mal de outra, e no entanto não perdoa se essa mesma criatura se una a outra pessoa por amor? Se um dirigente de instituição passa os dias a criticar seus "concorrentes", o povo acha que nada de mal existe. Mas se demonstra preferência e amor por alguém, acha que "decaiu de seu pedestal". Por aí, vemos que o pólo negativo só admite desavenças, críticas, separatismos, mas não aceita união, afeto, amor. Entretanto, o Mestre ensinou que o AMOR é tudo, pois Deus é AMOR, e só no amor e através do amor chegaremos a sintonizar com Deus. Mas quando alguém critica e fala mal, está com a razão; e quando ama, é "pouca vergonha" ... Com quem ficaremos? Com o pólo negativo do Anti-Sistema, ou com o Mestre? A escolha da estrada é livre, mas Ele disse, sem ambages nem possíveis interpretações diferentes: "os publicanos e as prostitutas (pórnaí) entrarão no reino de Deus primeiro que vós"!

OS LAVRADORES MAUS

Mat. 21 :33-46

Marc. 12:1-12

Luc. 20:9-19

33. "Ouvi outra parábola. Havia um homem proprietário que plantou uma vinha, cercou-a com uma paliçada, cavou nela um lagar e edificou uma torre, e entregou-a a uns lavradores e saiu do país.
34. Quando chegou a época dos frutos, enviou seus servos aos lavradores para receber seus frutos.
35. E os lavradores, recebendo os servos dele, feriram um, mataram outro e apedrejaram outro.
36. De novo enviou outros servos, mais numerosos que antes; e agiram com eles do mesmo modo.
37. Por último enviou-lhes seu filho, dizendo: respeitarão meu filho.
38. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: este é o herdeiro; vinde, matemo-lo e tomemos sua herança.
39. E segurando-o, jogaram-no fora da vinha e o mataram.
40. Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?
41. Disseram-lhe: "Perderá severamente os maus e entregará a vinha a outros lavradores, que lhe darão os frutos na época própria".
42. Disse-lhes Jesus: "Nunca
1. E começou a falar-lhes em parábolas: "Um homem plantou uma vinha, cercou-a com uma cerca e cavou um lagar e edificou uma torre e entregou-a aos lavradores e saiu do país.
2. E enviou aos lavradores, na época, um servo para que dos lavradores recebesse dos frutos da vinha.
3. E recebendo-o, espancaram e (o) devolveram vazio.
4. E de novo enviou a eles outro servo; e a este feriram a cabeça e ofenderam.
5. E enviou outro, e a este mataram; e muitos outros, e a uns espancaram, a outros mataram.
6. Ainda tinha um, um filho amado; enviou-o por último a eles, dizendo: respeitarão meu filho.
7. Aqueles lavradores, porém, disseram entre si: este é o herdeiro; vinde, matemo-lo e nossa será a herança.
8. E recebendo-o, mataram-no e o lançaram fora da vinha.
9. Que fará, então, o senhor da vinha? Virá e perderá os lavradores e entregará a vinha a outros.
10. Nem lestes esta Escritura: uma pedra que os construtores recusaram, essa se transformou em cabeça de
9. Começou, pois, a dizer ao povo esta parábola: "Um homem plantou uma vinha e entregou-a a lavradores e viajou muito tempo.
10. Na época enviou aos lavradores um servo, para que lhe dessem do fruto da vinha; mas, espancando-o, os lavradores o devolveram vazio.
11. Resolveu enviar outro servo; a este, eles, espancando e ofendendo, devolveram vazio.
12. E resolveu enviar um terceiro; ferindo também este, expulsaram.
13. Disse então o senhor da vinha: Que farei? Enviarei meu filho amado; este, provavelmente, respeitarão.
14. Os lavradores, porém, vendo-o, racionavam entre eles: este é o herdeiro; matemo-lo para que a herança se torne nossa.
15. E lançando-o fora da vinha, mataram. Que fará a eles o senhor da vinha?
16. Virá e perderá esses lavradores, e entregará a vinha a outros". Ouvindo, porém, disseram: Não se faça!
17. Ele, contudo, olhando-os, disse: "Que é, então, este escrito: Uma pedra que os construtores recusaram, essa transformou-se em ca-

- | | | |
|--|---|---|
| <p>leste nas Escrituras: Uma pedra que os construtores reprovaram, essa se transformou em cabeça de ângulo; ela foi transformada pelo senhor e é maravilhosa a nossos olhos?</p> <p>44. (E o que cai sobre essa pedra, será contundido; sobre quem ela cair, ela o penejará)."</p> <p>43. Por isso digo-vos que será tirado de vós o reino de Deus e será dado a um povo que faz os frutos dele.</p> <p>45. E ouvindo os principais sacerdotes e fariseus as parábolas dele, compreenderam que falou a respeito deles,</p> <p>46. E procurando apoderar-se dele, temeram o povo, porque o considerava profeta.</p> | <p>ângulo,</p> <p>11. ela foi transformada pelo senhor e é maravilhosa a nossos olhos"?</p> <p>12. E procuravam apoderar-se dele, e temeram o povo, pois sabiam que a respeito deles disse a parábola. E deixando-o, retiraram-se</p> | <p>beça de ângulo?</p> <p>18. Todo o que cair sobre a pedra, se contundirá; sobre quem ela cair, ela o penejará.</p> <p>19. E procuravam os escribas e principais sacerdotes pôr as mãos sobre ele, na mesma hora, e temeram o povo; pois sabiam que para eles disse esta parábola.</p> |
|--|---|---|

A parábola, comum aos três sinópticos (como a do "Semeador"), inicia com uma frase de Isaías (5:1-2), em que o profeta descreve a nação israelita como uma vinha cultivada por YHWH. Esse início esclarece com clareza insofismável que a parábola se referia aos judeus. A frase de Isaías é citada, por Mateus, literalmente.

Uma vez plantada a vinha, foram providenciadas as defesas e utilidades: a palissada em volta, para defendê-la contra as inundações das chuvas hibernais; o lagar (lat. tórcular, gr. *lênós*, hebr. *yéqêb*), que consistia numa pedra com inclinação, cavando-se, em planos mais baixos, locais para onde escorria o vinho que depois fermentava; a torre servia para que os encarregados da vinha pudessem subir para vigiá-la: era a torre de vigilância.

Tudo preparado, o proprietário entregou a vinha a um grupo de lavradores, para que a cuidassem, e fez longa viagem fora do país (*apedêmêsen*, de *apodêômô*).

Na época da vindima, manda buscar "sua parte nos frutos", o que significa pretender receber não em dinheiro, mas *in natura*.

Ocorre que todos os servos que envia são mal recebidos, espancados e até mortos. A alusão também se torna explícita: os profetas enviados por YHWH, dono da vinha (Israel) regressavam de mãos vazias, e muitos sofreram ofensas, pancadas e até a morte (cfr. Elias, Eliseu, Jeremias, Daniel, Zacarias e até o Batista).

Daí Jesus passa a falar de si: por último, manda seu filho querido, dizendo: "a este respeitirão".

Na alegoria parabólica pode admitir-se. Na vida real, porém, é comportamento inconcebível. Se o proprietário tem força para castigar os lavradores, como o fez mais tarde, por que mandar o filho sozinho, e não com uma escolta para defendê-lo?

Os lavradores, que já se supunham donos da vinha (como o clero se julga dono da igreja e os sinédritas se achavam donos de Israel), decidem matar o herdeiro, para legitimar a posse dos bens materiais. Matam-no e jogam o cadáver fora do cercado da vinha (Marcos). Em Mateus e Lucas, o filho é morto

já fora, o que pode explicar-se pelo fato de ter Jesus sofrido a crucificação "fora da porta de Jerusalém" (Hebr. 13:12) ou então por influência do que ocorria com o "bode expiatório", ou ainda do sucedido a Naboth (1.º Reis, 21:13), que foi levado fora da vinha e lapidado. Parece, pois, que a lição original é a de Marcos.

Esta foi a primeira vez que Jesus falou em Seu sacrifício perante o público, fora do círculo restrito de Seus discípulos.

À pergunta: "Que fará o dono da vinha aos lavradores" temos, em Mateus, a resposta dada pelos ouvintes; em Marcos e Lucas, dada pelo próprio Jesus. Agostinho (*Patrol, Lat.* vol. 34, col. 1142/3, "De consensu") preocupa-se com essa divergência e dá uma explicação que não satisfaz, dizendo que "sendo os discípulos membros de Jesus, as palavras deles Lhe podem ser atribuídas" (*mérito vox illorum illi tribueretur, cujus membra sunt*). Ora, não vemos importância maior em que a resposta seja colocada na boca deste ou daquele, pois se trata de simples questão de estilo literário.

O teor da resposta é óbvio e lógico: o dono da vinha castigará aqueles lavradores e entregará a vinha a outros honestos.

Lucas introduz um protesto popular, com uma expressão muito comum em latim ("*absit!*") e em grego ("*mê génoito!*"), que poderíamos dar com uma expressão bastante corrente entre nós: "Deus nos livre!".

Mas a alegoria foi tão clara, que todos os fariseus e sacerdotes perceberam que se referia a eles, embora não pegassem o sentido daquele "Filho que foi assassinado", pois jamais aceitariam que esse fosse Jesus. Nunca admitiriam que um operário-carpinteiro, que não pertencia ao clero sacerdotal "escolhido", pudesse ser enviado divino, tal como hoje o Vaticano não aceitaria, em hipótese alguma, um leigo, fora de seu quadro religioso, como emissário divino. Bastaria citar uma Joana d'Arc, um Lutero, um Giordano Bruno, e a lista cresceria muito mais. O clero (basta dizer que a palavra "clero", que eles se atribuem, significa exatamente "escolhidos") é sempre idêntico em todas as religiões, em todos os climas, em todas as épocas: são os "donos" de Deus, os únicos que sabem, que podem, que mandam ... Até que a vinha passe a outras mãos. Como a vaidade humana destrói as criaturas!

* * *

Mas o Mestre não pára aí. Prossegue na lição, com um adendo que confirma Sua parábola.

Por isso indaga ironicamente se eles "nunca tinham lido" as palavras do Salmo (117:22-23). Fazendo parte do *hallel*, haviam sido elas oficialmente cantadas dois dias antes.

Aqui traduzimos literalmente: "uma pedra (em grego sem artigo) que os construtores recusaram, essa se transformou em cabeça de ângulo". A expressão hebraica é '*eben pinnâh*'; o grego a exprime de diversas formas: *lithos gôniaíos* ("pedra angular"), *akrogôniaíos* ("ponta de ângulo") ou *kephalê gônias* ("cabeça de ângulo", como aqui). Aparece no Antigo Testamento em Job (38:6), em Isaías (28:16) e no Salmo citado; no Novo Testamento nestes três Evangelhos e mais em Atos (4:11), na carta aos Efésios (2:20) e na primeira de Pedro (2:6-7).

Depois Jesus continua citando livremente (cfr. Is. 8:14-15 e 28:15 e Dan. 2:32-35): "o que cai sobre essa pedra, será contundido; sobre quem ela cair, ela o peneirá (*likmêsei*, de *likmâô*). As traduções correntes interpretam: "esmagará", mas o verbo tem sentido preciso: "peneirar", para que o vento carregue a palha e fique, sobre a peneira, apenas o grão.

Para lhe dar sequência ao pensamento, sem interrupções, invertamos a ordem dos versículos de Mateus, colocando o 44 antes do 43, concordando a ordem do texto com os de Marcos e Lucas.

No final, em Mateus, Jesus diz taxativamente: "Por isso será tirado de vós o Reino de Deus, e será dado a um povo que faz os frutos dele". O mesmo evangelista acrescenta (sem necessidade) que os sacerdotes e fariseus compreenderam que se referia a eles. Mas se foi dito categoricamente isso mesmo!

Todos os comentaristas concordam quanto à clareza meridiana da interpretação alegórica, dada pelo próprio Mestre, de que a autoridade hierática passaria dos judeus aos cristãos, chegando Jerônimo

(*Patrol. Lat.* vol. 26, col. 158) a escrever: *Locata est autem nobis vinea, et locata ea conditione, ut reddamus Domino fructum temporibus suis, et sciamus unoquoque tempore quid oporteat nos vel loqui vel facere*, isto é: "foi-nos arrendada, pois, a vinha, e arrendada com a condição de darmos ao Senhor o fruto nas épocas próprias, e de sabermos em qualquer tempo o que tenhamos que falar e que fazer".

Essa a evidente intenção do ensino para as personagens terrenas, para os sacerdotes de todas as épocas e nações, quando se arrogam a prerrogativa de serem os únicos privilegiados, com tal prestígio diante de Deus, que o Criador tem que pedir-lhes licença e obter o *nihil obstat* antes de agir entre os homens!

Mas há outras lições a transparecer da parábola, com grande clareza. Vejamos, inicialmente, no âmbito restrito da criatura humana.

O dono da vinha é o Espírito que planta, cerca, prepara, aprimora um corpo físico para, por meio dele, extrair frutos para seu aprendizado e sua evolução. Uma vez tudo pronto, entrega a vinha aos cuidados da personagem, sob o comando do intelecto, e ausenta-se para longa viagem a outro país, isto é, recolhe-se a seu plano, deixando que o intelecto dirija toda a produção dos frutos por sua conta.

No entanto, nas épocas próprias, o Espírito deseja recolher a parte que lhe toca dos frutos produzidos, e para isso manda mensageiros preparados, "cobradores" das dívidas cármicas, que vão experimentar se conseguem dobrar e comover o lavrador ao qual foi confiada a vinha.

Mas, não tendo havido progresso, esses obsessores (encarnados ou desencarnados) que se lhe aproximam e lhe entram no círculo ambiental, do parentesco ou das amizades ou da aura espiritual, ainda são repelidos com rebeldia e insubordinação. Outros e mais outros vão chegando, e por vezes cresce a irritação. Por vezes, não satisfeito com o maltrato infligido aos afins encarnados ou aos estranhos que encontra, chega até o homicídio.

O senhor da vinha, o Espírito, verifica que a personagem por ele criada e o intelecto a que a confiou, não tem condição de recuperação. Não atende às lições que lhe foram ensinadas: "ama a teu próximo como a ti mesmo" (Mat. 19:19); "harmoniza-te com o adversário enquanto estás no caminho com ele" (Mat. 5:25); "perdoa setenta vezes sete" (Mat. 18:22); "ama teus inimigos" (Mat. 5:44), etc. etc.

Ainda uma tentativa será feita: o Espírito enviará seu próprio filho amado, sua própria Mente, por meio de fortes intuições, de remorsos, por vezes até de quadros mentais e vozes que surgem, para chamar o intelecto à razão.

Mas, empedernido em sua maldade, ambiciosa e crente de que poderá tornar-se eterno como o Espírito, herdando a vida (a "vinha") que, de fato, não lhe pertence, mas apenas lhe foi confiada, a personagem expulsa de si mesmo todas essas vozes incômodas e mata-as, para procurar apoderar-se da vida.

Quando vê que tudo está perdido, o Espírito resolve solucionar pessoalmente o caso. Regressa, pois, junto dessa personagem e perde-a, fazendo-a desfazer-se pela "morte", para então entregar a vinha a outros lavradores: a outro intelecto, com a esperança de conseguir, então, colher os frutos de que necessita para seu progresso.

Embora totalmente nova e original, essa interpretação parece-nos válida, e confirma amplamente a doutrina da REENCARNAÇÃO, inclusive o processo utilizado pelo Espírito para plasmação das personagens que lhe são necessárias; o afastamento que o Espírito opera para deixar que a personagem tenha liberdade de ação, de tal forma que, os que ainda não se uniram ao Espírito, têm até dificuldade em reconhecê-lo e acreditam que seu verdadeiro EU seja apenas o eu personalístico; e deixa mesmo entrever a suposição de que, se a personagem, numa vida, conseguiu produzir para o Espírito, frutos opimos e valiosos, este poderá fazê-la reencarnar de novo, uma e mais vezes, a fim de aproveitar-lhe ao máximo as qualidades já desenvolvidas anteriormente.

Tentemos, agora, uma interpretação mais ampla, nos domínios dos símbolos.

A VINHA (cfr. vol. 1) representa a "sabedoria espiritual", ou seja, a interpretação simbólica dos ensinamentos dados. Então, a plantação da vinha exprime os ensinamentos superiores, cuidadosa e carinhosamente ministrados por Mensageiro Divino, com todas as atenções dispensadas aos pormenores: a palissada em volta, a fim de evitar penetração das águas (interpretações puramente alegóricas) vindas de fora; o lagar, onde a uva do conhecimento deve ser pisada, para dela extrair-se o vinho da sabedoria, abandonando sob os pés o bagaço da erudição; os poços (corações) onde deve a sabedoria ser guardada para fermentar pela meditação; e a torre de vigilância, onde o discípulo possa permanecer desperto, sem dormir, nas observações de tudo o que ocorre, para não se deixar surpreender por ataques inopinados e traiçoeiros que poderiam derrubá-lo.

Uma vez tudo pronto, os discípulos são deixados sós, a fim de executar, isto é, de VIVER os ensinamentos que receberam. Têm tudo perfeito e pronto: resta ver se renderão os frutos que deles se esperam.

De tempos a tempos chegam Mensageiros Superiores, para arrecadar os frutos que a Escola devia ter produzido.

Mas infelizmente ocorre que as Escolas todas sofrem do mesmo mal das criaturas que as constituem: entram em decadência. "A resistência de uma corrente se mede pelo elo mais fraco". E os Mensageiros não são reconhecidos, por falta de capacidade dos discípulos ...

Estamos vendo que esta interpretação coincide, em parte, com a que é emprestada à parábola, mas em nível mais amplo e mais elevado: não mais se trata de poder físico, da constituição material eclesiástica de Israel ou do cristianismo, e sim do sistema doutrinário, dos princípios sapienciais.

Realmente Israel recebeu a vinda (a sabedoria); mas a interpretação que lhe foi dada foi literal (pedra), ou no máximo alegórica (água), não conseguindo manter a simbólica (vinha).

O Cristo diz que a vinha será dada a outro povo. Todos interpretam como sendo o Cristianismo. E é. Mas ocorre que três séculos depois da partida de Jesus (o Espírito), o verdadeiro cristianismo (arianismo) foi violenta e sanguinariamente massacrado pelo que se intitulou "catolicismo romano", e tudo voltou ao mesmo ponto anterior em que estavam os judeus: interpretação literais ou no máximo alegóricas. A sabedoria simbólica, o ensino espiritual e profundo, desapareceram. E o catolicismo passou a agir talqualmente o judaísmo: feriu, martirizou, ofendeu e matou todos os Emissários divinos que lhe vieram para cobrar os frutos dos ensinamentos simbólicos. Quando qualquer desses Mensageiros Celestes encarnados na Terra tentavam abrir-lhe os olhos e relembrar-lhe os ensinamentos profundos, as fogueiras da Inquisição ("santa!") sufocavam-lhes a voz, o fogo queimava-lhes as carnes, "para maior glória de Deus"!

De tempos a tempos, "sempre que há um enfraquecimento da Lei e um crescimento da ilegalidade por todas as partes, ENTÃO EU me manifesto. Para salvação do justo e destruição dos que fazem o mal, para o firme estabelecimento da Lei, EU volto a nascer, idade após idade" (Bhagavad Gita, 4:7-8): é o FILHO AMADO que volta à Terra, para restabelecer os ensinamentos simbólicos da Lei.

Por isso encontramos as encarnações sublimes de Hermes, de Krishna, de Gautama, de Pitágoras, de Jesus o Cristo e, mais recentemente, de Bahá'u'lláh e de Gandhi, todos "Filhos Amados", além de talvez outros de que não temos conhecimento.

Mas todos são perseguidos e quase sempre assassinados. Não pelo povo, mas exatamente pelo clero, pelos sacerdotes, pelas autoridades eclesiásticas, justamente por aqueles que tinham o dever de recebê-los, de reconhecê-los, de acatá-los e beber-lhes as lições, honrando-os como Filhos do Dono da Vinha!

Quando terá a humanidade suficiente evolução para agir certo?

* * *

Mas a segunda parte traz outros esclarecimentos.

"Uma pedra, que foi recusada pelos construtores, transformou-se em cabeça de ângulo" - ou seja, um trecho literal, que não foi compreendido e foi mal interpretado (rejeitado) pelos construtores, isto é, pelos exegetas e autoridades, esse é transformado em base para construção futura do edifício evolutivo.

vo, como "chave mística" para o crescimento espiritual da criatura. Por exemplo: todos os textos comprobatórios da reencarnação, rejeitados pelas autoridades eclesiásticas da igreja de Roma, já se tornaram hoje pedra angular, quase a ponto de serem comprovados cientificamente ...

"Essa transformação é operada pelo Senhor", pelo Espírito, o senhor da vinha, e é coisa que "se torna admirável a nossos olhos".

O chocar-se contra essa pedra, que se tornou "cabeça de ângulo", isto é, o combater as interpretações simbólicas e místicas, extraídas da primitiva pedra simples, contunde, machuca, os opositores. Mas se a interpretação nova cair sobre as criaturas, essa interpretação as peneirá. Realmente, a nova interpretação tem por objetivo peneirar os discípulos, deixando que o vento carregue os imaturos, os incapazes, os de má-vontade, ficando aproveitados aqueles que estiverem aptos para entender e praticar os ensinamentos apresentados com as interpretações novas.

Aí temos, pois, uma previsão de que os próprios trechos literais, os fatos narrados, as parábolas, tudo o que ficou cristalizado na letra das Escrituras, deve ser transformado pelo Espírito em "cabeças de ângulo", com interpretações profundas, pois só assim poderão produzir frutos na época própria.

Por isso não tememos fazer essas interpretações, inteiramente novas, que vimos fazendo nesta obra. São tentativas de transformar as pedras rejeitadas em cabeças de ângulo.

Com isso, estamos tentando a seleção dos seres que, de futuro não muito longínquo, deverão receber o Cristo de volta entre nós, quando Sua Santidade o Espírito se dignar atender aos chamados que ansiosamente todos Lhe fazemos, repetindo com o Apocalipse (22:20): "Vem, Senhor Jesus"! E também estamos tentando preparar as criaturas, já amadurecidas, para receber de volta o Cristo QUE NASCERÁ NELAS MESMAS. Essas criaturas que, sequiosas de Espírito, repetem as palavras proféticas do Vidente de Patmos. "Vem, Senhor Jesus"!

A MOEDA DE CÉSAR

Mat. 22:15-22

Marc. 12:13-17

Luc. 20:20-26

15. Indo, então, os fariseus, tomaram conselho como o embarçariam numa doutrina.
16. E enviaram os discípulos deles com os herodianos, dizendo: Mestre, sabemos que és verdadeiro e ensinas o caminho de Deus em verdade, e não te importas de ninguém, pois não olhas os rostos dos homens.
17. Dize-nos, então, que te parece: é lícito dar o tributo a César ou não?
18. Conhecendo, porém, Jesus, a malícia deles, disse: "Por que me tentais, hipócritas?"
19. Mostrai-me a moeda do tributo". Eles trouxeram-lhe um denário.
20. E disse-lhes: "De quem é a imagem e a inscrição"?
21. Disseram-lhe: "De César"; Então disse-lhes: "Devolvi, pois, o de César, a César, e o de Deus, a Deus".
22. E ouvindo, admiraram-se e, deixando-o, retiraram-se.
13. E enviaram a ele alguns dos fariseus e dos herodianos, para que o embarçassem numa doutrina.
14. E vindo, disseram-lhe: "Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te importas de ninguém, pois não olhas os rostos dos homens, mas ensinas o caminho de Deus em verdade; é lícito dar o tributo a César ou não? Damos, ou não damos?"
15. Vendo ele, porém, a hipocrisia deles, disse-lhes: "Por que me tentais? Trazei-me um denário para que (o) veja".
16. Eles trouxeram. E disse-lhes: "De quem é esta imagem a inscrição"? Eles disseram-lhe: De César.
17. Então Jesus disse-lhes: "O de César, devolvi a César, e o de Deus, a Deus". E admiraram-se dele.
20. E observando, enviaram (pessoas) desleais, que fingiam ser justos, para embarçá-lo em doutrina dele, de forma que pudessem entregá-lo ao governo e ao poder do procurador.
21. E interrogaram-no, dizendo: "Mestre, sabemos que falas certo e ensinas, e não observas o rosto, mas ensinas em verdade o caminho de Deus:
22. é-nos lícito dar o tributo a César, ou não?
23. Subentendendo, porém a astúcia deles, disse-lhes:
24. "Mostrai-me um denário. De quem tem a imagem e a inscrição"? Eles disseram: De César.
25. Ele disse-lhes: "Então devolvi o de César a César, e o de Deus a Deus".
26. E não puderam apanha na palavra dele diante do povo; e admirados pela resposta dele, calaram-se.

Tal como já lemos em Mateus (12:14), o Sinédrio reuniu-se em Conselho (*syμβόλιον ἐλάβον*), para estudar o melhor modo de embarçar Jesus, obrigando-O a pronunciar-Se de tal forma, que pudesse ser apanhado em armadilha, para ser condenado. A embaixada oficial do Sinédrio (fariseus, escribas e anciãos) fora posta fora de combate, com a resposta a respeito do poder de Jesus e, logo a seguir, com a alusão clara à perda do cetro religioso por parte dos judeus. Reúnem-se, então, e resolvem pegá-Lo numa emboscada que lhes pareça infalível. Mas eles mesmos não podiam voltar, porque já eram conhecidos de Jesus e do povo. Que fazer?

Resolveram mandar pessoas desconhecidas. Escolheram discípulos seus (*talmidê hakhâmim*), que seriam acompanhados por herodianos, que poderiam acusar logo que fosse proferida qualquer palavra

ofensiva aos dominadores romanos. Eram chamados "discípulos dos fariseus" os que cursavam a Escola Rabínica, antes de obter o título final de "Rabino" (ou *Rabbi*). Os herodianos eram judeus fiéis a Herodes, que muita questão faziam de unir-se aos romanos, aplaudindo-os, embora os não suportassem, só para não perderem as posições conquistadas. Os fariseus eram inimigos dos herodianos, que eles desprezavam, mas decidiram unir-se a eles, para terem testemunhas insuspeitas perante as autoridades romanas.



Figura "A MOEDA DO TRIBUTO" – Desenho de Bida, gravura de A. Mouilleron

Com efeito, a reunião chegara a esse resultado: era necessário preparar-Lhe uma armadilha tal, que O apanhassem de qualquer forma. Os verbos empregados *pagideúsôsín* (Mateus e Lucas) e *agreúsôsín* (Marcos) pertencem ao vocabulário de caça: "apanhar em armadilha ou laço" (*pagís*). Para isso, era mister que Jesus firmasse uma doutrina (*lógos*) que O comprometesse perante o procurador romano (*hêgemôn*, como em Mat. 27:2 e At. 23:24, 26), ou perante Seus seguidores.

A pergunta foi escolhida com cuidado e os emissários bem treinados.

Apresentaram-se respeitosos e dirigiram-se a Jesus dando-Lhe o título de Mestre, no sentido de "professor" (*didáskale*), fazendo um preâmbulo bem preparado, em que elogiavam exatamente Sua franqueza e honestidade doutrinária, Sua coragem e desassombro diante de todos, não "olhando os rostos", isto é, não tendo "respeitos humanos", sem ligar à posição social, aos cargos, à riqueza, etc.; de tudo isso sobejas provas havia.

Embora todos os judeus pagassem os impostos e tributos aos romanos, faziam-no a contragosto. Judas o Gaulanita já pregara abertamente contra os tributos exigidos por Quirinius (cfr. Flávio Josefo, Ant. Jud. 18, 1, 1 e Bell. Jud. 2, 8, 1 e 17, 8) dizendo que isso constituía crime de lesa-majestade contra a

soberania única de Deus. Não deviam os judeus pagar tributos aos homens, mas apenas o Templo tinha direito de cobrá-los, porque era a representação de Deus.

A questão, portanto, foi sobre a *liceidade* do pagamento do tributo. Que eram obrigados a pagar, não havia dúvida. Mas diante da consciência, era lícito? Dizer SIM, incompatibilizaria Jesus com todos os judeus, que o desacreditariam como o messias. Dizer NÃO era a condenação certa como revoltoso contra Roma, e lá estavam os herodianos para testemunhar contra Ele.

A pergunta foi feita de forma a só poder ter duas respostas: *sim* ou *não*. Impossível escapar: "é-nos lícito dar o tributo a César, ou não? Damos ou não damos"?

Jesus percebe a malícia e o declara: "por que me tentais, hipócritas"?

Começa, então, a preparar a resposta, numa dialética perfeita. Pede uma prova concreta: quer ver a moeda do tributo (e aqui se percebe a ironia).

As "regras do jogo" exigiam que, mesmo se Ele a tivesse consigo, devia pedir que a prova fosse trazida pelos adversários. Trouxeram-na.

Vem a segunda investida. Jesus estava farto de saber que a imagem ou efígie (*eikôn*) era de César, assim como a inscrição (*epigraphê*). Mas ainda aqui era preciso que eles o dissessem. E disseram: "é de César". Jesus os tinha na mão: o adversário confessava que a moeda do tributo (o denário) era romana. Tudo estava pronto para a resposta. E Jesus calmamente conclui:

- Então devolvi o que é de César a César, e o que é de Deus, a Deus!

Traduzimos *apódote* por "devolver", sentido real, sem dúvida muito melhor que o dai das traduções correntes.

Com essa resposta, que nenhum deles esperava, Jesus estabeleceu irrecusavelmente a doutrina do respeito à autoridade civil legitimamente constituída, tema que seria desenvolvido mais tarde por Paulo, na carta aos romanos (13:1-8).

Anotemos que a palavra *alêthês* ("verdade") é empregada, nos sinópticos, apenas neste trecho, embora João a use com larga frequência. Também o termo de Marcos (*agreúsôsin*) é hápax neotestamentário.

Diante dessa resposta, os emissários "murcharam" e não mais puderam abrir a boca. Mas intimamente admiraram Sua sabedoria. E retiraram-se, olhando uns para os outros ...

Só tinham mais um recurso: era confiar a missão aos saduceus, que tentariam ver se O confundiam. Vê-lo-emos no próximo capítulo.

Perfeitas todas essas deduções. Procuremos meditar.

A "moeda do tributo", cunhada no metal, representa o corpo humano, moldado em células de matéria orgânica. Tem, pois, a efígie de seu possuidor, e seu nome em epígrafe. Ora, se o corpo possui gravado a imagem da personalidade, é porque pertence a ela, e a esse corpo devem ser prestados os serviços de que ele carece. Nada do que lhe pertence deve ser-lhe negado.

No entanto, o Espírito, "partícula" divina, tem sua parte. E não será lícito prejudicar um em benefício do outro. Nem tirar de César (do corpo) para dar ao Espírito, nem tirar de Deus (o Espírito) para dar ao corpo.

A divisão é nítida: devolver ao corpo tudo o que este nos tiver dado de experiências e lições, e tratá-lo com o cuidado de que necessitar. Mas sem lesar a parte devida ao Espírito.

Daí o equilíbrio indispensável em nosso comportamento, sem exageros nem para um lado nem para o outro. Porque, no final das contas, o Espírito é que se condensou no corpo: a autoridade divina é que se manifesta em César.

Outra lição que podemos aprender, refere-se aos grupos. Muito comum que se misturem negócios de César nos setores divinos. Em outros termos, que as instituições espiritualistas se fundamentem no reinado de César.

Lógico que, estando num planeta material, cujo valor de troca é a moeda de César, as organizações espiritualistas necessitem dessa parte para atuar no mundo. Mas pensamos- salvo erro - que essa parte deva ser conquistada "com o suor do rosto", e não constituída apenas pelo resultado de apelos e doações. Daí acharmos que todas as agremiações que tratam do Espírito deveriam possuir a látere uma indústria puramente comercial que sustentasse a obra, onde trabalhariam dando seu tempo e seu esforço os dirigentes da obra, mas sem que houvesse mistura de uma em outra (1).

(1) Pondo em prática esse pensamento, dirigimos, para sustentar nossas publicações, a revista, etc., uma Agência de Publicidade, cujo lucro reverte para cobrir o déficit das edições. O mesmo ocorre, por exemplo, com o "Lar Fabiano de Cristo", que sustenta milhares de crianças através da CAPEMI (Caixa de Pecúlio dos Militares-Beneficente), onde os diretores de ambas trabalham sem perceber nenhum salário.

A idéia de "fazer caridade" na dependência da "caridade" dos outros, pode ser cômoda e até pode estar certa. Mas não "sentimos" assim, por acharmos que, da mesma forma que, com nosso trabalho provemos a alimentação física de nossos filhos, também com nosso trabalho devemos prover a alimentação espiritual de nossos irmãos.

* * *

Mas cremos que a lição principal é puramente simbólica e mística, não literal nem alegórica.

Vimos que a moeda, que tem duas faces, traz o cunho de uma personalidade: a efígie que retrata a criatura que foi plasmada pelo Espírito. Além da efígie aparece a inscrição (epígrafe), com o nome atribuído a essa personagem no curso da evolução no planeta Terra.

Ora, a personagem é a condensação do Espírito, e o representa na Terra, tal como a moeda é a condensação de um valor convencional, garantido pela autoridade e poder da pessoa cuja imagem nela se encontra gravada. E tal como a moeda passa de mão em mão, sempre adquirindo benefícios para quem a possui, assim a personagem vai de contato em contato, comprando experiências para o Espírito, que a criou e possui .

O valor da moeda, convencional, está inscrito nela. Assim o valor do Espírito também se encontra manifesto na personagem: ora elevado, ora baixo. De acordo com a evolução do Espírito, assim será o valor gravado na personagem. Daí podermos avaliar mais ou menos um, pela expressão do outro.

Lógico que a moeda não é César, mas o representa. Assim, embora sendo a condensação do Espírito, a personagem não é ele, mas apenas o representa, materializado no mundo.

Temos, então, três graus, sobre os quais fala o Mestre: a moeda, César e Deus. Assim também temos três graus nessa simbologia: a personagem, a individualidade e o Deus-Imanente-Transcendente.

A moeda, em si mesma, nada vale, pois seu valor é somente convencional e transitório, tal como as personagens humanas, que como meteoros passam sobre a Terra, muitas vezes atribuindo-se um valor que não possuem absolutamente ... A individualidade (César) tem valor bem maior pois constitui a garantia subjacente do valor da moeda (personagem). À individualidade devemos restituir aquilo que lhe pertence: as experiências adquiridas, o aprendizado conquistado. Mas o Supremo Bem, a Verdade total, e a Beleza Perfeita, Deus, jamais pode ser omitido.

Vale a moeda (personagem) só enquanto tem, entre os homens, o curso garantido pela individualidade eterna. Mas o que valoriza esta é a Centelha Divina, que a sustenta, constituindo-lhe a essência profunda.

Compreendemos, portanto, a lição nesse sentido muito mais amplo, nesse nível muito mais elevado. É mister que jamais deixemos de devolver, por meio da personagem (moeda) o tributo devido à indivi-

dualidade (César) e o tributo devido a Deus: vida espiritual absoluta, na qual a personagem terrena (moeda) simboliza apenas o "meio-de-troca" ou a expressão-do-tributo.

A RESSURREIÇÃO

Mat. 22:23-33

Marc. 12:18-27

Luc. 20:27-39

23. Naquele dia chegaram a ele uns saduceus, dizendo não haver ressurreição, e perguntaram-lhe,
24. dizendo: Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, o irmão dele casará com a mulher dele e ressuscitará a semente de seu irmão.
25. Ora, havia sete irmãos, entre nós, e o primeiro, casado, morreu, não tendo semente, e deixou a mulher dele a seu irmão.
26. Igualmente o segundo e o terceiro, até o sétimo.
27. Depois de todos, morreu a mulher.
28. Na ressurreição, pois, de qual dos sete será a mulher? Pois todos a tiveram.
29. Respondendo, porém, Jesus disse-lhes: "Enganai-vos, não sabendo as Escrituras nem a força de Deus,
30. pois na ressurreição nem se casam nem se dão em casamento, mas são como os anjos no céu.
31. Quanto, porém, à ressurreição dos mortos, não lestes o dito pelo Deus a vós, dizendo:
32. Eu sou o Deus de Abraão, e o Deus de Isaac, e o Deus de Jacó? Não é o Deus de mortos, mas de vivos".
33. E ouvindo, as multidões
18. E chegaram uns saduceus a ele, os quais dizem não haver ressurreição, e perguntaram-lhe, dizendo:
19. Mestre, Moisés escreveu-nos que se algum irmão morrer e deixar mulher e não deixar filho, que o irmão dele tome a mulher e suscite uma semente para seu irmão.
20. Havia sete irmãos; e o primeiro tomou mulher e, morrendo, não deixou semente.
21. E o segundo tomou-a e morreu e não deixou semente; e o terceiro igualmente.
22. E os sete não deixaram semente. Por último de todos também a mulher morreu.
23. Na ressurreição, de qual deles será a mulher? Pois os sete a tiveram como mulher.
24. Disse-lhes Jesus: "Não é por isso que vos enganais, não sabendo as Escrituras nem a força de Deus?
25. Pois quando ressuscitarem dos mortos, nem se casarão nem se darão em casamento, mas são como anjos nos céus.
26. Mas quanto aos mortos que se reerguem, não lestes no livro de Moisés, na sarça, como lhe disse Deus: Eu sou o Deus de Abraão, o
27. Chegando, porém, alguns dos saduceus, que negavam haver ressurreição, perguntaram-lhe,
28. dizendo: Mestre, Moisés nos escreveu: se algum irmão morrer tendo mulher e esse seja sem filho, que o irmão dele tome a mulher e suscite a semente a seu irmão.
29. Havia, pois, sete irmãos, e o primeiro tomou mulher e morreu sem filho,
30. e o segundo
31. e o terceiro tomaram-na, e igualmente os sete não deixaram filhos e morreram.
32. Por último também a mulher morreu.
33. Na ressurreição, pois, a mulher de qual deles se tornará esposa? Pois os sete a tiveram como mulher.
34. E disse-lhe Jesus: "Os filhos deste eon casam-se e dão-se em casamento,
35. mas os dignos de participar daquele eon e da ressurreição dos mortos, nem se casam nem se dão em casamento,
36. pois já nem podem morrer, pois são quais anjos e são filhos de Deus, sendo filhos da ressurreição.
37. Que os mortos se reerguem, também Moisés revelou na sarça, como disse: O senhor

maravilhavam-se acerca do ensino dele.

Deus de Isaac, o Deus de Jacó?

Deus de Abraão, e Deus de Isaac, e Deus de Jacó.

27. Não é um Deus de mortos, mas de vivos: muito vos enganais”.

38. Deus, contudo, não é de mortos, mas de vivos, pois, para ele, todos vivem”.

39. Respondendo, porém, alguns dos escribas disseram: Mestre, falaste bem!

Chegou a vez dos saduceus. Salomão (cfr. 1.º Reis, 2:35) constituiu Sadoc (*Zadok*) sacerdote. Era da tribo de Levi. E seus descendentes assim ainda se mantiveram, como atesta Ezequiel (40:46) fiéis a YHWH, para servi-lo. Quando foram condenados outros elementos e famílias levitas, YHWH abriu uma exceção para os saduceus: "mas os sacerdotes levitas, filhos de Sadoc, que cumpriram as funções prescritas de meu santuário, quando os filhos de Israel se desviaram de mim, esses se chegarão a mim para servir-me" (Ez. 44:15). Já no tempo de Jesus estava bem firmado o partido político-religioso dos saduceus, que constituíam a aristocracia sacerdotal entre os judeus, dificilmente "descendo" a discutir com a plebe: os doutores, fariseus e anciãos é que agitadamente tomavam a si essa tarefa.

A questão proposta ao Rabi Nazareno era, provavelmente, velha objeção jamais solucionada, e argumento irrespondível, quando apresentado aos fariseus e doutores para combater a "ressurreição". Strack e Billerbeck (o.c. t.3, pág. 650) cita o Tratado *Jebannoth* (4, 6b, 35) que traz um desses "casos": eram treze irmãos, sendo doze casados, mas todos estes morrem sem filhos; o décimo terceiro recebe as doze viúvas e fica, com cada uma, um mês do ano; após três anos, está com trinta e seis filhos. Eram "casos" que visavam a demonstrar o "absurdo" da ressurreição.

Os casos citados prendem-se à chamada "Lei do Levirato" (Núm.25:1-10): "Se irmãos moram juntos e um deles morrer e não tiver filhos, a mulher do defunto não se casará com gente estranha, de fora; mas o irmão de seu marido estará com ela, recebê-la-á como mulher fará a obrigação de um cunhado, com ela".

Chamamos a atenção do leitor para o que escrevemos atrás (vol. 6): o adultério só existia para as mulheres.

A questão foi proposta, e a resposta aguardada ansiosamente.

Sem alterar-se, diz-lhes Jesus que "não conhecem as Escrituras, pois quando os espíritos se erguem (ressurgem) abandonando os corpos cadaverizados, são COMO os anjos do céu: nem (os homens) se casam, nem (as mulheres) se dão em casamento". Essa resposta, porém, constituía uma afirmativa teórica, que podia ser aceita ou recusada de plano.

Sabendo disso, Jesus traz um argumento irrespondível, citando exatamente uma frase do Êxodo (3:6), pois os saduceus só aceitavam o Pentateuco como divinamente inspirado. Aí se encontra a palavra de YHWH: "Eu sou o deus de Abraão, o deus de Isaac, o deus de Jacob". Ora, os três já haviam morrido, para a Terra. No entanto, YHWH - afirma Jesus de acordo com a crença dos fariseus - não é um deus de mortos, mas de vivos.

A resposta foi tão inesperada e tão fantasticamente irretrucável, que os próprios escribas não puderam conter-se e elogiaram de público o adversário: "Mestre, falaste bem"!

Em Lucas há dois pormenores que chamam a atenção: "os filhos deste eon casam-se ... mas os *dignos de participar* daquele eon e da ressurreição dos mortos, não; pois nem mais podem morrer, sendo **QUAIS** anjos, filhos de Deus, já que são filhos da ressurreição".

O outro: "Não é Deus de mortos, mas de vivos, pois para ele, todos vivem".

Aprofundemos o estudo dentro do possível.

Aprendamos, primeiramente, a lição que nos é dada a respeito do reerguimento do espírito, após abandonar à terra seu corpo imprestável, na chamada "ressurreição dos mortos" (anástasis ek tōn nekrōn). Note-se, de passagem, que jamais fala o Novo Testamento em ressurreição DA CARNE invenção muito posterior; só fala em ressurreição "dos mortos", valendo esse DOS como ponto de partida, ablativo (em inglês from).

A distinção é feita com a palavra eon (aiōn), opondo-se este eon, ao que vem após, aquele eon: dois estágios da mesma vida contínua, eterna, indestrutível. Neste eon, mergulhados na matéria, há necessidade do uso de uniões sexuais para que se propague a humanidade, evitando o desaparecimento da espécie humana. Imperativo biológico, imposto pela natureza a todos os seres.

No entanto, alguns são dignos de participar daquele eon e da ressurreição dos mortos. Se só alguns são dignos, isto quer dizer quem nem todos o são, e por isso, nem todos ressurgem. Como seria isso?

Sabemos que a grande massa de catalogados como pertencentes à espécie hominal, na realidade ainda não atingiu plenamente esse estágio, pois se acha pouco acima da escala animal não racionalizada. São seres recém-saídos do reino animal, que "ainda não têm espírito" (Jud. 19), isto é, que ainda não tomaram consciência de serem espíritos, mas se julgam somente "o corpo". Estes, quando perdem esse corpo e o largam no chão da terra, permanecem adormecidos, (como os bichos), com vaga percepção de que existem, mas incapazes de pensar. Apenas "sentem" sensações (etérico) e emoções (astral). O intelecto não está ainda firmado independentemente. Por isso, vão e voltam de seguida, automaticamente, para reaver outro corpo, para o qual se sentem irresistivelmente atraídos. Isso ocorre com os animais já individualizados e com os seres humanos ainda animalizados, que constituem a imensa maioria da massa terrestre. Ainda "não são dignos", por incapacidade intelectual á evolutiva de verdadeiramente ressurgir, ou seja, de - fora da matéria poderem levar vida indepente, livre e consciente.

Não se trata, pois somente de dignidade moral, mas de capacidade evolutiva (kataxiōthéntes, de kataraiō, "julgo alguém digno de algo"). Ninguém pode ser digno de receber alguma coisa que não entenda.

Dessa forma não chegam a viver no plano astral: apenas vegetam, aguardando o novo e inevitável mergulho na matéria densa. E não "vivem"; mas continuam "mortos": então, não ressurgiram dos mortos! Incapacidade por atraso, por involução. Não são dignos por não terem aquele mínimo grau de evolução necessária.

Aqueles, todavia, que já alcançaram um grau evolutivo que os faça perceber seu novo estado no mundo astral; aqueles que despertam fora do corpo, consciente de si, e portanto vivem "naquele eon", esses "são dignos de ressuscitar": afastam-se, de fato, de seus cadáveres que debaixo da terra apodrecem, erguem-se (egeirō) realmente do meio dos outros "mortos", e penetram na vida espiritual semelhante à dos mensageiros divinos. Sabem que são filhos de Deus. Sabem que são homens ressuscitados ("filhos da ressurreição"). Sabem que jamais morrerão: estão vendo que não existe a morte. Sabem que não há necessidade, para eles, nesse novo estado, de uniões sexuais, e que todo amor é sentimento, mais que emoção. E sabem que o amor é a chave da vida. Preparam-se, então, para futuros encontros no planeta denso, para recomeçarem suas experiências de aprendizado ou de resgate.

A propósito, encontramos um trecho de um livro ainda inédito do Professor Pietro Ubaldi (cap. 16, "O Meu Caso Parapsicológico", da obra "Um Destino Seguindo Cristo"), que vem confirmar tudo isso. Escreveu ele:

"Nos primitivos não desenvolvidos no supraconsciente, ativos apenas no plano físico, a vida é somente a corpórea e a morte dá a sensação da anulação final, e é, por isso, olhada com terror. Mas isso não quer dizer que eles não sobrevivam. Mas sobrevivem caindo na inconsciência ou ficando com a capacidade de pensar apenas no nível do subconsciente animal, o faz realmente sofrer essa sufocante diminuição vital, que é o que torna terrível a morte. Extinto o cérebro, que era a zona dentro da qual estava limitada toda a consciência que o indivíduo possuía, mentalmente é como se este fosse finito, mesmo que sobrevivam em seu subconsciente resíduos de reminiscências terrestres. Para tais indivíduos, a vida é a do corpo no plano físico, por isso temem perdê-la e, perdida, a procuram, reencar-

nando-se para tornar a viver no plano físico deles, o único em que se sentem vivos. Pelo contrário, no indivíduo que alcançou desenvolvimento mental e nível de consciência psicocêntrico mais avançado que o normal, a sobrevivência da personalidade, após a morte, advém sem nenhuma perda de consciência, em estado lúcido, sem a sensação da anulação e da morte".

Prossigamos em nosso raciocínio: então, enquanto lá vivem, todos se sentem irmãos, amando-se profunda, sincera e fraternalmente, sem exclusivismos nem ciúmes. Que importa se a mulher pertenceu corporalmente aos sete? Não é mais de nenhum, pois aquele corpo que foi possuído, não mais existe: filha da ressurreição, imortalizada no amor universal, semelhante aos angélicos mensageiros do plano astral, compreende que a união de corpos é totalmente superada quando se perdem esses corpos.

O Mestre, entretanto, reforça sua lição, pois é preciso fixar categoricamente o princípio irrecusável da vida após a morte. E o texto trazido para comprová-lo, jamais fora utilizado pelos rabinos com essa interpretação espiritual. Mas é taxativo.

Quando Moisés, no Sinai, ouve a voz de seu espírito-guia, YHWH, (naquela época o espírito-guia era chamado "Deus", conforme vimos no vol. 5), ele deseja saber de quem se trata. E YHWH, sem zangar-se, identifica-se como sendo o mesmo espírito-guia "de teu pai (Amram), de Abraão, de Isaac e de Jacob". Não diz: "FUI o deus de" ... mas diz: "SOU o deus de" ... A diferença é sutil, mas filosoficamente importante: YHWH continua sendo o espírito-guia ou deus de Amram, de Abraão, de Isaac, e de Jacob. Então, eles continuam vivos! Quem se daria ao trabalho de querer guiar algo que deixou de existir (morreu)?

E o acréscimo de Lucas traz um impacto de grandiosidade magnificente e confortadora, numa das mais sublimes lições, que o Cristo jamais deu aos homens: "para Deus, todos vivem".

Vejamos o original: πάντες γὰρ αὐτοῦ ζῶσιν. Podemos interpretá-la de quatro maneiras diferentes:

- a) *"pois para ele (Deus) todos vivem (são vivos);*
- b) *"pois todos vivem para ele (Deus)";*
- c) *"pois todos vivem por ele (Deus)" - considerando-se o αὐτοῦ como dativo de agente; embora só seja este usado, em geral, com verbos na voz passiva no perfeito ou no mais que perfeito ou com adjetivos.*
- d) *"pois todos vivem nele (em Deus)" - caso em que teria que subentender-se a preposição en.*

Os dois primeiros significados são traduções literais, rigorosamente dentro da expressão original, sem nenhum desvio interpretativo; e como procuramos manter sempre o máximo de fidelidade ao original, usamos em nossa tradução o primeiro sentido, que é o mais fiel ao texto, inclusive quanto à ordem das palavras.

Há que penetrar, portanto, o significado do texto tal como chegou até nós. E, sem a menor dúvida, para Deus, que é a Vida substante a todas as coisas e a todos os seres, tudo o que existe partilha de Sua Vida, e logicamente vive. A morte seria o aniquilamento, isto é, a não-existência, o nada. E sendo Deus TUDO, o nada não pode coexistir onde o Tudo impera: teríamos que imaginar "buracos vazios" no Todo.

Então, o ensino é perfeito: "para Deus, todos vivem", não importa se revestidos de matéria pesada ou dela libertos em planos superiores de vibração. Este o sentido REAL da frase.

Mas esse mesmo sentido REAL é consentâneo com o ensino que se oculta nessa idéia: "todos vivem EM Deus". Se Deus é a substância última de tudo o que existe (pois só Ele É), concluímos licitamente que tudo existo NELE. Daí a exatidão da frase paulina: "pois todos vivemos nele", embora aí Paulo empregue a preposição: en αὐτοῦ γὰρ ζῶμεν (At. 17:28), a fim de que o sentido de sua frase não ficasse dúbio, como ficou no texto de Lucas (autor, aliás, tanto do Evangelho quanto dos Atos. Por que, num, teria usado a preposição e no outro a teria omitido?).

Terminada a exposição, procuremos penetrar SENTINDO a sublimidade do ensino, que deve ser sempre repetido, para não correr o risco de ser olvidado e para que aprofundemos dia a dia o alcance ilimitado de sua expressão.

Aprendamos que nossa vida, que se manifesta de fora, é a exteriorização da VIDA interna, que constitui, simplesmente, a expressão do Deus imanente em nós. Anotemos entretanto que não somos privilegiados, nós os humanos. Se a vida é comprovada pelo movimento intrínseco, tudo o que vive, se move por força intrínseca (a força divina); e o corolário brilha legítimo a nossos olhos: tudo o que se move por impulso íntimo, tem vida.

Se outrora, por ignorância científica, nossos ancestrais negavam movimento intrínseco (e portanto vida) às matérias inorgânicas (ferro, ouro, pedra, cobre, etc.), verificamos hoje que a classificação deixou de ter perfeita exatidão, pois desde os átomos, tudo está em celeríssima movimentação por impulso intrínseco; então, os próprios átomos do ferro, do ouro, da pedra, do cobre, etc., têm vida.

Vida própria? Não: vida cósmica, isto é, vida divina, porque a Divindade lhes é a substância última. Mas também os seres orgânicos, animais e homens inclusive, não possuem vida própria, pois "todos vivem NELE", todos usufruem a manifestação da vida de Deus.

Essa VIDA é a Divindade, o Espírito (-Santo), que se manifesta em Som (Palavra, Verbo, Logos, isto é VERDADE), o qual, por sua vez, se manifesta em movimento intrínseco, que cria e sustenta tudo, ao qual denominamos o CRISTO Cósmico: é o movimento "Permeado" ou "Ungido" (Cristo) pela VIDA VERDADEIRA.

Isso não é criação nossa: o próprio Cristo, manifestado em Jesus, o ensinou quando disse: "EU (o Cristo) sou o CAMINHO DA VERDADE (da Palavra ou Logos) e DA VIDA (Espírito)" (João, 14:6).

É assim que, iluminada pela Luz, a humanidade pode entrever a grande REALIDADE e descobrir o rumo, estabelecer a rota, demarcar o roteiro, e seguir adiante, até atingir a meta: luzes ofuscantes que nos apresenta a Beleza Divina!

O GRANDE MANDAMENTO

Mat. 22:34-40

Marc. 12:28-34a

- | | |
|---|--|
| <p>34. Mas os fariseus, ouvindo que silenciara os saduceus, reuniram-se em grupo</p> <p>35. e, experimentando-o, um deles, doutor da lei, perguntou:</p> <p>36. Mestre, qual o grande mandamento da lei?</p> <p>37. Ele disse-lhe: "Amarás o senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua inteligência;</p> <p>38. este é o grande e primeiro mandamento.</p> <p>39. Mas o segundo é semelhante a este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.</p> <p>40. Nestes dois mandamentos, toda a lei e os profetas estão suspensos.</p> | <p>28. e chegando um dos escribas, tendo ouvido a discussão deles, e vendo que belamente lhes respondera, perguntou-lhe: Qual o primeiro mandamento de todos?</p> <p>29. Respondeu Jesus: "O primeiro é: Ouve, Israel, um Senhor é nosso Deus, o Senhor é um,</p> <p>30. e amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, e com toda a tua alma, e com todo o teu intelecto, e com toda a tua força.</p> <p>31. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior que estes".</p> <p>32. e disse-lhe o escriba: Bem disseste, Mestre, na verdade, que Um é, e não há outro além dele,</p> <p>33. e o amá-lo com todo o coração e com toda a inteligência, e com toda a força, e o amar ao próximo como a si mesmo, é maior que todos os holocaustos e sacrifício".</p> <p>34a E vendo Jesus que inteligentemente respondera, disse-lhe: "Não estás longe do Reino de Deus".</p> |
|---|--|

Já haviam todas as classes feito o interrogatório: fariseus, seus discípulos, herodianos, escribas e saduceus. Todos haviam ficado inibidos diante da prontidão das respostas e da Sabedoria que revelavam.

Adianta-se, então, um doutor da lei, que Mateus classifica como *nomikós* (única vez que nele aparece esse título, embora Lucas o empregue seis vezes), que exprimia uma classe diferente e mais elevada que os simples escribas (*grammateús*). Os *nomikói* eram quase juristas, exegetas, ou mesmo "doutores" no sentido legítimo da especialidade das leis.

Pelo que lemos em Marcos, estava admirado da Sabedoria de Jesus (talvez fosse um dos que O haviam elogiado abertamente: "falaste bem" (Luc. 20:39). Quer "experimentá-Lo (*peirázôn*), aqui mais no sentido de "senti-Lo". E pergunta qual o grande mandamento (Mat.) ou o *primeiro* (Marc.), que antecede os demais.

Ora, os "mandamentos" eram exatamente 613, sendo dois "*yahwistas*" que rezavam: "Eu sou o Senhor teu Deus", e "Não adorarás outro Deus além de mim". E mais 611 "mosaicos". Observe-se que a palavra que exprime "lei" é TORAH, e como os números, em hebraico, são expressos com as letras do alfabeto (veja "Sabedoria" número 57, de setembro de 1968), temos exatamente que TORAH dá a soma

611, ou seja: thau = 600; vau = 6; resh = 200 e hê = 5 (600 - 6 + 200 + 5 = 611). Desses 613 mandamentos, 248 eram positivos ("faze" *miswôth 'aséh*) e 365 negativos ("não faças" *miswôth lô ta 'aséh*).

Jesus cita as palavras de Deuteronômio (6:4), - apenas substituindo forças", do original, por "inteligência" - que são as primeiras do *Shêma*. O *shêma* (é a primeira palavra do trecho que significa "escuta") era constituído dos seguintes textos: Deut. 6:4-9; 11:13-21; Núm. 15:34-41. Nos manuscritos e nas Bíblias em hebraico, a letra 'ayn, da palavra *shêma* ("escuta") e o *dálet* da palavra 'ehád ("um") são escritas em tamanho maior, a fim de destacar a importância do versículo; essas duas consoantes unidas compõem o vocábulo 'êd ("testemunha") porque Israel deve ser a testemunha de YHWH diante dos povos.

Todo israelita deve recitar esses textos duas vezes por dia, de manhã, ao nascer do sol, e à tarde, ao sol-pôr. Por isso, escreviam-nos em pergaminho, que colocavam em caixetas, presas a correias. Estas eram amarradas em torno do antebraço esquerdo, na altura da coração, e na testa, entre os olhos: é o chamado *tephillin* ("orações") em aramaico, *totaphôt* em hebraico e *phylacterion* ("amuleto") em grego.

O hábito de pendurar o *philactérion* vem da interpretação literal do Deuteronômio (6:8) quando, ao falar dos mandamentos, lá se acha escrito: "amarrá-los-ás em tua mão para te servir de sinal e serão como um frontal entre teus olhos" (cfr. Êx. 13:9). Jerônimo, já na 4.º século anota (*Patrol. Lat.* vol. 26, col. 168) que essas palavras são metafóricas, e não devem ser interpretadas à letra, como faziam as "beatas" de seu tempo (*superstitiosae mulierculae*), que carregavam ao peito cruces, livretos, "breves", etc.

As palavras citadas por Jesus eram sabidas de memória por qualquer israelita. No entanto, por sua conta, sem ser interrogado, acrescenta o "segundo" mandamento, o amor ao próximo, prescrito por Moisés (Lev. 19:18). E sublinha, com ênfase, que, "pendurados" (*krématai*) nestes dois mandamentos estão toda a lei e os profetas, pois não há outro mandamento que seja maior que estes.

O doutor da lei rendeu-se de corpo e alma, como bem anotou Victor de Antióquia no 5.º século: abriu-se seu espírito para receber o impacto do fluxo crístico, e elogia o Nazareno diante de todos os seus colegas: "Mestre, disseste bem, na verdade, que UM é". Como bom israelita, não podia proferir o nome sagrado.

E conclui: "Amar a Deus e ao próximo vale mais que todos os holocaustos e sacrifícios". E aqui demonstra concordar com o que disseram os profetas (cfr. 1.º Sam. 15:22; Prov. 21:3; Jer. 7:21-23; Os. 6:6).

Jesus penetra-o com olhar profundo e atesta: "Não estás longe do Reino de Deus"!

Diante dessa lição categórica deveriam terminar - se os homens tivessem real evolução - todas as discussões e distinções religiosas. Que importa se alguém presta homenagem a Deus de modo diferente do que eu faço? O que importa é amá-lo acima de tudo, com todo o coração (Kardía, Espírito), com toda a alma (psychê, sentimento) e com toda a inteligência; (diánoia, racionalidade). São as três divisões clássicas: o coração que representa a Centelha Divina, que se individualiza em pneuma (Espírito); a alma que exprime a vida que o espírito fornece à personagem, e a inteligência como símbolo dessa mesma personagem incarnada, na qualidade de sua faculdade mais elevada e dirigente do corpo físico (sôma).

O ensino joga em profundidade, recomendando a fidelidade absoluta e o amor total ao nosso deus: ama o TEU DEUS. Onde e quando não havia possibilidade de aprofundamentos teológicos a respeito da Divindade (o Absoluto Imanifestado), mister se tornava uma representação palpável e sensível, na pessoa do Espírito-Guia da raça: YHWH. Toda Revelação tem que ser feita proporcionalmente à capacidade daqueles que a recebem, senão se perde. Não pode ensinar-se cálculo integral nem teoria dos "quanta" a quem ainda se esforça por decorar a tabuada de multiplicar. Não há cabimento em teorizar com argumentos metafísicos diante de espíritos primários. O aprofundamento era reservado

aos discípulos da Assembléia do Caminho. E justamente porque o "doutor da lei" deu mostra de haver penetrado o âmago do ensino, diz-lhe o Mestre que "não se acha longe do Reino de Deus".

A sequência dada por Jesus aos dois mandamentos é de molde a fazer, nos compreender que a ligação é íntima entre eles. O "nosso" Deus habita em cada um de nós. Cada criatura, pois, é a manifestação de "nosso" Deus. E como ainda não conseguimos amar sem conhecer (nihil vólitum quin cógnum), e como é impossível a nós, seres finitos, "conhecer" o infinito temos que amar o "nosso" Deus com todo nosso Espírito, nossa Alma e nossa inteligência, POR MEIO DO AMOR A NOSSO PRÓXIMO, que é também a exteriorização do "nosso" Deus.

Qualquer outro preceito é secundário, e nada vale, se este não for vivido a cada minuto-segundo de nossa vida.

Ações externas - holocaustos e sacrifícios, preces e reuniões mediúnicas, missas e cultos, pregações e esmolas - nada valem, se não estiverem "penduradas" (como é expressivo o termo krématai!) nesse mandamento maior, primeiro e básico. O amor é superior à oração: "se estiveres no altar ... e te lembrares que teu irmão tem alguma queixa contra ti, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, e depois vem orar" (Mat. 5:23-25). Leia-se, também, 1.ª Coríntios, capítulo 13.

O discípulo que SABE isso e que já consegue VIVER esses preceitos, desconhece raivas, despeitos, ofensas, desprezos, vaidade, mágoas, ressentimentos, numa palavra, todas essas infantilidades, tão próprias do homem do mundo, cuja personalidade cresce em prejuízo do Espírito. O discípulo deve amar a Deus acima de tudo, tudo perdoando, tudo relevando, tudo compreendendo, porque seu amor a Deus é superior a qualquer contingência. Por isso, não trairá jamais a tarefa que lhe foi confiada, não a abandonará e não a desviará de sua meta, ainda que tenha que carregar sozinho sua cruz, morrendo para o mundo: renascerá para a plena vida do amor espiritual!

A humanidade precisa compreender o que é "amar a Deus", o que é entregar-se de corpo e alma, por amor ao serviço prestado aos semelhantes, distribuindo de si mesmo a seiva do conhecimento e da própria vida.

O Mestre ensinou e praticou. Deu o preceito e o exemplo. Explicou a lição e viveu-a: abandonado, perdoou a todos os que o abandonaram (mas que voltaram depois das "dores") e até a quem pretendia tornar política Sua missão espiritual e mudar os rumos dos acontecimentos que haviam sido pre-determinados pelas Forças Superiores. Seu Amor tudo superou, porque Seu amor se dirigia, em primeiro lugar, ao Pai, "acima de tudo", e em segundo lugar "ao próximo; esse amor ao próximo que perdoa, releva, desculpa e esquece, mas nem por isso se deixa envolver para trair as ordens recebidas do Alto.

O testemunho de Jesus para o doutor, é de que "não estava longe do Reino de Deus": realmente a compreensão é o primeiro passo para conduzir-nos à ação. E uma vez liberadas as forças ativas do progresso, a própria lei de inércia não nos deixa mais parar a meio do caminho.

Ensino de alta relevância para as Escolas iniciáticas: a meta está acima de tudo, e TUDO o que atrapalhar a caminhada deve ser sacrificado, tem que ser dominado, vencido e esquecido.

FILHO DE DAVID

Mat. 22:41-46

Marc. 12:35-37 e 34b

Luc. 20:41-44 e 40

41. Estando reunidos os fariseus, perguntou-lhes Jesus, dizendo: "Que vos parece a respeito do Cristo? De quem é filho"? Disseram-lhe: De David.
42. Disse-lhes: "como então David, em espírito, chamou-o Senhor, dizendo: 44. Disse o Senhor à meu Senhor, senta à minha direita, até que ponha teus inimigos sob teus pés?"
43. Disse-lhes: "como então David, em espírito, chamou-o Senhor, dizendo: 44. Disse o Senhor à meu Senhor, senta à minha direita, até que ponha teus inimigos sob teus pés?"
45. Se, pois, David chama-o Senhor, como é filho dele?"
46. E ninguém pode responder-lhe uma palavra, nem ninguém ousou mais interrogá-lo desde esse dia.
35. E respondendo, Jesus disse, ao ensinar no templo: "Como dizem os escribas que o Cristo é filho de David?"
36. O próprio David falou no espírito, o Santo: Disse o Senhor ao meu Senhor, senta à minha direita, até que ponha teus inimigos sob teus pés.
37. O próprio David di-lo Senhor, donde pois, é filho, dele"? Grande multidão ouvia-o com satisfação.
- 34b E ninguém ousava mais interrogá-lo.
41. Disse-lhes: "Como dizem ser o Cristo filho de David?"
42. Pois o próprio David, no livro dos Salmos, diz: Disse o Senhor ao meu Senhor, senta à minha direita,
43. até que ponha teus inimigos escabelo de teus pés.
44. David, pois, chama-o Senhor como então é filho dele"?
40. E não ousavam mais perguntar-lhe nada.

Depois de ter sido posto à prova, como se tivesse sido "examinado" a respeito de Seus conhecimentos, tendo-Se saído bem de todos os quesitos que Lhe foram propostos, volta-se agora o Mestre e lança uma só pergunta, dirigida ao grupo de fariseus ali na expectativa. E de tal sutileza foi, que nada puderam responder, nem mesmo conseguiram sair do embaraço com um sofisma! Só o silêncio. Emudeceram. E depois disso, "ninguém ousou mais fazer-lhe perguntas": o Mestre estava muito acima de todos eles, reconheciam-no, e nada adiantava terçar armas de inteligência e de conhecimento. Só poderiam vencê-lo, como queriam, com as armas da violência. E, como todos os involuídos do Anti-Sistema, apelaram para a violência, cuidando destruí-Lo, sem sequer desconfiar que essa mesma violência por eles praticada representava um imperativo histórico, e provocou para Ele a conquista de mais um passo evolutivo e a vitória total sobre a "morte".

Isso ocorre com frequência entre as criaturas do pólo negativo: pensando que destroem, provocam evolução; crendo deter, impulsionam maior velocidade; julgando que derrubam, elevam; pretendendo matar, dão vida mais abundante.

Jesus pede as opiniões deles a respeito do Cristo (no sentido de "messias"). "De quem é filho"? A resposta poderia ter sido dada por qualquer pessoa, qualquer criança israelita: filho de David. A referência é dos protetas: Is. 11:1; Jer. 23:5; 30:9; 33:15; Ez. 34:23; 37:24; Os. 3:5; Amós, 9:11.

Isaías o diz "saído do tronco de Jessé" (l.c.); denomina-o Immanu-ei' ("Deus conosco"); e qualifica-o de "maravilhoso conselheiro, poderoso Deus, eterno pai, príncipe da paz" (Is. 9:6), que os LXX traduzem como "Anjo do Grande Conselho". Miquéias (5:2) diz que "as saídas do messias são desde os

tempos antigos, desde a eternidade", e Daniel afirma que o Filho do Homem tem origem celestial e se apresenta diante do "Ancião dos Dias" (Dan. 7:13). Também os apócrifos dizem o mesmo (cfr. 4.º Esdras e Henoch, 37:71).

A exegese bíblica era o "forte" dos fariseus e escribas. Todos os textos eram estudados e perquiridos (embora, na prática, apenas intelectualmente), mas muitos trechos resultavam obscuros, inexplicáveis, incompreendidos. É um desses trechos que Jesus sorteia como ponto de exame, embora sabendo que todos eles "cristalizariam" diante do enunciado da pergunta.

O Salmo (110:1) é citado pelo texto dos LXX: "disse o Senhor ao meu Senhor", pois o texto hebraico massorético está: "disse YHWH ao meu Senhor".

E a pergunta sibilina: *se é filho dele, como o chama Senhor?*

Os comentaristas das teologias ortodoxas escapam da dificuldade dizendo simplesmente que em Jesus há duas naturezas, a humana, descendente de David, e a divina, como segunda pessoa da Trindade.

Entreviram a realidade, mas não na compreenderam in toto, por falta-lhes dados concretos de um conhecimento que foi perdido através das gerações, que se voltaram para as exterioridades, perdendo contato com as lições-mestras das iniciações antigas.

Provém a confusão da má interpretação dos textos escriturísticos, tomados à letra e moldados segundo teorias prefabricadas, ao invés de serem olhados no sentido em que foram escritos. Daí confundir-se causa com efeito, atribuindo ao Cristo o segundo lugar ao invés do terceiro, na expressão da Divindade, esquecendo-se, ao mesmo tempo, a imanência, e só se considerando a transcendência. Daí o conceito distorcido e o privilégio incompreensível, da Divindade imanente só em Jesus, ao passo que em todas as outras criaturas estava imanente o Diabo, de cujas mãos o messias teria vindo arrancar a humanidade ...

Essa concepção teológica, basicamente distorcida, foi causa de muitos outros erros consequentes.

Voltando, porém, ao verdadeiro conceito da Trindade considerada em Seus três ASPECTOS (não três "pessoas" - embora nos primeiros tempos, a palavra "pessoa" em latim e "prósôpon" em grego, significassem realmente "aspectos", "aparências"), e colocando a sequência na ordem certa: (1) Espírito Santo; (2) Palavra Criadora, Som; (3) Cristo (Filho Unigênito), como representação de tudo o que existe espiritual e material (efeito do SOM que é a causa, e resultado da condensação da LUZ e do SOM incriados) - tudo se esclarece e explica com lógica irrespondível, de acordo com a verdade (isto é, com a verdade que pode ser atingida por nós atualmente, da mesma forma que a explicação dada e que criticamos, era a única verdade possível de ser captada pela evolução dos estudiosos daquela época).

Atualmente, pelo contato refeito com as doutrinas iniciáticas antigas (sobretudo através do Espiritismo, da Rosacruz e da Teosofia) torna-se clara e evidente a pergunta de Jesus, que distingue categoricamente o CRISTO, de JESUS (como o fará mais taxativamente ainda no próximo capítulo Mat. 23:10). Baseado na ignorância dos fariseus e escribas não iniciados, coloca-os diante de uma pergunta que jamais poderiam responder.

Hoje é compreensível o ensino, pois já foi revelado, não obstante possibilite, ainda, duas interpretações:

I - CRISTO CÓSMICO

A LUZ (Espírito-Santo), baixando Sua vibração, produz o SOM (Logos, Verbo, Palavra) que, como PAI, gera as vibrações perceptíveis do CRISTO CÓSMICO (filho realmente UNIGÊNITO) que dá origem a tudo ("todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada foi feito", João, 1:3) e sustenta tudo, porque está imanente, dentro de tudo: "O Verbo (Pai) se fez (transformou-Se em) carne (matéria) e construiu seu tabernáculo dentro de nós" (João, 1:14).

Esse Cristo Cósmico, portanto, o terceiro aspecto que a Trindade assume, está DENTRO DE TUDO, e nós O denominamos didaticamente, o Cristo INTERNO, a Centelha Divina, o Átomo Monádico, etc.

Em nós outros, a personagem é demais grosseira e O oculta totalmente, sendo Ele como uma lâmpada acesa dentro de um revestimento de barro opaco e rude. Em Jesus, ser humano evoluidíssimo, o revestimento da personagem estava purificado: é como uma cobertura de cristal puríssimo, que deixa ver a lâmpada acesa em seu interior. Por isso, olhando para Jesus, vemos nele O Cristo em todo o Seu esplendor. Essa visão começou a dar-se quando, em profundo ato de humildade, Ele aniquilou a sua personalidade, ao submeter-se ao mergulho diante de João Batista, seu inferior hierárquico. Foi a última renúncia de Jesus, ao seu eu menor personalístico, anulado daí em diante. Por isso, Ele passou a denominar-se, com justiça, JESUS, O CRISTO.

Daí dizermos que os cristãos das religiões ortodoxas não deixam de ter sua razão, quando afirmam que em Jesus havia duas naturezas: a humana (Jesus) e a divina (o Cristo). Só que eles limitam a Jesus esse que lhes parece um "privilégio", quando, ao invés, isso deverá ocorrer com todos os seres.

II - CRISTO-MAYTREA

A segunda interpretação prende-se à Fraternidade Branca - a Hierarquia que se manifesta em Shamballa - e que está, no planeta Terra, como representante da Verdadeira Fraternidade Branca Suprema, existente num planeta da constelação de Sírius, constelação que é o núcleo central da molécula de nosso Universo, molécula denominada pelos cientistas de Galáxia, da qual nosso Sistema Solar é simples átomo.

Anteriormente, o Cristo Cósmico se tornou visível em outro ser humano, cujo nome é Maytréa, e por isso também Ele é denominado Maytréa o Cristo.

No Supremo Conselho da Fraternidade Branca de Shamballa, sob a chefia de Sanat Kumara (que a Bíblia denomina Melquisedek ou o Ancião dos Dias - e em Hebreus (5:6) é dito claramente que Jesus era "sacerdote da Ordem de Melquisedek, e por meio da 5.ª iniciação, na cruz, se tornou sumo-sacerdote dessa ordem (Hebr. 5:10 e 6:20 -) existe uma Hierarquia de Seres que dirigem a evolução do Planeta. Vamos tentar esclarecer, dentro de nossas parcas possibilidades.

O Apocalipse de João, em seu cap. 4.º, descreve a visão que ele teve da sede dessa Fraternidade Branca no mundo espiritual (Shamballa). Aí viu um trono, "no qual estava sentado UM", e ao lado desse trono outros vinte e quatro, onde se achavam outros tantos anciãos de vestes brancas, coroados de ouro: é o que conhecemos como o "Grande Conselho de Shamballa".

Diante do trono havia "sete Tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus", assim representados os chefes dos sete Raios; e ainda em redor do trono "quatro Seres viventes", simbolizando os denominados três Buddhas ("iluminados") mais o Cristo-Maytréa.

Representante dos sete Espíritos de Deus (cfr. cap. 5), e englobando em si a força deles (sete chifres) e o conhecimento deles (sete olhos), um dos sete sacrificou-se, encarnando na Terra com o nome Jesus, e por seu sacrifício de amor foi comparado a um Cordeiro que, ao regressar, recebeu as homenagens de todos e a glorificação merecida.

O "UM", sentado no trono, é, exatamente, o "Ancião dos Dias" ou Melquisedek (Sanat-Kurnara) a Quem Jesus denomina "O Pai", afirmando ser "UM com Ele".

Segundo essa teoria, alguns místicos - embora aceitando como legítima a primeira tese que expusemos - atribuem a classificação de "Cristo" a um lato diferente. Ou seja, durante o ministério de Jesus encarnado no planeta, e a partir do mergulho diante de João Batista, o Cristo-Maytréa uniu-se a Ele, e os dois trabalharam identificados durante aqueles anos. No momento em que Jesus se submetia à quinta iniciação, na Cruz ("morte de Osíris"), é que o Cristo-Maytréa deixou que Ele galgasse sozinho esse degrau de tão grande importância, permanecendo-Lhe ao lado, embora não unificado com Ele.

Em conclusão, pois, dizem esses místicos que o atributo "Cristo" é devido à união com Maytréa, e não pela permeabilização total do Cristo Cósmico em Jesus - ainda que essa permeabilização tenha sido

real, mas não perceptível ao ponto de justificar o atributo. A outra união (com Maytréa), sendo mais fácil de perceber-se, é que lhe provocou o título de Cristo.

Hipótese que pode ser aceita, mas que não invalida a outra. A palavra Christós em grego significa precisamente "ungido", ou seja "permeado" pela Força Cristônica divina (como ocorre com Maytréa) e não simplesmente "mediunizado" nem "unificado" a outro ser humano, ainda que esse outro ser esteja, ele mesmo, "permeado" pela Força Cristônica.

Julgamos, pois, - salvo erro de nossa parte, o que é bem possível que a primeira tese é mais válida, sem que afaste a hipótese de que Maytréa o Cristo tenha trabalhado unido a Jesus, o que nos parece perfeitamente lógico e viável.

*

* *

Por fora desses que, à época, eram "segredos iniciáticos", os letrados nas Escrituras - título que bem exprime o que eram: intérpretes da letra - não podiam perceber o alcance da pergunta, e calaram. O ponto sorteado para exame era de curso superior, e eles estavam no curso primário: só o silêncio lhes cabia.

Mas a tese ficou posta, para que a humanidade, mais tarde, pudesse basear-se nessas palavras a fim de penetrar o sentido profundo e oculto.

Mas não podemos deixar de salientar o que se diz de David: que falou "em espírito", isto é, mediunizado por um Espírito que era Santo: escreveu divinamente inspirado.

Salientemos, ainda, a diferença importantíssima que existe entre os dois termos: a DIVINDADE ABSOLUTA, Suprema e Impenetrável, e DEUS, termo que se refere a um Espírito-Guia.

Os deuses tinham manifestações várias, de acordo com sua evolução própria, desde o Deus-Máximo da Terra, Melquisedek, o Ancião dos Dias até o Deus Guia-Nacional dos judeus, o "nosso" Deus, YHWH, e os guias individuais de cada criatura.

A hierarquização é segura e rígida, mas todos, por falta de outro termo, são chamados "deuses": os elohim que plasmaram como arquitetos o planeta e presidiram à evolução de todos os seres e do homem, que eles fizeram à sua semelhança; os elohim que dirigiam outras nações, embora alguns bem atrasados ainda, como Moloch, Baal, etc., de espírito sanguinário; os elohim que dirigiam o Egito, a Grécia, a Fenícia, a Babilônia, a Caldéia, a Índia, Roma, as Gálias, etc. etc., todos eram denominados "Deus".

Nem por isso, entretanto, se justifica o crasso erro histórico de classificar esses povos de "politeístas" no sentido moderno dessa palavra, pois embora os "deuses" (Espíritos-Guias) fossem numerosos, a DIVINDADE SUPREMA era uma só para todos (a massa ignara do povo é que não entendia isso, como até hoje).

Eles eram "politeístas", sim, mas no sentido que os antigos emprestavam a esse termo: reconheciam muitos Espíritos Guias (deuses). E o "monoteísmo" mosaico apenas dizia reconhecer UM ÚNICO ESPÍRITO GUIA para todos os israelitas: YHWH, e proibía contato psíquico com outros Espíritos-Guias "estrangeiros" ...

Todos, porém, - pelo menos os espíritos evoluídos - só aceitavam uma Divindade Suprema e Absoluta. Nasceu a confusão da ignorância que via, nos Espíritos Guias, a Divindade Máxima, coisa corriqueira aos indivíduos profanos, que jamais passaram pelas Escolas iniciáticas, existentes desde o longínquo passado (e diga-se de passagem: que ocorreu até mesmo entre os próprios israelitas e seus sucessores, os católicos, que elevaram o Espírito Guia YHWH à Suprema Divindade, personalizando e dando forma humana ao Absoluto ...).

CONDENAÇÃO DO CLERO

Mat. 23:1-12

1. Então Jesus falou ao povo e aos discípulos,
2. dizendo: “Nas cadeiras de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus.
3. Tudo, pois, quanto vos disserem, fazei e observai; mas não façais segundo suas obras, pois dizem e não fazem.
4. Amarram fardos pesados e insuportáveis e impõem sobre os ombros dos homens, mas eles não querem movê-los com o dedo deles.
5. Fazem todas as obras deles para serem vistos pelos homens; alargam os filactérios delas e alongam as túnicas,
6. e gostam do primeiro lugar nos banquetes e das primeiras cadeiras nas sinagogas,
7. e das saudações nas praças, e de serem chamados mestres pelos homens.
8. Mas vós não vos chameis mestres, pois um só é vosso mestre, e todos vós sois irmãos.
9. E não chameis ninguém vosso pai sobre a terra, pois um só é vosso pai, o celestial.
10. Nem vos chameis mentores, porque vosso mentor é um só, o Cristo.
11. O maior de vós, será vosso servidor.
12. Quem se exaltar será apequenado, e quem se apequenar será exaltado”.

Marc. 12:38-40

38. E no seu ensino dizia: "Cuidado com os escribas, que gostam de andar com vestes compridas e das saudações nas praças,
39. e das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos primeiros lugares nos banquetes,
40. e dilapidam as casas das viúvas e fazem como desculpa, longas orações: estes receberão maior condenação”.

Luc. 20:45-47

45. Ouvindo todo o povo, disse a seus discípulos:
46. “Atentai aos escribas, que querem andar com vestes compridas e gostam das saudações nas praças, das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos primeiros lugares nos banquetes;
47. eles dilapidam as casas das viúvas e, como desculpa, fazem longas orações: estes receberão maior condenação”.

Lição pública, fora dos muros da Assembléia do Caminho; ao lado dos discípulos estavam fariseus, saduceus, escribas, anciãos e a massa do povo fiel. Jesus inicia um discurso, em que focaliza a posição do clero de Sua época e de todas as épocas, os sacerdotes de Sua religião e de todas as religiões, as autoridades eclesíásticas de Seu país e de todos os países: a raça humana é a mesma, ainda hoje, e onde entra o elemento humano, com ele entram a vaidade, a cobiça e a hipocrisia - os três vícios focalizados nesta lição.

De início, salienta que "se sentaram" (*ekáthisan*), por iniciativa própria, os escribas e fariseus. Não foram aí colocados por ordem superior, mas assaltaram as cadeiras e os púlpitos, de onde pregam - MAS NÃO PRATICAM - a doutrina de Moisés.

O assalto é consumado, por vezes, por via diplomática ou política, por influência de elementos de projeção intelectual ou social; mas doutras vezes é assalto à mão armada, como ocorreu no século 4.º (ver nota no vol. 4), quando, por exemplo, o cristianismo se transformou em "catolicismo".

Amarram (*desmeúousin*, isto é, unem os fardos entre si) fardos pesados e insuportáveis (*baréa kai adysbastakta*) e os colocam sobre os ombros dos fiéis, embora eles mesmos não queiram movê-los nem com um só dedo (*dáktylô*).

Jesus passa a enumerar outros atos errados: tudo o que fazem, é para serem vistos e aplaudidos pelos homens, em triste vaidade exibicionista. Para isso, "alargam seus filactérios", ou seja, colocam em lugares bem visíveis, símbolos religiosos, como vimos no capítulo anterior. Hoje, as cruzes chamadas episcopais são bem grandes, douradas ou de ouro e com pedrarias preciosas, pendentes de correntes de ouro; e mais: "alongam suas túnicas", em batas ou batinas pretas, brancas, roxas, púrpuras; e mais: "gostam dos primeiros lugares nos banquetes e das primeiras cadeiras nas sinagogas". Bastará trocar "sinagogas" por igrejas, onde o clero tem especiais regras para acomodar-se hierarquicamente; e também os fiéis adquirem o direito de possuir "genuflexórios" próprios, nas primeiras filas, de acordo com a importância de seu donativo à sua igreja, e conforme os títulos que possuam: as "autoridades" e os benfeitores" têm direito às primeiras filas (contrariamente ao que nos deixou escrito Tiago em sua epístola, 2:1-8; vale a pena reler). E mais ainda: "gostam das saudações nas praças", esperando que todos beijem suas mãos ou seus anéis de ouro, quando não seus pés, revestidos de sandálias bordadas a ouro.

Não pára aí: "gostam de ser chamados mestres". Mas logo vem o conselho positivo: "vós - meus discípulos - não vos chameis mestres: todos sois irmãos". O "mestre", em hebraico RAB (ou RABBI, "meu mestre", ou RABBAN, "nosso mestre") era o título usual e corrente dado pelo povo aos homens letrados, escribas e fariseus - coisa que Jesus adverte jamais dever ser praticada pelos que O seguem. A advertência, porém, continua sendo letra morta ...

Mais ainda: "a ninguém na terra chameis vosso pai". Os hebreus, inicialmente, só davam o título de "Pai" (AB) a Abraão, Isaac e Jacob (e o nome de "Mãe" só a Sara, Rebeca, Lia e Raquel). Mas os escribas mais em evidência gostavam de ser chamados "pai" - havendo até um livro com esse título: *Pirqê Abhôth*, "Sentenças dos Pais" - Ainda hoje, os sacerdotes católicos, desobedecendo frontalmente à ordem taxativa e indiscutível de Jesus (a Quem chamam seu "Deus"!) fazem chamar-se e assinam-se PAI ou PADRE, ou PÈRE, ou FATHER etc., em qualquer língua. Os primeiros escritores, são chamados os "Pais da Igreja". E chegam até ao máximo de denominar SANTO PAI (ou PADRE) a seu chefe. Interessante observar que a vaidade inominável não está circunscrita aos encarnados: acompanha a personagem para além da sepultura, e vemos os "pretos velhos" da Umbanda (e muitos kardecistas) com o mesmo prazer, querendo ouvir-se chamar "pai" ...

Em Mateus, nas traduções vulgares, parece haver uma repetição, onde se lê: "não vos chameis mestres, porque vosso mestre é um só, o Cristo". O termo aqui empregado não é *didáskalos*, como acima, mas *kathêgêtês*, hápax neotestamentário, que significa: "guia que vai à frente e ensina o caminho", ou "diretor espiritual", ou "mentor".

A razão é dada: um só é vosso mentor: o Cristo!

Em Mateus, segue-se a lição de humildade, mais uma vez repisada: "o maior de vós, será vosso servidor", mas não apenas dizendo-se "servo dos servos de Deus", e colocando-se num trono dourado, para que todos lhe beijem os pés ("dizem, mas não fazem"!). E ainda a frase repetida: "quem se exaltar será apequenado, e quem se apequenar, será exaltado".

Marcos e Lucas trazem mais uma frase violenta: dilapidam as casas das viúvas, e fazem, como desculpa, longas orações". Ainda hoje. A pretexto de ofícios e missas e "gregorianas", conseguem, com a promessa de libertar as almas dos maridos falecidos, fartas "esmolas" das viúvas, para que obtenham "indulgências". Monsenhor L. Pirot (o.c., vol. 9.º, pág. 555), ao comentar este trecho, deixa escapar uma frase que revela bastante prática do assunto; citamos textualmente: "Luc (20:47) *a distingué les deux défauts qui peuvent, d'ailleurs, fort bien se combiner avec des conseils juridiques en acceptant des aumônes sous promesse de prières . Les femmes surtout y sont sensibles*" (o grifo é nosso).

Estes, diz Jesus, "receberão maior condenação".

*

* *

Encontramos, pois, avisos oportunos para que os discípulos de Jesus não imitem o clero judaico da época do Mestre. Inutilmente foi dada a lição, porque os homens, imperfeitos ainda, vaidosos e cúpidos, fazem exatamente o inverso do que lhes foi ordenado. Com isso provam que perderam totalmente sua ligação com o Cristo, preferindo ligar-se a seus adversários, por Ele condenados.

Resumamos, para maior fixação mnemônica, os itens:

1. intitulam-se sucessores do Mestre, tendo-se sentado nas cadeiras dos apóstolos para comandar;
2. dizem-se "servos", mas agem como senhores;
3. impõem obrigações, que eles mesmos não cumprem;
4. procuram aparecer, exibindo roupas compridas (diferentes das dos outros homens) e grandes símbolos religiosos, em material precioso;
5. reservam para si os primeiros lugares nas igrejas e nos banquetes;
6. fazem tudo para serem saudados e homenageados nas praças, dando a beijar suas mãos;
7. requisitam "esmolas" das viúvas, em troca da promessa de missas e longas orações;
8. julgam-se e dizem-se "mestres";
9. fazem-se chamar PAIS (ou PADRES, que é o mesmo) por todos;
10. inculcam-se como guias e "diretores espirituais" das almas.

Qualquer semelhança será mera coincidência? Inegavelmente Jesus era PROFETA, com ampla e segura visão do futuro!

Assim NÃO DEVE e NÃO PODE agir o discípulo VERDADEIRO de Jesus: este tem que SERVIR por amor, e AMAR através do serviço.

O discípulo real SABE que não é "mestre" de ninguém; de fato, é o servidor incondicional, sem dia nem hora para o serviço, sem condições nem exigências, sem distinções nem restrições: servir inteira e alegremente a cada momento, "dando de si sem pensar em si".

Ao homem profano comum, ainda sob a legislação mosaica dirigida à personagem, bastará "amar o próximo como a si mesmo" (Lev. 19:18); ao discípulo, todavia, foi dado outro mandamento: "amar o próximo como Jesus nos amou", dando até a vida, se necessário, pelo próximo. Se isso for feito por amor e renúncia, não será considerado suicídio indireto nem suicídio lento (desculpas cômodas de muitos médiuns que não querem trabalhar em certas horas). Não: isso será a expansão máxima do Amor, que nos foi pedida como testamento, pelo Mestre que, não satisfeito com o ensino, deu o exemplo, e deixou que O imolassem por nosso amor.

* *

*

Mas de toda a lição há uma frase que sobressai pela profundidade: "um só é vosso Mentor: o Cristo".

Observemos que Jesus - que falava - não se dá como sendo Ele o Mentor nosso: distinguindo bem Sua pessoa sublime da sublimidade maior do Cristo Divino, que em todos e em cada um "construiu seu tabernáculo" indica como ÚNICO MENTOR e guia esse Cristo Interno.

Nenhum homem - nem Ele mesmo, Jesus - pode fazer-nos progredir: só o CRISTO dentro de cada um de nós.

Alerta, pois, a todos os espiritualistas que se julgam, se dizem ou deixam chamar-se mestres ou mentores. Não iludam as criaturas, nem se enganem a si mesmos: ninguém pode ser mentor de ninguém: o nascimento do Cristo, é virginal em cada um, e só ocorre quando o "Espírito Santo" obumbra a criatura, fazendo-Se sentir pela união mística profunda.

No máximo, podem abrir-se as janelas, para mostrar o céu estrelado ou o sol a brilhar acima do horizonte; mas não pode dar-se a visão aos cegos: a criatura, para discernir o que mostramos, tem que ter capacidade de "visão". Pode escancarar-se uma porta, para facilitar o trânsito da criatura; mas não se pode carregá-la no colo nem fornecer-lhe pernas. Podem tirar-se os véus que encobrem os grandes símbolos, e mostrar toda a nudez puríssima da verdade; mas jamais terá alguém capacidade para fazer que a criatura compreenda Ou olhando, logo vêem, ou, tendo olhos, nada enxergam; ou ouvindo, logo percebem, ou, tendo ouvidos; nada escutam; ou tendo inteligência; logo compreendem, ou, possuindo intelecto, nada entendem em seus corações ...

Ninguém - nenhum ser humano - pode dizer-se Pai, Mestre, Mentor:

PAI - só o Ancião dos Dias, Melquisedek;

MESTRE - só a encarnação crística que nos traz os ensinamentos;

MENTOR - só o Cristo, no âmago mais profundo de nosso ser, tão no profundo, que é necessário mergulhar quase no infinito para perceber-Lhe a presença em nós mesmos ...

Mas quando descobrimos esse Mentor sublime, esse Guia divino, daí por diante Ele será nosso CAMINHO; que nos conduzirá à VERDADE de nosso Mestre e à VIDA de nosso Pai.

Esse Cristo Interno divino só se encontra através do EU verdadeiro, como no-lo ensinou nosso Mestre: "Ninguém vai ao Pai senão através do EU" (João; 14:6), que é precisamente o Cristo Interno, o "Caminho".

A ESMOLA DA VIÚVA

Marc. 12:41-44

Luc. 21:1-4

- | | |
|---|---|
| <p>41. E sentado em frente ao Tesouro, olhava como o povo jogava dinheiro ao tesouro; e muitos ricos jogavam muita coisa.</p> <p>42. E vindo uma viúva mendiga jogou dois leptas o qual vale um quadrante,</p> <p>43. E chamando seus discípulos, disse-lhes: "Em verdade vos digo, que essa viúva mendiga jogou mais que todos os que jogaram no tesouro,</p> <p>44. pois todos jogaram do seu supérfluo, ela, porém, jogou tudo quanto tinha de sua pobreza, toda a vida dela".</p> | <p>1. Erguendo os olhos, viu os ricos que jogavam no tesouro suas ofertas.</p> <p>2. Viu, porém, certa viúva muito pobre, jogando lá dois leptas,</p> <p>3. e disse: "Digo-vos que, verdadeiramente, essa viúva mendiga jogou mais que todos,</p> <p>4. pois todos esses jogaram como ofertas, do que lhes sobrava; esta, porém, jogou da pobreza dela, toda a vida que tinha".</p> |
|---|---|

A frase "sentado em frente ao tesouro" revela-nos que Jesus se achava no ádrio das mulheres. Este era um quadrado cercado de três lados por colunas, sobre as quais havia uma galeria, de onde as mulheres podiam assistir às cerimônias litúrgicas. No quarto lado estava uma larga escada semicircular, com quinze degraus (o templo de Jerusalém dessa época, construído por Herodes, já não tinha as medidas áureas, nem obedecia aos símbolos esotéricos) que levava ao "ádrio de Israel". Num desses degraus sentara-se Jesus, para breve descanso.

Daí via-se, à esquerda, o Tesouro (*gazophilácio*), que consistia em treze salas (cfr. *Chekkina*, 6.1.5), cada uma das quais exteriorizava um "tronco", de gargalo estreito em cima, que alargava na parte de baixo, donde serem chamados *shofarôth* ("trombetas"). Aí eram lançadas as esmolas para o gasto do templo. Os exibicionistas trocavam a importância que desejavam dar em moedinhas de cobre (*chalkón*), para terem grande número e fazerem bastante barulho ao serem lançadas, atraindo dessa forma a atenção dos demais peregrinos.

O Mestre estava a olhar aquela multidão, que tanto se avolumava nos dias da Páscoa, enquanto observava as reações dos discípulos, que se admiravam, arregalando os olhos e cutucando-se, quando algum rico, ruidosamente, despejava sua bolsa cheia de moedas, causando um tilintar que trazia alegria aos corações dos sacerdotes que serviam no tempo.

Nisso surge pobre viúva, que deixa escorregar, envergonhada, dois leptas (dois centavos!). Um sorriso fugaz dançou sub-reptício nos lábios dos discípulos, revelando compaixão por aquele gesto inútil.

Marcos esclarece seus leitores de Roma que o lepta vale um *quadrante*, ou seja, a quarta parte do *asse*. O lepta era a menor fração monetária, e pesava cerca de um grama.

Ao ver o gesto da viúva - que Lucas qualifica com o hápax neotestamentário *penichrá* (paupérrima) e depois a diz *ptôchê* (mendiga) - e ao observar o desdém "compassivo" dos discípulos, o Mestre, que via além das aparências chama-lhes a atenção para o fato e explica:

- Olhem, ela deu mais que todos ...



Figura “A ESMOLA DA VIÚVA” – Desenho de Bida, gravura de J. Veissarat

Os olhares dos discípulos se transformam em outros tantos pontos de interrogação duvidosos, até que o Mestre completa a frase:

- ... todos deram do que lhes sobrava, mas esta, deu tudo o que tinha para viver.

Todos eles abaixaram as pálpebras de seus olhos: as cenas exteriores deviam desaparecer, para que pudesse sua visão ser preenchida pela luz que lhes nascia, na meditação a respeito de ensino tão inopinado e contundente.

E não era para menos. Invertiam-se de golpe todos os valores até então vigentes! Naquela época, - como ainda hoje para as personagens, sem exceção - vale mais quem mais dá: nos templos, nas igrejas, nos centros espíritas, nas associações e fraternidades, e até na vida particular: "temos que dar um presente mais caro a Fulano, que foi quem nos deu mais"! ... E as pessoas jurídicas dão títulos de "benemérito", de "sócio vitalício", de "presidente de honra" ...

Ninguém olha com olhos espirituais para a empregadinha que tirou de seu sustento, deixando de tomar uma "média", para doar um tostãozinho: dá-se-lhe em troca um sorriso de favor complacente, com um agradecimento *pro forma*, e logo se esquece o gesto que tanto lhe custou! ...

A personagem ambiciosa, materialista, interesseira, só avalia as pessoas pelos valores materiais; só ajuda se é ajudado; só dá bons ordenados a quem traz lucros maiores para a organização, como no comércio que rende preito a Mammon. Os que dão pouco rendimento material, os que se dedicam doando de si mesmos mas sem aumentar os lucros, os que dão espiritualmente - esses nada valem para as instituições, mesmo as que se ufanam de ser espiritualistas.

Só quando a humanidade atingir o Espírito e sentir com a Individualidade, é que poderá mudar-se o padrão de aferimento de valores. Por enquanto, nem sequer ouvindo durante dois mil anos a lição do "óbulo da viúva", os cristãos conseguiram despertar da matéria para o Espírito. Ainda não subimos da personagem à individualidade, não aprendemos a lição do Mestre, não fugimos da orientação de Mammon para a de Cristo, não começamos sequer a sair do Anti-Sistema para ingressarmos no Sistema.

Doloroso e lamentável.

Sobretudo porque observamos isso nos ambientes mais "espiritualistas", ou que tais se crêem e se dizem. Nas igrejas, "Santas-Casas", e Centros Espíritas, é comum vermos o retrato do doador da sede e dos benfeitores, embora não se saibam mais os nomes das médiuns passistas "anônimos" e das irmãs-de-caridade, que deram sua vida para atender aos enfermos.

Após essa "lamentação" extensa, procuremos os elementos positivos do ensino, para buscar sua realização.

A escala de valores, para a Individualidade, é aferida pelo grau de renúncia e de sacrifício que cada criatura tenha a capacidade de realizar.

Mas não é fácil apurar esse grau, porque aqueles que são capazes de renúncia, também renunciam à palavra auto-elogiosa; e os que aprenderam a sacrificar-se, nem sequer percebem o que estão fazendo: esse sacrifício lhes é tão natural e espontâneo, que apenas verificam que estão cumprindo sua obrigação; uns e outros só sabem que "são ser-vos inúteis, que fizeram o que deviam fazer" (Luc. 17:10).

Se eles mesmos não se reconhecem superiores, como o farão os outros que não têm olhos de águia para descortinar as grandes altitudes?

Não obstante, os que seguem espiritualmente os cursos da Escola de Jesus, são obrigados a mudar o metro-padrão de sua conceituação. Lembremos o apreço que no oriente é dado aos chamados gurus, que ensinam mais pelo exemplo que pelas palavras, mais pela vivência que pelas pregações. Como disse Gandhi ao missionário cristão, que lhe perguntava qual o melhor meio de atingir os hindus: "VIVER o Evangelho é o meio mais eficiente ... Gosto dos que nunca pregam, mas vivem ... A rosa não precisa pregar: simplesmente esparze seu perfume" (Harijan, 29-3-935; veja o texto todo em "Sabedoria" n.º 46, outubro 1967, pág. 186).

Portanto, este é o modo de agir. Mas com a capacidade de observação espiritual bem alertada, procuremos sentir o perfume da vivência de nossos companheiros, para dar mais valor aos valores reais, e menor às contribuições materiais, embora isso venha a chocar e ofender fundamente as personagens deles, que julgam muito mais importante a ajuda financeira que a espiritual. Se sofrermos com esse nosso modo de agir evangélico, consolemo-nos: o Mestre foi crucificado por não ceder às injunções terrestres dos terrenos, e nós, por mais que soframos, ainda não temos o merecimento suficiente para morrermos mártires ... Compreendamos, pois que somos iguais a todos, e não atingimos o grau que aqui assinalamos!

Uma nota mais: não esqueçamos que Jesus afirma que "a viúva deu toda a sua vida" (bíon) ao templo. Embora possa essa palavra ser traduzida como "seu sustento", o símbolo da doação da vida, de todos os minutos de nossa vida ao Espírito, é de importância, para calcularmos o valor que é atribuído, pelo Mestre, ao trabalho espiritual.

REVELAÇÃO AOS GREGOS

João, 12:20-36

20. Havia, porém, alguns, dos que sobem para adorar, na festa,
21. e estes, então, foram a Filipe, o de Betsaida da Galiléia, e pediram-lhe, dizendo: Senhor, queremos ver Jesus.
22. Foi Filipe e disse a André; foram André e Filipe e disseram a Jesus.
23. Jesus respondeu-lhes dizendo: "Chegou a hora, para que o Filho do Homem se transubstancie.
24. Em verdade, em verdade digo-vos: se o grão de trigo, caindo na terra, não morre, ele permanece só; mas se morre, produz muito fruto.
25. Quem ama sua alma, a perde; e quem odeia sua alma neste mundo, a conservará para a vida imanente.
26. Se alguém me servir, siga-me, e onde eu estou, aí também estará o meu servidor; se alguém me servir, o Pai o recompensará.
27. Agora minha alma se agitou. E que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas por causa disso vim a esta hora.
28. "Pai, transubstancia teu nome". Veio então um som do céu: Já transubstanciei e de novo transubstanciarei.
29. Então a multidão que (ali) estava a ouviu e disse ter havido um trovão; outros diziam: um anjo lhe falou.
30. Respondeu Jesus e disse: "Não por mim veio este som, mas por vós.
31. Agora é a discriminação deste mundo, agora o príncipe deste mundo será lançado fora,
32. e se eu for elevado da terra, atrairei todos para mim mesmo."
33. Isso, porém, dizia, significando de que morte devia morrer.
34. Respondeu-lhe então o povo: nós ouvimos da lei que o Cristo permanece para o eon e como dizes tu que deve ser elevado o Filho do Homem? Quem é esse Filho do Homem?
35. Disse-lhes, então, Jesus: "Ainda por breve tempo a luz está em vós. Andai enquanto tendes luz, para que a treva não vos apanhe, (pois) quem anda na treva não vê aonde vai.
36. Enquanto tendes a luz, sede fiéis à luz, para que vos torneis filhos da luz". Jesus disse estas coisas e, indo, ocultou-se deles.

Trecho de suma importância no ensino. Inicialmente, entretanto, vamos esclarecer alguns versículos.

Eram chamados *hellênés* os gregos; os judeus que viviam na Grécia eram ditos *hellênistai*. Ora, aqui trata-se de *hellênés*. Portanto, não judeus. Talvez simpatizantes ou, como se dizia então, "tementes a Deus" (*phoboúmenos tôn theón*) ou "piedosos" (*seboménoi*).

Sendo gregos, é lógico que procurassem Filipe, e este se pusesse de acordo com André. Reparemos em que são dois nomes legitimamente gregos. Os dois levaram os novos visitantes à presença do Mestre, fazendo a apresentação.

Afirmam alguns hermeneutas que as palavras que Jesus profere a seguir nada têm que ver com os gregos. Discordamos, primeiro porque o evangelista liga os dois episódios com as palavras: "responde-lhes (aos gregos) dizendo"; em segundo lugar, pelo que comentaremos na segunda parte.

Outra observação quando ao verbo *doxázô*. Vimos que "glorificar" não cabe (cfr. vol. 5 e vol. 6), como é dado nas traduções correntes. Mas anotemos que *dóxa* também significa "substância" (e nisto somos apoiados pelo monge beneditino alemão Dom Odon Casel, em "Richesse du Mystere du Christ", pág. 240 - como já anotamos no vol. 4). Ora, se *dóxa* tem o sentido de substância, o verbo *doxázô* significará "transsubstanciar", como vimos no vol. 4.

Neste trecho, parece-nos ser esse o sentido que cabe melhor no contexto. Veremos por que.

Salientamos, ainda, que a frase "Quem ama sua alma a perde" ... já apareceu em Mat. 10:39 (vol. 3); em Mat. 16:25; Marc. 8:35; Luc. 9: 24; vol. 4; e aparecerá ainda em Luc. 17:33.

O "som" (*phônê*), ou "voz" que se ouviu, é fenômeno atestado em outras ocasiões: no "mergulho" (Mat. 3:17; Marc. 3:11; Luc. 3:22; vol. 1) e na "transfiguração" (Mat. 17:5; Marc. 9:7; Luc. 9:35; vol. 4); e ocorreria com Paulo às portas de Damasco (Atos, 9:4; 22:7 e 26:14).

Que o "reino do messias" não teria fim, fora dito por Isaías, 9:7.

No vers. 32 há uma variante nos códices:

A - "atrairei TODOS" (*pántes*) - papiro 75 (duvidoso); Sinaítico (de 2.^a mão), A, B, K, L, W, X, *delta*, *theta*, *pi*, *psi*, 0250 e muitos minúsculos; versões: siríaca harcleense; copta boaírica; armênia; pais: Orígenes (grego), Atanásio, Basílio, Epifânio, Crisóstomo, Nono, Cirilo.

B - "atrairei TUDO" (*pánta*) - papiro 66 (o mais antigo conhecido, do 2.^o/3.^o século), Sinaítico (mão original); versões: todas as itálicas, vulgata; gótica; geórgia; siríacas sinaítica, peschitta, palestinese; coptas saídica. achmimiana; etíope; Diatessáron; pais: Orígenes (latino) e Agostinho.

Ambas as lições, portanto, estão bem escudadas por numerosos manuscritos. Mas também ambas as lições são válidas, porque a atração evolutiva em direção à Divindade é de todos os homens, mas também é de todas as coisas.

Estudo mais cuidadoso do texto revela-nos beleza impressionante e ensinamentos profundos.

Eis como entendemos este passo, dentro de nossa tese de que Jesus criou uma Escola Iniciática nos velhos moldes das Escolas de Mistérios, com a denominação de "Assembléia (ekklêsía ou igreja) do Caminho". Embora afoita, não estamos tão isolados como possa parecer. O mesmo monge beneditino que citamos linhas acima (e notemos de passagem que seu nome ODON significa em grego "caminho" e é a palavra usada nos Atos dos Apóstolos; ekklêsía tou ódou) em sua obra "Le Mystere du Christ", pág. 102, escreve (o grifo é dele): "A terminologia antiga (dos mistérios gregos) passou inteiramente ao cristianismo, mas aí se tornou, por sua superioridade espiritual, a forma e a expressão de valores, de noções incomparavelmente mais puras e mais elevadas". Muito nos alegra essa confirmação de nossa tese.

Então, acreditamos que esse grupo de gregos era uma representação oficial de alguma Escola da Grécia (provavelmente Elêusis, em vista das palavras de Jesus). O grupo foi a Jerusalém por ocasião da festa da Páscoa, porque na Escola se teve conhecimento do "drama sacro" que aí se realizaria nessa semana, e era interessante um contato com o Hierofante Jesus.

A maneira de agir dos gregos foi a ritualmente correta, não se dirigindo diretamente ao Mestre, mas buscando antes um de Seus discípulos, a fim de identificar-se por meio do "sinal" ou "senha" (1). E escolheram alguém que talvez já lhes fosse conhecido, pelo menos de nome.

- (1) Entre outros, há o testemunho de Apuleio (2.º séc.) que confirma nossas palavras, na defesa ("Apologia") que fez no Tribunal, ao ser acusado de magia. Escreve: "Tomei parte em muitas iniciações sagradas na Grécia. Certos sinais (*sêmeion*) e objetos (*monymenta*) delas, que me foram entregues (*paradídômi*) pelos sacerdotes, conservo-os cuidadosamente (cfr. vol. 4) - *Sacrorum plé-raqe initia in Graecia participavi. Eorum quidem signa et monumenta trádita mihi a sacerdotibus, sédulo conservo* (55,8). E mais adiante, confirmando os sinais ou senhas de que falamos: "Se acaso está presente algum meu copartícipe daquelas solenidades, DÊ A SENHA, e pode ouvir o que guardo. Pois na verdade, não serei coagido jamais, sob nenhuma ameaça, a revelar aos profanos o que recebi para silenciar" - *Si qui forte adest eorundem sollemnium mihi párticeps, SIGNUM DATO, et audias licet quae ego adservem. Nam équidem nullo unquam perículo compellar, quae reticenda recepi, haec ad profanos anuntiare* (56, 9-10).

Jesus recebeu os emissários (apóstolos) da Escola grega e entrou logo no assunto elevado, em termos que eles podiam entender, dos quais João registrou o resumo esquemático.

Em primeiro lugar confirma chegado o momento em que o "Filho do Homem (veremos que essa expressão bíblica não era familiar aos gregos) ia ser transubstanciado. Isso lhes era conhecido. Tratava-se da denominada "Morte de Osíris", que transtormaria o iniciado que a ela se submetesse em Adepto, o sacerdote em sumo sacerdote (cfr. Hebr. 5:10 e 6:20), como que mudando-lhe a substância íntima (transubstanciando seu pneuma).

Que era esse o sentido, vem comprová-lo o versículo seguinte: "se o grão de trigo, caindo na terra, não morre: permanece só; mas se morre produz muito fruto".

Essa imagem era plenamente compreensível a discípulos da Escola de Elêusis, cujo símbolo central era o trigo e a uva, que Jesus transformou - ou transubstanciou - em pão e vinho.

Na Escola de Elêusis celebrava-se o drama sacro de Deméter, a mãe cuja filha Coré (Perséfone), que representa o grão de trigo, fora arrebatada por Hades, deus subterrâneo, e "desceu à região inferior" (káthodos), simbolizando o enterramento do grão de trigo, para mais tarde ressuscitar como espiga e "ascender" (ánodos) para o céu aberto (a superfície da terra). Parece-nos ouvir o trecho do "Símbolo dos Apóstolos" de Nicéia: "desceu aos infernos, ao terceiro dia ressuscitou e subiu ao céu" ...

A ausência de Coré (o grão de trigo enterrado) faz Deméter ser chamada "Mãe Dolorosa" (Dêmêtêr Achaía). Mas, depois de voltar à superfície, Deméter entrega a Triptólemo uma espiga de trigo, para que ele a distribua por toda a Terra, enquanto Coré o coroa de louros: é o "muito fruto" que produz o grão de trigo, se morrer debaixo da terra.

Temos nesse drama (resumido na frase de Jesus, o Cristo) dois aspectos simbólicos:

1.º - O Espírito humano, esse grão sagrado, tem que ser arrebatado para a região interior que é este nosso planeta ("caindo na terra"), para "morrer" na reencarnação, a fim de mais tarde renascer do mundo dos espíritos (cfr. G. Méautis, "Les Mysteres d'Eleusis", pág. 64).

2.º - na subida evolutiva, através da iniciação, é indispensável, para galgar os últimos degraus, a "morte em vida", com a descida do espírito às regiões sombrias, enquanto o corpo permanece em estado cataléptico (no Egito, essa cerimônia era realizada na "Câmara do Rei", na pirâmide de Qhé-ops); depois o espírito regressava ao corpo, revivificando-o, mas já transubstanciado em adepto (I).

- (1) Essa transubstanciação de Jesus, diz Pedro (2.ª Pe. 1:16) que os discípulos contemplaram, e emprega o termo tipicamente iniciático, *epoptai*: "mas nos tornamos contempladores da majestade dele" (*all' epoptai genêthêntes tês ekeínou megaleiátêtos*).

Qualquer dos dois sentidos explica maravilhosamente o significado profundo da frase seguinte: "Quem ama sua alma (psychê) a perde", pois não evolui, nem no primeiro sentido, pois não reencarnou, nem no segundo, por não avançar no "Caminho"; e prossegue: "Quem odeia (mísein) sua alma neste mundo, a conservará para a vida imanente (zôê aiônios)". Isso é dito no sentido de querer experimentar-la com todo o rigor, sem pena, submetendo-a às dores físicas e emocionais, como quem a

"odiasse", para transformá-la ou transubstanciá-la, de trigo em pão (triturando-a e cozinhando-a no fogo) e de uva em vinho (pisando-a e fazendo-a fermentar).

A psychê é a que mais sofre nessas provas, em virtude do pavor emocional. Mas, superada a crise, achar-se-á transubstanciada pela união mística, na vida imanente, com seu Deus, a cuja "família" passará a pertencer.

Tanto assim que prossegue o discurso do Cristo: "Se alguém me servir (prestar serviço, diakónêi), siga-me (busque-me), e onde eu estou, aí também estará meu servidor"; é a "vida imanente" a união perfeita com o Cristo Interno, com o EU profundo; precisamos "servir ao EU", ajudá-lo. E segue: "Se me servir, o Pai o recompensará", insistência na idéia da imanência total, como será dito mais adiante: "Se alguém me amar e praticar meu ensino, meu Pai o amará e nós (o Pai e Cristo) viremos a ele e faremos nele morada" (João, 14:23).

Após haver explicado isso, acrescenta o exemplo pessoal: "Agora minha alma (psychê) se agitou. E que direi? Pai, salva-me desta hora? Mas por causa disso vim a esta hora!" É o caso acima citado: a alma se agita, freme, perturba-se, mas o Espírito (aquele que diz minha alma), a domina com força. indaga então: "suplicarei ao Pai que me livre desta hora, quando vou passar pela dolorosa transubstanciação, só para satisfazer à minha alma? Absolutamente: foi para isso que aqui vim; não posso submeter-me às exigências emocionais que me queiram afastar da meta nem ao pavor anímico de uma personagem transitória.

Dirige, então, ao Pai um apelo, mas no sentido contrário àquele: "Pai, transubstancia teu nome!". Já vimos, (vol. 2) que o nome é a "manifestação externa de nossa essência profunda, que é constituída pela Centelha Divina" ou Cristo Interno, que é o produto do Som (Pai). Então, nós somos o nome do Pai, já que somos a exteriorização de Sua substância.

A prece solenemente proferida do fundo da alma tem resposta imediata: faz-se ouvir um som (som de uma voz) que diz: "Já transubstanciei e de novo transubstanciarei"! A vibração das ondas mentais foi tão forte e poderosa, que suas partículas foram aproveitadas para um fenômeno de voz direta, embora só alguns tenham percebido as palavras. Esses deram a opinião de que era um "anjo" ("mensageiro") que falara. Mas a massa do povo só percebeu o rumor, e o atribuiu a um trovão. Como profanos não podiam alcançar o que se passava.

Neste ponto, Jesus volta-Se para os emissários da Escola grega, para dizer-lhes que "essa voz" viera a fim de confirmar Suas palavras. Não O conhecendo, talvez pudessem ficar desconfiados da procedência e realidade do que estavam ouvindo. Um testemunho por parte de uma entidade extraterrena (ou melhor, incorpórea) seria suficiente para garantir que estavam, de fato, diante de um Mestre.

Depois desse incidente, prosseguem os esclarecimentos, ainda mais enigmáticos: "Agora é a discriminação deste mundo; agora o príncipe deste mundo será lançado fora". A expressão refere-se ao pequeno eu do microcosmo personalístico, que é príncipe (ou principal, archôn) neste planeta. Não pode referir-se ao célebre "diabo" ou "satanás", nem às "forças planetárias do mal", de vez que essa previsão não se deu até hoje. Jesus não diria "agora", duas vezes, se fosse algo a realizar-se milênios após. E que não se realizou, é fato verificável, até hoje, por qualquer um. A humanidade não se redimiui: o "diabo anda solto", as maldades campeiam em todos os setores, inclusive nos religiosos e cristãos. Como poderia aceitar-se esse sentido? Seria supor Jesus mentiroso.

No sentido "pessoal", entretanto, verifica-se que o previsto ocorreu, e na mesma semana em que falava. Assim como dantes se referira a seu corpo como o "templo" (Marc. 14:58 e João, 2:19), diante e para os judeus, agora, para os gregos, a ele se refere como "mundo", o kósmos, imagem que lhes era muito mais familiar. E da mesma forma que para os israelitas falava da personagem humana denominando-a e personificando-a como "satanás" ou "diabo", para os gregos, que não se utilizavam desses termos, emprega "príncipe deste mundo".

E uma vez "lançada fora" a personagem terrena, o EU ou Espírito será elevado ao céu, retirado da Terra: ao ocorrer isso, o Cristo atrairá a Ele todos e tudo; aberto o caminho ("o EU é o caminho", João 14:6) todos poderão buscar, seguir e unir-se ao EU ou Cristo Interno.

Aqui entra em cena o evangelista, para dar uma explicação, que é entendida de dois modos, de acordo com a compreensão do leitor; o profano entende à letra: "como "morreu" na cruz, suspenso do chão, o "elevado da Terra" se refere à Crucificação". Mas para quem vem acompanhando o desenvolvimento do ensino do Mestre, outro sentido é muito mais claro e evidente. Se fosse interpretação à letra, era totalmente inútil o esclarecimento: qualquer mentalidade medíocre veria esse sentido, tão transparente é ele. Justamente porque o autor se esforçou em querer explicar uma coisa tão clara, é que desconfiamos haver segunda interpretação: Jesus quis significar, com essas palavras "de que morte devia morrer", isto é, não era a morte normal, a desencarnação vulgar, mas a "morte em vida", conhecida nas escolas como "morte de Osíris". Veremos a seu tempo.

Os gregos fazem duas perguntas:

1.^a - Se foi dito que O Cristo permaneceria por todo o eon, como seria ele elevado da Terra?

2.^a - Quem é esse Filho do Homem?

Esta segunda pergunta demonstra, sem a menor hesitação, que eram gregos os que ali estavam. Seria inconcebível que hebreus, familiarizados com os profetas, sobretudo com Dabiel, não soubessem a que se referia a expressão "Filho do Homem", especialmente depois de ter Jesus repetido essa expressão tantas e tantas vezes, referindo-se a si mesmo. Mas a expressão era desconhecida à Escola de Elêusis. Justifica-se, por isso, a pergunta.

O evangelista não anotou as respostas, que devem ter sido dadas, mas apenas resume a conclusão do discurso: "Ainda por breve tempo a luz está em vós (não "entre" vós, como nas traduções vulgares: em grego está "en).

A luz é o Cristo: "Eu sou a luz do mundo" (João, 8:12); "Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo" (João, 9:5); "A luz veio ao mundo, mas os homens amaram mais as trevas" (João, 3:19); e "Vós sois a luz do mundo" (Mat. 5:14).

Ora, o Cristo estava visivelmente, através de Jesus, manifestado ao mundo. Mas isso seria por pouco tempo, pois brevemente "seria elevado da Terra". Então, eles, que também eram a luz, refletiriam neles a Luz crística. Esse reflexo duraria ainda breve tempo. Que fosse aproveitado com urgência, para não serem surpreendidos pela escuridão, pois na treva não se vê aonde vai. Seja então aproveitada a luz que está neles e mantida integral fidelidade a ela, para que também nos tornemos "filhos da luz", ou seja, iluminados (Buddhas). Há uma gradação, entre a luz estar "em nós", e nós nos "tornarmos luz".

Após essa magnífica aula, Jesus retira-se e oculta-se deles: entra em meditação.

PROSSEGUE A REVELAÇÃO

João, 12:44-50 e 36 b

44. Jesus, pois, clamou e disse: "Quem me tem fidelidade, não é a mim que a tem, mas a quem me enviou,
45. e quem me contempla, contempla aquele que me enviou.
46. Eu, a Luz, vim ao mundo para que todo o que me tem fidelidade não permaneça nas trevas.
47. E se alguém me ouvir as palavras e não as praticar, eu não o julgo, porque não vim para julgar o mundo, mas para salvar o mundo.
48. Quem me põe de lado e não recebe minhas palavras tem seu julgador; o Logos que falei o julgará,
49. porque não falei por mim mesmo, mas o Pai que me enviou deu ordem do que preceituo e do que falo,
50. e sei que sua ordem é vida imanente. O que falo, pois, falo como o Pai me disse".
- 36b Jesus disse estas coisas e, indo, ocultou-se deles.

Conforme pode verificar-se, colocamos os versículos 44-50 antes de 37-43 o que também é feito por Bernard - "Gospel according to St. John" (Edinburg, 1928) - Isso, porque constituem, na realidade, uma continuação das palavras que dirigiu aos gregos. Segundo esse autor, aliás, deveríamos colocar o vers. 36 b depois do 50, como fizemos neste capítulo.

Nestes versículos é salientada, mais uma vez, a necessidade de manter fidelidade de sintonia com o Cristo, conforme fora dito e repisado em várias oportunidades (cfr. João 3:15; 6:29, 35, 40, 47; 8:24, 45, 46, 9:35; 10:37-38; 11:25-26).

Reafirma que foi enviado pelo Pai e que aceitá-Lo é aceitar o Pai, ou seja, o Ancião dos Dias (cfr. 3:11; 5:36ss; 7:16-18, 28; 8:19, 26, 38, 42 e 47) porque Sua união é tão íntima que chega a ser real unificação com o Pai (cfr. 5:18 ss; 8:19; 10:30, 38 etc.).

Quanto à tradução dos termos, aqui ainda encontramos *krínô*, que pode ser "julgar" ou "discriminar" (cfr. vol. 3). Recordemos que o sentido preciso e técnico desse verbo é "peneirar" ou "passar pelo crivo", ou "joeirar", atos todos que eram realizados na vida agrícola de então para separar o trigo da palha, guardando-se o primeiro nos depósitos e queimando-se a segunda.

Aí temos, também, o verbo *athetéô*, com o sentido de "pôr de lado". As traduções vulgares o interpretam como "desprezar". Vemos nele, salvo erro, o oposto de *homologéô* (cfr. vol. 5). Parece-nos que, assim como *homologéô* é "sintonizar" (e não apenas "confessar"), assim *athetéô* é "dissintonizar", isto é, "pôr de lado" a estação emissora.

Outra consideração básica refere-se ao "Pai que envia". Na crença de um deus antropomórfico, podemos atribuir esse envio comissionado por esse deus. Mas, na realidade, sendo Deus o Absoluto, a Inteligência Onipotente, Onipresente e Onisciente - e não uma "pessoa" - Sua manifestação é intrínseca, no âmago mais profundo de cada criatura, podendo alguém dizer-se "impelido" por Deus, "inspirado por Deus, ou qualquer outro sinônimo, mas não "enviado". Quem envia, fica, e manda alguém: há, pois, uma separação. Se vai junto, se acompanha, não há "envio". Ora, quem jamais pode dizer-se "separado" de Deus, se Deus é a essência última de todas as coisas, se está "dentro de todos" (Ef. 4:6) e "den-

tro de tudo" (1.^a Cor. 15:28)? Como poderia "enviar", se está junto, intimamente unido, constituindo a Vida e o Sustento de Suas criaturas?

Evidente que quem envia, fica, e manda alguém. Então, Esse que ficou e mandou, foi O Pai, a quem as Escrituras chamam o "Ancião dos Dias" (cfr. Dan. 7:9, 13, 22) e também Melquisedec (cfr. Gên. 14:18; Salmo 109:4; Hebr. 5:6,10; 6:20; 7:1, 10, 11, 15 e 17; veja atrás).

De todo este contexto, ("o Pai deu ordem do que preceitua e do que falo" e "o que falo, falo como o Pai me disse") se depreende a dualidade personativa, apesar da unicidade individual. E de muitos outros textos se apreende o mesmo (veja vol. 6).

Fidelidade é SINTONIA. Se alguém sintoniza fielmente com o Cristo interno, automaticamente está sintonizado com o Pai - Melquisedec, "Deus" do planeta - que enviou o Messias. E se alguém sintoniza com o Cristo cósmico, fonte incriada, individuada no Cristo interno, automaticamente está sintonizado com o PAI ou VERBO, com o SOM cósmico ou Palavra Criadora que, sendo Palavra, cria, preceitua e sustenta Suas criações.

Da mesma forma, quem consegue contemplar o Cristo, atinge em sua contemplação a Força suprema que O enviou. Anotemos que aqui não se trata de "ver" com os olhos físicos (tradução das edições vulgares) a personagem terrena encarnada, e sim de "contemplar", na verdadeira contemplação mística, com os olhos do Espírito: o verbo empregado não é eídô, "ver", mas theôrêô, que tem o sentido específico de "consultar um oráculo", isto é, atingir ou ver, pela contemplação mística, a vontade espiritual (cfr. Liddell & Scott, 1966, pág. 796).

Nessa contemplação atingimos a LUZ: "Eu, a LUZ (o Cristo), vim ao mundo (exteriorizado em Jesus) para que todos os que comigo sintonizarem, possam receber e refletir essa Luz, fazendo-a luz própria, a fim de não permanecerem nas trevas". Basta a fidelidade de, sintonia, para que a Luz permaneça em nós, tal como basta a fidelidade de sintonia do aparelho de rádio ou de televisão, para que eles recebam, com perfeição, as estações emissoras.

Sendo idêntica a sintonia entre Pai e Filho, entre o Produtor do Som (Verbo) e o Som produzido (Cristo), quem sintoniza com um, obtém a sintonia com o outro; quem contempla um, contempla o outro; quem ouve (akoúô) um, ouve o outro.

No entanto, não cabe ao Cristo o julgamento ou discriminação ou triagem (cfr. vol. 3) de ninguém, por estar ou não vivendo os ensinamentos trazidos. A missão do Cristo é libertar ou salvar o mundo de sua prisão na matéria, e não de verificar quem age desta ou daquela maneira. Sua missão é impelir e compelir as criaturas à evolução, ajudando-as a obter a perfeita sintonia. Quem não consegue, arca com as consequências. Tanto assim que, quem "põe de lado" o Cristo, isto é, quem não consegue a sintonia (athetêô), será discriminado e julgado pelo próprio Verbo ou Pai.

Não teremos, porém, um Pai "pessoal", sentado em trono dourado, a pesar as almas numa balança: o julgamento será por sintonia. Quem não estiver com seu Espírito em sintonia com o Cristo (e com o Pai), não lhe, poderá receber a irradiação. Assim um aparelho de rádio ou de televisão que esteja sintonizado fora da onda da estação transmissora não lhe recebe, os sons e a imagem, sendo ipso facto "julgado" ou "discriminado" pela própria estação transmissora. As ondas emitidas continuam a passar pelo aparelho, mas não são captadas por culpa do aparelho receptor que ficou "fora da estação": então, o julgamento ou discriminação é feito automaticamente pelo próprio Verbo, pelo próprio ensino que não foi vivido. Quem "me põe do lado", quem não sintoniza comigo, já está julgado pelas próprias obras: não recebe a luz, embora a luz esteja a vibrar intensamente no ambiente em que está o aparelho.

Tudo o que nos é transmitido pelo Cristo vem do Pai, que determina os preceitos a serem dados. E Sua ordem é vida imanente, ou seja, é vida íntima, proveniente do âmago mais profundo de cada ser, donde provém a vida divina que em nós palpita, transformando-se e exteriorizando-se através dos veículos físicos.

Como vemos, trata-se de um prosseguimento das palavras reveladas aos gregos que procuraram o Mestre em Jerusalém. E as explicações estão conformes aos ensinamentos ministrados nas Escolas Iniciáticas gregas, de que são usados os próprios termos: pisteúô, theóréô, akouô, rhêma distinguido de lógos, krínô, etc.

INCREDULIDADE DOS JUDEUS

João, 12:37-43

37. Apesar de tantos sinais realizados diante deles, não lhe eram fiéis,
38. para que se cumprisse a palavra que disse Isaías, o profeta: Senhor, quem acreditou no que ouviu de nós? e a quem foi revelado o braço do Senhor?
39. Por isso não podiam crer, porque de novo disse Isaías:
40. Cegaram-se os olhos deles e endureceu-se o coração deles, para que não vejam com os olhos nem entendam no coração, nem se voltem e eu os cure.
41. Isso disse Isaías porque viu a doutrina dele e falou sobre ele.
42. Contudo, apesar disso, muitos até dentre as autoridades acreditaram nele mas, por causa dos fariseus, não se uniam a ele, para que se não tornassem excomungados,
43. pois amavam a doutrina dos homens mais que a doutrina de Deus.

Terminadas as palavras reveladoras aos gregos, não deu o evangelista o resultado dessa entrevista. Mas, pelo comentário escrito a respeito da descrença dos judeus, com os quais o Mestre convivera alguns anos, e diante dos quais realizara tantos sinais inequívocos da Sua missão superior, temos a nítida impressão de que os gregos Lhe protestaram fidelidade incondicional. E foi isso o que mais deve ter impressionado o discípulo amado: como é que aqueles estrangeiros haviam bebido em rápida entrevista os ensinamentos de Jesus, e os judeus ... "apesar de tantos sinais (e aqui João emprega o termo iniciático *sêmeion*) não acreditavam nele"?

A única explicação desse fato incrível, vai buscá-lo o narrador na profecia de Isaías (53:1). A esse respeito, Agostinho (Patrol. Lat. vol. 52, col. 1276) avisa-nos prudentemente que "A profecia não é a causa do fato, mas simplesmente vê antes, tanto quanto a memória vê depois. Mas o fato é independente da profecia, tanto quanto da memória que o relembra".

Isaías pergunta ao Senhor Deus dele (a "Seu Guia"), em tom de queixa: "quem acreditou no que ouviu de nós? E a quem foi revelado o braço do Senhor"? - ou seja, a quem se tornou manifesto o poder superior?

A explicação do fato de não acreditarem nem serem fiéis, o próprio Isaías o revela em outro passo (6:9-10), já citado em Mat. 13:14-15 e em Marc. 4:12, quando é explicada a razão de Jesus falar em parábolas (cfr. vol. 3). Como lá escrevemos, não se trata de poderes superiores que impeçam a evolução dos homens, cegando-os, mas, ao contrário: são os homens que NÃO QUEREM voltar-se e ser curados, e por isso fecham os olhos (cegam) e endurecem o coração.

Até aqui tudo regular e compreensível. Mas João lança uma afirmativa séria: "Isaías (*Esaias*) disse (*eípen*) isso (*taúta*) porque (*hóti*) (1) viu (*eíden*) a doutrina (*dóxan*) dele (*autoú*) e falou (*kai elálêsen*) a respeito dele (*perì autoú*)".

(1) *hóti* ("porque") nos papiros 66 e 75; códices sinaítico, A, B, L, X, theta, psi, f. 1, 33, 1071, 1546, ítala "e", siríaca palestiniã, copta saídica, boárica, achmimiana 2, armênia, Orígenes latino, Ambrosiaster, Hilário, Dídimo, Epifânio, Crisóstomo, None, Cirilo;

hóte ("quando") em D, K, delta, pi, f.13, 565, 700, 892, 1009, 1079, 1195, 1216, 1230, 1241, 1242, 1344, 1365, 1646, 2148, 2174, ítala a, aur. b; c; d; f; ff2; q, r1; vulgata, siríaca peschitto, harcleense, gótica, etiópica, georgia (?), Diatessáron, Orígenes latino, Eusébio, Ambrosiáster, Hilário, Basílio, Dídimo, Crisóstomo.

Como vemos, a preferência por "porque", em lugar de "quando", é baseada apenas nos códices mais antigos (Sinaítico e Vaticano) e nos dois papiros do segundo século: 66 e 75.

Ainda uma vez - perdoem-nos os leitores se os castigamos com repetições - as traduções correntes trazem "glória", e assim escrevem: "porque (ou quando) viu a glória dele". Já vimos o sentido de *dóxa* (vol. 1 e vol. 3). E perguntamos. apenas: como é que vendo a "glória", descobriu o profeta, na realidade, a derrota, por não ter ele conseguido a conversão dos homens? No entanto, se interpretarmos *dóxa* como "doutrina", há perfeita sequência lógica: vendo Isaías a doutrina, percebeu claramente que muitos homens não na entenderiam e fechariam olhos, ouvidos e coração. Não é o que ocorre ainda hoje, quando ensinamos que não se deve resistir ao homem mau, que devemos dar a face esquerda quando nos batem na direita, que devemos andar dois mil passos a quem nos obriga a andar mil, que temos que dar a capa a quem quer tirar-nos a túnica? Os próprios homens que se dizem cristãos, espiritualistas e espíritas não reagem com a frase: "Tanto assim, não!" E não brigam na justiça por seus direitos? E não respondem quando criticados? E não reagem quando atacados? E não brigam, até ficar zangados, chegando mesmo a recusar receber em seu centro os que eles acusaram injustamente, e que desejavam humildemente pedir-lhes perdão? Já vimos médiuns considerados grandes e formidáveis agirem assim ... E quantos padres e pastores têm o mesmo comportamento! Fácil, portanto, a previsão de Isaías.

Isaías viu a doutrina dele e verificou que era elevada demais para a humanidade terrena. Mas como pode Isaías ver a doutrina de Jesus? Logicamente lhe foi revelada por Ele mesmo em Espírito, antes de encarnar, pois era o própria Guia de Isaías, e se apresentava aos médiuns de então com o nome de YHWH. E Sua doutrina era a mesma ensinada nas Escolas de Médiuns (ou de "profetas"), que as havia, como vimos (cfr. vol. 4, nota).

No entanto, João acrescenta que até mesmo "muitas autoridades" aceitaram a doutrina de Jesus, embora às ocultas, achando-a bela, mas "não se uniam a ele", e isso pelo "respeito humano", isto é, pelo temor de serem excomungados pelas autoridades eclesiásticas das sinagogas. Com efeito "amavam a doutrina (*dóxa*) dos homens mais que a doutrina de Deus".

Isso ocorre ainda hoje ... E mais uma vez perguntamos: por que também aqui *dóxa* é traduzida por "glória" nas edições vulgares? Interessante observar que as traduções correntes dizem: "prezavam mais a glória que vem dos homens, do que a glória que vem de Deus". Alguém já viu Deus vir à Terra para glorificar algum homem? Nem com Jesus ocorreu isso! ... O que dizem certos autores, de glórias recebidas de Deus, são teorias subjetivas e opiniões de criaturas, em seus julgamentos pessoais.

Este trecho do Evangelho de João salienta de forma impressionante as grandes diferenças claramente observáveis entre três tipos de criaturas:

- a) *as fanatizadas por doutrinas religiosas dogmáticas que, mesmo diante da evidência dos fatos, se recusam a renunciar às suas convicções pessoais: preferem de longe as doutrinas em que aprisionaram seus intelectos, e nada vêem além disso, mesmo diante de provas convincentes ("não acreditaram nele");*
- b) *as educadas em doutrinas religiosas dogmáticas mas que, ou já adquiriram certa capacidade intelectual para raciocinar por si, ou possuem certo grau de intuição; estas, diante de provas irrefutáveis e de fatos incontestáveis, cedem. Mas de tal forma se acham condicionadas ao que lhes foi ensinado desde a infância, que têm medo de afastar-se da trilha que lhes foi dada, ainda que na prática também não na adotem plenamente, pois limitam-se à frequência corporal externa dos ritos, sem que sua mente os compreenda nem aceite ("não se uniam a ele para não serem excomungados");*
- c) *as que se acham totalmente libertas de dogmas religiosos criados pelos homens, quer porque seu intelecto já os repeliu definitivamente, quer porque suas dúvidas racionais os deixaram tão incrédulos, que se acham prontos a aceitar aquilo que lhes chegue apoiado em provas de razão e em fatos indiscutíveis. São os "maduros" para "receber o Reino de Deus". E quando encontram a verdade, ainda que fora dos rebanhos em que foram criados, sabem discernir o falso do certo, e*

acompanham os Emissários divinos que lhes venham revelar novos caminhos ("quem me tem fidelidade, não é a mim que a tem, mas a Quem me enviou").

Ainda hoje encontramos essas três espécies de criaturas, bem definidas, além de uma quarta, que fica fora de cogitação:

- a) os religiosos fanáticos que nem querem ouvir falar de espiritualismo;*
- b) os que de manhã "vão à missa", e de noite vão buscar sua receita no Centro Espírita,*
- c) os que, sendo superiores em percepção espiritual, não temem abandonar o redil, porque reconhecem a "voz do pastor" verdadeiro fora dele;*
- d) os que, ainda demasiadamente materializados e animalizados, nada querem com o Espírito, permanecendo agarrados somente às sensações físicas e às emoções de baixo teor vibratório .*

Um dia tornar-se-á realidade geral a verdade de que nenhum ser humano deverá ser escravizado pelo temor moral de castigos, quer se digam falsamente de origem divina, coma o inferno eterno, quer sejam impostos por "guias" (?) de grande atraso evolutivo, que ainda ameaçam desastres aos que os abandonarem para buscar outros "Centros".

A Divindade está dentro de todas as Suas criaturas e envolve-as por todos os lados, deixando-lhes liberdade de escolha, pois só aprenderá a escolher o certo, quem tiver sofrido as dores cruciais de seu equívoco ao escolher o errado: um aprendizado de experiências pessoais conscientes cujo professor é o Sofrimento.

Então, se a Divindade nos deixa livres, qual é o homem ou o espírito desencarnado que seja tão ignorante a ponto de julgar-se com direitos e sabedoria superiores aos de Deus?

O grande caso triste nas tarefas iluminativas do Espírito, é que a grande massa humana ainda se encontra nos primeiros degraus do estágio hominal, só há muito pouco tempo saída, e não de todo, da irracionalidade animal, e não tem capacidade para vislumbrar a verdade espiritual. Pouquíssimos conseguem realmente perceber as vibrações puras e elevadas dos Mestres de Sabedoria, e são ainda em menor número os que deixam tudo para seguir-los, "muitos são os chamados, poucos os escolhidos" (Mat. 20:16 e 22:14).

Então ocorre exatamente o que disse Isaías: têm olhos e não vêem, têm ouvidos e não ouvem, porque seus olhos parece que cegaram, e seu coração se endureceu de maneira que nada entendem e não se voltam da matéria para o espírito a fim de serem curados de suas dores e sobretudo de sua ignorância.

A doutrina de Jesus - que só falou o que recebeu do Pai - é Doutrina Eterna, conhecida desde que o Espírito se manifesta no planeta Terra (para não falarmos em outros mundos habitados). Essa doutrina chegou-nos em diversos pontos, desde as eras mais remotas, por meio de vários sublimes Manifestantes Divinos. Será preciso citar o Tibet, a China, a Índia, a Pérsia, a Caldéia, o Egito, e a própria Grécia, através de Pitágoras, Sócrates e Platão? Não foi a Palestina o único centro da Revelação, embora tenha sido um dos mais recentes no tempo, e a lição tenha sido trazida por um dos seres humanos mais evoluídos e mais intimamente ligados aos componentes da humanidade há milhões de séculos (cfr. vol. 1 e vol. 5, onde estudamos o assunto). Por tudo isso, a doutrina de YHWH-YH(SH)WH - yahweh-yehshwah - era bem conhecida de Isaías e de todos os profetas (médiuns) que a estudavam nas Escolas Iniciáticas de Profetismo e a viviam na prática dos exercícios religiosos mais rigorosos, onde as revelações do oriente mais remoto já haviam chegado, pois a ligação entre as Escolas era fato concreto, não só por meio das viagens dos Mestres encarnados que perambulavam pelas ínvias estradas do mundo de então, como pelas lições trazidas pelos desencarnados que se comunicavam e que, embora tivessem pertencido a um centro iniciático, reencarnavam em outro, a fim de tornar universais as experiências conquistadas, beneficiando a humanidade toda.

Aqui ainda aparece mais uma vez o verbo hòmologêo, ao qual atribuímos (vol. 5) o sentido de "sintonizar" e portanto "unir-se", ou talvez melhor "unificar-se", falando no mesmo tom, falando (logêo) no mesmo tom (hôm), vibrando na mesma nota.

DESTRUIÇÃO DO TEMPLO

Mat. 24:1-2

1. Tendo Jesus saído do templo, retirava-se, e chegaram-se os discípulos dele, mostrando-lhe as edificações do templo.
2. Ele, porém, respondendo disse-lhes: "Não vedes tudo isso? Em verdade vos digo, não será deixada aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada".

Marc. 13:1-2

1. E saindo ele do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Mestre, olha que pedras e que edificações!
2. E Jesus disse-lhe: "Vês essas grandes edificações? Não será deixada aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada".

Neste trecho, há discordância entre os narradores. Enquanto Mateus nos mostra Jesus já fora do templo a retirar-se, Marcos coloca o episódio no momento mesmo da saída, e Lucas não nos diz o local: apenas, pelo aceno aos "donativos", faz supor que estivessem ainda no templo, embora nada impeça que a referência a eles tenha sido feita fora do ambiente.

Pela sequência, vemos que Jesus saiu pela porta de leste, descendo pelo declive do Cedron para, logo após, subir a rampa do monte das Oliveiras. Desse local a vista era maravilhosa, podendo contemplar-se toda a magnificência do templo. Flávio Josefo (*Bellum Judaicum*, 5, 5, 6) assim no-lo descreve: "Tudo o que havia no exterior do templo alegrava os olhos, enchia de admiração e fascinava o espírito: era todo coberto de lâminas de ouro tão espessas que, desde o alvorecer, se ficava tão ofuscado quanto pelos próprios raios solares. Dos lados em que não havia ouro, tão brancas eram as pedras que essa massa soberba parecia, de longe, aos estrangeiros que o não conheciam, uma montanha coberta de neve".

Toda essa riqueza fora aí colocada por Herodes o Idumeu, que ampliara o templo de Zorobabel: o pórtico de Salomão, uma cobertura sobre colunas, corria a leste; o pórtico real dominava o Tiropeu. Os recintos internos e o tesouro assombravam os visitantes e constituíam o orgulho dos israelitas.

Ora, os discípulos de Jesus participavam desse ufanismo, e por isso um deles lembra-se de chamar a atenção do Mestre para a maravilhosa construção. A resposta de Jesus constituiu uma ducha de água gelada sobre o calor do entusiasmo deles. "Não ficará aqui pedra sobre pedra".

A profecia cumpriu-se à risca no dia 9 de *âb* (agosto) no ano 70. Flávio Josefo (*Bell. Jud.* 5.5.1-2 e *Ant. Jud.* 15.11-3) anota que Tito Lívio fez tudo para salvar o templo da destruição. Mas, depois que uma tocha, lançada por um soldado, iniciou o incêndio "que se propagou como um relâmpago" (são palavras dele, *Bell. Jud.* 6.4.3-6), Tito ordenou que não só a cidade, mas o próprio templo fossem totalmente arrasados.

Aqui temos a motivação de um fato, a fim de permitir sua posterior explicação e a explanação do ponto a desenvolver. Para conseguir a oportunidade de documentar as lições a respeito da "destruição do templo" e do "término do eon", os evangelistas partiram de uma pergunta que interessaria profundamente a todos. E as predições como toda linguagem profética, apresentam temática confusa, de forma a não elucidar senão aos que tenham consigo a "chave", que não devia ser divulgada ao grande público, a fim de evitar pânico, precipitações e erros prejudiciais.

A verdadeira lição será dada nos próximos capítulos.



Figura “A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO” - Desenho de Bida, gravura de Haussoulier

PROFECIAS

Mat. 24:3-14

Marc. 13:3-13

Luc. 21:5-19

3. Estando ele sentado no monte das Oliveiras, chegaram a ele os discípulos em particular, dizendo: Dize-nos quando serão essas coisas e qual o sinal de tua vinda e do término do eon.
 4. E respondendo, disse-lhes Jesus: "Vede que ninguém vos desvie (do caminho certo),
 5. porque muitos virão (apoiados) sobre meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e desviarão muitos.
 6. Haveis de ouvir guerras e boatos de guerras; cuidado, não vos assusteis, pois é mister que isso ocorra, mas ainda não é o fim,
 7. porque se levantarão povos contra povos e reino contra reino, e haverá fome e terremotos em cada lugar.
 8. Tudo isso, porém, é um princípio das dores de parto.
 9. Então vos entregarão à opressão e vos matarão e sereis odiados de todos os povos por causa do meu nome.
 10. E então muitos serão derubados e mutuamente se entregarão e se odiarão mutuamente,
 11. e muitos falsos profetas se levantarão e desviarão muitos;
3. Estando ele sentado no monte das Oliveiras, defronte do templo, perguntaram-lhe em particular Pedro, e Tiago, e João e André;
 4. Dize-nos quando ocorrerá isso e qual o sinal quando tudo isso está para consumir-se.
 5. Jesus, porém, começou a dizer-lhes; "Vede que ninguém vos desvie (do caminho certo).
 6. Muitos virão (apoiados) sobre meu nome, dizendo que sou eu, e desviarão muitos.
 7. Todas as vezes, porém, que ouvirdes guerras e boatos de guerras, não vos assusteis: isso deve acontecer, mas ainda não é o fim,
 8. pois se levantará povo contra povo e reino contra reino, haverá terremotos em cada lugar, haverá fome; isso é um princípio das dores de parto.
 9. Cuidai de vós mesmos: entregai-vos-ão aos tribunais e nas sinagogas sereis açoitados e comparecereis diante de governadores e reis por minha causa, em testemunho para eles.
 10. E a todo povo, primeiro, deve ser pregada a Boa Nova.
 11. E todas as vezes que vos
5. Falando alguns a respeito do templo, porque era ornado de belas pedras e dornativos, disse:
 6. "Isso que vedes, dias virão em que não será deixada pedra sobre pedra que não seja arrasada".
 7. Perguntaram-lhe, pois, dizendo: Mestre, quando, então, será isso? E qual o sinal quando estiver para acontecer?
 8. Ele disse: "Vede que não sejais desviados (do caminho certo), pois muitos virão (apoiados) sobre meu nome, dizendo: "Eu sou", e: "o tempo chegou"; não sigais atrás deles.
 9. Todas as vezes que ouvirdes guerras e revoluções, não vos assusteis, pois é necessário que primeiro ocorram essas coisas, mas não (será) imediatamente o fim".
 10. Então disse-lhes: "Levantar-se-á povo contra povo e reino contra reino;
 11. haverá grandes terremotos em cada lugar, fome e peste, haverá terrores também e grandes sinais do céu.
 12. Antes de tudo isso, porém, lançarão suas mãos sobre vós e perseguirão, entregando-vos às sinagogas e prisões, conduzindo-vos aos reis e governadores, por

12. e, por crescer a ilegalidade, se resfriará o amor de muitos;
13. Mas o que perseverar até o fim, esse será salvo.
14. E será pregada esta Boa Nova do Reino em toda a terra habitada, em testemunho a todos os povos, e então virá o fim".
12. E um irmão entregará o irmão à morte, e um pai o filho, e se levantarão os filhos contra os pais e os matarão.
13. E sereis odiados de todos por causa de meu nome. O que perseverar até o fim, esse será salvo".
13. Sairá (isto) para vós como testemunho.
14. Ponde, então, em vossos corações não premeditar como defender-vos,
15. pois eu vos darei eloquência e sabedoria, às quais não poderão resistir nem responder todos os vossos opo- sitores.
16. Sereis entregues até por pais e irmãos e parentes e amigos, e matarão alguns de vós.
17. E sereis odiados de todos por causa de meu nome,
18. mas um cabelo de vossa cabeça não se perderá:
19. em vossa perseverança, adquirireis vossas almas".

Na opinião unânime dos comentadores, este trecho é reputado um dos mais difíceis dos Evangelhos.

Sabemos pela narrativa de Marcos que os quatro discípulos, que foram os primeiros a ser admitidos na Escola (João, 1:14-20) - Pedro e André (irmãos) Tiago e João (irmãos) - fizeram a Jesus a pergunta de esclarecimento a respeito da previsão da destruição do templo; em Mateus, porém, a indagação tem duas fases:

- a) quais os sinais que precederão a destruição do templo;
- b) quais os que assinalarão o término do *eon* ou ciclo (que as traduções vulgares interpretam como "fim do mundo").

Observemos que no original não está escrito *télos tou kósmou* (fim do mundo), mas *synteleía tou aiônou* (término do *eon* ou ciclo). Os israelitas opunham *ôlâm hazzêh* ("este eon") a *ôlâm habbâ* ("o outro ou o próximo eon").

Entre as primeiras comunidades ("centros") cristãs, teve muita voga a crença de que a mudança de eon se daria muito breve, com a "chegada" (parusia) de Jesus (cfr. vol. 3, vol. 4 e vol. 6).

A palavra parusia (grego parousía) tem o sentido preciso de "presença" ou "chegada". Já desde três séculos antes de Cristo designava as visitas triunfais de reis e imperadores às cidades de seus domínios ou não: "chegavam" tornando-se "presentes". Os cristãos aplicavam o termo ao "retorno de Jesus à Terra, que era aguardado para aquela época tanto que a demora desanimou a muitos que, por isso, abandonaram o cristianismo.

As interpretações deste trecho são várias:

1 - Trata-se apenas do fim do ciclo, dizem, entre outros, Irineu, Hilário, Apolinário, Teodoro de Mop- suesto, Gregório o Grande, etc .

2 - Tem duas fases distintas, uma referente à destruição de Jerusalém (vers. 4 a 22) , outra ao término do ciclo (verss. 23 a 51), é a opinião de Borsa, João Crisóstomo e muitos modernos.

3 - As duas referências se misturam, sem divisão nítida, pensam Agostinho, Beda, Knabenbauer, Battifol, Lagrange, Durand e muitos outros modernos.

Maldonado (o.c. pág. 475) afirma que os apóstolos fizeram as duas perguntas *confuse* (confusamente) e que Jesus respondeu também confusamente, para que ninguém soubesse quando seria o "fim do mundo". O raciocínio peca pela base, já que as perguntas foram nitidamente duas e em sequência lógica. Em segundo lugar, não é digno de um "mestre" esclarecer "confusamente" a seus discípulos, ainda que esses fizessem confusão nas perguntas, o que não é o caso: isso revelaria falsidade no ensino, hipótese que não pode sequer ser aventada em relação a Jesus. Eis as palavras do jesuíta: *existimabant apostoli haec esse conjuncta: finem templi et finem mundi; noluit Christus hunc illis errore eripere*, isto é, "julgaram os apóstolos serem simultâneos esses dois acontecimentos: o fim do templo e o fim do mundo; Cristo não quis tirá-los desse erro".

Preferimos aceitar a explicação mais lógica, de que a "mistura" foi feita pelos narradores, dentro do estilo profético clássico, que encontramos em Isaías (8:21; 13:13; 19:2, etc.), em Ezequiel (5:12, etc.), em muitos outros apocalipses e até, modernamente, em Nostradamus.

Analisemos o trecho, dentro da interpretação generalizada, respigando alguns tópicos:

Vers. 5 - "Muitos virão (apoiados) sobre meu nome", e não apenas "muitos virão em meu nome". Não se refere somente aos que se apresentam como representantes do Cristo, "em nome dele", mas daqueles que falam dizendo-se "O Cristo", fundamentados na autoridade desse nome. O grego não diz *en onómati*, mas claramente *epi tói onómati mou*. Encontramos exemplos dessa mesma época: Simão o Mago (At. 8:9-11); Teudas, sob o procurador Fadus (Fl. Josefo, *Ant. Jud.*, 20.5.1); outros cujos nomes não nos foram conservados (*Bell. Jud.* 2.13.4); outro sob o procurador Félix (*Bell. Jud.* 2.13.5 e *Ant. Jud.* 20.8.6 e 10).

Vers. 6 e 7- Guerras e lutas entre nações. Nessa época sabemos de muitas: nas Gálias (Víndex e Virgínius), no Danúbio, na Germânia, na Bretanha, com os Partos (Tácito, *Annales*, 12, 13; 13, 6 a 8; Suetônio, Nero, 39). Lutas em 68 entre Galba, Oton, Vitélia e Vespasiano (Tácito, *Historiae*, 1, 2,1); lutas na Palestina (*Bell. Jud.* 2.12.1 e *Ant. Jud.* 18.9.1); revoluções sob Cumano (entre 48 e 52), sob Gessio Floro (entre 64 e 66); massacres entre gregos e judeus em Cesaréia, em Ascalon, em Ptolemaida, em Tiro, em Hipos, em Gadara, em Damasco, em Alexandria: "cada cidade parecia dividida em dois campos inimigos" (*Bell. Jud.* 2.17.10 e 18, e 1 a 8). A opinião de Tácito também é valiosa e insuspeita (1).

(1) Tácito (*Historiae*, 1, 2, 1-6) assim descreve essa época: **Opus adgredior opimum cásibus, atrox proeliis, discors seditiónibus, ipsa etiam pace saevum: quattuor príncipes ferro interempti trina bella civilia, plura externa ac plerumque permixta; prosperae in oriente, adversae in occidente res; turbatum llyricum, Galliae nutantes, perdómíta Britannia et statim missa; coortae in nos Sarmatarum ac Sueborum gentes, nobilitatus cládibus mutuis Dacus, mota prope etiam Parthorum arma falsi Neronis ludibrio. Iam vero Italia novis cladibus vel post longam saeculorum seriem repetitis adflicta: haustae aut óbrutae urbes, fecundissima Campaniae ora; et urbs incendiis vastata, consumptis antiquissimis delubris, ipso Capitólio civium manibus incenso" Pollutae caerimoniae, magna adulteria; plenum exiliis mare, infecti caedibus scopuli. Atrocious in urbe saevitum: nobilitas, opes, omissi gestique honores pro crimine et ob virtutes certissimum exitium. Nec minus praemia delatorum invisá quam scelera, cum alii sacerdotia et consulatus ut spolia adepti, procurationes alii et interiorem potentiam, agerent verterem cuncta odio et terrore. Corrupti in dominos servi, in patronos liberti; et quibus deeral inimicus per amicos oppressi.**

Para os poucos treinados em latim, eis a tradução: "Empreendo uma obra fecunda em catástrofes, atroz de combates, discordante pelas sedições, sendo cruel a própria paz: quatro príncipes mortos pela Espada, três guerras civis, muitas estrangeiras e outras mistas; êxitos no oriente, derrotas no ocidente; perturbada a Ilíria, cambaleantes as Gálias, a Bretanha dominada e logo perdida; Suevos e Sármatas revoltadas contra nós; o Dácio celebrado pelas nossas derrotas e pelas deles; os próprios Partos quase pegando

em armas por engano de um falso Nero. Além disso, a Itália afligida por novas calamidades, que se repetiam após longa série de séculos; cidades engolidas ou arrasadas no litoral tão fértil da Campânia; Roma desolada por incêndios, vendo consumir-se os mais antigos santuários; o próprio Capitólio queimado pela mão dos cidadãos; a religião profanada, adultérios escandalosos, o mar coberto de exilados, os rochedos tintos de sangue. Mais atroz na cidade a crueldade: a nobreza, a fortuna, as honras, a recusa mesmo das honras tida como crimes, e a morte como preço da virtude. Os prêmios dos delatores tão odiosos quanto os crimes, pois uns tomavam como despojos o sacerdócio ou o consulado, outros a procuradoria e o poder palaciano, tudo derrubando pelo ódio ou pelo terror. Os escravos corrompidos contra seus senhores, os libertos contra seus protetores, e os que não tinham inimigos, oprimidos por seus amigos".

Todo esse aparato de horrores não denota, entretanto, o fim: é apenas "o princípio das dores de parto" (no original: *archê ôdínôn*), não simples "dores". O termo é técnico, exprimindo uma dor que tem, como resultado, um evento feliz: uma dor que provoca um avanço, uma criação física ou mental.

As acusações entre cristãos são atestadas por Tácito (2).

(2) Também aqui Tácito (*Annales*, XV, 44, 4-6) nos esclarece com os seguintes palavras após descrever o incêndio de Roma: **Ergo abolendo rumori Nero súbdidit reos et quaesitissimis poenis adfecit quos per flagitia invisos vulgus Christianos appellabat. Auctor nominis ejus Christus, Tiberio imperitante per procuratorem Pontium Pilatum supplicio adfectus erat; repressaque in praesens exitiabilis superstitio rursvm erumpebat, non modo per Judaeam, originem ejus mali, sed per urbem etiam quo cuncta úndique atrocía aut pudenda confluunt celebranturque. Igitur primum correpti qui fatebantur, deinde indicio corum multitudo ingens haud proinde in crimine incendii quam odio humani generis convicti sunt.** Isso significa: "Assim para abolir os boatos, Nero supôs culpados e infligiu tormentos refinados àqueles que, odiados por suas ações, o povo chamava Cristãos. O autor desse nome, Cristo, fora supliciado pelo procurador Pôncio Pilatos no império de Tibério. Reprimida no presente, a detestável superstição novamente irrompia, não só na Judéia, onde nascera, mas pela própria Roma, aonde chegam de todas as partes e são celebrados os cultos mais horrorosos e vergonhosos. Foram primeiro presos os que confessavam, depois, por indicação deles, enorme multidão, acusados não tanto pelo crime do incêndio, como de ódio pelo gênero humano".

Quanto à divulgação da Boa Nova, Paulo escreveu (Rom. 10:18): "Sua voz espalhou-se por toda a Terra e suas palavras às extremidades do mundo habitado". Realmente, no texto não é dito que o Evangelho será pregado "em todo o mundo" (*hólôi tòi kósmôi*) mas em "toda a Terra habitada" (*hólêi têi oikouménêi*). Essa palavra (donde deriva "ecumênico") era usada entre os gregos para exprimir o território deles, em oposição ao dos bárbaros; entre os romanos, era o império romano, em oposição aos demais povos.

Nessa mesma época, entre 30 e 70, temos notícias de tremores de terra na Ásia menor, na Assíria, na Macedônia, em Creta, na Itália: em 61 e 62 na Laodicéia, Colosso e Hierápolis; em 63, com a erupção do Vesúvio, em Nápoles, Herculano e mais três cidades menores; o incêndio de Roma em 64 (cfr. Tácito, *Annales*, 14,16; Sêneca, *Quaestiones Naturales*, 6, 1; Fl. Josefo, *Bell. Jud.* 4.4.5). A fome, sob Cláudio, assolou Roma e Palestina (cfr. At 11:28 e Ant. Jud. 20.5.2).

O comparecimento ante os tribunais também é abundantemente citada não só pelos autores profanos, como no Novo Testamento: discípulos presos (At. 4:3 e 5:18-40); citados perante o Sinédrio (At. 8:1-3; 9:1, 2, 21; 26:10; 28:22; Rom. 15:30-31); Tiago é condenado e decapitado (At. 12:2); Pedro é preso e condenado (At. 12:3-17); Paulo é apedrejado em Listra (At. 14:18), é açoitado e preso em Filipos (At. 16:22-24); fica preso quatro anos em Jerusalém (At. 21:33) em Cesaréia (At. 24:27) em Roma (At.

28:23, 30-31); é levado diante do procônsul Gálio (At. 18:14), do Sinédrio de Jerusalém (At. 23), de Félix (At. 24:25), de Festus (At. 25:9) do rei Agripa (At. 26) e de Nero (2.^a Tim. 4:17-19).

Aí temos, pois, um apanhado que justifica a interpretação corrente do trecho, de que os acontecimentos previstos se referem ao mundo exterior da personagem, às ações que vêm de fora.

O segundo comentário ainda é bem mais difícil. Que sentido REAL está oculto, sob essas palavras enigmáticas?

O aviso inicial é de uma clareza ofuscante: "Vede que ninguém vos desvie do caminho certo" (1). O comentarista sente-se perplexo e assustado, temeroso de incorrer nesse aviso prévio de cuidar-se, para não se deixar levar por fantasias.

(1) Não podemos considerar errada a tradução que fazem as versões vulgares do verbo *planáô*, por "enganar"; mas o sentido preciso desse verbo, "desviar do caminho certo" é muito mais expressivo e corresponde bem melhor ao que se diz no contexto.

Oremos, suplicando que a inspiração não nos falte, e que não distorçamos a luz que nos vem do Alto, a fim de não nos desviarmos nem tirarmos os outros do caminho certo.

Assistimos ao trabalho da Individualidade para fazer evoluir a personagem, com seus veículos rebeldes, produto do Anti-Sistema. A figuração do Cristo diante da multidão simboliza bem a individualidade a falar através da Consciência, para despertar a multidão de pequenos indivíduos, representados pelo governo central, que é o intelecto. Imbuído de todo negativismo antagônico, o intelecto leva a personagem a rejeitar as palavras da Verdade que para ela, basicamente situada no polo oposto, soam falsas e absurdas. O Espírito esforça-se por explicar, responde às dúvidas: esclarece os equívocos, todavia nada satisfaz ao intelecto insaciável de noções de seu plano, onde vê tudo distorcido pela refração que a matéria confere à idéia espiritual, quando esta penetra em seu meio de densidade mais pesada. Quando verifica que não tem argumentos capazes para rebater o que ouve, rebela-se definitivamente e interrompe qualquer ligação com o Eu interno, voltando-se para as coisas exteriores, supondo que a matéria (as pedras) possam anular a força do Espírito. Diante de tal atitude violenta e inconquistável, a Individualidade esconde-se, isto é, volta a seu silêncio, abandonando a si mesma a personagem, e sai do templo, ou seja, larga a personagem e passa a viver no Grande-Todo, no UNO, indivisível, sem deixar contudo de vivificar e sustentar a vida daquela criatura mesma que a rejeitou com a violência. Um dos casos, talvez, em que, temporária ou definitivamente, a Individualidade pode desprender-se da personagem que, por não querer aceitar de modo algum o ensino, continuará sozinha a trajetória (cfr. vol. 4), tornando-se "psíquica", mas "não tendo Espírito" (Judas, 19).

NOTA DO AUTOR

A partir deste ponto, podemos oferecer a nossos leitores bases mais seguras em nossa tradução do texto original grego.

Até a página anterior, seguimos o **NOVUM TESTAMENTUM GRAECE**, de D. Eberhard Nestle e D. Erwin Nestle; o **NOVI TESTAMENTI BIBLIA GRAECA ET LATINA**, de J. M. Bover; a "S. Bible Poliglotte" de Vigouroux; as versões da Escola Bíblica de Jerusalém, da Abadia de Maredsous, a "Versão Brasileira" a **Vulgata** de Wordsworth e White, e a Análise de Max Zerwick, que eram os textos mais bem informados (só nos faltava o texto de Merck, mas a edição de Bover o colaciona).

Agora, todavia, conseguimos receber o recentíssimo volume **THE GREEK NEW TESTAMENT**, de **Kurt Aland** (da Univ. de Munster, Westfalia), **Matthew Black** (da Univ. de St. Andrews), **Bruce M. Metzger** (do Univ. de Princeton) e **Allen Wikgren** (da Univ. de Chicago), com larga colaboração de especialistas de cada setor, de forma a ser um texto realmente autorizado.

A publicação foi feita em 1967, pela United Bible Societies, de Londres (que reúne as Soc. Bíblicas Americana, Inglesa estrangeira, Escocesa, Neerlandesa e de Wurtemberg). Traz **todas** as variantes dos papiros, dos códices unciais, dos minúsculos, da íta e da vulgata, dos lecionários, das versões antigas (siríacas, coptas, góticas, armênias, etiópicas, georgianas, núbias) dos Pais do Igreja, e de todos os editores, trazendo até as descobertas mais recentes nesse campo. Isso permite ao tradutor apoiar-se com maior segurança em seu trabalho, podendo analisar as variantes e avaliar os pesos de cada manuscrito ou tradução, tirando conclusões mais fiéis ao original.

Daqui em diante, pois, seguiremos o texto grego dessa edição. E como prometemo-nos o REVER, à sua luz, e com os dados mais recentes, tudo o que até agora foi traduzido e publicado qualquer novo testemunho que nos leve a modificar nossa opinião expendida, honestamente a divulgaremos oportunamente, para que continue, neste trabalho audaciosamente iniciado, a mesma qualidade básica essencial: honestidade sincera.

A tradução que sozinho empreendemos do original grego, sob nossa responsabilidade pessoal única, não se filia a nenhuma corrente religioso antiga ou moderna. O que pretendemos é conseguir penetrar o sentido real, dentro do grego, transladando-o para o português, sem preocupação de concordar nem de discordar com quem quer que seja.

Também não pretendemos ser dogmáticos nem saber mais que outros, mas honestamente dizemos o que pensamos, como estudiosos, trazendo mais uma achega depois de quase cinquenta anos de estudos especializados nesta existência. Mas estamos dispostos a aceitar qualquer crítica e rever qualquer ponto que nos seja provado que foi mal interpretado por nós.

Só pedimos uma coisa: que nos seja reconhecida a honestidade com que trabalhamos e a sinceridade pessoal com que sentimos e nos expressamos.

CEGO DE NASCENÇA**João, 9:1-41**

1. E passando (Jesus) viu um homem cego de nascença.
2. Perguntaram-lhe seus discípulos, dizendo: "Rabbi, quem errou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?"
3. Respondeu Jesus: "Nem ele errou, nem seus pais, mas para que se manifeste nele a ação de Deus;
4. nós devemos executar as ações de quem me enviou enquanto é dia; vem a noite, quando ninguém pode agir;
5. cada vez que eu esteja no mundo, sou a luz do mundo".
6. Dizendo isso, cuspiu no chão e fez lama com o cuspo e ungiu sua lama sobre os olhos (do cego e disse-lhe:
7. "Vai levar-te na piscina de Siloé (que significa Enviado). Ele foi, pois, lavou-se e regressou vendo.
8. Então os vizinhos e os que costumavam vê-lo antes, porque era mendigo, diziam: "Não é esse o que se sentava e mendigava"?"
9. Uns dizem: "É ele mesmo"; outros diziam: "Não é, mas é parecido com ele"; ele mesmo dizia: sou eu".
10. Perguntavam-lhe então: "Como te foram abertos os olhos"?
11. Respondeu ele "O homem chamado Jesus fez lama, ungiu-me sobre os olhos e disse-me: vai a Siloé e lava-te; então fui, lavei-me e vi"
12. Perguntaram-lhe: "Onde está ele"? Respondeu: "Não sei".
13. Levaram o ex-cego aos fariseus.
14. Ora, era sábado o dia em que Jesus fez lama e lhe abriu os olhos.
15. De novo, então, os fariseus perguntaram-lhe como via. Respondeu-lhes ele: "Ungi-me lama sobre meus olhos, lavei-me e vejo".
16. Diziam, pois, alguns dos fariseus: "Este homem não é de Deus, porque não observa o Sábado". Outros porém diziam: "Como pode um homem errado fazer semelhantes sinais"? E havia divergência entre eles.
17. Disseram, então, ao cego de novo: "Que dizes tu a respeito dele, visto que te abriu os olhos"? Ele respondeu: "Que é profeta".
18. Mas os judeus não acreditaram, a respeito dele, que fora cego e via, até que chamaram os pais do que recebera a vista,
19. e os interrogaram dizendo: "É este vosso filho, que vós dizeis ter nascido cego? Como, pois, vê agora"?"
20. Responderam seus pais e disseram: "Sabemos que este é nosso filho o nasceu cego;
21. ma como agora vê, não sabemos; ou quem lhe abriu os olhos, não sabemos: interrogai-o, já tem idade, ele mesmo falará a seu respeito".

22. Isso disseram seus pais, porque temiam os judeus, porque os judeus já haviam combinado que se alguém confirmasse o Cristo, seria expulso da sinagoga.
23. Por isso disseram seus pais: "Já tem idade, interrogai-o".
24. Chamaram, pois, pela segunda vez o homem que fora cego e disseram-lhe: "Dá glória a Deus: nós sabemos que esse homem é errado".
25. Ele respondeu: "Se é errado, não sei; uma coisa sei: eu era cego e agora vejo".
26. Disseram-lhe, pois: "Que te fez? Como te abriu os olhos"?
27. Respondeu-lhes: "Já volo disse e não ouviste; por que quereis ouvir de novo? Acaso também vós quereis ser seus discípulos"?
28. Injuriaram-no e disseram: "Tu és discípulo dele; nós somos discípulos de Moisés;
29. sabemos que Deus falou a Moisés, mas este não sabemos donde é".
30. Respondeu o homem e disse-lhes: "Nisto está o admirável, que não saibais donde ele é, e (no entanto) ele me abriu os olhos.
31. Sabemos que Deus não ouve os errados, mais se alguém for reverente (a Deus) fizer a vontade dele, a este ouve.
32. Desde séculos não se ouviu que alguém abrisse os olhos a um cego de nascença,
33. Se esse homem não fosse de Deus, não poderia fazer nada".
34. Replicaram eles e disseram-lhe: "Tu nasceste todo em erros e nos ensinas"? E o lançaram fora.
35. Ouviu Jesus que o lançaram fora e, encontrando-o, disse-lhe: "Crês no Filho do Homem"?
36. Respondeu ele e disse: "Quem é; Senhor, para que eu creia nele"?
37. Disse-lhe Jesus: "Já o viste e é ele quem fala contigo".
38. E ele disse, "Creio, Senhor", e prostrou-se diante dele.
39. E disse Jesus: "Para um arbitramento vim a este mundo, para que os que não vêem, vejam, e os que vêem se tornem cegos".
40. Ouvindo isto, (alguns) dos fariseus que estavam com ele disseram-lhe: "Acaso somos nós também cegos"?
41. Disse-lhes Jesus: "Se fosseis cegos, não teríeis erro: mas agora dizeis: nós vemos; vosso erro permanece".

O discípulo amado soube dispor a ordem de sua narrativa de tal forma que logo após a revelação da teimosia dos "judeus" que NÃO QUERIAM VER, ele apresenta um fato (verdadeiro símbolo, que estudaremos a seguir) demonstrando a razão de ser de os judeus não crerem.

Certos hermeneutas acham que este fato não se seguiu ao tumulto no templo: "é inadmissível que Jesus se tenha mostrado à luz do dia imediatamente após a tentativa de assassinato a que escapara, antes que a efervescência da multidão inimiga se tivesse acalmado" (Pirrot, o. c. , vol. 10, página 389). É não conhecer a psicologia de um "líder", julgando-o pela craveira comum dos mortais medrosos. Ao contrário, entendemos que as palavras de João salientam precisamente a sequência imediata dos fatos. Jesus "se esconde e sai do templo" e, ao sair da cidade com seus discípulos pela porta de Siloé, "passando, vê o cego de nascença", e faz questão de curá-lo, mesmo sem ser solicitado, para dar uma demonstração irrecusável das verdades que havia proclamado. Assim como se dissesse: "Não acreditam em minhas palavras? pois vejam os fatos".

Esse cego - sabemo-lo pelo desenrolar dos acontecimentos - era figura conhecida pela longa permanência naquela "porta de Siloé", pois aí o viam todos diariamente a esmolar e lhe conheciam a história. Os próprios discípulos galileus, que só raramente iam a Jerusalém, também tinham ciência disso, e aproveitam a oportunidade para provocar uma explicação de teorias, cuja certeza não haviam adquirido. Nem pensam na cura, que também a eles devia figurar-se "impossível". Mas os doutos explicavam que as enfermidades constituíam o resgate (castigo) de crimes cometidos anteriormente. No entanto, as Escrituras manifestavam-se dúbias e confusas em sua interpretação literal.

Em Êxodo (20:5 e 34:7), em Números (14:18) e no Deuteronômio (5:9) afirma-se que Deus "visitará a iniquidade dos pais nos filhos sobre os terceiro e quartos", o que era explicado literalmente que os filhos "pagam" pelos pais. Todavia, no próprio Deuteronômio (24:16) está escrito: "não se farão morrer os pais pelos filhos nem os filhos pelos pais: cada homem será morto pelos seus erros". Essa mesma teoria da responsabilidade pessoal (1) é citada e reafirmada em Deuteronômio (7:9-10), em Ezequiel (18:1-32 e 33:20), em Job (34-11), nos Salmos (28:4), nos Provérbios (12:14 e 29), em Isaías (3:11), em Jeremias (31:29-30), nas Lamentações (3:64) e no Eclesiástico (16:15).

(1) Veja citações completas em "La Reencarnación en el Antigua Testamento", de C. Torres Pastorino, pág. 32 (Edições Sabedoria).

A qual das duas opiniões ater-se? Serão castigados os filhos pelos erros dos pais? Ou o resgate dos erros é pedido exclusivamente ao que errou? Ali estava um caso típico, um cego de nascença: "Quem errou, para que este nascesse cego: ele mesmo ou seus pais"?

Lógico que na segunda hipótese apresentada, de estar cego por causa dos erros dos pais, a teoria do resgate dos filhos por culpas dos pais seria confirmada. Mas na primeira hipótese de ele *mesmo* haver errado, se confirmaria a teoria da responsabilidade pessoal, segundo o ensinamento das vidas terrenas múltiplas (reencarnação), já que o homem *nascera* cego; logo, só poderia ter cometido o erro em vida anterior. A segurança da pergunta é sinal evidente de que os discípulos não colocaram a menor dúvida a respeito da lei comprovada da reencarnação. E o Mestre não os corrige: ao contrário, confirma-lhes a certeza, quando responde: "ele mesmo não errou". Logo, viveu antes, sim, mas a cegueira atual não é o resgate de erros seus de vidas anteriores, não é cármica. Mas também não é o resgate de culpas dos pais.

A idéia de que todo e qualquer sofrimento era "castigo" estava generalizada nos povos antigos, e Plantão mesmo cita a comparação órfica de que o corpo "*sôma*" é uma sepultura ou cárcere (*sêma*) ou isolamento (*phrousa*) que a alma recebe como punição de seus erros anteriores, após ficar "errando cá e lá no espaço", quando não agiu bem durante a vida (cfr. Filolau, fragm. 15 D, e Plantão, Crátilo. 40 a; Górgias, 493 a; e Fedon, 62 b).

Diante da pergunta dos discípulos, o Mestre explica que não é assim baseando-se num caso concreto, que tem diante de si. A frase citada por João, embora resumida e esquemática, deixa clara a lição para quem já tenha compreendido a mecânica evolutiva. Afirma Jesus que não houve erro, nem dele próprio em vida anterior, nem de seus pais, ou seja, que a cegueira não é cármica, mas simplesmente uma experimentação ou provação (*pathós*) que serve de acicate para provocar avanço mais rápido daquela criatura, verdadeiro "agulhão evolutivo".

O ensino é límpido: nasceu assim cego "para que nele se manifestasse a ação (*érga*) de Deus", ou seja, para que se faça sentir o impulso divino, que o constrange a evoluir. Não se trata, portanto, de resgate cármico, mas de provação, tanto que veremos como o ex-cego reagiu corajosa e ousadamente contra as autoridades, com o destemor próprio da criatura evoluída, que não se submete a mentiras e injustiças. A interpretação corrente, de que "nasceu cego" só para que Jesus pudesse operar um "milagre", é de inconcebível fragilidade e irracional. Tantos meios haveria de realizar prodígios, que seria absurdo e monstruoso ter que sacrificar durante anos um filho de Deus, na cegueira, só para ser curado sem alarde, como o foi *a posteriori*, tendo sido mesmo posto em dúvida o fato, porque não foi público. Essa suposição de um Deus que não sabe fazer as coisas certas fere a racionalidade equilibrada de quem tenha um pouco de bom-senso. Qual o pai que deixaria um filho preso durante anos num cubículo sem luz, unicamente para que mais tarde viesse outro filho seu e mostrasse à humanidade que tinha a chave

para abrir o cubículo e trazê-lo à luz? Por que supor sempre uma Divindade tão inferior às suas próprias criaturas?

Mas prossigamos na análise do texto.

No vers. 4. preferimos: “Nós devemos executar” (*aleph*, B, D, L, T, W, Z, *lambda*, *psi*, papiros 66 e 75, uncial 0124, mss. da siríaca palestina, etiópica e copta bohaírica. e Orígenes, Jerônimo, Cirilo de Alexandria e Nonio, a “EU devo executar” (A, C, K, X, *delta*, *theta*, pi. psi, fam 1 e 13, vários minúsculos, versões siríacas e latinas). No entanto, é preferível “ME enviou” (os mesmos testemunhos citados acima, em primeiro lugar, exceto *aleph*, L e W) a “NOS enviou” (trazido por papiros 66 e 75, *aleph*, L, W, e os testemunhos da segunda citação). A lição foi manuseada pela dificuldade de concordar o plural “Nós”, com o singular “me”.

Nesse versículo aprendemos que a ação (*érba*) divina precisa manifestar-se e realizar-se através dos próprios homens, e isso só pode fazer-se “enquanto é dia”, ou seja, quando a luz do Cristo nos possibilita a visão dos acontecimentos: se sobrevierem as trevas das perseguições, e entenebrecimento da Mente, a noite da alma que só vê a matéria, não se pode mais agir (as ações divinas).

O vers. 5 é iniciado com *hótan*, composto de *hóte*, “quando” e da partícula *an*, que exprime eventualidade e repetição, devendo, então traduzir-se *hótan* por “cada vez que” ou “todas as vezes que” (latim: *totiens*) (Cfr. Liddell and Scott, “Greek-English Lexicon, 1086, *ad verbum*). Daí a tradução que demos, divergente das comuns: “cada vez que (todas as vezes que) eu esteja no mundo, sou a luz do mundo”. Isso faz-nos perceber, irrecusavelmente, que aquela vez, narrada nos Evangelhos, não foi a única vez que Jesus esteve encarnado neste planeta.

Jesus utiliza-se novamente da saliva (cfr. vol. 4), com que faz lama, misturando-a à terra do chão, e com ela bezunta os olhos nati-mortos do cego; e envia-o a lavar-se na piscina de Siloé.

O nome hebraico tradicional é *Siloáh*, os massoretas marcaram a pronúncia *Seláh*; o grego transcreveu *Siloám* e significa “envio” (de águas). Era aplicado à fonte natural intermitente, única existente dentro da cidade de Jerusalém (cfr. Flávio Josefo, Bell. Jud. 5, 41; 6, 1; 9, 4 e 12, 2; Tácito, Hist. 5,12). Daí ser dita “a” fonte. Mas aplicava-se também ao canal, construído por Ezequias (cfr. 2.º Crôn. 32:30) que desviou as águas do rio *Gihon* cavando subterraneamente na rocha um canal retilíneo de 550 m de extensão por baixo da cidade, até fazê-lo desembocar a oeste de Jerusalém, onde se construía a “piscina do rei” (2.º Esdr. 3:15); mas o nome Siloé também se aplicou a essa piscina balneária (*kolybêthra*, vol. 3). À época de Jesus, tinha 22 m de norte a sul, 23 m de leste a oeste, e 5,5 m de profundidade. Hoje ainda existe, com 15 m por 5 m de largura e igual profundidade, com o nome de *birkét Silôân*, sendo ainda chamada *'Ain Umm ed-Deradj* (fonte dos degraus) ou *'Ain Sitti-Mariam* (Fonte de Maria).

O nome *Siloé* estendera-se à porta da cidade e à região, e parece claro que foi nessa porta que Jesus viu o cego mandando-o à piscina, que lhe devia ser bem conhecida e ficava próxima ao local em que se achava. Tratando-se de uma piscina balneária, nada impedia que o cego cumprisse a determinação de Jesus e mergulhasse. “Lava-te”, disse Jesus, e não apenas “lava teus olhos”. E após mergulhar, verificou com assombro que conquistara a visão.

O regozijo e o espanto fizeram que a nova se espalhasse. Os vizinhos - deve ter corrido para casa a fim de participar a boa-nova aos seus não queriam acreditar no que viam. É ele, não é ele, levantava-se a discussão, tão estranha era a ocorrência. Foram ao cego, amontoados à porta de sua casa: “és tu”? – “Sou eu”; - “É ele”: Diante do fato incontestável, convenceram-se.

Como foi? O cego narra o ocorrido em palavras simples, embora se sinta, na sequência singela, um toque de emoção: lama nos olhos ... vai lavar-te ... fui ... lavei-me ... vi! O choque dos vizinhos amigos e parentes foi tão violento pelo inesperado, que agarraram o homem e deliberaram levá-lo aos chefes da religião, aos fariseus todo-poderosos. Nem quiseram esperar pelo dia seguinte. Foram no próprio sábado em que se deu o fenômeno inexplicável e nunca ouvido.

E subiram todos eles em bloco as escadarias do templo, levando de roldão o ex-cego, que não cabia em si de alegria por ver as maravilhas do sol a bailar sobre o outro brilhante e sobre o mármore branco do

monumento erguido a YHWH. Queriam levar consigo, também, o herói, o curador, mas onde estaria esse Jesus? A resposta foi desconcertante: "Não sei"!

Os cétricos fariseus duvidaram. Começou o inquérito prudente, iniciado pela pergunta *como foi*. Nova repetição do beneficiado. Surge, então, a questão do *quando*, e a resposta de que fora naquele mesmo sábado fez explodir incontroláveis os preconceitos humanos, procurando abafar o maravilhoso do ato: esse homem não é de Deus, pois se o fora, teria respeitado o sábado, obedecendo aos fariseus e a suas exigências, como, no entender deles, o próprio Deus o fazia. Para os religiosos desse tipo de religiões organizadas Deus não pode sair da linha de conduta que eles traçam: está sujeito a eles, como pequena e dútil marionete que eles manobram à vontade.

Mas entre eles, havia alguns não fanatizados, que chegaram a aventar a hipótese arriscada, de que não seria possível a uma pessoa que errasse fora dos caminhos de Deus, a realização de uma cura espetacular: era um cego de nascença! A discussão afervorou-se entre eles, sob os olhares atônitos do ex-cego. Resolveram pedir a opinião dele. E ele foi franco e intemorato: é um profeta.

Desconfiaram, então, os julgadores mais severos, que se tratava de uma farsa: naturalmente estava tudo combinado. Ele se dizia cego de nascença e curado, mas não era verdade. Onde estavam seus pais? Estes o reconheceriam, e não teriam coragem de mentir ... Talvez saindo do meio da pequena multidão que o acompanhara, apresentaram-se logo. Sim. Aquele era o filho deles não havia dúvida, e realmente nascera cego. Que acontecera, então? Bem, perguntem a ele tem idade suficiente ... Que responda. Acovardaram-se, com medo de serem excomungados. Era comum, àquela época, (como ainda hoje, em muitas corporações religiosas) em três graus: a excomunhão vitalícia (herem) que chegava à confiscação dos bens: a expulsão da sinagoga por trinta dias (*niddui*) que obrigava ao luto e a deixar crescer barba e cabelos; e a separação por uma semana (*nezipha*), menos grave.

O texto original grego diz *homologêsêi christón*, literalmente, "falasse igual ao Cristo", ou "fosse igual ao Cristo", (de *homo* = igual e *logêô* = falo); algumas traduções vulgares seguem o códice D, único que dá "confessasse *ser ele* o Cristo"; outras trazem: "ser Jesus o Cristo". Mas não é isso o que diz o original. Exprime uma idéia de "iniciados": que os profanos não conheciam e por isso não podiam compreender: se alguém falasse ou fosse igual, se igualasse, ou mesmo, em última instância "confirmasse" no sentido de "aceitasse" ou "sintonizasse" com o Cristo.

Passam as autoridades, então, a suggestionar o ex-cego: se a cura foi feita num sábado, indiscutivelmente "esse homem é um errado" (1), está "fora do caminho certo. Mas o benefício não se enreda na armadilha: bom ou mau, não sei: sei que era cego e agora vejo! É o fato que derruba qualquer argumento teórico, filosófico ou teológico.

(1) *Evitamos, na tradução, as termos que variaram na semântica, o fim de não dar idéias errôneas e anacrônicas do que foi dito. Assim, **hamartía** é o erro e **Pramartolos**, o errado, o que perdeu o caminho. Não dizemos "pecado", nem "pecador", pois estas palavras assumiram o significado específico de "ofensa a Deus", como se a Divindade fosse uma criatura mutável que pudesse ofender-se, zangar-se com os homens, e depois, perdoasse, quando estes se arrependessem. No sentido iniciático, **hamartolós** é o "profano", o "que está ainda no caminho errado".*

Tentam, agora, pegá-lo em contradição: "como foi mesmo"? O homem já estava cansado e apela para a ironia: contar outra vez? Já disse como foi. Ou quererão tornar-se seus discípulos? A ironia fere como uma chicotada e faltos de argumentos, recorrem à injúria. Ainda se envaidecem de ser discípulos de Moisés, mas "esse" de onde vem? O carpinteiro não possuía as credenciais, os títulos, a submissão a eles. Valores e fatos de nada adiantavam, sem que tivessem "reconhecido a firma". A ironia continua, com laivos de sarcasmo: "não sabeis donde é, coisa estranha, mas ele me abriu os olhos" ... O descontrolo chega ao máximo: "nascestes todo em pecados, e pretendes ensinar-nos"? O que confirma oficialmente a tese de que a doença, sobretudo a de nascença, é resgate cármico; e indiretamente confirma, sem dúvida, o conhecimento da lei da reencarnação por parte do Sinédrio. E acabam expulsando-o do templo. Tratava-se de uma testemunha incômoda cuja presença atestava a impotência deles sobre aquele carpinteiro e os deixava perplexos e sem saída.

O ex-cego demonstrara seu destemor e se comportara varonilmente diante do perigo. Jesus o procura para recorfortá-lo. A alegria da cura fora diminuída pela decepção diante de homens que ele, talvez, esperava, em sua ingenuidade simples, ergueriam hosanas a YHWH pela maravilha que ocorrera em Israel, onde "nunca se ouvira dizer que um cego de nascença recuperara a visão". Jesus o procura e o encontra. "Crês no Filho do Homem"? Atônito ele pergunta: "Quem é ele"? E Jesus, tal como o fizera com a samaritana, se revela a ele.

A expressão "Filho do Homem aparece em pap. 66 e 75, *aleph*, B, D, W, versões sahídica, achimimiana, faiúmica, boaírica (mss) e siríaca sinaítica; copta: é mais segura que "Filho de Deus", evidente emenda posterior de A, K, L, X, *delta*, *theta*, *psi*, *omega*, alguns minúsculos e das versões latinas.

Diante do novo iluminado, declara Jesus ter vindo para um arbitramento (*krima*) a fim de que os cegos vejam e os videntes se tornem cegos. É a afirmação clara de que o fato deve ser interpretado como alegoria ou símbolo.

Alguns fariseus que se achavam presentes quiseram saber imprudentemente (a verdade ofusca e cega) se acaso eles fariseus eram cegos. A resposta de Jesus é sábia: se fossem realmente cegos, e nada conhecessem, a respeito da verdade, não haveria erro da parte deles; mas eles mesmos se diziam sábios, competentes. que *viam*, e nisso consistia o erro que permanecia neles.

A explicação teórica da lição anterior deve ter sido completa, levando a verdadeira LUZ a alguns dos Espíritos de discípulos ali presentes, adiantando-os na senda. Mas talvez em alguns deles tenha havido maior dificuldade de compreensão. Como agir diante do mundo, depois de iluminados? O ideal não seria revelar tudo isso aos chefes religiosos? Que maravilha se as maiores autoridades das religiões conseguissem VER o que ocorria àqueles que recebiam a iluminação interior! Como progrediria a humanidade se os dirigentes da religião oficial comprovassem a Realidade do Espírito! A humanidade poderia rapidamente modificar-se. Eles mesmos abandonariam o egoísmo ambicioso, para viverem a doação de si mesmos aos desamparados. Perceberiam a vaidade e falácia das coisas da terra e subiriam aos píncaros da espiritualidade, seriam "iluminados".

O Mestre ouviu, embaraçado por não querer desiludi-los, a explosão da esperança em seus corações. E resolveu dar-lhes um exemplo vivo. Nada melhor que um cego de nascença, para servir à alegoria, demonstrando que nem sequer a iluminação física seria reconhecida, quanto mais a espiritual que se oculta no fundo d'alma.

A demonstração prática foi completa, revelando a dificuldade de uma criatura obter a iluminação interior e o Encontro Sublime, se para isso não está preparada evolutivamente.

Procuremos analisar cada linha e cada entrelinha da narrativa de João e do fato que foi realizado bem a propósito, como exemplificação do que é "ser a luz do mundo". Observamos anteriormente (cfr. vol. 3) que o Mestre agia primeiro para explicar depois. Aqui a ordem foi invertida.

O evangelista, bem imbuído do ensino aprendido em sua vivência, soube ocultar em suas palavras, com rara sabedoria, tudo o que foi dito aos discípulos de boca a ouvido, e que não deveria ser divulgado naquele momento da História. Só muito mais tarde poderia ser publicado, quando a humanidade fosse abrindo os olhos de ver, os ouvidos e ouvir e sobretudo o coração de entender.

A lição parece ter sido provocada pelos próprios discípulos, ávidos de conhecimento mais profundo do ensino místico do Cristo.

Já vimos que a primeira parte se refere às causas das doenças, Nem todas constituem resgates cármicos de ações de vidas anteriores: algumas há que são "agulhão evolutivo". Os termos registrados pelo narrador resumem a lição em algumas linhas, onde só o essencial é dado a lume, para que os profanos não penetrassem o significado total, mais tarde, viria a inspiração para que se revelassem um pouco mais do teor da lição. Mas a palavra érga, "ação", levanta a pista. Estando Deus dentro de todos e de tudo, a ação divina se manifesta de dentro para fora.

No entanto, a este segue-se logo outro ensino de capital importância. Fala o Cristo Interno a Seus discípulos: "Nós devemos executar as ações de Quem lhe enviou". A Centelha cósmica é enviada ou projetada pelo Pai (SOM) e se reveste de forma e veículo físicos para, de dentro, fazer evoluir o Espírito que dela se individualizou. O processo é conhecido não precisamos repeti-lo. No homem, a Centelha continua seu trabalho de impulsionar à evolução. Mas o grosso da humanidade não alcançou ainda o contato e a comunicação direta com essa Centelha, pois nem sequer atingiu o conhecimento intelectual desse fato. A Seus discípulos, já iluminados, o Cristo afirma que a verdadeira evolução é proveniente dessa ação divina interna, e que Ela só pode efetivar-se "enquanto é dia", pois vem a noite quando ninguém pode agir. Parece enigmático o resumo que João faz do ensino.

Mas, sentindo isso, ele apressou-se a acililar a explicação: "cada vez que eu esteja no mundo, sou a luz do mundo", isto é todas as vezes que me manifesto no coração da criatura, ilumino-a, tornando-a dia (LUZ) para que ela tenha claro seu caminho.

Segundo o Prof, José Oiticica, o termo "mundo", exprime os veículos físicos. Logo conforme escreve ("Os Sete eu sou", 1958, pág. 7), o significado da frase é: "O Cristo encerrado nos veículos físicos da manifestação é a luz desses veículos".

Mas enquanto o Cristo se mantém "adormecido no fundo do barco" (Mat. 8:24, Mr. 4:38, Luc. 8:23) levantam-se as tempestades nas trevas da noite do Espírito e ele não pode agir, não consegue dar os passos evolutivos (ergázethai = evoluir) porque perde o rumo certo, desvia-se da rota "erra" (hamartânô) o caminho.

Passa então ao ensino prático, de ação física, reveladora do processo espiritual. Começa mostrando que o Cristo Cósmico lança de Si uma Centelha ("cospe no chão",) a qual se mistura com os elementos materiais (terra), formando um corpo físico (lama) cuja VIDA é a Centelha (cuspo). Estando esta oculta num corpo, enquanto assim se mantiver, a criatura é cega de nascença; mas quando essa criatura receber o impacto no intelecto (olhos) poderá reaver a visão. Para isso, é mister cristificar (o verbo grego usado aqui é epichriô, composto de chriô, ungi, cujo participio passado é christós) o cérebro (visão). Maravilhosa lição contida numa pequena palavra! Por isso, unge (cristifica) os olhos do cego de nascença (de quem se acha na ignorância completa) e manda-o "lavar-se na piscina de Siloé", ou seja, manda que mergulhe (batismo) nas águas (na interpretação alegórica da doutrina) do Enviado (isto é, do Cristo, o Enviado do Pai).

Haverá lição mais clara e explícita para indicar-nos o caminho certo do Encontro com o Cristo Interno?

O cego é dito "de nascença" porque só nascera como ser humano "de baixo", e jamais conhecera a luz do alto (José de Oiticica, o.c., pág. G). Podemos, também, interpretar como um ensino o cuspir na terra: só através da Encarnação, ao mergulho da essência crítica na matéria e especialmente depois que se lavou, mergulhando nos Ensinos alegóricos (não os literais) do Enviado ao Pai, é que o Espírito pode evoluir.

Quando isso ocorre com uma criatura, a modificação é tão radical e profunda, que todos os "vizinhos" (sejam células, órgão, veículos físicos, ou pessoas externas) chegam a duvidar se trate daquele mesmo que estavam habituados a ver triste, sorumbático, miserável, a mendigar nas esquinas um pouco de felicidade, como tantos que vemos a correr ansiosos pelas instituições espiritualistas, mendigando luz sem obtê-la, e permanecendo cegos, desorientados, angustiados. Mas, cuidado com os equívocos: muitos há que experimentam arrebatamentos, êxtases, iluminações ou "samádhis" e acreditam que isso constitua a União definitiva. São passos decisivos para alcançá-la, mas ainda não são o final ansiado. Aqui, neste capítulo, trata-se exatamente da obtenção da União por meio da iluminação.

Verificado o resultado, vem o desejo de todos de saber como foi isso conseguido. A resposta do recém-iluminado esquematiza o processo com extrema simplicidade: o homem chamado Jesus (a individualidade) fez lama (misturou a Centelha divina com a matéria, plasmou o corpo físico), ungiu-me sobre os olhos (cristificou-me a capacidade intelectual) e ordenou-me que me lavasse (mergulhasse) nas águas (na interpretação alegórica da doutrina) de Siloé (do Enviado do Pai, o Cristo Interno); fui (obedeci: faça-se a tua vontade), lavei-me (mergulhei no coração) e vi (encontrei-me com a Centelha divina). A

concisão da frase, em sua singeleza, transmite esperançosa mensagem a todos os que lêem o sentido, e não apenas as palavras; a todos os que "sentem", e não apenas vêem as letras impressas.

Continua o desejo de saber mais: "Onde está ele"? A resposta só podia ser a que foi dada: "Não sei". Como saber ONDE se encontra o Infinito, ONDE se situa o Eterno, ONDE se aloja o Ilimitado? Impossível dizê-lo, porque impossível sabê-lo: está em todo lugar e em nenhum lugar, já que não se localiza no espaço: é inespacial; está sempre presente, mas sempre ausente, pois não se manifesta no tempo: é eterno e atemporal; é o grande todo e o grande nada; é o Absoluto em que mergulha o relativo que não pode defini-Lo nem percebê-Lo; é invisível aos nossos olhos, insensível a nossos sentidos, pois vibra em outra dimensão, só perceptível à superconsciência do Eu profundo, quando este desperta para a Realidade.

Vem a seguir uma lição para aqueles que se encontram na escola da Iniciação, na "Assembléia do Caminho": a exemplificação o que sempre ocorrera com eles em relação aos profanos. Ao descobrirem um Iniciado verdadeiro (não os que se dizem tais, mas os que realmente o são, e nunca dizem a quem quer que seja) eles querem forçá-lo a limitar-se numa religião, a restringir-se numa seita, a filiar-se a um partido, cerceando sua liberdade sob o jugo dos poderosos da Terra. E de modo geral o círculo escolhido é dos piores e mais farisaicos e anáticos que quererão obrigá-lo ao obedecer a todos os preconceitos e conveniências humanas, por mais ilógicas e absurdas.

O processo utilizado é descrito em pormenores, finalizando com a excomunhão, inevitável para que as organizações religiosas oficiais mantenham sua "autoridade" e supremacia sobre os profanos; a presença de um iluminado entre eles viria ofuscá-los diante do público, obumbrando-lhes a ignorância travestida de sabedoria. Corpo estranho que perturbaria os interesses materiais ardentemente buscados e que jamais são suficientes para aplacar-lhes a ambição.

Mas a criatura iluminada procura demonstrar com fatos, mesmo perante assembléias hostis, a verdade que experimentou, apresentando todos os testemunhos pedidos, embora, firme na sua convicção e na experiência vivida (fui cego e agora vejo) não se deixe abater nem intimidar. Já os profanos amedrontam-se com as ameaças; os "judeus" (religiosos ortodoxos) podem excomungá-los.

Observemos que o verbo homologueâ significa literalmente "falar igual", donde "ser igual", "ser conforme", "confirmar". Dele se derivam o nosso "homologar". Vemos nesse verbo o sinônimo mais aproximado do nosso atual verbo "sintonizar", ou seja, vibrar na mesma tônica, expressões que àquela época não podiam ser proferidas, por serem desconhecidas as ondas elétricas e hertzianas (1).

(1) Confessamos que essa interpretação pode causar estranheza a alguns leitores, porque nós mesmos a estranhamos. Mas temos sempre procurado ser sinceros e honestos, escrevendo com toda fidelidade as idéias que chegam, algumas tão inesperadamente (como esta) que chegamos a ficar atônitos. Mas depois de recebê-la ficamos inteiramente de acordo com ela (**homologêkamen**), sentimo-la, houve perfeita sintonia mental. Assim também a condenação dos profanos virá fatalmente, traduzida em lutas contínuas e perseguições contra todos os que conseguirem SINTONIZAR O CRISTO. Não fosse tão nova e chocante a idéia, inclusive constituindo o termo forte anacronismo, e o teríamos colocado na própria tradução do texto evangélico, porque, a nosso ver, "sintonizar" é o verbo moderno que traduz mais perfeitamente **homologéo**.

Uma lição que precisa ser bem aproveitada é o final do capítulo.

Inicialmente observemos que houve uma iluminação, resultante da ação crística (atuação da "graça") e do mergulho (atuação do "livre arbítrio"). A visão lhe chegou nova (não houve "recuperação", pois era cego de nascença). Mas o Encontro não havia sido atingido, apesar da "cristificação" que lhe foi proporcionada antes do mergulho. Compreendemos, então, que essa "cristificação" foi o apelo crístico interno da "graça", num primeiro chamamento.

Como, porém, a criatura obedeceu - é o caso de dizer - cegamente, e teve a coragem moral de arrotar as autoridades sem esmorecer (inclusive o próprio intelecto perquiridor) e recebeu com humildade o castigo do mundo que o expulsou do templo externo das personalidades, aí então, e só então, o Cristo se manifesta a ele. Pergunta-lhe se crê, se pretende "ser fiel", ou seja, manter a fidelidade ao

Filho do Homem (ou Filho de Deus). E a boa-vontade é total: "Quem é ele para que lhe possa ser fiel"? O Cristo se revela (tira o véu = apokálypsai) e ele o VÊ em todo o Seu esplendor divino. E aniquila-se diante dele ("prostra-se"). Lógico que tudo isso se passa no íntimo da criatura. Expulsa do templo exterior da personagem, houve outro mergulho no templo interno do coração, e aí, de fato, se dá o Encontro Sublime. Coroamento celestial de uma experiência fascinante que arrebatava e transforma uma vida.

O Cristo, cada vez que se revela a este mundo - a uma criatura produz inesquecível efeito. Mas esse efeito possui duas acêtas antagônicas: os que não vêem, os que são cegos, tornam-se videntes, iluminados pelo Cristo. Mas aqueles que julgam ver, com a fraca luminosidade do intelecto, projetando "sua" cultura vaidosa e oca ("a sabedoria do mundo é estultícia diante de Deus", 1.ª Cor. 3:19) esses tornam-se cegos. Em outras palavras, os que são humildes e, ainda que sábios, reconhecem sua ignorância e anseiam pelo Espírito, são iluminados pela luz interior (agem enquanto é dia) e passam a ver tudo pelo prisma da verdadeira Sabedoria. Mas aqueles que só vêem as coisas materiais e por isso se julgam videntes, esses diante do Espírito se tornam cegos, e passam a não perceber mais nada. A explicação dada aos fariseus confirma esse ponto de vista. E por isso "permanecem no erro", isto é, continuam a vaguear por tempos intermináveis nas sendas ilusórias do mundo físico da personagem, presos à roda das encarnações.

A PORTA DAS OVELHAS

João, 10:1.9

1. **"Em verdade, em verdade vos digo: o que não entra pela porta do aprisco das ovelhas, mas sobe vindo de outro lugar, é ladrão e assaltante.**
2. **Mas o entra pelo porta, esse é pastor das ovelhas.**
3. **A este abre o porteiro e as ovelhas ouvem sua voz, e ele chama pelo nome suas ovelhas e as conduz para fora.**
4. **Cada vez que conduz para fora todas as suas, vai adiante delas e as ovelhas o seguem porque conhecem a voz dele.**
5. **Mas de modo algum seguirão o estranho, antes, fugirão dele, porque não conhecem a voz dos estranhos".**
6. **Jesus disse esse provérbio, mas eles não compreenderam o que era que lhes falava.**
7. **Disse, então, Jesus de novo: "Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas.**
8. **Todos quantos vieram em meu lugar são ladrões e assaltantes, mas as ovelhas não os ouviram.**
9. **Eu sou a porta: se alguém entrar por mim, será salvo, e entrará, sairá e achará pastagem".**

O trecho que acabamos de ler, bem como o próximo, parecem ser a continuação da conversa de Jesus com o ex-cego e com seus discípulos. Após a simbologia dos cegos e videntes, vem o ensino que João resumiu, de como penetrar na Escola de Jesus, a "Assembléia do Caminho", e conseguir o ambicionado objetivo.

Inicia com uma parábola, a que João chama um "provérbio" (*paroimía*) palavra que aparece aqui e mais duas vezes (João, 16:25 e 29). O termo "parábola" só é empregado nos três sinópticos (47 vezes) e na epístola aos hebreus (2 vezes), e nunca em João nem em Paulo.

Interessante observar que essa parábola é iniciada com a fórmula solene das grandes verdades: "*amén, amén*", o que levanta logo a suspeita de que se trata de profundíssimo ensino que João esquematizou em forma de parábola.

É uma comparação pastoril que opõe a situação do pastor num redil à do ladrão que vem roubar. Segundo o costume palestiano da época, o rebanho era recolhido à noite num aprisco, cercado de muro baixo de pedras, enquanto os pastores iam dormir, só ficando de atalaia um porteiro. Pela manhã vinham os pastores buscar suas ovelhas, o que faziam emitindo cada um seu grito gutural próprio. As ovelhas conheciam a voz de seu pastor e o seguiam para as pastagens frescas, grudadas a seus calcanhares. Era comum dar nomes aos principais animais do rebanho, as guias ou "madrinhas".

Já se qualquer estranho quisesse penetrar no cercado, tinha que pulá-la porque o porteiro não o deixaria entrar; e se o conseguisse, não adiantaria procurar imitar o grito do pastor, porque as ovelhas, não lhe reconhecendo a voz, não o seguiam e até fugiam, amedrontadas.

A palavra empregada, que acompanhando a tradição utilizamos na tradução como "ovelhas", é *próbaton*, que exprime qualquer animal de quatro patas (ou melhor, que caminhe para a frente), mas designa mais especialmente o gado lanígero (ovelhas, cordeiro, carneiros). Nada impede que se utilize a palavra "ovelhas".

Os discípulos não percebem a lição dessa parábola. Jesus a explica: "eu sou a porta das ovelhas"; só quem entrar por mim será salvo. A expressão "entrar e sair" é semítica, e manifesta a liberdade de Ir e vir (cfr. Núm. 27:17; Deut. 31:2 e 1.º Sam. 17:15).

O vers. 8 é violento: *pántes hósoi êlthon*, "todos quantos vieram", *prò emoú*, "em meu lugar", *kléptai eisin kai lêptaí*, (observemos a assonância, tanto mais que o *kai* era popularmente elidido na conversação) "são ladrões e assaltantes". A locução *prò emoú* pode ser interpretada como adjunto temporal, "antes de mim", ou como locativo, "em meu lugar", isto é, fazendo-se passar pelo Cristo. Talvez houvesse uma alusão aos que, havia pouco, se haviam dito "messias": JUDAS, o galileu (cfr. At. 5:37), natural de Gamala, que é chamado por Flávio Josefo ora Gaulonita (*Ant. Jud.* 18, 1, 1) ora o galileu (*Ant. Jud.* 18, 1, 6; 20, 5, 2; *Bell. Jud.* 2, 8, 1; 17, 8, 9; 7, 8, 1). Segundo esse historiador, foi ele o fundador da seita dos *zelotes* (designativo de Simão, um dos doze discípulos de Jesus, Luc. 6:15 e At. 1:13). Morreu em 6 A.D. em combate com os romanos; e TEUDAS (cfr. At. 5:36) só conhecido por essa citação, e que talvez seja o Simão citado por Flávio Josefo (*Bell. Jud.* 2, 4, 2; *Ant. Jud.* 17, 10, 6), assassinado pelas autoridades. Ambos combatiam o domínio romano, atribuindo-se as qualidades do messias.

Mas se a interpretação aceitar o "antes de mim", essa frase englobaria todos os profetas e avatares anteriores a Jesus o que não seria fácil de explicar. Donde talvez o melhor sentido seja "em meu lugar", o que seria confirmado por Mateus (24:24) e Marcos (13:22), quando falam que outros pseudo-cristos aparecerão na Terra, os quais "enganariam até os escolhidos, se fosse possível".

Aqui se nos depara mais um ensinamento simbólico e iniciático.

Vejamos, primeiro, o simbolismo. Observemos que os elementos citados são: a porta, o aprisco, o pastor, o ladrão, as ovelhas, o porteiro, a voz e a pastagem.

Se é a mesma geração a culpada da morte de Abel e de todos os profetas; se é a mesma geração que estava ali com Jesus; e se é a mesma geração que estará na terra (não passará) quando vierem esses cataclismos finais, que poderemos concluir com segurança absoluta? Que essa geração está permanentemente na Terra, por meio das reencarnações sucessivas e solidárias umas às outras em que seus componentes se vêm aperfeiçoando e resgatando suas culpas até poderem ser aceitos no "reino".

Não cremos possível outra interpretação do texto, se o consideramos referente às personalidades terrenas; esta geração, esta mesma geração incrédula que estava ali presente com Jesus, e que era a mesma desde os tempos de Abel, ela não terminará de passar sobre o planeta Terra – findando o ciclo das reencarnações – sem que advenham as coisas preditas no passo que estudamos. Claro e evidente.

* * *

Vejamos, agora, outras opiniões, João Crisóstomo, Gregório Magno e Tomás de Aquino acham que essa "geração" se refere aos fiéis. Jerônimo, que se trata da humanidade ou, então, especificadamente dos judeus. L. Marchal (*Evangile de S. Luc. in Piro. vol. 10. pág. 251*) escreve, refutando essas opiniões: "é inútil julgar que são designados pelo termo *geneá* quer os judeus, cuja raça não desapareceria antes do fim do mundo, quer os crentes, quer a humanidade em geral, sentidos que não se justificam absolutamente no Novo Testamento".

Entre os católicos, a idéia de atribuir *geneá* aos contemporâneos de Jesus foi, pela primeira vez, aventada por Tostat ("*Commentarium in Matthaem*", 24:34, edição Colônia, 1613, tomo XI, 2.ª parte, pág. 525). Maldonado acusa-a de "Herética". Lagrange e Dom Calmet aceitam-na, mas a atribuem à destruição de Jerusalém. Orígenes (*Patrol. Graeca*, vol. 13. col. 1684) não admite que se refira aos contemporâneos. Prat e Knabenbauer acham que se refere à nação judia.

* * *

"O céu e a Terra passarão" porque constituem coisas físicas materiais: o planeta Terra e a atmosfera (céu = *ouranós*) que o circunda. E aqui fica solenemente afirmado, pelo próprio Mestre, que ao falar Ele de "céu", não exprime o famoso "céu" eterno dos católicos, pois, segundo Ele, *o céu também pas-*

sará. Só o Espírito é real e eterno; tudo o que é material teve começo e por isso terá fim. E o “as palavras que não passarão” prende-se à doutrina, pois no original está *lógoi*, e não apenas *rhêmata*. Portanto, é mais a doutrina, o sentido interno dos ensinamentos, e não apenas as palavras em seu rumor externo. Sua “doutrina” não passará jamais.

“Quanto ao dia e hora, ninguém sabe”, diz Jesus, “nem os mensageiros dos céus (anjos ou Espíritos superiores) nem o Filho, só o Pai”. O grande ponto de controvérsia é a expressão “nem o Filho”.

O argumento favorece a teoria dos arianos, que afirmavam - tal como o próprio Jesus o disse - que o Filho era menor que o Pai (cfr. João, 14:28). Os opositores de Ario buscaram todos os argumentos possíveis para contornar a frase clara e taxativa do Mestre: eles tinham uma doutrina, e precisavam adaptar o ensino de Jesus à sua própria maneira de ver. Irineu, Atanásio, Gregório de Nissa, Cirilo de Alexandria, Teodoreto (a Escola Grega) afirmaram que, embora sabendo como “Deus”, Jesus ignorava como “homem”. Ambrósio, Jerônimo, Agostinho, Gregório Magno (a Escola Latina) e o grego João Crisóstomo são de opinião que, mesmo em sua humanidade, Jesus sabia, mas não Lhe competia revelar. Lagrange (o.c. pág. 350) atribui ao Mestre uma “restrição mental” no melhor estilo: “Jesus sabe, mas como não tem a missão de revelá-lo, nesse sentido *ignora*!” Achamos indigno de um Mestre ensinar fazendo “restrições mentais”, simples e “piedoso” eufemismo, para não dizer a realidade: dizendo MENTIRAS! A restrição mental é típica da “fase da astúcia” (cfr. Pietro Ubaldi, “Queda e Salvação”, pág. 281ss) e Jesus está na fase superior do Perdão e do Amor, constituindo o “caminho da Verdade” (cfr. João, 14:6).

Vem então a comparação com os “dias de Noé”, que chegaram de inopino, surpreendendo a todos.

As expressões “um é levado, o outro é deixado” (no presente do indicativo), não deixam clara a idéia. Alguns autores interpretam que os bons serão levados para a reunião dos escolhidos. a exemplo do que ocorreu com as cinco virgens prudentes, tendo sido “deixadas” as imprevidentes. Nada se opõe, contudo, que os “deixados” na Terra sejam os bons, e os menos bons sejam “levados” para outros planetas mais atrasados.

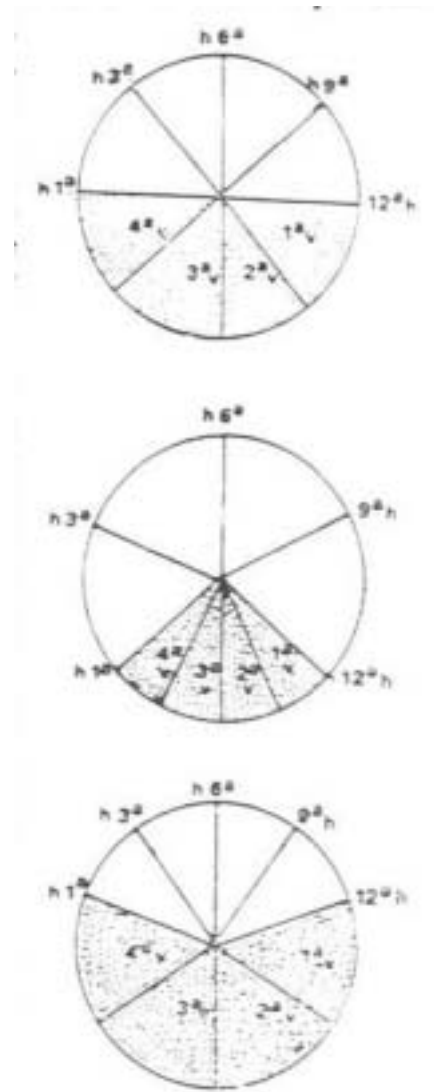
Depois desse exemplo, vem o alerta: DESPERTAI!, no sentido de “acordar do sono”, pois os verbos empregados são *agrypneíte* e *grêgoreíte* (observe-se que *grêgorêô* é um presente derivado do perfeito *egrêgora*, do verbo original *egeíró*, “despertar”, ou “levantar-se da cama”, também com frequência traduzido como “ressuscitar” nas edições vulgares). Não usamos o verbo tradicionalmente empregado aqui: vigiai, porque - embora o latim *vigilare* signifique “despertar”, e apesar de “estado de vigília” se oponha a “estado de sono” - o “vigiar” dá idéia, atualmente, de “olhar com atenção para ver quem vem”, muitas vezes até chegando a colocar-se a mão em pala acima dos olhos, como natural mímica de “vigiar” ... Portanto, DESPERTAR é o que melhor exprime a idéias do texto original: é indispensável acordar, deixar de dormir, a fim de não perder o momento solene e precioso da chegada do Filho do Homem.

Vem a seguir o exemplo do homem que, ao viajar para o exterior (*apódêmos*) deixa a seus servos o poder (*exousía*), tendo cada um seu trabalho (*érgon*), sendo que ao porteiro é dada ordem de ficar acordado durante a noite, ainda que durma de dia, pois nas horas diurnas os outros servos estarão acordados para recebê-lo.

Marcos deixa claro isso, citando que o Senhor podia chegar a qualquer hora da noite. Os romanos, e também na Palestina durante o domínio romano que já durava a essa época mais de sessenta anos, dividiam o dia em 12 horas, sendo a primeira ao nascer do sol e a 12.^a ao pôr do sol. Aí começavam as "vigílias", que eram sempre quatro, logicamente mais curtas no verão e mais longas no inverno, observando-se o contrário nas horas diurnas. Só na primavera e no outono é que as noites se equilibravam com os dias. A primeira vigília era dita "noitinha" (*opsé*), a segunda "noite fechada" ou meia noite (*mesonyktion*), a terceira "o cantar do galo" (*alektorophónias*) e a quarta, "madrugada" ou "alvorada" (*prôî*). Pelas gravuras pode-se observar a diferença, mais ou menos, entre inverno e verão; a primeira gravura representa o outono e a primavera, que corresponde à divisão horária atual, medida por meios mecânicos.

O verbo usado por Lucas. "Estai atentos" (*proséchetē*), é uma particularidade sua, pois só aparece aqui e em 12:1; 17:3 e em Atos 5:5 e 20:28. Nesse evangelista lemos a recomendação de não beber demasiado, até atingir a embriagues (*kraipáîē*, *hápax neotestamentário*); nem procurar excitantes, naturais ou artificiais, que inebriem (*méthē*), pois se perderia o autocontrole; nem deixar-se levar pelas "preocupações da vida" (*mérinna biôtikós*), pois "aquele dia" caíra sobre a criatura como "uma rede" (*hôs pagís*). Além disso, é aconselhada a oração (*deómēnoi*) para que possa "manter-se de pé" (*staiúēnai*) diante do Filho do Homem, sem fraquejar.

E Marcos, que dissera ter sido a conversa mantida entre o Mestre e os quatro discípulos, não esqueceu a recomendação final: "o que vos estou dizendo, digo a toda a humanidade: DESPERTAI!"



Quando o Encontro sublime está para realizar-se, o candidato percebe sinais precursores, que foram enigmáticamente citados nos passos que acabamos de ver. Equivalem a um renascer de folhas, quando o inverno acaba e principia a primavera; é o surgir inopinado do Homem Novo, que saíra das cinzas do Homem Velho. Ao assinalar os tumultos íntimos, saberá o aspirante que "está próximo, às portas" o momento solene e inolvidável.

A seguir é-nos dada garantia de que neste mesmo ciclo de nossa evolução humana se dará esse minuto definitivo. Não importa que a Terra se esboroe e o céu se transmude totalmente, modificando-se os hemisférios celestes pela verticalização do eixo terrestre, devido a seu "movimento pendular", na expressão da geografia: o ensino crístico não se perderá, não falhará jamais.

Apesar de tudo, o momento preciso é absolutamente, totalmente desconhecido de todos: dos mensageiros, dos Mestres e até do Filho do Homem: só o Pai que habita no âmago de cada um SABE o momento exato em que poderá manifestar-Se à criatura humana. Da mesma forma que só o Pai - o Som ou Verbo Criador - é que SABE qual o momento exato em que deve fazer eclodir a pequenina semente debaixo da terra; só Ele, o Pai, SABE o instante preciso em que o óvulo deve ser fecundado pelo espermatozóide; só o Pai SABE o minuto certo em que a pupa deve transformar-se em borboleta; só o Pai SABE o segundo definitivo de impelir a avezita implume a romper a casca de seu ovo. O Pai, que está em tudo, que é a essência ultérrima de tudo, com Sua mente onipresente dirige tudo o que ocorre,

até "um cabelo que cai da cabeça" (cfr. Luc. 21:18). Daí a verdade irrefutável de que "só o Pai SABE a respeito daquele dia e daquela hora".

A comparação encontrada pelo Cristo é feita com a ocorrência que sucedeu a Noé. Conforme vimos (vol. 6). Noé conseguiu passar da interpretação literal à alegórica (da "pedra" ou terra, à "água"), mas só percebeu o momento em que devia penetrar em seu íntimo ("entrar na arca") quando recebeu o "sinal" (sêmeion) do Cristo Interno. Tanto assim que vemos prosseguir a lição do Gênesis, que nos ensina que Noé expulsou de si toda a animalidade inferior, simbolizada no corvo (Gên. 8:7). Logo após, envia a paz à Terra, isto é, a pomba (Gên. 8:8) que regressou a ele, tendo sido recolhida com suas mãos: a Terra não era ainda digna de receber a paz (cfr. Mat. 10:13). Depois de SETE dias (ou períodos), novamente enviou a pomba, que regressou com um ramo de oliveira no bico, significando a disposição de a Terra receber a paz. Mais SETE dias ou períodos de espera, e novamente envia a paz à Terra ("minha paz vos deixo, minha paz vou dou", João, 14:27). Já fora por Noé penetrado o sentido alegórico das palavras (lógoi) do livro da vida; já conseguira renunciar definitivamente à animalidade inferior (corvo); já atingira o grau de pacificador (cfr. "Felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus", Mat. 5:9). Faltavam ainda alguns passos. Noé sai da arca, de seu íntimo profundo, e recebe a bênção de Deus (Gên. 9:1), que com ele estabelece uma aliança, simbolizada no arco-íris (Gên.9:17), a união do céu com a terra, do Espírito com a matéria: Noé descera à Terra, o "Verbo se fez carne" (João, 1:14). Chega então o momento de penetrar mais fundo em si mesmo: Noé planta a vinha e colhe a uva, representação iniciática das Escolas gregas. E segue adiante dentro do espírito da Escola Israelita: transforma a uva em vinho, como vemos feito por Abraão e por Jesus, e bebe desse vinho da sabedoria até inebriar-se, penetrando o estado místico profundo (Gên. 9:20), ficando nu, ou seja, despojado de tudo o que é material e vivendo apenas no espírito e para o espírito. Houve, inegavelmente, falta de entendimento da lição sublime por parte dos comentadores antigos, que acrescentaram uma série de pormenores pitorescos nessa narrativa, e acabaram fazendo parte do próprio texto. Lições maravilhosas colhemos no Antigo Testamento, desde que o leiamos com os olhos do Espírito, e não nos prendamos à letra que atrofia todas as idéias elevadas, reduzindo-as aos limites da carne e do sangue.

Nesse exemplo está reafirmado, com pormenores típicos: a chegada do Filho do Homem é inesperada para todos os veículos, já que o único que SABE é o Pai (o Som ou Verbo Criador) que mantém viva a criatura, habitando em seu âmago; mas o Espírito, o Eu interno - Cristo individuado na criatura, o "Filho" - embora não saiba o momento preciso, contudo sente a aproximação. Pode tentar avisar a seus veículos, sobretudo ao intelecto, mas este não lhe dá a mínima atenção. Tudo continua no mesmo teor de vida, até que chega de inopino o cataclismo máximo da existência, e tudo "é levado", enquanto Noé entra na arca. Os veículos, dirigidos pelo intelecto, prosseguem em sua vida normal, comendo, bebendo, mantendo relações sexuais, até que são surpreendidos por total modificação, desaparecendo diante da transformação fundamental - verdadeira transubstanciação - por que passa o ser.

Os exemplos dos "deixados" e dos "levados" servem para demonstrar que, para suceder esse nascimento, não é mister isolar-se no ermo, nem viver recluso em monastérios: na vida normal de trabalho da terra e do lar pode ocorrer isso com uma pessoa, enquanto a outra a seu lado nada percebe.

O aviso essencial, entretanto, é dado agora, com o imperativo "DESPERTAI, porque não sabeis em que dia vem vosso Senhor". Observemos, de passagem, que é assinalado quase que pessoalmente: "vosso Senhor", que surgirá com toda a Sua substância e imponência do âmago mais profundo de cada um. E anotemos esse despertar, com toda a sua força e suas nuances possíveis. Temos que ficar espiritualmente despertos, em estado "de vigília", fora do estado de sonolência inconsciente: e mais ainda: psiquicamente despertos, e não em transe mediúnicos, mas em plena consciência atual vígil, a fim de perceber as minúcias de Seu nascimento em nós.

A recomendação é repisada, em Marcos: "que o Senhor, vindo de inopino, não os encontre dormindo"; também Lucas sublinha: "para que possais manter-vos de pé diante do Filho do Homem". Para isso, permanecer despertos, bem acordados, e orando, a fim de escapar incólumes às inevitáveis perturbações físicas, emocionais e psíquicas, prevalecendo sobre elas e dominando-as.

Nesse sentido, Lucas entra em pormenores: não apenas evitar o sono, mas também o coração pesado pelo muito beber; e mais ainda a excitação ansiosa de expectativa e as comuns angústias pelas preocupações transitórias da vida material.

Trata-se de tranquilo estado de alerta, na serenidade expectante de quem confia e SABE o que está para vir, pressentindo a aproximação da parusia. Todos os que SABEM o sentido dessa divina parusia do Filho do Homem, e a experimentaram, não se iludiram quanto ao sentido literal que era atribuído à frase, nem se decepcionaram com o "atraso" do regresso "físico" do Cristo ao mundo, já que conheciam perfeitamente que CRISTO jamais se afastou da humanidade, dirigindo-lhe os destinos e assistindo-a carinhosamente, e vivendo no íntimo de cada criatura.

Deixamos para o fim a frase: "Não passará esta geração, até que tudo isso aconteça".

Outro sentido, totalmente diverso, surge dessa sentença: a individuação da Centelha provoca a criação de um ser que terá sua evolução ininterrupta, embora lenta, até os mais altos cimos. Essa "viagem evolutiva" constitui uma geração do ser, pois uma vez gerado, só pode encontrar um caminho: o de subida.

Compreendemos, então, que esta geração do espírito não terminará, não chegará ao fim, não atingirá a meta, sem que essas coisas anunciadas ocorram. Podem passar céus e terras, podem transferir-se as criaturas de um planeta a outro ou a outros, mudando de céus e de terras, mas sua geração só atingirá o alvo depois de haver experimentado tudo o que aqui se acha predito.

Verificamos que a interpretação espiritual se coloca muito acima da literal. Que importa ao Espírito eterno uma convulsão de seu planeta? Sim, poderá ela ocorrer, mas será sempre coisa de somenos importância para o Espírito, tal como seria a destruição de uma casa em relação do homem que nela habita: buscará outra. Daí não nos conformarmos em ver o Cristo de Deus preocupado com simples fatos materiais secundários e passageiros a predizer terremotos como qualquer geólogo diante de seu sismógrafo. Espírito de tal envergadura só podia preocupar-se com as coisas do Espírito, não com a matéria perecível.

SERVOS BONS E MAUS

Mat. 24:45-51

Luc. 12:35-48

45. "Quem, pois, é o servo fiel e inteligente, que o Senhor constituiu sobre sua criadagem, para dar-lhe alimento nas horas certas ?
46. Feliz aquele servo que, vindo seu Senhor, encontrar fazendo assim.
47. Em Verdade, digo-vos que o constituirá sobre todos os seus bens.
48. Se, porém, sendo mau, aquele servo disser em seu coração: meu Senhor demora,
49. e começa a bater em seus companheiros, a comer e beber com ébrios,
50. virá o Senhor desse servo no dia em que não espera e na hora que não sabe,
51. e o cortará pelo meio e porá a parte dele com os hipócritas; aí haverá o choro e o frêmito dos dentes".
35. "Estejam cingidos vossos quadris e acesas vossas lâmpadas,
36. e vós, semelhantes a homens que vão receber seu Senhor, quando se libertar dos esponsórios, para que, vindo e batendo, imediatamente lhe abram a porta.
37. Felizes aqueles servos que, vindo o senhor, achar acordados; em verdade digo-vos que se cingirá e os reclinará e, chegando-se, os servirá.
38. E se chegar na segunda ou na terceira vigília e os achar assim, felizes ele; serão.
39. Isto sabeis, que se o dono da casa soubesse a que horas viria o ladrão, não o deixaria arrombar sua casa.
40. Também vós estai preparados, porque na hora que não sabeis virá o Filho do Homem".
41. Disse Pedro: Senhor, dizes essa parábola para nós, ou também para todos?
42. E disse o Senhor: "Quem, pois, é o ecônomo fiel e inteligente, que o Senhor constituiu sobre sua criadagem, para dar-lhe, no tempo certo, o alimento?"
43. Feliz aquele servo que, vindo o Senhor dele, encontrar fazendo assim.
44. Verdadeiramente digo-vos o constituirá sobre todos os seus bens.
45. Mas se aquele servo disser em seu coração: meu Senhor demora a chegar, e começar a bater nos criados e criadas, e começar a comer e beber e embriagar-se,
46. virá o Senhor daquele servo, no dia em que não aguarda e na hora que não sabe, e o cortará ao meio e porá a parte dele com os infieis.
47. Mas aquele servo que soube a vontade de seu Senhor e não se preparou nem fez segundo sua vontade, será castigado com muitos açoites.
48. Mas quem não o soube e fez coisas dignas de açoites, será castigado com poucos (açoites). A todo aquele a quem foi dado muito, muito será pedido dele, e a quem muito é confiado, muito mais lhe será pedido".

Em Mateus, a parábola é introduzida com uma interrogação, como vimos em 7:9-10 e 12:11, enquanto em Lucas apenas com uma frase de conselho, vindo a seguir a comparação.

Era comum, na ausência do chefe das grandes casas, que um servo ficasse encarregado do resto da criadagem, com uma espécie de mordomia. Desse exemplo vale-se Jesus para opor dois comportamentos extremos: o bom servo que age corretamente, e o mau que, içado ao poder, trata violentamente seus antigos companheiros, para demonstrar a força da posição que lhe foi atribuída.

O prêmio ao bom é constituí-lo intendente sobre todos os seus bens, enquanto o mau “será cortado ao meio” (*dichotomêsei*). Já ensinava Jerônimo, *Patrol. Lat.* vol. 26. col. 183, que “isso não quer dizer que o cortará em dois com uma espada, mas somente que o separará da sociedade dos santos e o relegará com os hipócritas”. No entanto, como o verbo empregado por Lucas é o mesmo, insistindo na mesma idéia, a interpretação de Jerônimo parece-nos boa, sobretudo porque é acrescentado: “Porá a parte dele com os hipócritas”, isto é, colocá-lo-á no rol dos fingidos. Recordemos que *hypócrités* significa “ator”, aquele que é uma coisa e representa outra.

Em Lucas, o conselho de manter “cingidos os quadris e acesas as lâmpadas”, exprime o estado de “vigília”, pois para dormir soltavam-se os cintos e apagavam-se as candeias.

O prêmio do servo bom é inesperado e desusado: o próprio Senhor porá o avental para servi-lo à mesa, conforme é dito mais adiante (Luc. 22:27): “quem é o maior o que está à mesa ou o que serve? Não é quem está à mesa? Mas eu estou no meio de vós como quem serve”.

De passagem, aparece o exemplo do dono da casa, que não sabe a hora em que virá o ladrão. Aqui, o Filho do Homem é comparado ao ladrão que arromba a casa para entrar, tal como o Homem Novo que penetra inopinadamente e à sorrelfa, roubando do homem velho todos os seus bens perecíveis, inclusive “matando-o” definitivamente. Bem o compreendeu Pedro (2.^a Pe. 3:10) e bem o interpretou Paulo (1.^a Tess. 5:2).

A cada novo passo que temos diante dos olhos, compreendemos que a interpretação que vimos dando plenamente se confirma.

A criatura deve permanecer espiritualmente desperta, “com os quadris cingidos e a lâmpada acesa”, embora até mesmo a parte material do corpo físico possa adormecer no sono noturno, refocilando-se das lides diárias. Mas o Espírito, não: esse deve manter-se acordado, em oração, mesmo nas horas de repouso corporal.

Lucas fala do regresso do Senhor “quando se libertar dos esponsórios (póte analysêi ek tôn gámôn), que as traduções correntes vertem por “ao voltar das bodas”. De qualquer forma, a idéia fundamental é a mesma, embora “análisis” exprima “libertação”, mais que regresso. Mas que sentido profundo terá essa expressão? Carl Jung relaciona as núpcias com a união total e interna da parte “feminina” do homem com seu Espírito, ou seja, à unificação do eu personalístico com o Eu individualístico ou profundo. Ao regressar dessas núpcias, devem estar preparados os veículos todos para receber o Senhor, o Pai, cuja vinda já está “às portas”, fazendo manifestar-se o Cristo interno.

*Sempre preferiram os místicos a figura do esponsalício, como a mais representativa da realização da vida; a alma rende-se ao chamado do Bem-Amado e finalmente abraça o Perfeito Amor (cfr E. Underhill, “Mysticism”, pág. 136). Assim Bernardo de Claraval (cfr. Dom Cuthberg Butler, Western Mysticism”, pág. 160), Teresa d'Ávila (Castelo Interior, Sétima Morada, cap. 2.^o), Ricardo de S. Victor (“De quattuor Gradibus Violentae Charitatis”, *Patrol. Lat.* vol. 196, col. 1207), Plotino (Enéada 6, v. 9), Jacopone da Todi (Lauda 91), Dante Alighieri (Paraíso, 1, 73), o Sufi Jalálu'd Din Rumi (“Selections”, pág. 10) e a quase totalidade dos místicos, que seria longo enumerar. Sem falar nos exemplos do próprio Evangelho, bastaria citar Paulo: “quem adere a Deus é um Espírito com ele (1.^a Cor. 6:17).*

Ora inicialmente ocorre a união do eu pequeno com o EU grande, da personagem com a individualidade, do espírito com o Espírito, do eu superficial com o EU profundo e verdadeiro. Só depois desse

processo de unificação íntima, no esponsalício místico, é que ocorre a grande descida da graça, a manifestação do Pai na alma, o nascimento virginal do Cristo na criatura, a absorção do ser pelo Verbo Criador ou Pai, a total cristificação do homem.

No segundo passo surge integral o Homem Novo, que é Filho do Homem: a criatura transubstancia-se como a uva em vinho e o trigo em pão. Constitui este o passo final da evolução humana no planeta Terra. Foi isso o que ocorreu com Jesus o Nazareu, que se anulou para que por Ele ressoasse a Voz do Verbo em toda a Sua santidade (hágios), em toda a Sua força (dynamis), em todo o Seu poder (exousía), fazendo as obras (érga) para mostrar (deiknymi) o caminho aos homens, entregando-lhes (paradídômi) os ensinamentos (lógoi) que deviam ser experimentados (páthein) para adquirir-se a sabedoria (sophía) e com ela atingir-se a ação sagrada (orgê) que leva à plenitude (plêrôma) da salvação (sôte-ria) (Cfr. vol. .4).

Daí chegamos a uma interpretação oposta que, por incrível que pareça, pode ser aceita ab íntegro juntamente com a outra. Seria compreender gámos no sentido de união do espírito preso na matéria. A libertação (análisis) dos esponsórios (tôn gámôn) seria o desprendimento espiritual real do domínio dos veículos menores (físico, sensações, emoções e intelecto) para entregar-se aos veículos maiores (mente, Espírito, Centelha Divina). Todos devem estar preparados e despertados para receber o senhor (o Espírito), quando este "se libertar dos esponsalícios", ou seja, da escravidão às influências materiais, às sensações, às emoções e ao intelectualismo horizontal.

Evidentemente, essa libertação transtorna todo o equilíbrio até então vigente, causando perturbação sensível ao eu pequeno, que perde o apoio básico que até então o sustinha desde sua constituição individual. Ao desapegar-se de tudo, o Espírito dá uma guinada de 180°, saindo das trevas para a luz e, durante algum tempo, sentir-se-á ofuscado pela claridade, até poder firmar-se no novo plano evolutivo que atingiu.

Daí ocorrer que essa instabilidade, por vezes, na passagem de um degrau para outro, dura várias encarnações: a criatura permanece com um pé no degrau de baixo e o outro no de cima, sem se resolver a tomar o impulso definitivo. Por isso existem, entre os espiritualistas, tantos que se encontram no limiar, que aspiram a entrar na Senda, mas não têm coragem de "saltar o abismo", soltando o pé do chão ("libertando-se dos esponsórios") para lançar-se no grande vazio do ignoto.

Se as criaturas estiverem acordadas e perceberem a chegada do Senhor, serão "constituídas sobre todos os seus bens", isto é, conseguirão o domínio total da natureza e de todas as coisas criadas, com poderes absolutos inclusive de materialização e desmaterialização da matéria: "fareis as obras que faço e ainda maiores" (João, 14:12).

Em Lucas é dito que "o Senhor os servirá à mesa", atendendo a todas as suas solicitações e nada mais lhes faltando.

Pedro indaga se o ensino é só para os discípulos do Colégio Inicial ou "para todos", e a resposta indireta deixa claro que "para todos os servos que forem fiéis", isto é, que sintonizarem com o Cristo.

Se, porém a criatura adormecer, descuidando-se do espírito e passar à perseguição dos companheiros de jornada, considerando apenas a parte material da vida, procurando vencer pela força, pelo poder ou pela astúcia e tiranizando os semelhantes, o Senhor "o cortará ao meio" e "porá sua parte com os hipócritas".

Aqui também a interpretação precisa ser cuidadosa. A opinião de Jerônimo, citada acima, é interessante para não assustar a personalidade, acreditando que seu corpo não será aberto a espada. Mas o verbo grego dichotomízô não dá margem a essa interpretação: não é "separar" um homem de um grupo. Também não se trata de "morte", pois o servo continuará vivo, sendo colocado no bloco dos hipócritas. Que será?

Na epístola aos hebreus (4:12) está escrito: zôn gár ho lógos tou theou kai energês kai tomôteros hypêr pãsan máchairan dístomon kai diiknoúmenos árchi merismou psychês kai pneúmatos, harmôn te kai myelôn, kai kritikôs entymêseôr kai ennoiôn kardías que significa: "Vivo, pois, é o Lógos de Deus

e energético e mais cortante que qualquer espada de dois gumes, penetrando até a divisa da alma e do espírito, das conexões e da medula, e discriminador dos pensamentos e das razões do coração".

Bem compreendido, o trecho assinala os diversos níveis conscienciais do ser humano, pois cita o Lógos de Deus, a força divina, que penetra e invade até as distinções (divisões, merismós) que possam ser feitas entre alma ou personagem (psychê) e espírito ou individualidade (pneúma); entre as conexões (harmós, sistema nervoso periférico das sensações) e medula (myelós, medula, sistema nervoso central das emoções): e acrescenta que inclusive é "discriminador" (kritikós) entre os pensamentos raciocinados horizontais do intelecto personativo (enthymêsis) e as razões ou idéias mentais que provêm do coração ou Eu profundo (énnoia kardías).

Ora, se intervém o afastamento da individualidade (cfr. vol. 4), verifica-se, exatamente, um "corte pelo meio", uma dicotomia do ser) e a personagem humana, sem a presença física do Espírito, continuará "vegetando", ou seja: "terá sua parte com os hipócritas". Poderíamos traduzir muito melhor, se rigorosamente nos ativéssemos à letra do original: "passará a funcionar com os atores", com aqueles que representam ser criaturas humanas, mas não são: constituem simples simulacros destinados ao fogo que consumirá a palha depois que dela saiu a espiga. Nesse ambiente, haverá lamentações e dores atrozes porque, de qualquer forma, o intelecto sentirá o desfalecimento total da personalidade, que perdeu preciosa oportunidade de evoluir com o Espírito, e que por isso foi por Ele abandonada a fim de construir outra personagem mais responsável, que melhor responda a seus anelos, correspondendo a sua ânsia evolutiva.

Eis que novas lições surgem do mesmo texto antigo dos Evangelhos, abrindo horizontes inesperados para todos, que passamos a ver imensas riquezas guardadas durante séculos nos cofres da letra, para que, a seu tempo, fossem abertos e desvendado o segredo da lição ali encerrada. Bendito seja o Pai que a todos nos ilumina!

AS DEZ MOÇAS

Mat. 25:1-13

1. **“Então o reino dos céus será assemelhado a dez moças que, tomando suas lâmpadas, saíram ao encontro do noivo.**
2. **Mas cinco delas eram tolas e cinco inteligentes.**
3. **As tolas, pois, ao tomar suas lâmpadas, não apanharam consigo azeite.**
4. **Mas as inteligentes apanharam azeite nos vasos, com as lâmpadas delas.**
5. **Demorando o noivo, cochilaram todas e dormiram.**
6. **Mas à meia-noite foi dado um grito: Olha o noivo! Saí a seu encontro!**
7. **Então levantaram-se todas aquelas moças e prepararam suas lâmpadas,**
8. **e as tolas disseram às inteligentes: dai-nos de vosso azeite, porque nossas, lâmpadas se estão apagando.**
9. **Mas as inteligentes disseram: Não é bastante para nós e para vós; é melhor irdes aos vendedores comprá-lo para vós.**
10. **Indo elas comprá-lo, chegou o noivo e as preparadas entraram com ele para as núpcias e fechou-se a porta.**
11. **Por fim chegaram também as outras moças, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos!**
12. **Respondendo, ele disse: Em verdade digo-vos, não vos conheço.**
13. **Despertai, então, porque não sabeis o dia nem a hora”.**

O cerimonial das núpcias era bastante solene e rumoroso a essa época, durando vários dias e noites de festas, que cada noivo realizava em sua casa. O noivo permanecia rodeado de seus amigos, os “paraninfos”, e a noiva cercada por suas amigas geralmente moças casadoiras, de sua idade. O termo grego *parthénos*, em geral traduzido por “virgem”, não exige essa condição física da mulher, mas simplesmente designa a não-casada ainda. Embora não tenha mais as características materiais da virgindade, por já ter mantido relações sexuais com outros homens.

Os dois grupos reuniam-se no último dia, o marcado para as bodas, quando o noivo se dirigia com seus paraninfos à casa da noiva, a fim de levá-la consigo, juntamente com o grupo de suas amigas, para sua casa. Reunidos os dois grupos de parentes e amigos de ambos, na casa do noivo realizava-se o banquete oficial de núpcias, que podia durar vários dias.

Embora até hoje se tenha interpretado a parábola como referente às moças (ou “virgens”) amigas da noiva, cremos que não é a elas que se refere o Mestre. Notemos que a Vulgata (e alguns códices, como D, X e *theta*, a família 1, algumas versões ítalas, siríacas, armênias, o Diatessaron, Hilário e Origenes latino) é que trazem: “saíram ao encontro do noivo e da noiva: contra o testemunho dos melhores códices, que suprimem “e da noiva” (como o Sinaítico, o Vaticano, K, L, W, X², *delta*, *pi*, a família 13 mais 21 minúsculos, as versões siríacas harsleense e palestinaiana, a copta saídica e a boáfrica, a etiópica e os pais Metódio, Basílio, Crisóstomo, João Damasceno).

Examinando o texto, verificamos que contradiz frontalmente a todos os hábitos normais das núpcias da época, se se referisse às moças companheiras da noiva. Vejamos alguns pontos para comprovar nossa tese:

- 1) As moças estão na rua, e não na casa da noiva, o que é inconcebível.
- 2) Saem com pequenas lâmpadas a óleo, que se apagariam com qualquer rajada fresca de vento.
- 3) Dormem, enquanto esperam o noivo, e dormem na rua. Se estivessem na festa, a algazarra as manteria acordadas.
- 4) Cinco levavam suprimento de azeite e são chamadas "inteligentes", embora demonstrem indiferença e dureza de coração em relação a suas companheiras. Numa festa, não necessitariam de lâmpadas nem de suprimento de azeite, mesmo porque o cortejo era feito com archotes ou tochas. E se fossem "acompanhantes", não havia razão para que as inteligentes recusassem ajudá-las.
- 5) As "tolas" são enviadas a comprar azeite nos vendedores à meia-noite; compram e regressam, quando a essa hora nenhuma loja permanecia aberta para comerciar.
- 6) Ao chegar o noivo, este fecha a porta, coisa inadmissível num banquete nupcial, e impede a entrada das amigas e convidadas da noiva, em gesto de suprema deselegância e desconsideração.

Por tudo isso, concluímos que a parábola não se refere absolutamente às "acompanhantes" da noiva numa festa de núpcias, e sim às próprias pretendentes ao casamento, às próprias noivas que, sem qualquer festa, seriam introduzidas na câmara nupcial do noivo para se casarem com ele. O fato de serem cinco ou dez, nada importa, já que a poligamia era admitida como lícita para o homem, só sendo proibida para as mulheres, únicas sujeitas às sanções contra o adultério. Desde que tivesse meios de sustentá-las, o homem podia casar-se lícita e oficialmente com quantas esposas quisesse.

O noivo da parábola havia convocado dez, para determinado dia, mas estava a viajar. As dez foram pontuais, mas ele atrasou-se e chegou tarde - à meia-noite ou segunda vigília, diz o parabolista - e, ao entrar, só encontrou cinco. Ao regressarem as "tolas", estava evidentemente ocupado e, não mais quis abrir a porta.

Agostinho (Patrol. Lat. vol. 38, col. 575) escreveu: "algo de grande simboliza o óleo, de muito grande: julgas não ser o amor"? E, acrescentam os comentadores com acerto: "o óleo dos outros de nada adianta, só o próprio".

Em todo o episódio, verificamos que o cochilo, e depois o sono das moças, natural pelo cansaço físico, não foi condenado pelo parabolista, embora toda a parábola seja narrada para salientar a necessidade de permanecer "despertos" ou "acordados". Mas o essencial é estar espiritualmente desperta a criatura e preparada para a chegada do noivo bem-amado.

Ainda aqui vem confirmar-se de forma flagrante e magnífica nossa tese, "O Reino dos Céus será assemelhado" (no futuro, homoiôthêsetai, veja vol 6). Claro que não se percebe qualquer comparação com o céu mítico de após a morte do corpo físico. Trata-se da continuidade de um ensino dado à saciedade, com lições teóricas e práticas, com citação de fatos reais ou imaginários, que pudessem dar uma idéia pálida da realidade, por meio de comparações (ou seja, parábolas) que visavam a esclarecer pormenores. Todos os exemplos, os fatos, as semelhanças, enfim todos os recursos didáticos possíveis naquela época, foram utilizados pelo Mestre, para que Seus discípulos percebessem algo que não podia, como até hoje não pode, ser explicado com palavras terrenas, pois é algo que se passa fora e além da inteligência humana, no campo do Espírito e da mente espiritual.

Mas está tão evidente que se refere todo o ensino crístico ao mergulho do ser em seu âmago e da união de nosso Espírito com o Pai, que se torna fácil interpretar todas as Suas palavras com base nesse leit-motiv que volta e é repisado a cada página dos Evangelhos.

Vejamos, pois, o que nos diz ao coração a parábola das dez moças (ou "virgens") candidatas ao esponsalício, e que "saem ao encontro do noivo". Inicialmente observemos essa expressão (em grego: exêlthon eis hypântêsin tou nymphiou) que nos revela que elas se encaminharam ao encontro de seu próprio noivo, e não ao encontro do noivo de outra. Em todo o transcurso da parábola não há referência nem longínqua a qualquer noiva ou sponsa, afora as dez citadas: é o noivo que é esperado, só

ele é anunciado, só ele chega, só ele entra com as cinco, só ele responde à porta. O esponsalício era dessas cinco com o noivo.

O parabolista divide aritmeticamente as dez em dois grupos de cinco, DEZ e CINCO.

Fazendo rápida incursão nos arcanos (cfr. Serge Marcotoune, "La Science Secrete des Initiés") verificamos que o DEZ representa a diversidade da vida nos acontecimentos que surgem. Com efeito, os nove primeiros arcanos são reveladores da vida interior, enquanto o arcano 10 simboliza a multiplicidade da vida para iniciar a realização no mundo exterior. O DEZ é o término do trabalho interior, que dá direito à atividade externa. Ao passar do nove é indispensável aplicar sua sabedoria e experiência, a fim de executar a tarefa confiada à encarnação, cumprindo-a no âmbito que lhe foi designado.

Mas como aqui se trata de dois grupos de CINCO, este é o arcano que mais nos interessa, pois precisamos explicar-nos porque o mesmo número simboliza, na parábola, a vitória e a derrota. E chegamos à conclusão de que está perfeitamente certo.

O número CINCO exprime basicamente a vida. No plano divino é a Providência (no caso, o noivo que vai chegar, a Divindade que se dirige ao homem, o Criador que vem ao encontro da criatura que antes demonstrou desejar ir a Seu encontro). No plano humano é a força do microcosmo (as dez moças que buscam a união sagrada). No plano da natureza é a força vital (que faltou às cinco "tolas", simbolizada no óleo em pequena quantidade, que não conseguiu manter acesa a lâmpada da vida e da espiritualidade).

O CINCO é essencialmente dinâmico: "a vida e uma sequência de quaternários sucessivos e entrecruzados" e representa no plano humano a vontade do homem e no plano da natureza a força vital, sua resistência, seu esforço. Seria o ponto, no centro da cruz, dando-lhe a energia para o movimento evolutivo. Seria o schin, no meio do nome sagrado: yodhê-wau-hê transformando o tetragrama divino no pentagrama messiânico, a Energia cósmica fundamental YHWH em Sua manifestação YH-SH-WH (Yahweh em Yeshwa, ou Jeová em Jesus).

No entanto, o pentagrama representado pela estrela de cinco pontas pode ser completado com a figura do bode (o "Baphomet") das paixões e crimes elementares, tanto quanta pela figura do homem ideal, com braços e pernas estendidos. Isso significa que, ao sair do arcano quatro e penetrar no cinco, pode a criatura tomar duas direções: para o bem ou para o mal, com a ponta para cima ou para baixo, conforme a direção que a vontade lhe imprime. O que não se concebe aí é a ausência da vontade dirigente. Pode haver rápida hesitação ou dúvida da vontade na escolha do caminho, mas invariavelmente segue-se a decisão para orientar-se na ação. Se não há amadurecimento suficiente do espírito, pode este fraquejar, por incapacidade de atingir a meta.

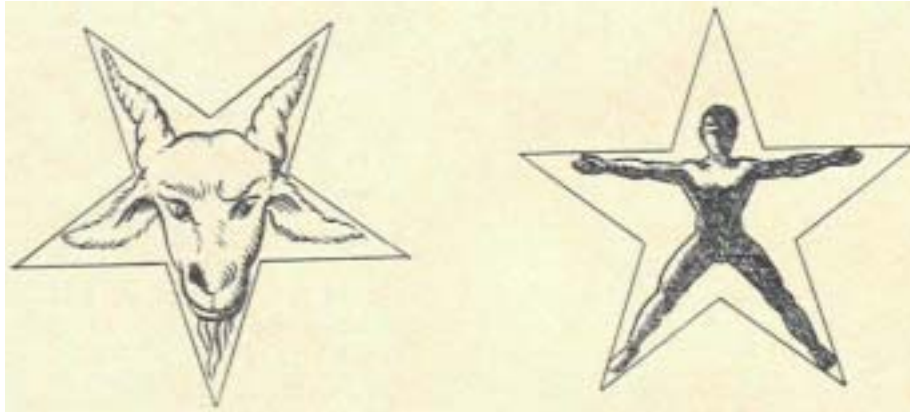
Foi o que ocorreu com as cinco "tolas". Por falta de vigor vital (o azeite que mantém acesa a lâmpada da vida) fraquejaram. Podemos dar a esse vigor vital o nome que quisermos: amor, fidelidade, sintonia, equilíbrio mental (o termo grego môra exprime exatamente a incapacidade mental) ou qualquer outro.

O fato de cochilarem e adormecerem fisicamente não importa: a lâmpada ao anelo ardente permaneceu viva e desperta, só começando a bruxulear as das que não tinham suprimento suficiente.

Não há, tampouco, dureza de coração das que recusaram fornecer seu azeite. Trata-se da impossibilidade absoluta de transferir uma capacidade espiritual. Ninguém pode transfundir em outrem seu conhecimento nem sua elevação evolutiva, nem seus dons intelectuais ou morais. Cada um tem aquilo de que é capaz. O copo não pode fornecer a um cálice a capacidade que possui de armazenar duzentos gramas. Daí a frase muito lógica: ide adquirir aquilo que vos falta, com exercícios e experiências próprias, pessoais e intransferíveis.

O grito que anuncia a chegada do noivo é dado à meia-noite, a hora em que o sol se encontra exatamente nos antípodas do local, isto é, no momento em que a fonte de luz está no mais profundo abismo do ser. Nesse exato instante, chega o noivo para realizar a união, ou seja., o Encontro misterioso que se efetua a portas trancadas dentro do ser: "entra em teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai que

está no secreto" (Mat. 6:6; vol. 2). Ninguém jamais pode testemunhar nem presenciar o verdadeiro e real esponsalício místico entre a noiva e seu Amado; realiza-se ainda em maior reserva e pudor que a própria união sexual entre os cônjuges.



O parabolista mostra a chegada extemporânea e apressada das cinco "tolas", com a resposta aparentemente dura do noivo: "não vos conheço". Não nos esqueçamos de que o verbo "conhecer" tem sentido especial na Escritura, exprimindo a união sexual (vol. 1), a união íntima (volume 4), ou a gnôse total (vol. 5); daí dizer Jesus que "conhece o Pai" (vol. 4).

Finaliza a parábola com a repetição da advertência: "Despertai, porque não sabeis o dia nem a hora". A consciência, mantida alerta e acordada no plano superior do espírito, constitui a lâmpada que deve estar alimentada pelo azeite da prece ininterrupta. Assim não se desfaz a sintoma com Seu Espírito, conservando-o preparado para a recepção suprema ao Noivo Divino.

FIM DO CICLO

Mat. 25:31-46

31. "Todas as vezes que vier o Filho do Homem em sua substância e todos os mensageiros com ele, então sentará sobre o trono de sua decisão.
32. E serão reunidos em torno dele todos os povos e separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes,
33. e porá as ovelhas à sua direita e os bodes à esquerda.
34. Então dirá o rei aos de sua direita: Vinde, escolhidos de meu Pai, participai do reino para vós preparado desde, a constituição do mundo;
35. pois tive fome e me alimentastes, sede e me fizestes beber, era estrangeiro e me recebestes,
36. estava nu e me vestistes, doente e me visitastes, estava preso e me viestes ver.
37. Então lhe perguntarão os justos, dizendo: Senhor, quando te vimos faminto e te alimentamos, ou sedento e te demos de beber?
38. quando te vimos estrangeiro e te recebemos ou nu e te vestimos?
39. E quando te vimos doente ou na prisão e te visitamos?
40. E respondendo, o rei lhes dirá: Em verdade vos digo, quanto fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes.
41. Então dirá também aos da esquerda: Afastai-vos de mim, infelizes, para o fogo do eon, destinado ao adversário e seus mensageiros,
42. pois tive fome e não me alimentastes, tive sede e não me destes de beber ,
43. era estrangeiro e não me recebestes, estava nu e não me vestistes, doente e preso e não me visitastes.
44. Então perguntarão também eles, dizendo: Senhor, quando te vimos faminto, ou sedento, ou estrangeiro, ou nu, ou doente, ou preso e não te servimos?
45. Então lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo, quanto não fizestes a um destes mais pequeninos, nem a mim fizestes.
46. E irão estes para o castigo do eon, mas os justos para a vida imanente".

Ainda prosseguem as previsões para o fim do ciclo. Anuncia o Mestre que "o Filho do Homem virá em sua substância". Neste versículo, o grego *dóxa* é traduzido como "glória" duas vezes nos textos vulgares. Analisando-se o contexto, todavia, verificamos que poderia ser dado esse sentido apenas *lato sensu*; mas que idéia faríamos daquele que encarnou o Amor mais sublime com a maior humildade, se ao invés de chegar com a simplicidade característica dos Grandes Espíritos, pretendesse impor-se pelo aparato pomposo de uma glória ostentatória, para esmagar as pobres criaturas com sua presença? Os seres inferiores podem impressionar-se com isso - as fêmeas dos irracionais deixam-se levar pela beleza "gloriosa" ou pela bela voz dos machos - mas repugna-nos admitir que um Espírito superior e divino aderisse a esse critério tão animalesco, tentando ofuscar pela emoção da forma majestosa. Daí termos traduzido *dóxa* por "SUBSTÂNCIA" neste passo.

Mas no mesmo versículo há pela segunda vez a mesma palavra, na expressão "ele se sentará sobre o trono de sua glória" (grego *dóxa*, hebraico, *kissê hakkabôd*). Ora, se no primeiro caso preferimos aquele sentido: "em sua substância", isto é, EM PESSOA, ELE MESMO, e não mais seus emissários e mensageiros (COM os quais se apresentará, *metà aggélôn autoú*), neste segundo passo, devendo ele presidir à separação de bons e maus, o sentido mais consentâneo é "trono de sua decisão", legítimo significado de *dóxa* (cfr. Parmênides, 1, 30 e 8, 51; *Ésquilo*, Persae, 28; *Sófocles*, Fragmenta 235; e *Trachiniae*, 718; *Platão*, Górgias, 472 e; *Filebo*, 41 b).

Ao assentar-se no "trono de sua decisão" (veremos o sentido mais profundo adiante), todos os povos (*pánta tà éthnê*) se Lhe reunirão em torno, conforme foi escrito também em Joel (4:29) e Zacarias (14:2).

Utilizará, então, o método empregado pelos pastores ("fará COMO"), o que oferece significado especial que procuraremos estudar, a fim de "separar uns dos outros" (*aphorísei autoús ap'allêlois*).

Vem a seguir o discurso dirigido aos da direita, em que é salientado o grande, o inestimável, o único valor que conta: a misericórdia em relação aos desgraçados de qualquer espécie: "felizes os misericordiosos porque eles obterão misericórdia" (Mat. 5:7).

E as "obras de misericórdia" são enumeradas uma a uma:

- alimentar os famintos
- abeberar os sedentos
- vestir os nus
- assistir os enfermos
- visitar os presos.

Conforme comprovamos, referem-se todas à matéria física, ao corpo e ao conforto moral; nenhuma se dirige à parte espiritual, reservada apenas aos "discípulos" da Escola. Trata-se de verdadeiro resumo dos objetivos da "Assistência Social" ou da Caridade.

A misericórdia, no ambiente israelita era sobretudo moral e corporal e vem citada como necessária em diversos passos (Gên. 21:23; Jos. 2:14 e 11:20; 2.º Sam. 10:2; 3:8 e 9:1; Job 31:18; Ecli. 18:12; Zac. 7:9, etc.); a misericórdia dá honra a quem na recebe (Prov. 14:31); mas deve ser acompanhada de constância e justiça (Jos. 2:14; Prov. 3:3; 14:22; 16:6 e 20:28). Numa frase citada por Jesus (Mat. 9:13 e 12:7) é dito que a misericórdia tem mais valor que os sacrifícios (Oséas, 6:6; Ecli. 35:4; cfr. ainda: Mat. 15:5, 6 e Marc. 7:10-13). As parábolas do "bom samaritano" (Luc. 10:30-37) e do perdão (Mat. 18:23-35) são exemplos de misericórdia e da ausência dela. Paulo de Tarso e João recomendam que os cristãos tenham "vísceras de misericórdia" (Flp. 2:1; Col. 3:12 e 1.ª João 3:17).

Os que praticaram e viveram essas "obras de misericórdia" são os chamados, porque "escolhidos pelo Pai" para tomar parte no reino "preparado desde a constituição do mundo". Admirados, perguntarão quando tiveram oportunidade de fazer tudo isso, se jamais O encontraram na Terra. E a resposta é que "tudo o que se faz a um desses meus irmãos pequeninos necessitados, é feito a Ele mesmo". Lição magnífica e oportuna.

Já aos "da esquerda", são eles convidados a afastar-se, infelizes que são, "para o fogo do eon, destinado ao adversário e seus mensageiros". Sentido algo enigmático, que tentaremos analisar. O que os tornou "infelizes" foi, exatamente, o contrário das obras de misericórdia:

A *avareza* que não reparte de sua mesa com os famintos;

O *egoísmo* que, rodeado de bebidas finas, não pensa na sede dos desgraçados;

O *orgulho* mal entendido, que não abre sua porta a estranhos;

A *vaidade* que exige para si trajos luxuosos, deixando sem roupa os mendigos;

O *comodismo* que não sai de seu conforto para estender a mão e abrir seu coração aos enfermos; e

A *dureza de coração* que não se apiada dos que sofrem nos cárceres, castigados por descontroles emocionais.

A resposta é o reverso da medalha da que foi dada aos primeiros.

E vemos sempre a referência "a estes meus irmãos (IRMÃOS!) mais pequeninos (*enì touútôn tôn adélphôn mou tôn elachístôn*). Repete-se, como um refrão, que os homens, por menores que sejam, por mais desgraçados, por mais atrasados, são SEUS IRMÃOS: "quem faz a vontade do Pai é meu irmão, minha irmã, minha mãe" (Mat. 12:50 e Marc. 3:35); "são meus irmãos os que fazem a vontade do Pai" (Luc. 8:21); "ide avisar a meus irmãos" (Mat. 28:10) e os humildes são seus irmãos pequeninos, Dele que "é o primogênito entre muitos irmãos" (Rom. 8:29); e mais: "quem vos recebe, me recebe" (Marc. 10:40); "quem recebe a uma destas criancinhas em meu nome é a mim mesmo que recebe" (Mat. 18:5).

Não vimos aí, em absoluto, um DEUS EM SUA GLÓRIA, como quiseram fazer-nos crer durante dois milênios, mas um irmão mais velho, cheio de carinho e ternura, de cuidados verdadeiramente maternos para com os IRMÃOZINHOS mais pequeninos! Vemos um amor aconchegante, que se preocupa com os sofrimentos até do físico e sente em si mesmo os efeitos dos benefícios recebidos por eles e a amargura das portas que se fecham diante deles; lembramo-nos do anexim popular: "quem meu filho beija, minha boca adoça". Mas o Mestre nem fala de filhos ("um só é vosso Pai, a ninguém na Terra chameis de Pai", Mat. 23:9) e sim, igualando-se a eles, em irmãos menores, ainda pequeninos, dignos de toda atenção e amor.

Os que desprezam "seus irmãos mais pequeninos" são ditos *katêraménoi*, isto é, "infelizes"; mas observamos que, enquanto os misericordiosos são "abençoados pelo PAI", os duros de coração se desgraçam a si mesmos. A estes está reservado o "fogo do eon" (*tò pyr aiônion*), que é a labareda do sofrimento no percurso lento e doloroso de mais um eon ou ciclo de evolução. Trata-se do fogo purificador, que faz a catarse dos espíritos, aquele "fogo inextinguível que queimará a palha" das imperfeições (Mat. 3:12) e que atinge a todos os que são "lançados na fornalha de fogo" (Mat. 13:42) das reencarnações cármicas dolorosas.

Esse fogo foi preparado para o adversário (*diábolos*) e seus mensageiros desde a criação do mundo, pois desde aí começou o funcionamento da grande lei de causa e efeito.

A consequência final é que os misericordiosos irão participar da "vida imanente" (*eis zôên aiônion*) enquanto os endurecidos irão para o "sofrimento imanente" (*eis kólasin aiônion*) em segura oposição de resultados. Também poder-se-iam traduzir as expressões por: "vida do eon" e "sofrimento do eon".

Muito temos que aprender nas sábias e profundas lições do Evangelho. Vejamos inicialmente as previsões exteriores.

Todas as vezes que o Filho do Homem aparece em Sua própria substância, e não através de intermediários, essa presença assinalará fundamental modificação na tônica vibratória do planeta: é como se Ele sentasse em seu "trono da decisão", para firmar o tom de seu diapasão na energia sonora (o Som, a Palavra criadora ou Verbo ou Logos do Pai), pelo qual será testada a sintoma intrínseca dos seres.

O fenômeno da separação "à direita e à esquerda" - como costumam fazer os pastores ao separar os bodes das ovelhas, nas épocas em que não deve haver procriação - não é religioso, nem místico, nem teológico: é CIENTÍFICO.

Desde que a chegada do Filho do Homem em Sua substância faça que o planeta evolua, elevando sua tônica vibratória, automaticamente ocorrerá que os espíritos que sintonizarem com esse diapasão elevado, nela permanecerão, enquanto os que tiverem tons mais baixos serão atraídos para planetas de tônica vibratória mais baixa, ou seja, de menor evolução, sendo, portanto, "deportados" da Terra (cfr. Prov. 2:21-22 "pois os justos habitarão a Terra e os perfeitos permanecerão nela, mas os sem misericórdia serão suprimidos da Terra e os perversos serão arrancados dela"; e mais adiante Prov. 10:30 "o justo não será removido no eon, mas o sem misericórdia não habitará a Terra").

Como vemos, o julgamento ou "juízo" no final do ciclo (ou separação dos bons dos maus) será uma ação automaticamente científica, de acordo com a lei física das sintonias vibratórias intrínsecas de cada ser não havendo, pois, nenhuma possibilidade de enganos, nem de privilégios, nem de valorizações por estar rotulado nesta ou naquela religião, com este ou aquele cargo.

Exemplificando grosseiramente: a Terra tem atualmente (suponhamos!) uma vibração de número 30, tal como grande parte (dois terços, segundo Zacarias 13:8) de seus moradores. Ao elevar-se a vibração da Terra para o número 50, só conseguirão permanecer nela aqueles espíritos cuja vibração intrínseca seja de número 50 (que são os que hoje se sentem tão mal neste ambiente de falsidades, ódios, guerras e violências); e todos os que tiverem vibração número 30, serão automaticamente atraídos por outro planeta que também tenha vibração número 30. Exatamente isso ocorreu quando para a Terra vieram tantos espíritos, ao ser vibratoriamente elevado seu planeta de origem na Constelação do Cocheiro (cfr. Francisco Cândido Xavier "A Caminho da Luz", FEB, 1941, 2.^a ed. pag. 27).

Podemos dar outro exemplo: suponhamos que o planeta seja um rádio-receptor, e o espírito uma estação transmissora. O planeta que esteja ligado na sintonia de 800 kilohertz, atrairá espíritos dessa mesma sintonia (tal como o rádio-receptor atrai as ondas da Rádio Ministério da Educação). Mas se esse planeta muda sua agulha para a sintonia de 1.400 kilohertz, os espíritos de 800 não mais são ali recebidos: só os que possuem a sintonia de 1.400 kilohertz o serão. No entanto, aqueles de 800 irão para outro planeta que tenha essa sintonia.

Prosseguindo na interpretação do trecho quanto à parte externa, vemos que a grande chave determinante da sintonia é a MISERICÓRDIA que tira de si para dar aos outros, ou seja, o AMOR em toda a extensão ampla de suas consequências. Como escreveu H. Rohden: "não é o saber, não é o ter, não é o falar nem o fazer: o que vale é o SER".

Achada conforme a sintonia dos "justos" e dos "perfeitos", estes terão sua recompensa numa evolução menos atribulada de dores, porque isenta de ódios e violências, ao passo que os sem misericórdia continuarão alhures a série de encarnações de resgate, de purificação, de aprendizado: "o fogo inextinguível do Amor que purifica e eleva".

Se, no entanto, trouxermos a análise para a vida espiritual interna, de acordo com a interpretação que vimos dando nos últimos capítulos, veremos que o sentido ainda aqui é perfeito.

Todas às vezes que o Filho do Homem nasce, com Sua própria substância, na criatura, acompanhado de todos os seus mensageiros, ou seja, de Suas características, para assumir o bastão de comando como regente supremo, ele decide a respeito de todos os atos dessa criatura.

Quando o Filho do Homem assume o comando ("senta em seu trono decisão"), já o eu pequeno pessoalístico desapareceu, aniquilando-se em sua nulidade temporária, e o Homem Novo, já então Filho do Homem (veja vols. 1, 5 e 6) é o Senhor absoluto do terreno. Esse é o significado da expressão "trono da decisão": o Eu supremo passa a governar o eu menor e a decidir realmente por ele; o Cristo se substitui à personagem transitória; o Pai age através do Filho (cfr. João, 14:11 "as obras que faço, é o Pai que as faz", etc. veja vol. 6).

Uma vez estabelecido em seu "trono de decisão" na criatura, o Filho do Homem terá a tarefa precípua, que não lhe é difícil, de discernir os espíritos, e o fará de acordo com rigorosa justiça por sua sintonia interna. O diapasão regulador será a bondade intrínseca que se exterioriza em favor dos menos aquinhoados, com esquecimento de si mesmo.

Aqueles que sintonizarem, serão acolhidos como irmãos, enquanto os dissintonizados serão afastados de seu círculo para a indispensável catarse de seus erros.

Também terá que agir assim o Filho do Homem em relação a seus veículos de revestimento temporário. Se estes (físico, etérico, astral e intelectual) tiverem contribuído não só para a evolução da humanidade com a assistência carinhosa aos irmãos pequeninos, que estão abaixo de nós, mas também para a evolução do Eu profundo? cuidando de alimentá-lo, de saciar sua sede, (tanto física, quanto moral, intelectual, emotiva e espiritualmente); buscando recebê-lo quando ainda era considerado "estrangeiro" porque desconhecido; vestindo-o com as matérias dos diversos planos, quando ele ain-

da se mantinha “naquela condição nua de puro espírito”, no dizer de Paul Brunton; e visitando-o periodicamente com os esforços continuados de encontrá-lo, quando ainda enfermo pelo “desejo” de unir-se, mas “preso” às contingências de não poder violar o livre-arbítrio, - nesses casos, os veículos “inferiores” terão sua recompensa, mantendo-se todos em contato íntimo e permanente até mesmo sem experimentar a morte (cfr. João, 11:25-26 “quem sintoniza comigo, mesmo se estiver morto, viverá, e quem vive e sintoniza comigo, não morrerá no eon”; e mais, João 3:15 e 36; 5:24; 6:35, 40, 47; e 14:12) e sem ser sequer julgado (João, 3:18).

Se, ao contrário, tiver sido grande a oposição dos veículos em obter a sintonia com o Filho do Homem, resistindo a todos os apelos e chamados e egoisticamente debruçando-se para fora, sem mesmo praticar as “obras de misericórdia” em relação aos “irmãos pequeninos”, os veículos serão destruídos pela morte, tendo que passar pelo fogo purificador do sofrimento, que não se extingue durante o eon até a catarse integral.

Digno de meditação o trecho. E quem o fizer, encontrará ainda mais pormenores para seu aprendizado e edificação.

PLANO DE PRISÃO

Mat. 26:1-5

Marc. 14:1-2

Luc. 22:1-2

- | | | |
|--|---|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. E aconteceu que, quando Jesus terminou todos esses ensinamentos, disse a seus discípulos: 2. "Sabeis que com dois dias acontecerá a Páscoa e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado". 3. Então reuniram-se os principais sacerdotes e anciãos do povo no palácio do sumo Sacerdote, chamado Caifás, 4. e resolveram apoderar-se de Jesus com engano e matá-lo. 5. Mas diziam: Não durante a festa, para que não surja tumulto no povo. | <ol style="list-style-type: none"> 1. Era, pois, a Páscoa e os ázimos dois dias depois. E procuravam os principais sacerdotes e os escribas como, prendendo-o com enganos, o matariam, 2. pois diziam: não na festa, para que não haja tumulto no povo. | <ol style="list-style-type: none"> 1. Aproximava-se, porém, a festa dos ázimos, a chamada Páscoa, 2. e procuravam os principais sacerdotes e os escribas como o matariam, pois temiam o povo. |
|--|---|---|

Ao terminar a grande lição, o Mestre anuncia aos discípulos que a "páscoa" OU "festa dos ázimos" se celebrará daí a dois dias. Estamos, pois, na noite de terça ou na manhã de quarta-feira, já que essa festa era celebrada das 18 horas de quinta até as 18 horas de sexta-feira.

Recordemos (vol. 1) que o primitivo nome de "páscoa" era *pesah hu'la YHWH* (em grego *páscha estì kuriôì*) ou seja a passagem de YHWH" (Êx. 12:11).

Diz mais, que nessa páscoa "o Filho do Homem será entregue para ser crucificado". A comunicação é feita com tranquila solenidade.

Logo a seguir o evangelista modifica o cenário, e sobre o palco aparece a reunião das autoridades, isto é, dos sacerdotes, escribas e anciãos. Mateus e Lucas citam os escribas, que Mateus omite, como em outros passos (cfr. 21:23; 26:47; 27:1, 3, 12, 20).

A reunião é realizada no "palácio" (*aulê*) do Sumo Sacerdote. O sentido de *aulê* pode ser o próprio "palácio" (como em Mat. 26:3, 38; Marc. 14:54 e 15:16; Luc. 11:21 e João 18:15) ou o "pátio do palácio", sobretudo quando acompanhado do adjetivo "exterior" (cfr. Mat. 26:69; Marc. 14:66 e Luc. 22:55).

A páscoa era comemorada rigorosamente a 14 de *nisan*, com a imolação do cordeiro, enquanto a "festa dos ázimos" durava uma semana, durante a qual só poderiam comer-se pães sem fermento e alimentos sem sal nem azeite, (cfr. Êx. 12:1-20 e 39).

A resolução era consumir-se o sacrifício às ocultas, e não durante a festa, a fim de não provocar tumulto entre o povo. Mas os desígnios espirituais nem sempre coincidem com as intenções humanas.

Dada toda a parte teórica da lição, já está soando o momento de chegar-se à parte prática, vivendo-se tudo o que foi ensinado. Isso é anunciado com palavras bastantes claras para todos.

A partir deste ponto da permanência de Jesus na Terra, em carne, torna-se de cristalina evidência que todas as ocorrências e palavras assumem característica dúplice:

- A) a parte externa, exotérica, para os profanos, que só percebem os fatos físicos, os gestos, as atitudes, os diálogos, numa palavra, o que ocorre com a personagem;*
- B) a parte interna, esotérica, que é representada simbolicamente pelas ocorrências exteriores, mas que se realiza em outro plano, em outra dimensão, relacionando-se com a individualidade, e que constitui em última análise, a verdadeira lição a aprender.*

Jesus terminou "todos esses ensinamentos" teóricos (πάντας τους λόγους τούτους) e faz a revelação que a exemplificação prática está para começar dentro de dois dias, durante os quais será feita toda a preparação mística indispensável. Tratava-se da "passagem" de um grau iniciático a outro, a "travessia" da "porta estreita". Realmente, era esse o significado atribuído à palavra "páscoa" por aqueles que "entendiam" do assunto. Tanto assim que a "páscoa" era chamada por Flávio Josefo (Ant. Jud. 2.14.6) hyperbasía, isto é, "passagem"; por Filon (I, 174 e II, 292) era dita diabatêria, "travessia"; por Gregório Nazianzeno (Patrol. Graeca, vol. 37 col. 213) heortê diabatêrios, "festa da travessia".

Para essa "travessia" o Filho do Homem "tinha que ser entregue (παράδοται) para ser crucificado (σταυρῶθῆναι)".

Aqui começamos a tomar contato com os primeiros passos da grande cena que se desenrolará (à imitação dos dramas sacros de Elêusis) em solene cerimônia iniciática, com a participação integral de todos os elementos indispensáveis a essa realização suprema.

Era o "sacerdote da Ordem de Melquisedec" que ia submeter-se ao sacrifício máximo para - se conseguisse vencê-lo vencendo-se - atingir o grau de "Sumo Sacerdote" da mesma Ordem, ou seja, o grau de Hierofante ou de "Rei" (1).

- (1) Não é sem razão que o catolicismo considera Jesus "Rei": trata-se do grau máximo das Escolas Iniciáticas, inclusive da que Ele criou.

Para o ato, reuniu-se o alto poder espiritual de seu povo, o povo de Israel, na cidade-santa Jerusalém. Embora as personagens que o compunham nem sequer desconfiassem do papel que estavam desempenhando na economia planetária pois só "viam dos tetos para baixo" e só consideravam os corpos físicos visíveis - não obstante a Lei utiliza as criaturas para execução de seus fins, mesmo sem nada revelar-lhes: os homens são marionetas pretensiosas que julgam agir de acordo com suas convicções inabaláveis e sua plena liberdade de escolha ...

Sacerdotes, anciãos e escribas (o Sinédrio) RESOLVEM matá-lo, mas desejam fazê-lo às ocultas, sem que o povo perceba, a fim de evitar tumultos e possíveis represálias. Pretendem, pois, executá-lo DEPOIS da festa da páscoa. Mas os desígnios dos Espíritos Superiores são outros: há de ser exatamente na celebração solene da PASSAGEM ("páscoa"). E o meio de conseguí-lo será posto em realização, conforme predições proféticas anteriores.

Vê-lo-emos a seguir.

PROPOSTA DE JUDAS

Mat. 26:14-16

Marc. 14:10-11

Luc. 22:3-6

- | | | |
|--|---|---|
| <p>14. Indo, então, um dos doze, o chamado Judas Iscariotes, aos principais sacerdotes,</p> <p>15. disse: que quereis dar-me, e eu vo-lo entregarei; eles estabeleceram-lhe trinta siclos.</p> <p>16. E desde então procurava ensejo para entregá-lo.</p> | <p>10. E Judas Iscarioteh, um dos doze, foi aos principais sacerdotes para que o entregasse a eles.</p> <p>11. Ouvindo-o, eles alegraram-se e prometeram dar-lhe dinheiro. E procurava como o entregaria oportunamente.</p> | <p>3. Mas o antagonista entrou em Judas, o chamado Iscariotes, que era do número dos doze</p> <p>4. e, indo, conversou com os principais sacerdotes e oficiais, como o entregaria a eles.</p> <p>5. E alegraram-se, e combinaram dar-lhe dinheiro.</p> <p>6. E consentiu, e procurava ensejo de entregá-lo a eles sem multidão.</p> |
|--|---|---|

Aparece aqui a figura de Judas, "O chamado Iscariotes". Mateus e Lucas escrevem *Iskariôtês*, enquanto Marcos só grafa *Iskarióth*. Os comentaristas inclinam-se para considerar essa uma palavra composta de ISH ("homem") e KARIOTH ("de Cariot") que é uma localidade da Judéia, já citada em Josué (15:25). O hebraico QERiyOT significa "desfiladeiro", embora os LXX tenham traduzido como "cidades" (*hai póleis*), plural do *QERiyAH*, correspondente ao árabe QARAIYA (ver vol. 2).

O evangelista assinala que esse Judas "era um dos doze", portanto um dos discípulos da Escola, a par de tudo o que ocorria, e encarregado das finanças (João, 12:6).

Apresentando-se aos "principais sacerdotes", ofereceu-se para "entregá-lo" (*paradôsô*). Mateus afirma que Judas *propôs* receber dinheiro; Marcos, que os sacerdotes prometeram pagar-lhe, sem que ele o pedisse; e Lucas que os sacerdotes combinaram pagar-lhe e ele consentiu. Marcos e Lucas anotam que os sacerdotes "alegraram-se" ao ver facilitada sua tarefa.

A quantia fixada foi de trinta siclos (não "denários") que era a moeda oficial do Templo. Já no Êxodo (22:12) fora determinado que, em caso de morte acidental causada a um escravo, devia o senhor ser indenizado com trinta siclos de prata. O ciclo valia 120 denários; portanto 30 siclos somavam 3.600 denários.

Em Zacarias (11:12-13) lemos: "Eu lhe disse: se vos parecer bem, dai-me a minha paga; e se não, deixai-vos disso. Pesaram, pois, por minha paga trinta moedas de prata. YHWH disse-me: arrojai-as ao oleiro, esse belo preço por que fui apreçado por eles. Tomei as moedas de prata e arrojai-as ao oleiro na Casa de YHWH". Inegável que há, na narrativa do sucedido com Judas, uma alusão a esse trecho de Zacarias, tanto mais que o simbolismo prossegue, dizendo-se que as moedas foram restituídas e "arremessadas do santuário" (Mat. 27:3-5) e "com elas foi comprado o campo do oleiro" (Mat. 27:9). Mas a seu tempo comentaremos o trecho.

Entramos numa parte cujo comentário se torna ainda mais difícil. Vemos Judas, um dos doze, entregar o Mestre e não se importar de, por esse ato, receber dinheiro. João (12:6) diz claramente que "ele era ladrão".

Como interpretar esotericamente o comportamento de Judas?

Diante das personagens humanas, Judas é o protótipo do traidor sujo e desprezível, que traiçoa a quem o beneficiou, em troca de miseráveis moedas, arrependendo-se depois, mas muito tarde. Já foram escritos muitos volumes de comentários desse "gesto infame", e apareceram muitas teorias a respeito desse comportamento estranho.

No entanto, temos que considerar o outro lado do fato. Jesus afirma "que melhor fora que não houvesse nascido" (Mat. 26:24 e Marc. 14:21) o que não deixa de comprovar a reencarnação como veremos a seu tempo. Essa frase pode interpretar-se como terrível condenação da personagem, mas também podemos olhá-la como lamentação a respeito do tremendo choque de retorno que essa personagem receberia, por ainda não achar-se à altura de perceber toda a magnitude cósmica de seu gesto" e se desesperaria.

Considerando o fato sob a luz da economia planetária, o papel de Judas na entrega de seu Mestre foi um ato altamente sublime: exerceu a mesma tarefa do sacerdote que oferece e imola a vítima no altar dos holocaustos.

Meditemos nessa "entrega" como a legítima parádoxis (ou traditio) do iniciado que vai galgar mais um degrau na Senda, e precisa ser entregue ao Colégio Sacerdotal a fim de submeter-se aos ritos prescritos nos cerimoniais secretos. O sacerdote que, nas Escolas Iniciáticas egípcias e gregas introduzia (entregava) o candidato ao colegiado de sacerdotes (neste caso o "Sinédrio"), para que fosse submetido à prova da "Morte de Osíris", é que se constituía espontaneamente como FIADOR ou AVALISTA do candidato; e isso em virtude de bem conhecê-lo, sabendo e jurando acerca de sua capacidade de sofrer todas as provas e vencê-las. Se houvesse fracasso do candidato, o sacerdote ofertante era incriminado como incompetente, perdendo a confiança dos Mestres que passavam a considerá-lo incapaz de apresentar qualquer outro candidato; mas se este vencesse? seu "fiador" moral era homenageado por isso, merecendo maiores considerações de todos.

Mas, como admitir isso? Lamentavelmente nossa ignorância ainda é tão grande, que não vemos meios de responder a essa pergunta. No entanto, podem ser aventadas algumas hipóteses.

O papel de Judas foi fundamental no Drama do Calvário, que foi representado à maneira dos Dramas Sacros de Elêusis, sem que houvesse faltado nenhum pormenor. Ora, as Forças Superiores não podiam permitir que uma tarefa tão ingente e de tão grandes consequências para a humanidade, ficasse à mercê de uma criatura "fora do palco": só um dos elementos da peça poderia representá-lo com segurança, sem perigo de fazer fracassar todo o conjunto. Daí, antes que permitir que o Sinédrio agisse, ter sido um dos próprios discípulos que marcou a hora e os minutos do início solene da cerimônia sacra iniciática estabelecida por Jesus, quando lhe diz (João 13:27): "faze já o que tens que fazer".

Função de tão grande responsabilidade e importância devia ser confiada a quem tivesse a capacidade de executá-la sem falhas. Mas - pobre homem! - o choque que recebeu, depois de cumprida a incumbência, foi tão violento, que ele se descontrolou e desesperou: "melhor lhe fora que não houvesse nascido"! A personagem não resistiu ao embate das forças mentais da época que o condenaram.

E mais ainda: a repercussão no terreno das personagens foi esmagador e tão atroz que perdura até hoje, a uma distância de quase dois mil anos! Todavia, a ação no plano espiritual foi assinalada como altamente meritória: o Espírito de Judas teve a inominável coragem de representar o papel mais triste da história, de submeter-se à pecha de "traidor", e de sofrer todas as consequências do desprezo e dos pensamentos contrários condenatórios de bilhões de criaturas durante milhares de anos, e isso com o objetivo de colaborar no drama sacro da cerimônia iniciática a que Jesus, seu Mestre, tinha que submeter-se! Seu sacrifício, voluntariamente aceito por seu Espírito (seu Eu profundo) garantiu-lhe elevação no campo da coragem moral; no entanto, a fraqueza da personagem encarnada não conseguiu

atingir esse ápice e se desesperou, ao ver o Mestre e amigo iniciar e levar a termo as cerimônias necessárias, com toda as violências previstas, até a aparente morte na cruz.

As cenas desse tipo de iniciação, a que Judas assistira, quando realizadas na pessoa de Lázaro, não tiveram as características de violência e derramamento de sangue, como Jesus. Ao contemplar, pois, seu Mestre na Cruz, lanceado no peito, veio-lhe a dúvida atroz de que talvez não conseguisse sobreviver como Ele havia predito na Escola. Cresceu a dúvida em seu peito, e julgou que tudo fracassara. Não teve coragem de esperar o fim: fraquejou em sua parte humana sensitiva da emoção que ainda não estava aniquilada pela razão e pela intuição.

Essa foi a grande perda, para ele: a dúvida, a falta de confiança em seu Mestre. E se o plano falhara e ali estava à morte Aquele que ele mesmo entregara ao Sinédrio - não para morrer, mas apenas para submeter-se a uma cerimônia iniciática - então também o discípulo que o "entregara" não devia viver.

Olhando-se sob esse prisma que acabamos de expor, descobrimos novas luzes no gesto de Judas, tão condenado e, apesar disso, tão indispensável a todo o desenvolvimento da evolução humana.

Para que se destaque a luz, é indispensável a sombra. Tudo possui um pólo positivo e um pólo negativo. E essa lei não podia falhar em tão sublime obra-prima do Espírito. Mas ambos os pólos são partes opostas mas integrantes do mesmo corpo: ambos têm que existir para que haja equilíbrio, pois não pode haver um sem o outro. Assim, não haveria JESUS sem JUDAS, nem ocorreria a sublimação de um sem o sacrifício do outro, não poderia elevar-se um sem que o outro se abaixasse: "é mister que ele cresça e eu diminua". Judas cumpriu sua tarefa, anulando-se e sacrificando-se durante milênios, para que Jesus fosse exaltado na mesma proporção durante o mesmo período.

A questão monetária constitui um pormenor adrede preparado para escurecer mais o lado da sombra, a fim de ressaltar melhor a iluminação do positivo, além de constituir, como sempre, símbolo marcante.

TRINTA é um número que aparece com frequência nas Escrituras judaicas, não só porque constitui o limite de idade para início da vida pública (cfr. Gên. 41:46; Núm. 4:3, 35; 2.º Sam. 5:4; 1.º Crôn. 23:3; Luc. 3:23), como também na medida do mês (Núm. 20:30; Judit, 3:15 e 15:13; Dan. 6:7,12) sendo uma das medidas da arca (Gên. 6:15) e de outras construções (1.º Reis, 7:2, Judit, 1:2) além de outros testemunhos.

Temos, nesse número, o símbolo (vol. 1) de haver-se completado o desenvolvimento da personagem encarnada, ou seja, a multiplicação do TRÊS (que representa o Filho) pelo DEZ (que é o ciclo terminado). Neste caso temos, no TRINTA, o símbolo de que havia sido completado o ciclo da existência da personagem encarnada de Jesus. Tanto assim que a tradição diz que viveu 33 anos, isto é, 30 mais os três da perfeição. Na realidade, já vimos que deve ter permanecido, nessa vida exotérica, cerca de 37 anos ou 38 anos.

Ademais, Judas, em todas as listas de Emissários, sempre foi colocado em 12.º lugar (cfr. Mat. 10:2-4; Marc. 3:16-19; Luc. 6:14-16; At. 1:13, onde Judas não é citado; veja vol. 2). Ora, o arcano 12 corresponde, no alfabeto hebraico, à letra lamech, cujo valor numérico é precisamente 30.

Outras observações nesse setor: na correspondência dos doze emissários com as doze tribos de Israel, Judas é comparado a DAN (1). Um e outro equivalem ao signo de Escorpião, no zodíaco. O signo de escorpião representa a "geração" do veículo mais denso (serpente), em sua energia mais baixa, através do sexo físico que é, nos seres humanos, uma herança do estágio animal; mas representa, também, a "regeneração" (águia), que atinge em seu vão os mais altos planos. Esse signo, portanto, quando em ação, simboliza a destruição definitiva do eu personalístico que provém da evolução do psiquismo animal, para o nascimento integral e absoluto do Eu Profundo não mais sujeito à reencarnação.

(1) Segundo Sábado Dinotos ("Dicionário Hebraico-Português", H. Koersen, 1962, pág. XXIII) a tribo de Dan povoou a Grécia ("danai") e o norte da Europa, permanecendo de seu nome um resquício em "DANemark", em DANúbio, etc.

Então compreendemos a atuação de Judas ("escorpião") no Drama do Calvário e exatamente nesse ponto histórico: porque aqui encontramos a aniquilação total da personagem terrena Jesus, numa final absorção dela por parte do Cristo de Deus, que nascera e se desenvolvera através de seu Eu Interno.

De DAN, rezava a tradição talmúdica, surgiria o antimessias; e lemos no Gênesis (49:17) "Dan será uma serpente no caminho, uma víbora na Senda, que morde os calcanhares ao cavalo, de modo que caia para trás seu cavaleiro"; interessante observar que, no Apocalipse (7:5-8), são enumeradas as doze tribos de Israel, mas a de Dan é substituída por Manassés, filho de José (do Egito). Da mesma forma Judas desaparecerá da relação dos doze Emissários, sendo substituído por Matias (At. 1:26). O escorpião desaparecera, tendo-se tornado "águia".

PREPARAÇÃO PARA A PÁSCOA

Mat. 26:17-19

Marc. 14:12-16

Luc. 22:7-13

- | | | |
|--|--|--|
| <p>17. No primeiro dia dos ázimos, vieram os discípulos a Jesus, dizendo: onde queres que te preparemos para comeres a Páscoa?</p> <p>18. Ele disse: "Ide à cidade, a um tal, e dizei-lhe: o Mestre diz: está próximo meu tempo; em tua casa farei a Páscoa com meus discípulos".</p> <p>19. E os discípulos fizeram como lhes ordenara Jesus e prepararam a Páscoa.</p> | <p>12. E no primeiro dia dos ázimos, quando sacrificavam a Páscoa, disseram-lhe seus discípulos: onde queres que vamos preparar-te para que comas a Páscoa?</p> <p>13. E enviou dois de seus discípulos e disse-lhes: "Ide à cidade, e virá a vós um homem carregando um cântaro de água; acompanhai-o;</p> <p>14. e onde entrar, dizei ao dono da casa que o Mestre diz: Onde é meu aposento, em que comerei a Páscoa com meus discípulos?</p> <p>15. Ele vos mostrará um sobrado grande, mobiliado, pronto; e aí preparai-nos".</p> <p>16. E saindo os discípulos e chegando à cidade, e encontrando como lhes dissera, prepararam a Páscoa.</p> | <p>7. Veio, pois, o dia dos ázimos em que devia sacrificar a Páscoa.</p> <p>8. E enviou Pedro e João, dizendo: "Indo, preparai-nos a Páscoa para comermos".</p> <p>9. Eles disseram-lhe: Onde queres que (a) preparemos?</p> <p>10. Disse-lhes ele: "Eis que, indo vós à cidade, virá a vós um homem carregando um cântaro de água; acompanhai-o até a casa em que entrar;</p> <p>11. e direis ao dono da casa: O Mestre te diz: Onde é o aposento em que comerei a Páscoa com meus discípulos?</p> <p>12. E ele vos mostrará um sobrado grande, mobiliado; aí preparai".</p> <p>13. Indo, pois, encontraram como lhes dissera, e prepararam a Páscoa.</p> |
|--|--|--|

Anotam os narradores que "era o primeiro dia dos ázimos". Pelo que sabemos de Flávio Josefo (*Ant. Jud.* 2, 15, 1) a festa durava oito dias cheios, pois no dia da imolação do cordeiro, 14 de *nisan*, não devia encontrar-se na casa nenhum alimento fermentado, nenhum condimentado com sal, nenhum temperado com azeite. Para evitar descuidos, desde a véspera, 13 de *nisan*, os donos da casa percorriam-na em todos os recantos, catando qualquer migalha de fermento, para que fosse queimado a tempo. Era, assim, denominado "primeiro dia dos ázimos" o dia 13. No entanto, também era permitida uma antecipação da imolação do cordeiro.

PÁSCOA

A imolação do cordeiro pascal, seu cozimento e sua consumação eram realizados ao pôr do sol do dia 14 de *nisan*, e a FESTA DA PÁSCOA, propriamente, era comemorada no dia 15. Ora, sabemos que Jesus foi crucificado "no dia em que devia comer-se o cordeiro", isto é a 14 de *nisan*.

Então, forçosamente, o cordeiro foi imolado e comido, por Ele e por seus discípulos, no dia 13 (o primeiro dia dos ázimos). Essa antecipação podia realizar-se:

1.º - Quer porque o próprio Jesus tenha resolvido fazê-lo, para seguir a grande massa popular, que recuava de um dia a imolação, quando o dia 15 caía num sábado, para que não violassem os preceitos do repouso depois das 18 horas da sexta-feira. Isso apesar de a *Michna* estabelecer: "a páscoa é superior ao sábado", não havendo necessidade dessa antecipação (cfr. *Mechitta*, 5, 1 e *Gem. Pesachim* 33, 1 e 66, 1).

2.º - Quer porque o Sinédrio, levado pela opinião dos sacerdotes da Casa de *Boethus*, que tinham grande influência, tivessem recuado oficialmente a cerimônia, para não ferir o repouso sabático.

Com esses dados, podemos estabelecer a data da crucificação de Jesus, já que sabemos que foi crucificado numa "sexta-feira 14 de *nisan*": com efeito, durante a procuradoria de Pilatos na Palestina, só três vezes o 14 de *nisan* coincidiu com a sexta-feira: no ano 27 (a 11 de abril); no ano 30 (a 7 de abril) e no ano 33 (a 3 de abril). Alguns autores, (João Crisóstomo, *Patrol. Graeca* vol. 58, col. 729; Teofilacto, *Patr. Gr.* vol. 123, col. 440; Pseudo-Victor, *Catena*, pág. 420; Eutímio, *Patrol. Graeca*, vol. 129, col. 652) opinam que *prôtos*, "primeiro" dia dos ázimos, deveria ler-se *pro*, isto é "na véspera" do dia dos ázimos (1).

(1) *Pelos dados mais recentemente descobertos, devemos trazer um acréscimo à cronologia que expusemos no 1 vol, pois a crucificação só teria podido dar-se no ano 30 (dia 7 de abril), quando então teríamos que recuar de 28 para 27 o mergulho de João; ora, no mesmo vol. 1 chegamos à conclusão de que o mergulho realizou-se no ano 29. Tendo Jesus nascido a 7 A.C., e tendo completado seu primeiro ano de vida no ano 6 A.C., no ano 29 teria "cerca de 30 anos", ou mais precisamente 34 anos. Nesse passo, a crucificação não poderia ter ocorrido no ano 30, em vista das numerosas atividades relatadas nos Evangelhos. Temos, portanto, que adiar para o ano 33 (dia 3 de abril) a crucificação. Ai, então, compreendemos o porquê da tradição unânime que vem de longa data, de que Jesus "morreu aos 33 anos". Deve-se ao erro do diácono Dionísio o Pequeno, que estabeleceu o nascimento no ano 1 de nossa era, pois se fixara no dito de Lucas (3:23) de que Jesus tinha "cerca de 30 anos", e de que sua crucificação ocorreria no ano 33. Contudo, tendo Jesus nascido a 7 A.C. (vol. 1) ou seja, o ano 747 da fundação de Roma, sua crucificação ocorreu no ano 33 (785 de Roma), quando contava, quase, 38 anos, ou seja estava no 37.º ano de sua vida, embora não tivesse completado os 38. Com isso, queremos corrigir o que escrevemos no vol. 1.*

Os discípulos tomam a iniciativa de perguntar ao Mestre onde quer que seja preparada a Páscoa. Jesus encarrega Pedro e João de irem à cidade - o que denota que estavam fora de Jerusalém - e lá prevê o que está para acontecer: ao entrar (logicamente pela Porta de Siloé, onde se localizava a Fonte) encontrariam um homem a carregar água.

Observemos a originalidade: àquela época eram só as mulheres (escravas ou, nas famílias pobres, as donas da casa) que exerciam esse mister: um homem, mesmo servo, a fazê-lo, constituía uma exceção.

Ao encontrá-lo, deviam segui-lo para ver aonde se dirigia e onde entrava: com isso, localizariam a casa de "um tal" (*pròs tôn deína*), maneira de evitar a citação nominal por parte dos narradores. As suposições foram várias ao longo dos séculos: era a casa de Nicodemos, a de José de Arimatéia ou de qualquer outra personagem importante cujo nome não devia ser citado para evitar perseguições, ou mesmo do pai de Marcos, que era casado com Maria, a irmã de Pedro, e que morava em Jerusalém (cfr. At. 12:12, 17). Mas é inútil querer adivinhar!

Ao encontrar o dono da casa, diriam: "o Mestre pergunta: onde é o meu aposento (*tò katályma mou*) para comer a páscoa com meus discípulos"? E Mateus acrescenta: "comerei a páscoa em tua casa" (*pròs se*, equivalente a *parà soi*, que o francês traduz otimamente: *chez toi*). A expressão *tò katályma* designava o aposento de hóspedes (cfr. 1.º Reis, 1:5 e Ecli. 14:25). Tudo isso demonstra que havia realmente intimidade grande e confiança absoluta de parte a parte.

O anfitrião mostraria um "sobrado grande" (*anágaion méga*), o que revela casa grande de pessoas ricas. Anotemos que essa palavra *anágaion* é um hápax neotestamentário, pois o termo comum para expressar o sobrado era *hyperôon* ("o andar de cima"). Ocupava, geralmente, todo o pavimento superior, abarcando todos os cômodos do térreo, e se mantinha normalmente mobiliado com tapetes, almofadas e divãs, para condignamente receber os hóspedes, permitindo-lhes comer e dormir.

Jesus regressa a Betânia com os discípulos, deixando Pedro e João encarregados dos preparativos, naturalmente auxiliados pelos escravos e empregados da casa.

A refeição da ceia pascal consistia em pão sem fermento, em salsa ritual (*haroseth*), em chicóreas amargas (*merôrim*), tudo cozido sem sal nem azeite (cfr. Êx. 12:8 e Núm. 9:11).

Eis a primeira preparação para o início do Drama Sacro para a emancipação do homem.

Aparece um sinal (sêmeion) que é mostrado (deíknymi) com clareza tão grande e evidência tão brilhante, que admira não ter sido comentado em todos os tons durante esses quase dois mil anos, um sinal que anuncia a possibilidade e a época em que se promoverá a libertação ou redenção para a humanidade terrena.

Hão de ocorrer todas as modificações preditas nos capítulos que anteriormente comentamos - E "toda esta geração estará presente para vê-lo" – mas só se dará início à passagem (páscoa) no signo de AQUÁRIO: sim, encontrarão um homem a carregar um cântaro de água.

Isso representa, desde a mais remota antiguidade, o signo de aquário, que figura no zodíaco egípcio de Denderah com duas ânforas. Todas as tradições orientais relacionam esse arquétipo com o final de um ciclo que traz em si o germe de novo princípio (ouróboros). Aquário é o princípio da dissolução e decomposição das formas, e da imediata proximidade da libertação, por meio da destruição do que é meramente fenomênico.

Mas o signo do aquário constitui simplesmente o sinal (sêmeion) reconhecedor da época. A realidade do ágape místico virá ao encontrarmos o "dono da casa" (oikodêspôtês), que simboliza o Eu profundo, a Individualidade, que já mantém "mobiliado" o aposento de cada um. Notemos, de fato, que Jesus pergunta pelo "MEU aposento", e embora não seja abertamente revelado, esse aposento está no "sobrado alto", no "primeiro andar" (anágaion).

O termo exprime, literalmente "acima" (aná) "a terra" (gáios, de gês). Não é na parte material, onde encontramos o aposento secreto do encontro e da passagem, aquele "aposento" (tameíon) onde já devemos estar habituados a "entrar e, fechada a porta, orar em secreto" (Mat. 6:6): é "acima da terra" (anágaion), acima do nível material.

Essa a razão por que Marcos e Lucas não usaram o termo vulgar e comum hyperôo, que exprimia o andar de cima reservado primitivamente às mulheres e, mais tarde, aos escravos. Com uma palavra nova, altamente significativa, quiseram chamar a atenção dos discípulos para o sentido oculto. E criaram o novo termo, dantes inexistente na língua grega. Por aí ficamos sabendo que as figurações alegóricas que se passam na terra (en tês gês), representadas na matéria densa, constituem mero e pálido reflexo sombrio da realidade vivida "acima da terra".

Onde? Dizem alguns autores que a ação pimordial foi realizada no plano astral. Outros admitem que o foi mesmo no físico denso, e que a humanidade e o planeta conseguiram deter sua descida evolutiva que já se avizinhava da destruição total da "alma" (cfr. Rudolf Steiner, "Pierres de construction pour la connaissance du Mystère du Golgotha", Paris, 1947) e iniciar o caminho do regresso, quando o sangue de Jesus (seu duplo etérico) penetrou na terra, infundindo-lhe novas energias divinas.

Quanto a nós - salvo erro - pensamos que a REALIDADE foi integralmente vivida no plano espiritual-mental, enquanto o reflexo se fazia sentir no plano astral e, secundariamente, em repercussão inevitável, no plano físico, único testemunhado pelos discípulos diretos.

Exatamente por isso, aqueles que tinham capacidade e poder espiritual para acompanhar o Grande Drama Místico no plano mental - ou plano REAL e ESSENCIAL - não tiveram necessidade de comparecer ao espelhismo do ocorrido no plano físico. Referimo-nos à ausência, que tanta estranheza causa, em todo o sacrifício do Gólgota, dos três grandes amigos íntimos de Jesus: Lázaro, Marta e Maria.

Deles não mais se fala na história do cristianismo de então. Não são citados nos livros escriturísticos, nem nos apócrifos, nem mesmo figuram nas tradições orais: desapareceram totalmente, como se já-mais tivessem tido ligação com o Mestre. Nem por isso deduziremos que renegaram o Amigo: apenas O seguiram por outros caminhos, em outros planos.

A tradição fala-nos de Maria Madalena, mas não da Maria de Betânia. Interessante focalizar resumidamente o que se disse no passado das três Marias: a pecadora, a Madalena e a irmã de Marta.

* * *

AS TRÊS MARIAS

Nas narrativas evangélicas, além de outras (a Mãe de Jesus, a esposa de Cléofas, etc), aparecem três Marias sobre as quais as opiniões divergem:

1. *MARIA "a pecadora", que ungiu os pés de Jesus na casa de Simão o fariseu (Luc. 7:36-50; vol. 3).*
2. *MARIA MADALENA, que o Talmud apresenta como casada inicialmente com o judeu Pappus Ben Judah, que abandonou para unir-se ao oficial de Herodes chamado Panther; não era, necessariamente uma "pecadora pública" nem uma "viciada" como a descreve Gregório Magno (Patrol. Lat. vol. 76, col. 1239, na Homilia in Evang. 33,1). Curada por Jesus que lhe expulsou sete espíritos obsessores, agregou-se a Ele permanecendo a seu lado até a crucificação; a ela Jesus apareceu logo após a "ressurreição", em primeiro lugar.*
3. *MARIA DE BETÂNIA, irmã de Lázaro e de Marta (cfr. João, 11:1-44) que ungiu os pés e também a cabeça de Jesus na casa de Simão o leproso (João, 12:3, vol. 6) e recebeu Jesus em sua casa (Luc. 10:38-42, vol. 5).*

Entre os comentadores, divergem as interpretações desde as mais remotas épocas:

- A) *as três constituem uma só pessoa, afirmam: Clemente de Alexandria (Pat. Gr. vol. 8 col. 430); Tertuliano (Pat. Lat. vol. 2 col. 1001); Gregório Magno (Pat. Lat. vol. 76 cols. 854 e 1239; vol. 77, col. 877; e vol. 79 col. 243); Bernardo, embora com hesitação (Pat. Lat. vol. 183, cols. 342, 422, 527, 831); e Agostinho, que ora afirma a identidade das três (Pat. Lat. vol. 34 col. 1155) ora hesita em afirmar que sejam uma só pessoa (Pat. Lat. vol. 35, col. 1748).*
- B) *Distinguem a pecadora da Madalena (nem supõem identidade com Maria de Betânia): as Constitutiones Apostolicae (Pat. Gr. vol. 1, col. 769); João Crisóstomo (Pat. Gr. vol. 78, col. 342; Orígenes (Pat. Gr. vol. 13, col. 1721). Seguido por Teofilacto, Eutímio, Servio, etc.; Ambrósio (Pat. Lat. vol. 15, col. 1672), discute o assunto, afirmando que são duas, embora possa defender-se a hipótese de que a pecadora se transformou em santa; Hilário (Pat. Lat. vol. 9 col. 748); Jerônimo (Pat. Lat. vol. 23, col. 1123 e 1130 e vol. 26, col. 191).*

Modernamente J. Bollandus, Acta Sanctorum (tomo 5.º pág. 187) afirma a identidade das três, que fez festejar pela igreja de Roma a 22 de julho; Bossuet ("Sur les Trois Madeleine", Migne, Paris, 1856, vol. 5.º, col. 1647) distingue as três em defesa brilhante.

Analise os argumentos que distinguem a "pecadora" de Madalena:

- a) *o nome do anfitrião, Simão, era tão comum que, entre os doze discípulos de Jesus, dois se chamavam assim;*
- b) *uma é dita "a pecadora"; a outra designada pelo nome;*
- c) *uma unge os pés, a outra os pés e a cabeça;*
- d) *uma derrama o perfume, a outra quebra o vaso;*
- e) *de uma murmura o anfitrião contra Jesus, da outra queixa-se Judas em alta voz contra o desperdício;*
- f) *no episódio da pecadora é repreendido Simão; no da Madalena são repreendidos os discípulos;*
- g) *Simão o fariseu estava na Galiléia; Simão o leproso em Betânia, na Judéia;*
- h) *o primeiro banquete foi mais de um ano antes da crucificação, o segundo, seis dias apenas antes;*
- i) *o fato de ter tido sete obsessores não implica em ter sido pecadora pública;*
- j) *logo após citar a pecadora (Luc. 7:37), o mesmo evangelista apresenta a Madalena (Luc. 8:2) dando-lhe o nome, como personagem nova;*
- k) *o fato de João dizer que Maria foi "a que ungiu" (hê aleípsasa) no passado, quando só narra a unção posteriormente, nada indica, pois na mente do evangelista devia estar vivo o episódio como já realizado, e só literariamente aparece a narrativa do fato em seguida.*

Quanto à irmã de Marta:

- a) *Nada faz supor que tivesse tido vida desregrada;*
- b) *Jesus conhece a pecadora durante o jantar de Simão o fariseu, ao passo que Maria de Betânia era sua amiga, sendo sua casa frequentada por Jesus;*
- c) *Maria Madalena era originária de Magdala, na Galiléia; Maria irmã de Marta era originária de Betânia, na Judéia.*

Das três, nada mais se sabe a respeito da "pecadora" nem de Maria de Betânia. Apenas da Maria Madalena há tradições:

Gregório de Tours (Pat .Lat. vol. 71, col. 131) escreve no seu "De Glória Martyrum", no 29, que o túmulo de Maria Madalena era visto em Éfeso ainda no século 6.º.

Daniel, o hígumeno, diz ter visto seu túmulo e sua cabeça, em Éfeso, no ano 1106 (cfr. Tomaschek, "Comptes Rendus de l'Académie de Vienne" tomo 124, pág. 33).

Os historiadores bizantinos dizem que o imperador Leão VI, em 899, fez trazer para Constantinopla o corpo de Madalena (cfr. Leo Grammaticctts, Pat. Graeca, vol. 120, col. 1108).

INÍCIO DA CEIA

Mat. 26:20

Marc. 14:17

Luc. 22:14

20. Vindo a tarde, reclinou-se à mesa com os doze.

17. E, vindo a tarde, chegou com os doze.

14. E quando aconteceu a hora, reclinaram-se também à mesa os discípulos, junto com ele.

Aqui vemos que Jesus chegou com os doze, proveniente talvez de Betânia, depois do repouso vespertino, após o banho reconfortador, quando a tarde já vinha caindo: estávamos pois cerca das 18 horas de 13 *nisan* (embora, para os judeus, fosse essa a primeira hora de 14): era a hora *legal* para realizar-se a ceia pascal.

No original lemos sempre apenas o verbo "reclinados" (*anakeiménoi*) mas, para boa compreensão, temos que acrescentar "à mesa".

Os judeus não usavam mais comer o cordeiro segundo a prescrição legal (Êx. 12:11) isto é, de pé, com roupa de viagem (embora vejamos que Jesus despe o manto de viagem para o lava-pés e depois torna a vesti-lo), com o manto cingido e um bastão na mão. Haviam aderido ao costume "pagão": reclinados num tapete, com o braço esquerdo apoiado numa almofada, deixando livre o braço direito para tomar os alimentos, que eram levados à boca com a mão, geralmente servindo-se diretamente da travessa.

Numerosos estudos foram realizados, pela observação dos costumes da época, para saber a posição dos discípulos. A conclusão mais lógica (cfr. P. Prat, "Les Places d'honneur chez les Juifs Contemporains du Christ", em "Recherches", 1925, pág. 512-522; e em "Jésus-Christ", vol. 2, pág. 280; e Talmud de Babilônia, *Berakhot*, 46 b) aponta-nos que a mesa tinha forma de U. Era dividida em três porções, donde o nome de *triclinium* (três leitos) com um leito no meio (*lectus medius*) de face para a entrada da sala; um à esquerda (*lectus summus*) e outro à direita (*lectus imus*). O lugar de honra era à esquerda (*hyper autón*) do chefe, que ficava um pouco de costas para seu convidado principal, e o segundo à direita (*hyp'autón*). Dessa forma, Jesus devia estar ao centro, com Pedro à sua esquerda e João à sua direita, o que lhe facilitou recostar a cabeça no peito de Jesus para falar-lhe a voz baixa. Logo ao lado de João devia estar Judas, por ser o ecônomo, encarregado de chefiar todo o serviço da refeição.

Os narradores falam apenas da presença dos discípulos na ceia: o próprio dono da casa não tomou parte na cerimônia.

A primeira parte do drama é armada no sobrado, com a presença do candidato e dos sacerdotes (lembremo-nos de que o termo "sacerdote" - de sacer, "sagrado" e dos, dotis, "parte, dote" - exprime essencialmente nos costumes antigos, o "sacrificador", aquele que abate as vítimas do holocausto).

Cada um dos elementos principais terá sua tarefa específica, como iremos vendo na continuação das narrativas, embora só três deles apareçam como realmente atuantes: Pedro, João e Judas. Os outros nove perdem-se na multidão anônima, até depois da ressurreição, onde alguns deles ainda são recordados.

Veremos a seguir o que ocorreu na chegada.

O MAIOR SERVE AO MENOR

Luc.22:24-30

24. Surgiu, também, neles, uma emulação, qual deles parecia ser o maior.
25. Ele disse-lhes: "Os reis dos povos dominam sobre eles e os chefes deles são chamados benfeitores.
26. Mas vós, não sejais assim, porém o maior em vós se torne como o menor e o presidente como o servidor.
27. Pois quem é o maior: o que se reclina à mesa ou o que serve? Não é o que se reclina?
28. Vós sois os que permaneceram comigo nas minhas experiências,
29. e eu vos confiro um reino, como o Pai me conferiu,
30. para que comais e bebais à minha mesa no meu reino; e vos sentareis sobre tronos para discriminar as doze tribos de Israel".

Não há confusão possível entre esta "emulação" ou rivalidade dos discípulos entre si e a narrada em outro passo (cfr. Mat. 18:1; Marc. 9:34 e Luc. 9:46; ver vol. 4), quando Jesus dá o ensino aos discípulos colocando uma criança no meio deles. Se aqui as palavras da lição são as mesmas que no episódio narrado em Mat. 20:20-28 e Marc. 10:35-45 (vol. 6), confessamos que pode ter havido uma interferência de uma lição em outra, tendo Lucas trazido para o episódio atual, o exemplo dos reis, que cabe melhor na pretensão dos filhos de Zebedeu.

Mas que é diferente este episódio de Lucas, prova-se pelo exemplo do que está à mesa e do que serve à mesa, típico e oportuno para a ceia que estava a começar.

Outro argumento de que essa discussão ocorreu no momento em que os discípulos se estavam a acomodar à mesa, cada qual julgando-se com direito de ocupar os primeiros lugares, é que vemos Jesus erguer-se de seu posto imediatamente, dando logo o exemplo pessoal do modo de servir, ao lavar os pés de seus discípulos, após o que repisa a lição.

Que os dominadores gostam de ser chamados "benfeitores", temos a prova em moedas e inscrições (p. ex.: *Inscr. Graec.* 12, 1, 978, onde Trajano é dito *Soter* e *Evergetes*, isto é, Salvador e Benfeitor).

Foi uma das mais completas e perfeitas lições do Cristo, a respeito da maneira de agir das criaturas. Inicialmente, feita a provocação da aula, pelo fato de os discípulos disputarem os lugares, discutindo sobre precedências e méritos, é dada a teoria. Salienta-se a vaidade do homem que, se não ocupa a posição de rei sobre uma nação, quer desempenhá-la no próprio lar, julgando-se "o maior", o mais experiente, o mais capaz, e pretendendo que todos o considerem a figura máxima no pequenino reino doméstico, do qual se julgam benfeitores absolutos: todos lhe devem respeito, obediência e serviço.

"Convosco assim não sela: o maior deve comportar-se como se fora o menor, e o presidente, como se fora o servidor de todos".

Os que estão à mesa do banquete não são mais importantes que aqueles que servem? No entanto, embora tenha recebido do Pai poderes sobre tudo, ali está o Mestre procurando servir: "Confiro a Vós os poderes que recebi do Pai, porque permanecestes a meu lado, em constante assistência, durante minhas experiências; e sentareis sobre tronos para discernir as tribos de Israel.

Também entrevemos, nesta lição, uma advertência da Individualidade à personagem, do Eu Profundo aos veículos mais densos: quando a personagem total serve integralmente ao Eu Supremo, ao Espírito, este pode dirigir-se a ela e, sem a menor dificuldade, conferir-lhe todos os poderes espirituais recebidos do Pai, inclusive a imortalidade. E além disso, em vista de a personagem haver permanecido fiel durante as experiências e provações duras do Espírito, concedá-la a sentar-se à sua mesa, no "Festim da Imortalidade", colaborando no governo do Planeta. Muitos avatares, entre os quais o próprio Jesus, assim agiram e agem, donde Paulo haver perguntado: "Onde está, ó morte, a tua vitória?" (1.ª Cor. 15:55).

O LAVA-PÉS**João, 13:1-20**

- 1. Antes da festa da páscoa, sabendo Jesus que viera sua hora para que passasse deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim.**
- 2. E durante a ceia, já tendo o antagonista posto no coração de Judas, filho de Simão Iscariotes para que entregasse Jesus.**
- 3. Sabendo este que o Pai lhe dera tudo nas mãos e que saíra de Deus e regressaria para Deus,**
- 4. levantou-se da ceia, despiu seu manto e apanhando uma toalha, cingiu-se.**
- 5. A seguir pôs água na bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido.**
- 6. Chegou então a Simão Pedro. Disse-lhe: Senhor, tu me lavas ou pés?**
- 7. Respondeu Jesus e disse-lhe: "O que faço tu não sabes agora, mas saberás depois disso".**
- 8. Disse-lhe Pedro: Não me lavarás os pés neste eon. Respondeu-lhe Jesus: "Se não te lavar não terás parte comigo".**
- 9. Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, não só os pés, mas também as mãos e a cabeça!**
- 10. Jesus disse-lhe: "Quem tomou banho não tem necessidade senão de lavar os pés, pois está todo limpo; e vós estais limpos, mas não todos".**
- 11. Pois conhecia quem o entregaria; por isso disse: nem todos estais limpos:**
- 12. Quando então lavou os pés deles e tomou seu manto e de novo se reclinou à mesa, disse-lhes: "Entendeis o que vos fiz?"**
- 13. Vós me chamais O Mestre e O Senhor e dizeis bem, pois eu sou.**
- 14. Se então eu, o Senhor, o Mestre, vos lavei os pés, vós também deveis lavar-vos os pés uns aos outros,**
- 15. pois vos dei um exemplo para que, como eu fiz, vós também o façais.**
- 16. Em verdade, em verdade vos digo, não é o servo maior que seu senhor, nem o emissário maior que quem o enviou.**
- 17. Se sabeis isso, felizes sereis se fizerdes assim.**
- 18. Não falo de todos vós: eu conheço os que escolhi; mas para que se cumpra a Escritura: Quem comigo come o pão, levantou contra mim o calcanhar.**
- 19. Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando ocorrer, acrediteis que eu sou.**
- 20. Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe alguém se eu enviar, recebe a mim, e quem me recebe, recebe quem me enviou".**

Depois da motivação da lição, apresentada por Lucas, João dá-nos por extenso a parte prática exemplificativa e o resto dos avisos para a vida cotidiana: "Não é maior o que se reclina à mesa? Pois eis o que faço".

A introdução do evangelista, neste passo, é de maravilhosa sublimidade. Começa dizendo que a ação se passou "antes da festa da páscoa"; realmente, no princípio, quando já estava Jesus reclinado no tapete, e bem assim os discípulos, que acabavam de acomodar-se após as hesitações provocadas pela "emulação".

João prossegue, afirmando que o Mestre sabia que chegara "sua hora", tantas vezes anunciada (cfr. João 2;4; 7:30; 8:20; 12:23, 27 e 32) de regressar ao Pai. Ia deixá-los fisicamente, porque terminara Sua tarefa e eles já deveriam estar "amadurecidos". Mas a vaidade ainda os atormentava, julgando-se cada um maior e melhor que os outros. Não obstante, não os repreende: sempre os amara e seu amor não diminui: ao contrário, aqui Seu amor chega "ao fim" (*eis télos*), ou seja, até as últimas consequências, embora, segundo o narrador, já um deles, Judas, tivesse firmado o propósito de "entregar" seu Mestre aos judeus.

Mas Jesus sabia que "o Pai lhe dera tudo nas mãos" (expressão que Lucas traduz: "o Pai me conferiu o reino", ou domínio total) e também sabia "que saíra de Deus, e estava para voltar para Deus".

Então, "durante a ceia", isto é, depois de achar-se recostado no tapete, após haver observado as hesitações dos discípulos em tomarem seus lugares, toma a levantar-se, despe seu manto (*tà imatía*, que é a sobreveste "de sair"), e apanha uma toalha, cingindo-a à cintura, à maneira dos empregados que servem à mesa e dos que lavam os pés quando seus senhores regressavam da rua (cfr. Suetônio, Calígula, 26) e como ainda hoje costumam fazer os garçons nos bares mais modestos.

Apanhando uma bacia, enche-a de água e começa a circular em torno do triclinio. Estando os discípulos deitados no tapete, com as cabeças voltadas para a mesa, seus pés ficavam do lado de fora, facilitando a operação do "lava-pés" enquanto eles comiam. Embora todos deviam ter parado de comer para observar o que o Mestre estava fazendo.

Ao chegar a Pedro (o primeiro à sua esquerda) este - temperamental como sempre - dá um salto recolhendo os pés; só então percebera o que Jesus pretendia ao levantar-se, cingir-se com a toalha e preparar a bacia com água: e quase gritando protesta; "TU, lavar-me os pés"?!

Pacientemente Jesus elucida que, se bem naquele momento não entenda o que está a fazer, dali a pouco compreenderá. Mas Pedro resiste: "Não me lavarás os pés de modo algum"! Agostinho (*Pat. Lat.* vol. 35, col. 1788) comenta com muita graça; *cogitanda sunt potius quam dicenda; ne forte quod ex his verbis aliquatenus dignum concipit ánima, non explicit lingua: numquam hoc feram, numquam pátiar, numquam sínam: hoc quippe in aeternum non fít, quod numquam fit*, isto é: "suas palavras são mais para sentir que para dizer: a não ser que, dessas palavras a alma conceba até certo ponto algo digno, mas a língua não exprima; jamais o permitirei, jamais o suportarei, jamais o deixarei; porque o que nunca se fez, nunca se fará".

Mas, à violenta resistência amorosa de Pedro, Jesus responde com o intransigente amor que quer servir; "se não deixares, não poderás ficar comigo"! Caindo em si, Pedro oferece mãos e cabeça, além dos pés. E o Mestre retruca: "Quem tomou banho (verbo *louésthai*, "banhar o corpo inteiro") só precisa lavar os pés" (verbo *nípsesthai*, "lavar uma parte do corpo"). A distinção dos sentidos dos verbos é precisa.

Terminado o giro por todo o triclinio, Jesus tira a toalha e torna a vestir o manto, a fim de manter pelo menos essa tradição, de comer com a roupa de sair. E então pergunta: "Entendestes a lição prática?" E explica: "Vós diz eis que sou O MESTRE e O SENHOR", e a excelência do título é salientada de duas formas: pelo emprego do artigo e pelo caso nominativo, em lugar do vocativo, que seria o natural. E conclui: "E dizeis com acerto, pois EU SOU. Sendo eu, pois, o *Senhor* e o *Mestre*, vos lavei os pés; então deveis fazê-lo também assim entre vós". Os servos (os discípulos) não são maiores que seu senhor (o Mestre) nem os emissários ("apóstolos") maiores que quem os envia (o Cristo). Conhecendo a regra, felizes sereis se a puserdes em prática".

Logicamente, Jesus não se referia ao ato físico, mormente se solenemente realizado uma vez por ano com toda a pompa, para demonstrar uma coisa que na realidade não existe; mas ensinou a humildade

no serviço prestado diariamente com amor, uns aos outros, sobretudo os maiores aos menores, para dar o exemplo vivo que Jesus nos deu.



Figura “O ‘LAVA-PÉS’” – Desenho de Bida, gravura de J. Veysarat

A seguir, acena à escolha: "Conheço quais homens escolhi e sei quem levantou o calcanhar contra mim" (frase do Salmo 40:10, no qual David se queixa de Aquitofel); "mas é bom saberdes que o sei, antes que aconteça, para que acrediteis que EU SOU".

As últimas palavras repetem velho ensinamento já dado: "Quem vos recebe, me recebe; e quem me recebe, recebe aquele que me enviou".

A lição prossegue, neste passo, em toda a sua amplitude e profundidade, com um gesto vivo do Mestre, que precisa e quer fixá-la no coração dos discípulos.

Analise os diversos tópicos.

Jesus conhecia de antemão "sua hora" de fazer a "passagem" (páscoa) deste mundo para o Pai; conhecendo-a, de muito aumentou Seu amor pela humanidade, mas sobretudo por aquele pugilo que O acompanhou amorosamente durante tanto tempo em convivência diária. Nesse momento, preocupado com a vaidade deles, ainda não dominada, cresce seu amor e verifica que falar apenas não adiantaria: era mister um exemplo que chocasse, para que nunca mais fosse olvidada a lição.

E na vida o maior inspirador, o mais eficaz, é sempre o amor: onde existe AMOR, as lições são ensinadas com eficiência absoluta, não tanto pelas palavras, quanto pelos exemplos vividos.

Jesus conhecia "sua hora". Os minutos eram contados. Tendo partido da presença do Pai, da presença do Deus-Da-Terra ou Ancião dos Dias (Melquisedec), sabia que terminara Sua trajetória entre os homens visivelmente na Palestina, e teria que regressar ao Reino do Pai, após Sua passagem pela

porta estreita de mais um grau iniciático. *Quis ensinar, portanto, ao pequenino grupo dos mais fiéis discípulos, o modo de comportar-se em relação uns com os outros.*

Nessa hora, porém, as emoções (Pedro, vol. 1) gritam, sendo reduzidas ao silêncio com argumentação segura: como participar da VIA espiritual, se se apresenta com rebeldia?

A lição é magistral, é divina. Quando ameaçada de não participar da vida espiritual, transformada em sentimento, a emoção sugere ser toda levada. Mas o Mestre anota que os veículos todos já sofreram a catarse essencial (tomaram banho), só sendo mister lavar os pés, ou seja, purificar o veículo mais denso (mais baixo), o corpo físico, que agrega a si a poeira das estradas percorridas na viagem evolutiva, pelos contatos com os companheiros de jornada. A criatura está toda limpa, purificada, mas o físico precisa ainda de rápida purificação externa.

Nesse ponto o Mestre salienta que estão limpos "mas não todos": há entre eles alguém que sofre de terríveis impactos emocionais, lutas homéricas em sua consciência. Estava ele ali, ao lado de seu Mestre, comendo com Ele no mesmo nível de todos os outros, tratado com o mesmo amor. No entanto, sua tarefa difícilíssima, sua perigosa missão, impunha-lhe o afastamento durante séculos daquele convívio amoroso, pois tinha que entregar seu Amigo para o sacrifício, dando todas as características de uma traição vergonhosa e infamante.

No vale dos espinheiros, tumultuado interiormente, cumprindo sua obrigação com todo o rigor requerido, carregando sua cruz até o fim, não conseguia, entretanto, paz interior: vulcões queimavam-lhe o cérebro e alimentavam a fogueira da dúvida ... Deveria mesmo entregar o querido Mestre, ou seria melhor fugir a tudo? Mas, se fugisse, como se daria o indispensável passo iniciático necessário? O "antagonista" insuflara em seu coração essa hesitação perigosíssima: sua obrigação era cumprir a tarefa de entregar o Mestre; mas suportaria ele, durante séculos, a pecha de "traidor"? E conseguiria ele olhar para seus companheiros que não estavam a par dos meandros da cerimônia? E como o povo beneficiado por Jesus iria tratá-lo?

Dentro dessa tese, perguntam-nos, por vezes, se Jesus conhecia essa missão terrível que fora confiada a Judas; e se, conhecendo-a, não poderia tê-la explicado a seus companheiros do Colégio Iniciático, a fim de aliviar a tensão do discípulo que mais se sacrificaria no Drama do Calvário. Por que, ao contrário, Jesus o acusaria de "levantar contra ele seu calcanhar", fazendo carga junto aos colegas para que alimentassem o maior desprezo por Judas.

Acreditamos que Jesus secretamente deve ter revelado a verdade a Seus discípulos. No entanto, era mister que essa atitude fosse mantida secreta, que a realidade permanecesse oculta, até que soasse a hora de tudo ser revelado. Não teria sido possível justificar a atitude de Judas, senão manifestando aos profanos os segredos iniciáticos. E isso jamais poderia ter ocorrido antes do minuto estabelecido para isso. As aparências tinham que ser salvas. O mistério devia ser guardado a sete chaves. O segredo precisava manter-se oculto. E o foi.

Externamente, para o grande vulgo, Judas sempre apareceu como "o traidor". As palavras de Jesus pareceram duras. A condenação pública dos companheiros foi violenta, foi atroz. Tudo isso fazia parte da missão difícil de Judas, e todo esse sofrimento foi de antemão aceito por seu espírito. Mas tudo tinha que permanecer escondido no cofre sigiloso da "letra" que mata, para que não "fossem dadas pérolas aos porcos nem coisas santas aos cães", isto é, aos profanos que, não podendo alcançar a sublimidade divina das ocorrências, das causas e efeitos, teriam levado sua interpretação para o pólo oposto.

E que o teriam feito, não resta dúvida: com toda a externa e severa condenação da letra escriturística do gesto de Judas, a massa popular e até muitas elites intelectuais e religiosas imitaram e imitam até hoje o papel do "Judas-traidor"! Que não teria havido se seu gesto houvesse recebido pública justificação por parte de Jesus, dos discípulos e dos comentaristas durante esses séculos que nos precederam?

Inegavelmente, o Mestre SABIA, como sempre soube e saberá, a melhor maneira de agir, e nada temos a criticar; antes pelo contrário, ficamos deslumbrados com a sabedoria revelada no modo de apresentar as coisas mais difíceis.

Agora, à distância de quase dois milênios, prestes a soar a hora aprazada para que tudo seja revelado aos que PODEM LER - pois quem "não pode", também "não lê" - compreendemos e admiramos o tato extraordinário e a prudência Daquele que humildemente se ajoelhou diante de Seus discípulos, lavando-lhes os pés. Não esqueçamos que os Evangelhos constituem apenas o resumo (cfr. vol. 6) dos ensinamentos reais de Jesus, escritos para que pudessem ser lidos pelos profanos sem que fossem revelados os "segredos do Reino, que só a vós é revelado" (Marc. 4:11 e Luc. 8:10), pois "só os santos podem conhecê-los" (Col. 1:26), segundo escreveu Paulo em sua época, quando "santos" exprimia "iniciados". Hoje, às vésperas das grandes modificações que a Terra e os homens viverão, mister se torna que tudo seja dito, a fim de preparar os fiéis para os passos difíceis que estão chegando.

A frase final revela-nos a veracidade desta interpretação, na frase "digo-vos antes que aconteça para que, quando ocorrer, acrediteis que EU SOU": trata-se da mesma expressão que, em hebraico, se lê YHWH; trata-se do EU PROFUNDO que fala.

Deste passo em diante, a cada novo ensino, sempre mais claro se torna o ensino do EU, manifestação da Divindade em cada um de nós. A conclusão é um exemplo. Mas falaremos mais tarde sobre isso.

JUDAS É INDICADO

Mat. 26:21-25

21. E, comendo eles, disse: "Em verdade vos digo que um dentre vós me entregará".
22. E muito tristes começaram a dizer-lhe um a um: Acaso sou eu, Senhor?
23. Respondendo ele, disse: "Quem comigo mete a mão no prato, esse me entregará.
24. O filho do homem vai, como está escrito sobre ele; mas coitado desse homem por quem o filho do homem é entregue: era-lhe melhor se não houvesse nascido esse homem".
25. Respondendo Judas, o que o entregaria, disse: Acaso sou eu, Rabbi? Disse-lhe: "Tu o disseste".

Marc. 14:18-21

18. E estando eles reclinados à mesa, Jesus disse: "Em verdade digo-vos que um dentre vós me entregará, um que come comigo".
19. Começaram a entristecer-se e a dizer-lhe um a um: Acaso serei eu?
20. Ele disse-lhes: "Um dos doze, que se serve comigo no prato;
21. pois o filho do homem vai, como dele está escrito; mas coitado desse homem por quem o filho do homem vai ser entregue: bom lhe era se não tivesse nascido esse homem".

Luc.22:21-23

21. "Contudo, eis a mão de quem me entrega está comigo à mesa;
22. porque o filho do homem, segundo foi determinado, vai; mas coitado desse homem por quem será entregue".
23. E eles começaram a perguntar entre si quem deles seria, que iria fazer isso.

João, 13:21-32

21. Tendo Jesus dito isso, agitou-se no espírito e testificou e disse: "Em verdade, em verdade vos digo, que um de vós me entregará".
22. Olhavam os discípulos uns para os outros, perquirindo a respeito de quem ele falara.
23. Estava reclinado à direita de Jesus um dos discípulos dele, o que Jesus amava.
24. A esse então, Simão Pedro acenou com a cabeça, inquirindo a respeito de quem ele falara.
25. Reclinando-se ele, assim, sobre o peito de Jesus, disse-lhe: "Senhor, quem é"?
26. Respondeu Jesus: "É aquele a quem eu der o pedaço de pão mergulhado (no vinho). Tendo mergulhado, então, o "pedaço de pão", pegou e deu a Judas, filho de Simão Iscariotes.
27. E depois do pão, então, entrou nele o antagonista. Disse-lhe pois Jesus: "O que fazes, faze-o depressa".
28. Nenhum "os que se reclinavam à mesa soube para que lhe dissera isso.
29. Pois eles julgavam, já que Judas tinha a bolsa, que Jesus lhe dissera: compra o de que precisamos para a festa, ou para que aos mendigos desse algo.
30. Tomando, então, o pedaço de pão, ele saiu logo; era noite.
31. Quando, pois, saiu, disse Jesus: "Agora o filho do homem é transubstanciado e Deus é transubstanciado nele;
32. se Deus é transubstanciado nele, também Deus o transubstanciará em si, e o transubstanciará imediatamente".

O estudo deste trecho é de importância capital para a compreensão plena dos ensinamentos dados no Grande Drama do Calvário.

Estavam reunidos à mesa, ainda comendo (*esthiontôn autôn*), quando revela aos demais discípulos que o drama tem início, pela entrega da vítima, que é Ele mesmo, nas mãos do clero organizado, para o sacrifício. E esse ato será realizado por um dentre os doze. O gesto está iminente, tanto que os verbos estão, o primeiro no futuro imediato (*paradôsei*, entregará), os outros no presente do indicativo (*paradídotei*, é entregue) e no presente do particípio (*paradidouús*, que temos que traduzir pelo futuro do pretérito, entregaria).

João, por estar mais próximo, salienta em sua narrativa que Jesus "agitou-se em espírito" (*etaráchthê tói pneúmati*) e assegurou como testemunho da verdade (*kai emartirêsen*) que um dos doze o entregaria.

A revelação brusca faz cair o mal-estar em todos, como o salientou Agostinho (*Patrol. Lat.* vol. 35, col. 1800): "cada um estava seguro de si, mas duvidava de todos os outros". Ergue-se um vozerio de todos os lados: "serei eu"? Dentre todas as vozes faz-se ouvir a de Judas, que conhecia sua tarefa, mas não podia revelá-la. Tem que perguntar, para que seu silêncio não o denuncie (cfr. Jerônimo, *Patrol. Lat.* vol. 26, col. 195). Jesus o confirma: "tu o disseste"!

Alguns comentadores assinalam que todos se dirigem a Jesus denominando-O *didáskale*, e que Judas o diz *Rabbi*. Mas além da equivalência absoluta dos dois tratamentos, há que lembrar que os galileus utilizavam muito mais o idioma grego, ao passo que os judeus preferiam o aramaico.

A resposta ao grupo foi apenas indicação de que ali estava presente aquele de quem falara: esse o sentido de "mete comigo a mão no prato", coisa que Marcos traduz "come comigo" e Lucas "está comigo à mesa". Expressões equivalentes.

Mas ninguém ouve a resposta de Jesus a Judas. Nem Pedro que, indócil, quer saber quem é, e acena com a cabeça (é o sentido do grego *neúô*) para João, que se designa com um circunlóquio: "o discípulo que Jesus amava". A pergunta é feita em voz baixa. Jesus diz-lhe que vai dar um pedaço de pão (*psomíon*) mergulhado (*bápsô*, do verbo *báptô*) provavelmente no vinho: tão óbvio, que não era mister dizê-lo ...

Molha o pão no vinho e passa-o a Judas, em deferência toda especial, pois aos outros dá apenas o pão seco e faz passar a taça de vinho, na qual todos bebem.

João assinala que, com o pão, "entrou nele o antagonista". Ao verificar que tudo corria de acordo com o previsto, Jesus dá-lhe ordem de desencadear os acontecimentos: "o que fazes, faze-o depressa". Diz João que "ninguém entendeu". Revelada a trama, ninguém protestou! Comportamento estranho! Judas recebeu o pão embebido em vinho, comeu-o e saiu. Já era noite fechada.

Nesse momento, Jesus anuncia a transubstanciação, que analisaremos no segundo comentário.

Avançamos, cada vez mais, para a realização do Grande Drama. Após o exemplo de humildade, é iniciada a refeição da ceia pascal anualmente celebrada.

A certa altura, sente o Mestre o aviso de Seu Eu profundo, que peremptório Lhe diz ter chegado sua hora. Seu espírito se agita, pois os veículos mais densos terão que passar por uma prova dura, difícil, quase sobre-humana, mas é NECESSÁRIO, e Jesus não titubeia, não hesita. Resolve ordenar o início, dar a partida do Ato Sacro, e fazer Suas últimas recomendações, antes de ser coagido a desaparecer do cenário físico.

Começa dizendo que "está determinado que o Filho do Homem vá", e Ele irá; mas lamenta profundamente o homem que tem a ingrata tarefa de entregá-Lo (1) às autoridades eclesiásticas para o sacrifício sangrento: esse homem sofrerá terríveis impactos, mas terá que cumprir sua obrigação até o fim, terá que beber o cálice até as fezes.

(1) Anotamos mais uma vez que o verbo empregado insistentemente **paradídômi**, é característico das cerimônias iniciáticas (cfr. vol. 4).

Os discípulos ficam preocupados. Mas o Mestre acrescenta: "esse homem está comendo conosco: é um dentre vós"! Maior preocupação os assalta e o peso da dúvida lhes penetra o ânimo. Embora soubessem o que estava para ocorrer, desconheciam qual o "escolhido" (o "clérigo") que deveria executar o gesto indispensável, tomando a posição de "antagonista" oficial de Jesus, para ser condenado durante milênios pela humanidade. Era um gesto que requeria força e heroísmo sem limites: precisava-se de um voluntário disposto a sacrificar-se. Qual deles seria o escolhido?

Jesus aduz que "era melhor que esse homem não tivesse nascido", tal a dificuldade quase insuperável a vencer. E, com essa frase, mais uma vez revela abertamente a realidade da reencarnação, da qual já falara outras vezes, não insistindo mais no assunto porque era convicção profunda e arraigada em todos eles de que assim ocorre com as criaturas. Mas convenhamos que para dizer que "melhor fora que não tivesse nascido", era mister a certeza de que ele existia antes de nascer, e ter-lhe-ia sido muito melhor permanecer em estado de espírito, não se metendo numa dificuldade tão grande, não se sujeitando a um sofrimento tão atroz. De fato, se o espírito fosse criado por Deus no momento do nascimento, como ensinam certas seitas religiosas, a frase de Jesus constituiria uma blasfêmia contra Deus, pois isso seria uma crítica direta contra um ato divino! Jesus teria acusado Deus de ter criado um espírito, quando seria melhor que o não tivesse feito! Ora, não podemos admitir uma crítica desse teor, contra Deus, nos lábios de Jesus. A conclusão é que o espírito de Judas preexistia à encarnação (ao nascimento) e, mais ainda, que aceitara a difícil missão. Conhecendo-lhe as asperezas, Jesus confessa-se penalizado pelo que sofrerá e diz que melhor fora se não tivesse aceito e reencarnado, pois teria evitado as atrocíssimas dores futuras.

Todos se entristecem preocupados, e querem saber qual deles terá a triste incumbência. Judas, embora já o soubesse, também indaga, para ouvir a confirmação. A resposta de Jesus "tu o disseste", equivale a: "já o sabes, por que o perguntas?" Por isso não vemos aí o simples "sim".

Pedro, (a emoção) não resiste à curiosidade e acena com a cabeça para que João pergunte ao Mestre. Jesus retruca-lhe que dará um pedaço de pão mergulhado no vinho, indicando o escolhido; recordemos que ainda hoje assim é dada a "comunhão" na igreja ortodoxa: um pedaço de pão mergulhado no vinho. Assim fortalecido, Judas sai.

Mas, para os profanos, a verdade tinha que ser encoberta pelo véu das coisas ocultas. Por isso, o "discípulo que Jesus amava" fala que "o antagonista entrou nele junto com o pão". Realmente, neste ponto Judas inicia sua carreira de "antagonista": voluntária e espontaneamente se coloca no pólo oposto, para começar a receber os impactos de ódio e desprezo, a fim de que seu Mestre receba toda a onda de simpatia e de amor por parte da humanidade.

Mas que era uma coisa sabida e esperada, prova-o o fato de que nenhum dos discípulos protesta contra Judas. Ninguém o ataca. Ninguém o acusa. Ninguém se revolta. Ninguém o condena. Ninguém procura defender seu Mestre contra Judas. Todos aceitam passivamente calados o fato que, em quaisquer outras circunstâncias, forçosamente faria que todos se levantassem como um só homem para detê-lo de seu intento. Não. Nada disso ocorre: só o silêncio da aceitação.

Para justificar essa imóvel passividade dos discípulos, João escreve aquela frase incompreensível a quem quer que raciocine: julgaram que Jesus o mandara fazer compras (mas àquela hora da noite!) ou distribuir esmolas (mas de noite?). Evidente que se trata de uma desculpa na qual o narrador, em verdade, não foi muito feliz: basta um pingo de reflexão, para verificar-se que ela não convence, em absoluto. Mas era necessário dizer alguma coisa, para justificar a impassibilidade dos discípulos que assistiam à "acusação" e a aceitaram sem uma palavra de protesto. Nem o temperamental Pedro se rebelou! E no entanto, ficou sabendo com segurança de quem se tratava ... Por que? Porque todos sabiam o que se passava.

Dado o passo inicial, Jesus anuncia que vai dar-se a transubstanciação. Analisemos as frases de João, cheias de sentido profundo.

"Agora o Filho do Homem é transsubstanciado e Deus se transsubstancia no Filho do Homem": o Cristo interno, a Divindade que em tudo habita, a Essência última de todas as coisas, encontra campo para expandir-se e manifestar-se plenamente no Filho do Homem, por sua aceitação total do sacrifício para subir um degrau na evolução, demonstrando o caminho à humanidade. Deus o permeia, o penetra, o infinitiza. E "se Deus se transsubstancia" pela unificação mística "no Filho do Homem, também Deus transsubstanciará o Filho do Homem em Deus". Ou seja, se Deus se transmuda em homem, o homem se transmuda em Deus; se Deus se expande no homem, o homem se expande em Deus; se Deus se torna homem, o homem se torna Deus.

E essa transsubstanciação de Essência, de manifestação, de unificação total de tudo no Todo, não é para depois, no "céu": é AGORA: imediatamente, neste instante, Deus transsubstanciará o Filho do Homem em Deus.

Realizada essa fase inicial da divinização do homem, pela humanização de Deus, é lançado o grande símbolo que permitirá a perpetuação desse ato por toda a humanidade nos séculos seguintes: o homem daí por diante poderá, quando o queira, transsubstanciar-se também em Deus.

Vê-lo-emos no próximo capítulo.

TRANSUBSTANCIAÇÃO

Mat. 26:26-29

Marc. 14:22-25

Luc. 22:15-20

- | | | |
|--|--|---|
| <p>26. Estando eles a comer , tomando Jesus um pão e tendo abençoado, partiu e deu aos discípulos, dizendo: "Tomai, comei, isto é o meu corpo".</p> <p>27. E, tomando uma taça e tendo dado graças, deu-lhes, dizendo: "Dela bebei todos,</p> <p>28. pois isto é meu sangue do testamento, derramado em relação a muitos para abandono dos erros.</p> <p>29. Digo-vos, porém, que não beberei desde agora deste produto da videira, até aquele dia quando o beberei convosco no reino de meu Pai".</p> | <p>22. Estando eles a comer, tomando um pão e tendo abençoado, partiu e deu a eles, dizendo: "Tomai, isto é o meu corpo".</p> <p>23. E tomando uma taça, tendo dado graças, deu a eles e todos beberam dela.</p> <p>24. E disse-lhes: "Isto é o meu sangue do testamento derramado sobre muitos.</p> <p>25. Em verdade digo-vos que não mais beberei do produto da videira até aquele dia quando o beberei convosco no reino de Deus".</p> | <p>15. E disse a eles: "Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco, antes de eu sofrer,</p> <p>16. pois vos digo que de modo algum a comerei até que se plenifique no reino de Deus".</p> <p>17. E tendo apanhado uma taça e tendo dado graças, disse: "Tomai isto e distribui a vós mesmos,</p> <p>18. pois vos digo que, desde agora, não beberei do produto da videira até que venha o reino de Deus".</p> <p>19. E tomando um pão, tendo dado graças, partiu e deu a eles, dizendo: "Isto é o meu corpo que é dado para vós: fazei isto para lembrar-vos de mim"</p> <p>20. E do mesmo modo a taça, depois do jantar, dizendo: "Esta taça é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós".</p> |
|--|--|---|

Vejamos o texto literal, estudando-o quanto aos termos.

A expressão "desejei ardentemente" corresponde ao grego: *epithymía epethymêsa*, literalmente: "desejei com grande desejo", tal como se lê em Gên. 31:30, versão dos LXX.

"Até que se plenifique" (*héôs hótou plêrôthêi*) ou seja, até que atinja sua plenitude, sua amplitude total.

"Tomando um pão" (*labôn ártan*) sem artigo, do mesmo modo que mais adiante "tomando uma taça" (*labôn potêrion*), onde Lucas (vs. 17) usa "tendo apanhado" (*dexámenas*, de *déchomai*).

"Tendo abençoado" (em Mateus e Marcos, *eulogêsas*) ou "tendo dado graças" (*eucharistêsas*) nos três narradores. Na realidade são quase sinônimos, pois a bênção consistia num agradecimento a Deus pelo alimento que ia ser ingerido, suplicando-se que fosse purificado pela Bênção divina (cfr. Êx. 23:25).

"Partiu o pão" (*ékklase tôn árton*): era o hábito generalizado entre os judeus, quando à mesa o anfitrião tirava pedaços de pão e os distribuía aos convivas em sinal de amizade e deferência.



Figura “A TRANSUBSTANCIAÇÃO” – Desenho de Bida

"Tomai, comei" (*lábete, phágete*) sem copulativa "e" (*kai*).

"Isto é o meu corpo" e "isto é o meu sangue" (*toúto estin tò sôma mou e toúto estin tò haíma mou*). O pronome *toúto* é neutro e significa "isto". No entanto, surge a dúvida: não será neutro apenas para concordar com os substantivo *sôma* e *haíma* que também são neutros? Pela construção, mais adiante (João, 22:38) onde se lê: "este é o grande mandamento" (*autê estin ho megálê entolê*), pode interpretar-se que o pronome venha em concordância com os substantivos. Deveria então preferir-se a tradução: "este é meu corpo" e "este é meu sangue". Teologicamente, tanto "este" quanto "isto" exprimem a mesma idéia, embora 'isto' seja mais explícito para exprimir a transubstanciação.

"Sangue do testamento" (em Lucas: "do novo testamento") lembra Moisés (Êx. 24:8) quando esparziu o sangue dos bois sobre o povo, em que fala do "sangue do testamento" que muitos traduzem como "sangue da aliança" (cfr. Jean Rouffiac, "Recherches sur les Caracteres du Grec dans le Nouveau Testament d'après les Inscriptions de Priène", Paris, 1911, pág. 42). Lucas exprimiu a idéia de outra forma: "esta taça é o novo testamento em meu sangue" (*toúto tò potêrion hê kainê diathêkê en tòi haímati mou*). A palavra grega *diathêkê* exprime literalmente as "disposições testamentárias", tanto no linguajar clássico quanto no popular (*koinê*), como vemos nas inscrições funerárias e nos "grafitti" da época. De qualquer forma, vemos, nessa frase, a abolição total dos sacrifícios sangrentos, pois as "disposições testamentárias" são feitas através do simbolismo do vinho transubstanciado no sangue.

O sangue "que é derramado" (*tò ekchynnómenon*), no particípio presente; portanto, simbolismo do vinho na taça, representando o que seria mais tarde derramado quando o sacrifício se realizasse no Cal-

vário. O sangue que é derramado "em relação a muitos" (*perì pollôn*, Mat.) ou "sobre muitos" (*hypèr pollôn*, Marc.) ou "sobre vós" (*hypèr hymôn*, Luc). Também o pão, em Lucas, é dito "que é dado sobre vós" (*tò hypèr hymôn didómenon*).

A taça (*potêrion*) utilizada era a comum destinada ao vinho, e o uso de agradecer a Deus e fazê-la passar por todos os convivas, já é assinalado quanto à "taça do *Qiddoush*" na Michna (*Pesachim*, 10).

A expressão "não mais beberei do produto da videira até o dia em que o beberei convosco no reino de Deus", se compreendêssemos como alguns fazem, o "reino de Deus" como sendo "o céu", nós teríamos irresponsavelmente um "céu" semelhante ao dos maometanos, com bons vinhos (lógico, os vinhos do céu não poderiam jamais ser ruins!) e talvez até com as célebres "huris".

No entanto, Loisy ("Les Evangiles Synoptiques, 1907/8, vol. 29, pág. 522) reconhece que o sentido literal das palavras desse trecho justificam plenamente o comportamento das igrejas cristãs desde os primeiros séculos.

Os teólogos muito se preocupam se Jesus também comeu e bebeu o pão e o vinho, que deu e fez passar entre os discípulos: querem saber se Ele comeu o próprio corpo e bebeu o próprio sangue ... Vejamos.

Jerônimo (*Patr. Lat.* vol. 22 col 386) diz que sim: *ipse conviva et convivium, ipse cómedens et qui coméditur*, ou seja: "ele-mesmo conviva e alimento, ele mesmo que come e é comido". Agostinho (*Patr. Lat.* vol. 34 col. 37) é da mesma opinião: *sacramento córporis et sanguínis sui praegustato, significavit quod voluit*, isto é: "tendo saboreado o sacramento de seu corpo e de seu sangue, exprimiu o que quis". João Crisóstomo (*Patr. Gr.* vol. 58, cal. 739) diz que para evitar a repulsa dos discípulos em comer carne humana e beber sangue, ele mesmo comeu e bebeu primeiro.

Mas os imperativos são por demais categóricos e estão todos na segunda pessoa do plural, o que exclui a participação da primeira.

Mateus e Marcos colocam a transubstanciação depois da saída de Judas.

Lucas, que confessa (1:3) ter tido todo o cuidado com a cronologia histórica dos fatos, coloca a transubstanciação antes da saída de Judas, versão que é aceita por João Crisóstomo (*Patr. Gr.* vol. 58, col. 737).

Ainda estavam comendo (esthióntôn autôn) quando Jesus lhes anuncia que "desejou ardentemente" comer com Seu colégio iniciático aquela refeição pascal, antes de sofrer (páthein), ou seta, antes de submeter-se experimentalmente aos transes dolorosos daquele grau iniciático (cfr. vol. 4, nota).

Nesse "jantar pascal" Ele lhes deixará Suas "disposições testamentárias" (diathêkê), que consistem no ensino da transmutação da matéria ou transubstanciação; na ordem de realizar sempre as refeições em memória Dele; e nas últimas revelações e ensinamentos, promessas e profecias para o futuro da humanidade.

A razão é que, depois desse jantar, o Filho do Homem não terá outra oportunidade até que se plenifique o "reino de Deus", atingindo seu sentido pleno e total. Já vimos que essa expressão "reino de Deus" ou "reino divino" ou "reino dos céus" ou "reino celeste" é equivalente às outras que tanto empregamos: reino mineral (matéria inorgânica), reino vegetal (matéria orgânica), reino animal (psiquismo), reino hominal (racionalismo), reino divino (Espírito). Então, o sentido exato das palavras pode ser: até que o Espírito esteta plenamente vigorando nas criaturas, estando superadas definitivamente todos os outros reinos inferiores. Enquanto não tenha sido atingido esse objetivo na Terra, não mais provará o Filho do Homem nem o jantar pascal, nem o produto (genémata) da videira.

Após essas palavras, mais uma vez o Cristo passa a agir e a falar através de Jesus, utilizando Seu instrumento humano visível, mas diretamente proferindo as palavras. Não são as frases ditas pelo homem Jesus, mas são ditas pelo Cristo de Deus pela boca de Jesus.

Pega então um pão, um dos que estavam sobre a mesa, e abençoa-o, como se deve fazer a qualquer alimento antes de ingeri-lo: agradecer ao Pai a graça de tê-lo obtido, e sobre ele suplicar as bênçãos divinas.

De acordo com o uso judaico, o chefe da casa parte pedaços do pão e dá a cada conviva um pedaço. O essencial da lição, a novidade, portanto, é a frase: "ISTO É O MEU CORPO". Há um ensino magistral nesse gesto e nessas palavras: o pão é o corpo crístico que serve de alimento à parte espiritual do homem, pois lhe sustenta os veículos inferiores durante a romagem terrena. Representação perfeita, sem que se precise chegar ao exagero de dizer que o "pão eucarístico" é, de fato, "o corpo, o sangue, a alma e a divindade, e os ossos de Jesus".

Deu-se a confusão porque não houve suficiente compreensão da distinção entre Jesus, o ser humano excepcionalmente evoluído, e o Cristo divino que Lhe era a essência última, como o é de todas as coisas criadas, visíveis e invisíveis. Assim como podemos dizer que Jesus é "o corpo do Cristo", porque o Cristo está nele, assim também pode dizer-se do pão (como de qualquer outra substância) que se trata, em verdade do "corpo do Cristo". Não foi o fato de ser abençoado que assim o tornou (não é a "consagração" na missa que transubstancia o pão em alimento divino), mas qualquer pedaço de pão, qualquer alimento, tem como essência última a Essência Divina, já que a Divindade É, enquanto tudo o mais EXISTE, ou seja, é a manifestação dessa mesma essência divina: tudo é a expressão exteriorizada dessa Divindade que está em tudo, porque está em toda a parte sem exceção.

Por que terá o Cristo de Deus escolhido o pão? Mesmo não considerando que era (e é) o alimento mais difundido na humanidade, temos que procurar alcançar algo mais profundo.

Nas Escolas iniciáticas egípcias e gregas, o simbolismo é ensinado sob a forma da ESPIGA DE TRIGO; nas Escolas palestinas dá-se um passo à frente, apresentando-se o PÃO, que constitui a transubstanciação do trigo, após ter sido moído e cozido, símbolo já definido quando Melquisedec oferece pão ao Deus Altíssimo (Gên. 14:18). Assim como o trigo, produto da natureza, criação do Verbo, é transmutado em pão pelo sofrimento de ser moído e cozido, assim o pão se transmuda em nosso corpo após o sofrimento de ser mastigado e digerido. Então o pão se torna, pelo metabolismo, corpo humano, da mesma maneira que o corpo humano, após ser açoitado e crucificado, se transmutará em Espírito.

Daí, pois, a expressão toúto estin tò sômá mou ter sido traduzida por nós em "ISTO é o meu corpo, no sentido de ser aquilo que estava em Suas mãos não ser mais "pão": não era mais" este pão", mas "ISTO", pois sua substância fora transmutada simbolicamente.

Logo a seguir temos que considerar o vinho. Apanhando de sobre a mesa uma taça de vinho (no original sem artigo) novamente agradece ao Pai a preciosa dádiva, e afirma igualmente: "ISTO é meu sangue do Novo Testamento". Tal como Moisés utilizou o sangue de bois como símbolo das disposições testamentárias de YHWH com o povo israelita, assim o Cristo apresenta, por meio de Jesus; o vinho como símbolo das disposições testamentárias novas que são feitas pelo Pai à humanidade.

Assim como o pão, também o vinho está mais avançado que a uva, símbolo utilizado nas Escolas iniciáticas egípcias e gregas. Ao invés do produto da videira (tal como a espiga produto do trigo) representava a transubstanciação da terra-mãe, que se transmutava em alimento. Mas na Palestina, um passo à frente, empregava-se o vinho, símbolo da sabedoria (vol. 1 e vol. 4) obtido também, como o pão, através da dor: a uva é pisada no lagar e depois o líquido é decantado por meio da fermentação.

Quanto à oferenda do pão e do vinho, como substitutos dos holocaustos sangrentos de vítimas animais, já a vemos executada como sublime ensinamento por Melquisedec, conforme lemos na Torah (Gên. 14:18): vemalki-tsadec meleq salem hotsia lehem vaiiam vehu kohen leel hheleion; e nos LXX: Melchisedek, basileús salêm, exênegke ártous kai oínon, hên dè hieréús tou theou hypsístou, ou seja: Melquisedec, rei de Salém, ofereceu pão e vinho, pois era sacerdote do Deus altíssimo".

Aí, pois, encontramos a origem dos símbolos escolhidos pelo Cristo, por meio de Jesus, que era precisamente "sacerdote da Ordem de Melquisedec" (Hebr. 6:20) e que, com o passo iniciático que deu no Drama sacro do Calvário, se tornou "sumo sacerdote da mesma ordem" (Hebr. 5:7-10; cfr. vol. 6). A

indicação de uma Escola sacerdotal, portanto, é mais que evidenciada: o sacerdócio do Deus Altíssimo (não de YHWH) é exercido por Melquisedec, Hierofante máximo da ordem que tem seu nome, da qual fazem parte Jesus e outros grandes avatares. Essa Ordem de Melquisedec é conhecida atualmente como a Fraternidade Branca, continuando com o mesmo Hierofante, o "Ancião dos Dias", o Deus da Terra, o Pai místico de Jesus, o único que, na realidade, neste planeta, tem o direito de ser chamado "pai" (Mat. 23:9).

Então entendemos em grande parte qual a meta a que somos destinados: onde está o Pai, de onde Jesus proveio e para onde estava regressando (João, 13:1 e 3), pois o desejo maior de Jesus é que vamos para onde foi: "que onde eu estou, vós estejais também" (João, 17:24). Mas tudo isso será estudado com Suas próprias palavras nos próximos capítulos.

Essa interpretação explica a expressão: "não mais beberei o produto da videira" ou "comerei a páscoa", até quando convosco o faça no reino (na casa) do Pai: compreende-se, porque se trata da Terra, e não do "céu".

O sangue, foi dito em Mateus, é derramado em relação a muitos para "abandono dos erros" (eis áphesin tôn hamartiôn). Inaceitável a tradução "remissão dos pecados", pois até hoje, quase dois mil anos depois, continuam os "pecados" cada vez mais abundantes na humanidade. Que redenção é essa que nada redimiu?

Lucas tem uma frase de suma importância, que é repetição de Paulo (1.ª Cor. 11:24 e 25), tanto em relação ao pão, quanto em relação ao vinho: "fazei isto em recordação de mim, todas as vezes que o beberdes" (τοῦτο ποιεῖτε εἰς τὴν ἐμὴν ἀνάμνησιν ἠὼς ἡμεῖς). Quem fala é O CRISTO. Daí podermos traduzir com pleno acerto: "fazei isto para lembrar-vos do EU" que, em última análise, é o CRISTO INTERNO.

Nem o grego nem o latim podiam admitir a construção permitida nas línguas novilatinas, que podem considerar o pronome pessoal como substantivo, antepondo-lhe o artigo: o eu, do eu, para o eu; em virtude das flexões da declinação, eram forçados a colocar o pronome nos casos gramaticais requeridos pela regência. Daí as traduções possíveis nas línguas mais flexíveis: "em minha memória", ou "em memória de mim" ou mesmo, em vista do conjunto do ensino crístico, "em memória DO EU". Confessamos preferir a última: "para lembrar-vos DO EU" que se refere ao Cristo Interno que individua o ser. Sendo porém o Cristo que falava, nada impede que se traduza: em minha memória, ou "para lembrar-vos de mim".

Portanto, pão e vinho representam, simbolicamente, o corpo e o sangue do Eu profundo, do Cristo; a matéria de que Se reveste para a jornada evolutiva no planeta.

Pedimos encarecidamente que o leitor releia, antes de prosseguir, o que está escrito no vol. 39, páginas 143 a 155.

* * *

Há mais um ponto importante a focalizar: é quando diz: "fazei isto em memória de mim, TODAS AS VEZES QUE O BEBERDES".

Então não se trata apenas de uma cerimônia religiosa com dia e hora marcados: mas todas as vezes que nos sentarmos a uma mesa, para tomar qualquer alimento, todas as vezes que comermos pão ou que bebermos vinho, devemos fazê-lo com a certeza de que a essência divina (que constitui a essência desse alimento sob as formas visíveis e tangíveis transitórias) penetra em nós para sustentar-nos, transubstanciando-nos em Sua própria essência, transformando nosso pequeno "eu" personativo em Seu Eu profundo, no Cristo interno que nos sustenta a vida.

Por isso devemos tornar instintivo em nós o hábito de orar todas as vezes que nos sentarmos à mesa: uma prece de agradecimento (eucaristia), de tal forma que qualquer bocado deglutido se torne uma comunhão nossa com a Essência Divina contida em todos os alimentos e em todas as bebidas, quaisquer que sejam, inclusive no ar que respiramos, pois "em Deus vivemos, nos movemos e existimos" (At. 17:28).

Temos que considerar (e já foi objeto de estudos desde a mais alta antiguidade) que havia duas partes totalmente destacadas e distintas na prática dessa "ação de graças" em relação à comida e à bebida: uma era ensinada aos fiéis comuns, para neles despertar o sentimento de fraternidade real; a outra era reservada aos componentes da Escola iniciática Assembléia do Caminho.

Tratemos inicialmente da primeira. Vejamos apenas alguns textos que confirmem o que afirmamos, para que o leitor forme um juízo. Quem desejar aprofundar-se, consulte a obra de Joseph Turmel, "Histoire des Dogmes", Paris, 1936, páginas 203 a 525 (são 322 páginas tratando deste assunto).

A cerimônia destinada aos fiéis em geral consistia num jantar (o termo grego deípnon designava a refeição principal do dia, realizada geralmente à noite, tanto que muitos traduzem como "banquete" e outros como "ceia"). Em diversos autores encontramos referências a esse jantar, que Paulo denomina deípnon kyriakon ("jantar do Senhor").

Esse tipo de refeição em comum, de periodicidade semanal, já se tornara habitual entre os judeus devotos. Iniciava-se com a passagem por todos os presentes da "Taça do Qiddoush", que continha o vinho da amizade pura. Era uma cerimônia de sociedades reservadas, mantenedoras das tradições orais (parádôsis) dos ensinamentos ocultos, de origem secular, que com suas transformações e modificações resultou naquilo que hoje tem o nome de Maçonaria. Nessa refeição comia-se e bebia-se à vontade, só sendo rituais a taça de vinho inicial com sua fórmula secreta de bênção, o pão também abençoado e depois partido e distribuído pelo que presidia, e a taça final de vinho; cada um desses rituais era precedido e seguido de uma prece, de cujos termos exotéricos a Didachê conservou-nos um resquício "cristianizado" posteriormente. Mas a base é totalmente judaica. A ordem desse cerimonial foi-nos conservada inclusive pelo evangelho de Lucas (ver acima vers. 17, 19 e 20).

PAULO DE TARSO (1.ª Cor. 11:20-27) afirma que recebeu o ritual diretamente do Senhor. E neste ponto repete as palavras com a seguinte redação: "O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou um pão e, tendo dado graças (eucharistêsas) partiu e disse: Isto é o meu corpo em vosso favor (toúto mou estin tò sôma tò hypèr hymôn); fazei isto em memória de mim. Igualmente também a taça depois do jantar, dizendo: Esta taça é o novo testamento no meu sangue; fazei isto todas as vezes que beberdes, em memória de mim."

Ora, esse texto da carta aos coríntios é anterior, de dez a vinte anos, à redação escrita de qualquer dos Evangelhos. E isso é de suma importância, pois foi Lucas quem escreveu essa epístola sob ditado de Paulo, que só grafou a saudação final (cfr. 1.ª Cor. 16:21). Logo, aí se baseou ele na redação de seu Evangelho.

Nessa mesma carta Paulo avisa que, no jantar, devem esperar uns pelos outros, pois se trata de uma comemoração: quem tem fome, coma em casa (ib. 11:34) e não coma nem beba demais, como estava ocorrendo entre os destinatários da missiva, pois enquanto uns ficavam com fome, outros já estavam embriagados.

PEDRO (2.ª Pe. 2:13) ataca fortemente o desregramento e a devassidão dos sensuais ao banquetear-se com os fiéis.

JUDAS, o irmão do Senhor (epist. 12), queixa-se dos que abusam dos jantares cristãos.

A DIDAQUÊ ("Doutrina dos Doze Apóstolos"), escrita no século I, fala no "jantar de ação de graças"; diz como deve ser realizado, quais as preces que precedem e quais as que devem ser recitadas "depois de fartos" (metà de tò emplêsthênai outôs eucharistêsete, 10,1). No final desse capítulo, em que se registra o texto da prece, há um acréscimo interessante: "aos profetas (médiuns) é permitido darem as graças como quiserem (toís de prophêtais epitrépete eucharístein hósá thélousin) .

PLÍNIO O JOVEM, no ano 112, fala que os cristãos se reuniam ad capiendum cibum promiscuum tamen et innoxium, "para tomar alimento coletivo, mas frugal" (Carta a Trajano, 10,97) .

TERTULIANO, no ano 197, escreve que os jantares cristãos têm o nome de agápê, que significa "amor" e jamais ferem a modéstia e a boa educação; e prossegue (Patr. Lat. vol. 1, col. 477): non prius discumbitur quam oratio ad Deum praegustetur; éditur quantum esurientes capiunt, bíbitur

quantum pudícis útilis est. Ita saturantur, ut qui memínerint etiam per noctem adorandum Deum sibi esse; ita fabulantur, ut qui sciant Dominum audire. Post aquam manualementem et lúmina, ut quisque de Scripturis sanctis vel de proprio ingenio potest, provocatur in medium Deo cánere; hinc probatur quómodo bíberit. Aequae oratio convívium dírimít (*"De Ágapis"*, 39,21); *eis a tradução: "Ninguém se põe à mesa antes de saborear-se uma oração a Deus. Come-se quanto tomam os que têm fome; bebe-se quanto é útil a homens sóbrios. De tal forma se fartam, como quem se lembra de que deve adorar a Deus durante a noite; conversam como quem sabe que o Senhor ouve. Depois da água para as mãos e das lanternas, cada um é convidado a cantar a Deus no meio, ou tirando das Santas Escrituras ou de seu próprio engenho; por aí se julga como tenha bebido. Igualmente uma oração encerra a refeição"*.

Aí temos, pois, claramente exposto o ágape cristão dos primeiros tempos, destinado aos fiéis que amigável e amorosamente se reuniam uma vez por semana, no die solis, que passou a denominar-se dies dominica.

* * *

Outro sentido, entretanto, era dado à modesta ceia de pão e vinho, realizada pelos iniciados, que emprestavam significado todo especial ao rito que lhes era reservado. Vejamos alguns testemunhos.

JUSTINO MÁRTIR, no ano 160 (quarenta anos depois de Plínio e quarenta anos antes de Tertuliano) já escrevia ("De Conventu Eucharístico", 65, 2-5): allélous philêmati, etc., ou seja: "Saúdo-nos mutuamente com um beijo, quando terminamos de orar. Depois é trazido pão e vasilhas com vinho e com água ao que preside aos irmãos. Recebendo-os dá louvor e glória ao Pai de todas as coisas em nome do Filho e do Espírito Santo, e ação de graças (eucharistia) pelas dádivas Dele recebidas em abundância ... Depois que quem preside fez preces e todo o povo aclamou (com o Amén), aqueles que são chamados servidores (diáconoi) distribuem o pão e o vinho e a água sobre os quais foram dadas graças, a todos os presentes, e os levam aos ausentes".

E na 1.ª Apologia (66,1-4) escreve mais: kai hê trophê hautê kaleítai par'hemín, etc. isto é: "E esse alimento é chamado entre nós ação de graças ... Mas não tomamos essas coisas como um pão comum nem como bebida comum. Mas do mesmo modo que Jesus Cristo, nosso libertador, se fez carne (encarnou) pelo Lógos de Deus, e teve carne e sangue para nossa libertação, assim também, pela oração do ensino dele, aprendemos que o alimento sobre o qual foram dadas graças, do qual se alimentam nosso sangue e nossa carne pelo metabolismo (katà metabolên), são a carne e o sangue daquele Jesus que se fez carne (encarnou). Pois os apóstolos, nas Memórias que escreveram, chamadas Evangelhos, transmitiram que assim lhes foi ordenado, quando Jesus, tomando o pão e tendo dado graças, disse: Fazei isto em memória de mim, isto é o meu corpo. E tomando a taça, igualmente dando graças, disse: Isto é o meu sangue. E só a eles distribuiu. Certamente sabeis ou podeis informar-vos de que, tornando-se imitadores, os maus espíritos ensinaram (isso) nos mistérios de Mitra; pois são dados um pão e um copo de água aos iniciados do Forte (Mitra) com certas explicações complementares". (Não percamos de vista que os mistérios de Mitra antecederam de seis séculos a instituição dos mistérios cristãos.)

No "Diálogo com Trifon o Judeu" (70,4) Justino escreveu: hóti mèn oún kai légei, etc., ou seja: "Ora, é evidente que também fala o profeta (Isaiás, 33:13-19) nessa profecia sobre o pão que nosso Cristo nos mandou comemorar, para lembrar sua encarnação por amor dos que lhe são fiéis, pelos quais também sofreu, e sobre a taça, que aparece em recordação de seu sangue, nos mandou render ação de graças".

Vemos, pois, a interpretação de algo mais profundo que o simples "jantar"; e isso é mais explicitamente comentado por

IRINEU, no ano 180 ("De Sacrificio Eucharistiae", 4, 17, 5), onde escreve: Sed et suis discipulis dans consilium primitias Deo offerre ex suis creaturis, non quasi indigenti sed ut ipsi nec infructuosi nec ingrati sint, eum qui ex creatura panis est, accepit et gratias egit, dicens: Hoc est meum corpus. Et cálicem simíliter, qui est ex ea creatura, quae est secundum nos suum sánguinem confessus est, et novi testamenti novam docuit oblationem, quam ecclesia ab apóstolis accípiens, in universo mundo offert Deo, ei qui alimenta nobis praestat, primitias suorum múnerum in novo testamento, isto é: "Mas, dan-

do também a seus discípulos o conselho de oferecer a Deus as primícias de suas criaturas, não como a um indigente, mas para que eles mesmos não fossem infrutíferos nem ingratos, tomou da criação aquele que é o pão, dizendo: Isto é o meu corpo. E igualmente a taça que é daquela criatura que, segundo nós, confessou ser seu sangue, e ensinou a nova oblação do novo testamento; recebendo-a dos apóstolos, a igreja oferece, no mundo inteiro, a Deus, àquele que nos fornece os alimentos, primícias de suas dádivas no novo testamento".

Aí, portanto, temos uma interpretação bastante ampla: o alimento ingerido com ação de graças é um atestado vivo de gratidão a Deus, pelo sustento que Dele recebemos; os quais alimentos, sendo criações Suas, representam Seu corpo, isto é, são a manifestação externa de Sua essência que subestá em tudo.

Mas outro autor vai mais longe:

CLEMENTE DE ALEXANDRIA, no ano 200, escreve (*Strommateis*, 5,10; *Patr. Gr.* vol. 9, col. 100/101): "Segundo os apóstolos, o leite é a nutrição das crianças, e o alimento sólido é a nutrição dos perfeitos (*teleisthai*, "iniciados"). Entendamos que o leite é a catequese, a primeira nutrição da alma, que a nutrição sólida é a contemplação (*epoptía*) que vê os mistérios. A carne e o sangue do Verbo (*sárkes autai kai haíma tou Lógou*) é a compreensão do poder e da essência divina ... Comer e beber (*brôsis gar kai posis*) o Verbo divino, é ter a gnose da essência divina (*hê gnôsis estí tês theías ousías*)".

Clemente de Alexandria compreendia bem os mistérios cristãos porque fora iniciado em Elêusis antes de ingressar na Igreja. Por isso explica melhor, com os termos típicos da Escola Eleusina.

Dele ainda temos (*Pedagogia*, 1, 6; *Patr. Gr.* vol. 8, col. 308): "O Cristo, que nos regenerou, nutre-nos com Seu próprio leite, que é o Verbo ... A um renascimento espiritual corresponde, para o homem, uma nutrição espiritual. Estamos unidos, em tudo, ao Cristo o Somos de sua família pelo sangue, por meio do qual nos libertou. Temos sua amizade pelo alimento derivado do Verbo (*dià tèn anatrôphên tèn ek tou Lógou*) ... O sangue e o leite do Senhor é o símbolo de sua paixão (*páthein*) e de seu ensino". E mais adiante (*Pedag.* 2, 2; *Patr. Gr.* vol. 8 col. 409): "O sangue do Senhor é dúplice: há o sangue carnal com o qual nos libertou da corrupção; e há o sangue espiritual (*tò dè pneumatikós*) do qual recebemos a cristificação. Beber o sangue de Jesus significa participar da imortalidade do Senhor".

Aí temos o pensamento e a interpretação desse episódio, cujo símbolo já fora dado também no protótipo de Noé, citado pelo próprio Jesus (cfr. vol. 6), quando o patriarca se inebriou com o vinho da sabedoria. Na ingestão do vinho oferecido em ação de graças, nosso Espírito se inebria na união crística, participando da "imortalidade do Senhor".

Trata-se, pois, da instituição de um símbolo profundo e altíssimo, que aqueles que dizem REVIVER O CRISTIANISMO PRIMITIVO não podem omitir em suas reuniões, sob pena de falharem num dos pontos básicos do ensino prático do Mestre: não é possível "reviver o cristianismo primitivo" sem realizar essa comemoração. Evidentemente não se trata de descambar para os rituais de Mitra, como ocorreu outrora pela invigilância dos homens que "paganizaram" o cristianismo. Mas é fundamental que se realize aquilo que o Mestre Jesus ordenou fizéssemos: **TODAS AS VEZES** que comêssemos pão ou bebêssemos vinho, devemos fazê-lo em oração de ação de graças, para lembrar-nos Dele e do Eu, do Cristo Interno que está em nós, que está em todos, que está em todas as coisas visíveis e invisíveis; do Qual Cristo, o pão simboliza o corpo, e o vinho simboliza o sangue, por serem os alimentos básicos do homem: o pão plasmando seu corpo, o vinho plasmando seu sangue (1).

- (1) Esdrúxulo deduzir daí que o corpo de Jesus não era **de carne**. Contra isso já se erguera a voz autorizada de João o evangelista em seu Evangelho (1:14) e em suas epístolas (1.^a João, 4:2 e 2.^a João, 7) e todas as autoridades cristãs desde os primeiros séculos (cfr. Tertuliano, **De Pudicicia**, 9 e *Adversus Marcionem*, 4:40, onde escreve: "Tendo (o Cristo) tomado o pão e distribuído a seus discípulos, Ele fez seu corpo (**corpus suum illum fecit**) dizendo: Isto é o meu corpo, isto é a figura de meu corpo (**hoc est corpus meum dicendo, id est figura corporis mei**). Ora, não haveria figura, se Cristo não tivesse um corpo verdadeiro. Um objeto vazio de realidade, como é um fantasma, não

comportaria uma figura. Ou então, se Ele imaginasse fazer passar o pão como sendo seu corpo, porque não tinha corpo verdadeiro, teria devido entregar o pão para nos salvar: teria sido bom negócio, para a tese de Marcion, se tivessem crucificado um pão"!

O NOVO MANDAMENTO

João, 13:33-35

- 33. "Filhinhos, ainda um pouco estou convosco; procurar-me-eis e assim como disse aos judeus: aonde eu vou, vós não podeis chegar, - também vos digo agora.**
- 34. Novo mandamento vos dou: que ameis uns aos outros; assim como vos amei, que também vós ameis uns aos outros.**
- 35. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros".**

O termo *teknía*, "filhinhos", exprime toda a ternura possível, tendo-se tornado usual em João (cfr. 1.^a João, 2:1, 12, 28; 3:7, 18; 4:4; 5:21). O aviso de ter que seguir "só" fora dado aos judeus (cfr. João, 7:34 e 8:21).

O novo mandamento é o amor mais amplo, irrestrito, incondicional, acima das indiferenças, das ingratidões, das ofensas, das calúnias e até do suplício, do abandono, da morte.

Os primeiros cristãos o viveram, segundo lemos nos Atos dos Apóstolos (4:32): "Na comunidade dos fiéis, havia um só coração e uma só alma, e ninguém dizia possuir algo, pois tudo entre eles era comum". Idêntico testemunho dá Tertuliano (*Apologética*, 39, 9; *Patrol. Lat.* vol. 1, col. 534): *Sed ejúsmodi vel máxime dilectionis operatio nobis inurit penes quosdam. Vide, inquit, ut ínvicem se diligant (ipsi enim ínvicem óderunt) et ut pro altéru tro mor i sint parati (ipsi enim ad occidendum altéru trum paratiores erint*, ou seja; "Mas a prática desse nosso amor em grau máximo queima a alguns. Vê, dizem, como se amam mutuamente (mas eles mutuamente se odeiam) e como estão prontos a morrer um pelo outro (mas eles estão mais preparados a matar uns aos outros)". E, mais adiante: *ítaque qui ánimo animáque miscemur, nihil de rei communicatione dubitamus: omnia indiscreta sunt apud nos, praeter uxores*, isto é: "Por isso, nós que nos unimos pelo espírito e pela alma, não hesitamos em pôr tudo em comum; todas as coisas são, entre nós, de todos, exceto as esposas".

A interpretação profunda leva-nos ao extremo ilimitado, ao pélagos abissal do AMOR TOTAL, sem a menor restrição, mesmo em relação àqueles que nos são ingratos, prejudiciais, perversos e caluniadores.

O amor é a "pedra-de-toque" que dará a conhecer ao mundo os verdadeiros discípulos do Cristo. São os que não agem, não falam, nem pensam com críticas a quem quer que seja. Não pode haver separatismo entre nações, religiões, partidos, centros, igrejas. Quem condena ou persegue criaturas, cristãs ou muçulmanas, católicas ou espíritas, protestantes ou materialistas, não é CRISTÃO: "nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros".

Mas o vício humano torceu tudo. Hoje, se duas criaturas se aborrecem, se uma fala mal de outra, se uma denigre a fama ou faz restrições a outros, todos acham normal e natural. No entanto, se um AMA outro, está armado o escândalo! Se um médium ataca outro, logo se formam os partidos: "eu sou de Paulo, eu sou de Apolo" (1.^a Cor. 1:12). Se um sacerdote ataca violentamente e calunia um espírita, todos os católicos o aplaudem. Mas se qualquer um desses começa a AMAR uma moça, imediatamente, dizem todos: "caiu do pedestal!" Todos compreendem e justificam o ódio, as competições, as críticas, as acusações, até as calúnias. Mas o AMOR, não! Ninguém compreende o AMOR. E no entanto, "nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros".

Trata-se do amor, como o entendeu Paulo. O amor que está acima e que é mais importante e mais valioso, que o dom das línguas humanas e angélicas; acima da mediunidade por mais humilde ou espeta-

cular que seja; acima da gnose dos mistérios iniciáticos, acima ainda da ciência oculta, acima da própria fé mais atuante, que remove montanhas; acima da caridade mais generosa e sacrificial e do próprio marítimo que se deixa queimar em testemunho da fidelidade à crença ...



Figura “AMAI-VOS UNS AOS OUTROS” - Desenho de Bida, gravura de Léopold Fleming

AMAR é ter a alma grande, é ser benigno, é não ser ciumento nem invejoso; quem ama não se gaba, não se vangloria, não se ensoberbece, não se envaidece, não se comporta com inconveniências, não busca seus próprios interesses, por mais legítimos que sejam; quem ama não se irrita nem se magoa, não suspeita mal de ninguém, não se alegra com a dor alheia, mas apenas com a Verdade; suporta tudo, crê em tudo, preferindo ser enganado a enganar, espera com paciência, sofre tudo calado, perdoadando e amando ... Esse amor jamais terminará, jamais desaparecerá, pois é maior que a fé e que a esperança! (Cfr. 1.ª Cor. 13:1-8).

No AMOR TOTAL, quando é real, absoluto, inclusivo, em todos os planos, não há exigências, nem distinções, nem limites, nem preconceitos, nem interesses: dá, sem nada pedir; perdoa, sem nada lembrar; sofre sem queixar-se; é pisado sem magoar-se; empresta sem exigir volta; abre a bolsa, os braços e o coração a todos, incluindo todos num só amplexo carinhoso e generoso e alegre e suave e sorridente - pois esse é o sinal efetivo e real do discipulado do Cristo. E é "por seus frutos que os conheceremos" (Mat. 7:16).

AVISO A PEDRO

Mat. 26:31-35

31. Então disse-lhes Jesus: "Todos vos escandalizareis de mim nesta noite, pois está escrito: Ferirei o pastor e as ovelhas do rebanho serão dispersas.
32. mas depois que eu despertar, vos precederei na Galiléia".
33. Respondendo, porém, Pedro disse-lhe: Se todos se escandalizarem de ti, de modo algum eu me escandalizarei.
34. Falou-lhe Jesus: "Em verdade digo-te que nesta noite, antes que o galo cante, três vezes me negarás".
35. Disse-lhe Pedro: Se ainda devesse morrer contigo, de modo algum te negarei. Igualmente também disseram todos os discípulos.

Luc. 22:31-34

31. "Simão, Simão, eis que o antagonista vos reivindica para joeirar (-vos) como o trigo,
32. mas eu orei por ti, para que não fraquejasse tua fidelidade; e tu, quando tornares, apoia teus irmãos".
33. Ele disse-lhe: Senhor, estou preparado a ir contigo tanto para o cárcere, quanto para a morte!
34. Disse-lhe ele: "Digo-te, Pedro, não cantarás hoje o galo até que três vezes me tenhas negado conhecer".

Marc. 14:27-31

27. E disse-lhes Jesus: "Todos vos escandalizareis, porque está escrito: Ferirei o pastor e as ovelhas serão dispersas;
28. mas depois de eu despertar, vos precederei na Galiléia".
29. Mas Pedro disse-lhe: Que todos se escandalizem, mas eu não!
30. E disse-lhe Jesus: "Em verdade digo-te que tu, hoje, nesta noite, antes de o galo cantar duas vezes, três vezes me negarás".
31. Mas repetindo, ele dizia: Se eu devesse morrer contigo, de modo algum te negaria! Do mesmo modo diziam todos.

João, 13:36-38

36. Disse-lhe Simão Pedro: Senhor, aonde vais? Respondeu-lhe Jesus: "Aonde vou, não me podes agora seguir; mas seguirás mais tarde".
37. Disse-lhe Pedro: Senhor, por que não posso seguir-te agora? Sobre ti aplicarei minha alma!
38. Respondeu Jesus: "Aplicarás tua alma sobre mim? Em verdade, em verdade te digo: não cantarás o galo, até que três vezes me tenhas negado".

O verbo *skandalízô*, de uso apenas bíblico, tem o sentido de "colocar uma pedra para fazer tropeçar", derivando-se do substantivo *skándalon* (τὸ). Mas a transliteração portuguesa "escandalizar" reproduz razoavelmente o significado original, pois a pedra é colocada "moralmente", para provocar a queda espiritual dos fracos e desprevenidos.

"Ferirei o pastor" - é citação livre de Zacarias (13:7) que se referia ao rei Sedecias.

O testemunho dos quatro evangelistas deve ser lido como complementação mútua, dando a impressão de que se trata de uma conversa surgida à mesa, que cada um reproduziu à sua maneira: Pedro inicia perguntando aonde irá o Mestre, e Jesus explica que ninguém poderá segui-Lo nesse momento: só mais tarde. Mas Pedro, que é homem de "fazer já e não deixar para depois", retruca que "aplicou sua alma sobre ele", repetindo a expressão de Jesus quando falou do "Bom Pastor", que "aplica sua alma sobre suas ovelhas (João, 10:11; vol. 59, págs. 118/119). Diz estar disposto *a tudo*. Jesus adianta que todos serão experimentados, pois uma vez que ele estiver ferido, todos os discípulos se dispersarão. Pedro, inflamado, protesta que jamais o abandonará. Jesus novamente esclarece que orou por ele, para que, mesmo tendo fugido, sua fidelidade sintônica não fraquejasse por degradação de vibrações. Todavia, uma vez que se recuperasse, devia sustentar os companheiros. Pedro afirma repetindo teimosa e entusiasticamente, que está pronto a ser preso e morto com seu Rabbi. Então, para provar-lhe que "o Espírito (individualidade) está pronto, mas a carne (personagem) é fraca" (Mat. 26:41), Jesus demonstra saber que, antes de o galo cantar pela segunda vez (de madrugada) Pedro, por três vezes, terá negado conhecê-Lo.

Pedro quer ir com o Mestre agora. Mas o antagonista (a personagem calculadora) reivindica seu direito de sacudir o homem violentamente (joeirar) como se faz ao trigo para separar o grão da palha.

As traduções vulgares trazem: "Satanás obteve permissão" (de Deus): é a famosa, embora falsa, concepção de um deus antropomorfo a conversar amigavelmente com o Senhor Diabo! Mas o verbo grego usado *exêitêsato* (de *exaitéô*, na voz média) significa "reclamar para si, reivindicar". E já sabemos que o antagonista do Espírito (individualidade) é a personagem, com seu intelecto discursivo, convencido de que nele apenas reside toda a realidade de seu ser, nada mais havendo além do corpo físico com suas sensações, suas emoções e seu intelectualismo!

Na frase "quando tornares, apoia teus irmãos" (traduzido vulgarmente: quando te arrependeres, confirma teus irmãos") apoiou-se o Concílio Vaticano I (*Const. De Ecclesia*, cap. IV) para fundamentar a "infallibilidade papal". Estranha base, que quebrou e se reconstituiu, para afirmar-se que "não pode quebrar!"

Os comentadores falam muito na "temeridade" de Pedro. Mas Jerônimo (*Patrol. Lat.* vol. 26, col. 198) o defende: *Non est temeritas, nec mendacium, sed fides est Apóstoli Petri et ardens affectum erga Dominum Salvatorem*, isto é: "não é temeridade nem mentira, mas a fé e o afeto ardente do apóstolo Pedro para com o Senhor Salvador".

O "canto do galo" (veja atrás) assinalava a terceira vigília que, no princípio de abril, época em que se passam os fatos, terminava às cinco da madrugada. Não procede a objeção de que era proibido criar galináceos em Jerusalém, pois diziam os fariseus que, ao ciscar, podiam fazer vir à superfície do solo vermes "imundos": sempre os havia, embora não fossem criados soltos, conforme podemos verificar (cfr. Strack e Billerbeck, o. c. , t. 1, pág. 992-993). Além disso, cremos que se trate mais de uma referência à hora.

Os propósitos podem ser os mais ardorosos, mas a personagem se acovarda diante da dor. Embora neste caso de Pedro, como teremos a seu tempo, nada disso tenha ocorrido: ele queria apenas ludibriar os circundantes, para que pudesse ali permanecer a fim de ver aonde levariam e o que fariam com seu Jesus querido.

O "escândalo" a que se referia o Mestre era a crucificação, que faria fugir os discípulos, horrorizados com medo de terem a mesma sorte. No entanto, o aviso fora bem claro: serei ferido, adormecerei, e despertarei do sono (egeirô); então vos precederei na Galiléia: ainda chegaria lá antes deles! ...

Então o escândalo seria o medo e a conseqüente dúvida, suscitadas pelo intelecto (antagonista) que veria tudo perdido, de acordo com o raciocínio rasteiro comum à personagem: arruinado o corpo - única coisa real, porque visível e palpável - tudo está acabado! Tempo desperdiçado, aquele em que seguiram um Mestre que foi vergonhosamente aniquilado! Perdida a batalha com o sacrifício do general, os soldados dispersam-se desorientados.

A personagem, antagonista-nata do Espírito, arroga-se o pretensioso direito de sopesar e julgar, por meio do intelecto, as ações e decisões do Espírito. Passa-as pelo crivo do racionalismo, para saber se pode concordar ou discordar. E, atrasado como ainda é, quase sempre conclui a favor do lado errado, só considerando a matéria física densa. O Espírito está pronto a ser preso, martirizado, sacrificado, vendo morrer o corpo, pois sabe que a vida continua; mas a personagem não concorda, em hipótese alguma, em desaparecer, e usa de todos os artifícios para fugir da destruição.

Aonde ia o Mestre, ninguém o podia seguir: a conquista de um grau iniciático é problema estritamente pessoal, isolado, interno, que se passa no âmago mais recôndito da criatura, embora por vezes se exteriorize em cenas públicas, como no caso da crucificação, "ressurreição" e "ascensão"; ou em fatos que a todos parecem corriqueiros e naturais, mas que trazem no bojo a força irresistível de fazer o candidato dar um passo à frente: morte ou abandono de pessoa querida, uma calúnia violenta, um choque traumático, etc.

Ninguém se achava ali em condições de acompanhar o Mestre nesse passo. Mesmo João, que fisicamente o acompanhou, não podia ainda arrostar os degraus, demais elevados para sua capacidade.

O antagonista - a personagem - sempre reivindica e exige, como necessária provação, o direito de "joeirar" ou sacudir violentamente na peneira o Espírito, a fim de experimentá-lo. Mas os verdadeiros discípulos estão sustentados pela "Força Cósmica" e não fraquejam na fidelidade absoluta ao Cristo Interno; e desde que se mantenham fiéis e sintonizem internamente, conservam a capacidade de servir de apoio aos irmãos, ainda que a personagem esperneie. Não se confundam força e fidelidade do Espírito com os artifícios da personagem, que busca valer-se de todos os meios para conseguir seus intentos, sobretudo quando ditados pelo amor. O fato é que as palavras de Simão Pedro não foram proferidas pela personagem, mas foram o ditado de sua individualidade enérgica e firme, através da boca da personagem frágil. Não foram "temeridade", mas "amor" levado ao grau máximo.

Oxalá possamos todos nós manter permanentemente nosso Espírito com a segurança e a firmeza de princípios de Pedro!

ÍNDICE REMISSIVO

- A**
- A CAMINHO DE JERUSALÉM, 3
 A ESMOLA DA VIÚVA, 55
 A FIGUEIRA SECA, 19
 A FIGUEIRA SEM FRUTO, 13
 A MOEDA DE CÉSAR, 34
 A PORTA DAS OVELHAS, 86
 A RESSURREIÇÃO, 39
 Agostinho, 88, 120, 130
Allan Kardec, 23
 Ambrósio, 88
 AS DEZ MOÇAS, 96
Assembléia do Caminho, 59
 Atanásio, 88
 AVISO A PEDRO, 139
- B**
- Bernardo de Claraval*, 93
- C**
- Carl Jung*, 93
 CEGO DE NASCENÇA, 77
 Cirilo de Alexandria, 88
Clemente de Alexandria, 114, 135
 CONDENAÇÃO DO CLERO, 51
- D**
- Dante Alighieri*, 93
 DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM, 9
 DESTRUIÇÃO DO TEMPLO, 69
 DIDAQUÉ, 133
 Dom Calmet, 87
- E**
- Emmanuel*, 9
 ENSINO NO TEMPLO, 17
- F**
- FILHO DE DAVID, 47
 FIM DO CICLO, 100
 Flávio Josefo, 35, 69, 87, 106, 111
Francisco Cândido Xavier, 23, 103
- G**
- Gandhi*, 57
 Gregório de Nissa, 88
Gregório de Tours, 115
 Gregório Magno, 87, 88, 114
Gregorio Nazianzeno, 106
- I**
- INCREDELIDADE DOS JUDEUS, 66
 INÍCIO DA CEIA, 116
- Irineu, 88, 134
- J**
- Jacopone da Todi*, 93
 Jean Rouffiac, 129
 Jerônimo, 13, 87, 88, 93, 94, 130
 João Crisóstomo, 13, 87, 88, 130
José Oiticica, Prof., 83
 Judas, 133
 JUDAS É INDICADO, 124
Justino Mártir, 134
- K**
- Knabenbauer, 87
- L**
- Lagrange, 87, 88
- M**
- Maldonado, 73, 87
- N**
- NA CIDADE, 11
 Nostradamus, 73
 NOTA DO AUTOR, 76
- O**
- O GRANDE MANDAMENTO, 44
 O LAVA-PÉS, 119
 O MAIOR SERVE AO MENOR, 117
 O NOVO MANDAMENTO, 137
 O PODER DE JESUS, 21
 Orígenes, 87
 OS DOIS FILHOS, 24
 OS LAVRADORES MAUS, 28
- P**
- PÁSCOA, 112
Paul Brunton, 104
Paulo de Tarso, 133
 Pedro, 133
Pietro Ubaldi, 41
 PLANO DE PRISÃO, 105
Plínio, 133
Plotino, 93
 Prat, 87
 PREPARAÇÃO PARA A PÁSCOA, 111
 PROFECIAS, 71
 PROPOSTA DE JUDAS, 107
 PROSEGUE A REVELAÇÃO, 63
- R**
- REVELAÇÃO AOS GREGOS, 58
Ricardo de S. Victor, 93

Rudolf Steiner, 113

S

Sábado Dinotos, 109
SERVOS BONS E MAUS, 92
Sufi Jalálu'd Din Rumi, 93

T

Teodoreto, 88

Teresa d'Ávila, 93

Tertuliano, 133

Tomás de Aquino, 87

Tostat, 87

TRANSUBSTANCIAÇÃO, 128

TRÊS MARIAS, AS, 114

V

Victor de Antióquia, 45